THE BIBLICAL RESOURCE SERIES

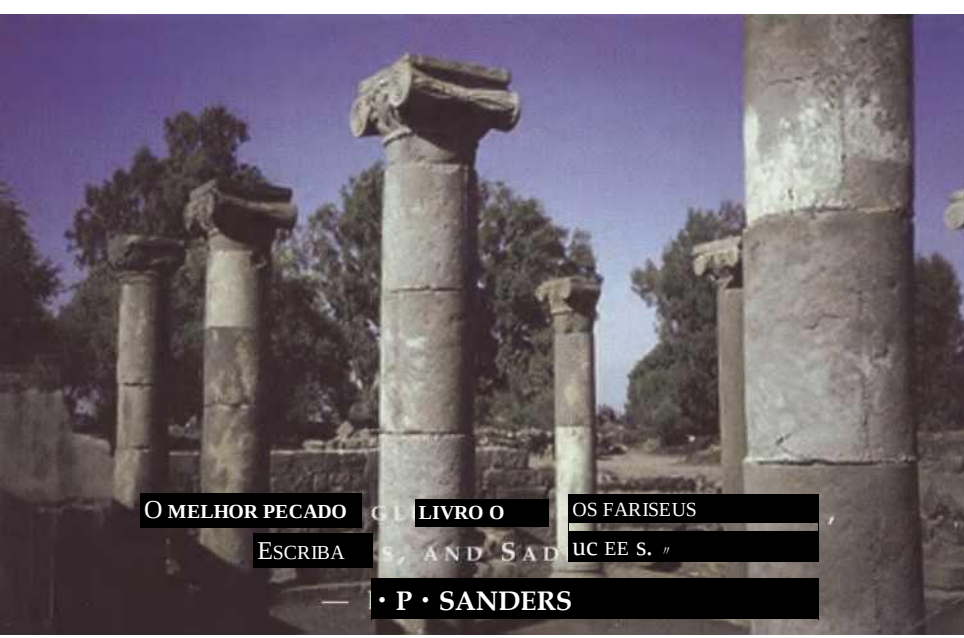
FARISEUS, ESCRIBAS E SADUCEUS

DENTRO

SOCIEDADE PALESTINA

ANTHONY J. SALDARINI

PREFÁCIO POR **JAMES C · VANDERKAM**



FARISEUS, ESCRIBAS E SADDUCEES NA SOCIEDADE PALESTINIANA

Fariseus, escribas e saduceus na Sociedade Palestina

Uma abordagem sociológica

ANTHONY J. SALDARINI

WILLIAM B. Eerdmans Publishing Company Grand Rapids, Michigan / Cambridge, Reino Unido

DOVE BOOKSELLERSLIVONIA, MICHIGAN

Para Maureen

Publicado pela primeira vez em 1988 por Michael Glazier, Inc.
1935 West Fourth Street, Wilmington, Delaware 19805

© 1988 por Michael Glazier, Inc. Todos os direitos reservados Prefácio de James C. VanderKam © 2001 por Wm. B. Eerdmans Publishing Company

Esta edição publicada conjuntamente em 2001 por Wm. B. Eerdmans Publishing Company
255 Jefferson Ave. SE, Grand Rapids, Michigan 49503 / PO Box 163, Cambridge CB3 9PU UK www.eerdmans.com

e por
Livreiros Dove
30633 Schoolcraft Road, Suite C, Livonia, Michigan 48150

Impresso nos Estados Unidos da América

06 05 04 03 02 017654321

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso

Saldarini, Anthony J.

Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestina. Inclui índice.

1. Fariseus. 2. Escribas, judeus. 3. Saduceus.

4. Classes sociais - Palestina. Bíblia. NT - Crítica, interpretação, etc. I. Título.

BM175.P4S24 1988305.6'96'03388-31060
ISBN 0-8028-4358-1

Índice

Abreviações vii
Cronologia ix
Prefácio, por James C. VanderKamxi

PARTE I: SOCIEDADE PALESTINIANA 1

1. O problema dos grupos judaicos na Palestina 3
2. Uma abordagem sociológica 12
3. Classes sociais na Sociedade Judaica Palestina e o Império Romano 35
4. Relações Sociais e Grupos na Palestina 50

PARTII: AS FONTES LITERÁRIAS 77

5. Os fariseus e saduceus como Grupos de interesse político em Josefo 79
6. Josefo, descrições de os fariseus e saduceus 107
7. Paulo, o fariseu 134
8. Os fariseus, escribas e saduceus em Marcos e Mateus 144
9. Os fariseus, escribas e saduceus em Lucas-Atos e João 174
10. Os fariseus e saduceus na literatura rabínica 199

PARTIII: INTERPRETAÇÃO E SÍNTESE 239

11. Os papéis sociais dos escribas na sociedade judaica 241
12. O lugar dos fariseus na sociedade judaica 277
13. Os Saduceus e a Liderança Judaica 298

Glossário de termos sociológicos 309
Índices:
Sujeito 315
Autor 317
Fontes Antigas 320

Abreviações nas notas

Formiga.	Josefo 5 Antiguidades Judaicas
b.	Talmud Babilônico (seguido pelo nome do tratado)
BJS	Brown Judaic Series
CBQ	Catholic Biblical Quarterly
CBQMS	Série de monografias trimestrais bíblicas católicas
HDR	Dissertações de Harvard em Religião
HTR	Harvard Theological Review
HUCA	Hebrew Union College Annual
IDB	Dicionário do intérprete da Bíblia
IDBS	Intérprete ^ Dicionário da Bíblia, Volume Suplementar
IESS	Enciclopédia Internacional de Ciências Sociais, Jornal da Academia Americana de Religião, Jornal de Literatura Bíblica
JAAR	
JBL	
JJS	Journal of Jewish Studies
JQR	Revisão Judaica Trimestral
JSJ	Jornal para o estudo do judaísmo
JTS	Journal of Theological Studies
m.	Mishná (seguido pelo nome do tratado)

NTS	Estudos do Novo Testamento
NovTest	
P-	Novum lestamentum
	Talmud palestino (seguido pelo nome do tratado)
RSR	Revisão de estudos religiosos
SBLDS	Série de dissertações da Sociedade de Literatura Bíblica
SJLA	Estudos de Judaísmo na Antiguidade Tardia
SPB	Studia Post-Biblica
SNTSMS	Série de monografias da Sociedade de Estudos do Novo Testamento
t.	Tosefta (seguido pelo nome do tratado)
VT	Vetus lestamentum
Guerra	Josefo, Guerra Judaica
ZAW	Zeitschrift fur die alttestamentliche Wissenschaft
ZNW	Zeitschrift fur die neuestestamentliche Wissenschaft

Cronologia

Sim (s)	Eventos
198 AC	Antíoco III, o Grande, governante selêucida na Síria obtém o controle efetivo da Palestina do Egito
175-164	Antíoco IV Epifânio é governante selêucida na Síria.
168-164	Perseguição selêucida na Judéia, profanação do Templo, revolta sob os macabeus. Rededicação do Templo sob Judas Macabeu. Judas Maccabee morto.
161	
152	Jonathan Maccabee nomeado sumo sacerdote por Alexandre Balas.
150-134?	Fundação da comunidade essênia em Qumran.
142	Jonathan matou e foi sucedido por seu irmão Simon. Demétrio isenta Simão da obrigação de pagar tributo.
41403434	Simon conquista o Akra.
	Simão aclamado como sumo sacerdote pela nação.
	Simon morto.
	John Hyrcanus, filho de Simon, é o sumo sacerdote e governante.
103-76	Alexandre Jannaeus é o sumo sacerdote e rei.
76-67	Alexandra, esposa de Alexander Jannaeus9, é rainha. Hyrcanus é o sumo sacerdote.
63	Ptolomeu e os romanos conquistaram Jerusalém e a Palestina. Hyrcanus continua como sumo
40	sacerdote. Invasão parta da Palestina. Herodes é nomeado rei pelo Senado Romano.
	Herodes é o rei da Palestina.
374	

31 AC-14 dC	César Augusto é o imperador romano.
4 a.C.-6 dC	Arquelau governa a Judéia.
4 a.C.-39 dC	Herodes Antipas governa a Galiléia. Os prefeitos romanos governam na Judéia e Samaria
6-41	· Tibério é o imperador romano.
14-38	Pôncio Pilatos é romano pmefbct. Morte de Jesus. O
26-36	imperador Gaius Caligula ameaça colocar uma
41	estátua de si mesmo no templo. Agripa I governa na Judéia e Samaria. 38-40:
41-44	Galiléia e áreas ao norte. Os procuradores romanos governam na Judéia e
4466	Samaria. Guerra contra Roma.
66-70	Destruição de Jerusalém e do Templo. Período
70	tannaítico de atividade rabínica. Edição da Mishná
70-200	sob o comando do Rabino Judá, o Príncipe ·
200	

Prefácio

A reimpressão em brochura da importante monografia de Anthony J. Saldarini, Pharisees, Scribes and Sadducees in Palestinian Society: A Sociological Approach, oferece uma oportunidade de revisitar o livro, dar uma olhada nas reações a ele e esboçar o que aconteceu no campo desde o A versão de capa dura apareceu em 1988 · É amplamente citada e teve um impacto considerável no campo ·

Como o subtítulo indica, Saldarini se propôs a avaliar três grupos de uma perspectiva sociológica: os fariseus, escribas e saduceus · Ele não foi o primeiro estudioso a abordar grupos judeus antigos com questões sociológicas em mente; o trabalho de Louis Finkelstein (The Pharisees: The Sociological Back · ground of their Faith [2 vols .; Philadelphia: Jewish Publication Society, 1938]), por exemplo, pode ser observado como um dos primeiros predecessores no estudo sociológico do farisaísmo. Mas Saldarini foi certamente um dos primeiros e certamente um dos mais disciplinados esforços para compreender as evidências dos escritos de Josefo, do Novo Testamento e da literatura rabínica por meio das categorias usadas pelos sociólogos contemporâneos. A tendência geral nos estudos tem sido apresentar os fariseus e saduceus como grupos que se distinguiam por seus ensinamentos diferentes; isso é perfeitamente compreensível porque as fontes antigas enfatizam seus pontos de vista conflitantes e fornecem poucas informações para separá-los em termos sociológicos · Não sabemos, por exemplo, como os fariseus ganhavam a vida.

Tem havido muitas tentativas modernas de entender que tipo de grupos eram os fariseus, escribas e saduceus, mas essas tentativas tiveram suas deficiências · Como Saldarini colocou: "Na maioria das reconstruções históricas da sociedade judaica, as categorias usadas para descrever esses grupos, como seita, escola, superior

Desejo agradecer a meus colegas John Meier, David Aune e Jerome Neyrey pela ajuda que deram enquanto eu escrevia este prefácio.

classe, liderança leiga, etc. são mal definidas ou mal utilizadas e não integradas em uma compreensão da estrutura geral e funcionamento da

sociedade "(p. 3). No livro, ele usa métodos e categorias sociológicas e define seus termos com cuidado." Os fariseus, escribas e saduceus, como uma variedade de judeus, pensadores e líderes, devem ser vistos como parte da sociedade judaica palestina e precisamente localizados e descritos no relacionamento com outros líderes e movimentos sociais judeus de 200 aC a 100 dC "(p. 4). Ele não opta por uma abordagem sociológica para a exclusão de outros; em vez disso, ele o emprega em conjunto com tipos de análise literária e histórica.

Saldarini organiza seu livro em três partes. O primeiro (^ Sociedade Palestina ^^) é dedicado a explicar sua abordagem e categorias e colocar a sociedade palestina dentro de seu contexto mais amplo no Império Romano. Embora existam diferentes escolas de sociologia moderna, ele escolheu uma forma de funcionalismo, ou seja, uma abordagem que examina os efeitos que as ações têm · Como resultado, ele estava menos preocupado com as crenças atribuídas nas fontes aos fariseus, escribas e saduceus do que sobre suas atividades e papéis sociais; concentrando-se neles, ele fornece um corretivo para muitos estudos anteriores. Para suas categorias sociológicas, ele se voltou principalmente para Gerhard Lenski, que, em seu livro Power and Privilege: A Theory of Social Stratification (Nova York: McGraw, 1966), desenvolveu um sistema de classes teóricas para descrever as relações sociais em impérios agrários como os dos gregos e romanos · Saldarini não tem muito a dizer sobre por que optou por Lenski como seu guia; existem apenas algumas afirmações gerais sobre como seu modelo "se encaixa". Deve-se acrescentar que ele também usa o trabalho de outros sociólogos (por exemplo, SN Eisenstadt, J. Turner). Um aspecto atraente do estudo de Saltarini é que ele está totalmente ciente e sensível ao perigo de impor categorias sociológicas modernas sobre evidências antigas · Como ele afirma, “os métodos e resultados do funcionalismo devem ser qualificados e ajustados em resposta ao história e literatura do primeiro século "(p. 34; ver também p. 48). existem apenas algumas declarações gerais sobre como seu modelo "se encaixa". Deve-se acrescentar que ele também usa o trabalho de outros sociólogos (por exemplo, SN Eisenstadt, J. Turner). Um aspecto atraente do estudo de Salda- rini é que ele está totalmente ciente e sensível ao perigo de impor categorias sociológicas modernas sobre evidências antigas · Como ele afirma, “os métodos e resultados do funcionalismo devem ser qualificados e ajustados em resposta ao história e literatura do primeiro século "(p. 34; ver também p. 48). existem apenas algumas declarações gerais sobre como seu modelo "se encaixa". Deve-se acrescentar que ele também usa o trabalho de outros sociólogos (por exemplo, SN Eisenstadt, J. Turner). Um aspecto atraente do

estudo de Salda- rini é que ele está totalmente ciente e sensível ao perigo de impor categorias sociológicas modernas sobre evidências antigas · Como ele afirma, "os métodos e resultados do funcionalismo devem ser qualificados e ajustados em resposta ao história e literatura do primeiro século "(p. 34; ver também p. 48).

Voltando-se primeiro para tipos mais amplos de relações na sociedade, ele observa que as sociedades grárias, em contraste com as sociedades industriais modernas, são constituídas por duas classes principais separadas por um amplo abismo e não mediadas por uma classe média. As duas classes são uma grande classe de camponeses que produz o alimento para fazer a sociedade funcionar e uma pequena classe governante de elite que protege os camponeses da agressão externa e vive do excedente agrícola produzido pelos camponeses ^^ (p. 36). Essa grande divisão poderia resultar em um mau funcionamento da sociedade, não fosse pelo que Lenski chama de 'Tetainers. "Esses retentores" eram em sua maioria cidadãos que atendiam às necessidades da classe governante como soldados, educadores, funcionários religiosos, artistas e artesãos qualificados; é aqui que encontraremos os fariseus e escribas ^^ (pp. 38-39).

Na primeira seção, ele trata de evidências de agrupamentos maiores na sociedade palestina, mas também de níveis menores de relacionamento, digamos, em aldeias, e os tipos de redes que existiam na época. Nesse contexto, ele introduz os conceitos de honra e vergonha e das relações patrono-cliente. Ele pensa que tanto Jesus quanto os fariseus eram considerados patronos por aqueles com quem interagiam (p. 56). Vários grupos surgiram dentro do judaísmo, grupos que eram diferentes dos não voluntários resultantes de parentesco ou lealdade política; as entidades mencionadas no título do livro eram exemplos desses grupos de voluntários. Esta primeira parte da seção não contém uma série de definições de termos que denotam vários tipos de grupos e associações de pessoas. Saldarini sentiu que deveria adotar a noção de "seita" visto que é tão frequentemente aplicado em estudos a grupos como os fariseus. Aqui ele examina os sete tipos de seitas distinguidos por Bryan Wilson em seu Magic and Millennium: A Sociological Study of Religious Movements of Protest Entre Tribal and Third-World Peoples (London: Heinemann, 1973). O termo, se for para ser usado, não deveria pelo menos sugerir que grupos sectários foram retirados da ação política. Perto do final da primeira parte, Saldarini escreve: não deveria pelo menos sugerir que grupos sectários foram retirados da ação política. Perto do final da primeira parte, Saldarini escreve: não deveria ser permitido pelo menos sugerir que grupos sectários foram retirados da ação política. Perto do final da primeira parte, Saldarini

escreve:

> Esta revisão de alguns trabalhos históricos e sociológicos sobre grupos e relações sociais demonstra a complexidade da sociedade e a inadequação das descrições do primeiro século que imaginam os fariseus, saduceus, essênios e Jesus como grupos religiosos isolados debatendo questões de crença. A vida política e religiosa era uma e cada pessoa pertencia a várias unidades socialmente operativas ao mesmo tempo, incluindo família, nação, classe social, papéis sociais, etc. Qualquer reclamação relativa ao ensino ou comportamento judaico tinha grandes ramificações em todos os quadrantes da vida e da sociedade e em qualquer a iniciativa política, social ou religiosa tinha o potencial de afetar todo o povo, incluindo a classe governante e o próprio império, (p. 73)

parece que pelo menos sob a rainha Alexandra (76-67 aC) eles eram mais poderosos, uma parte do corpo governante. Os poucos saduceus que aparecem nas obras de Josefo pertencem à classe governante · Al · embora Josefo não retrate os escribas como um grupo organizado, suas várias referências a eles são examinadas · Saldarini dedica o capítulo 6 às passagens familiares na Guerra e nas Antiguidades em que Josefo fornece descrições dos grupos, especialmente daquilo em que eles supostamente acreditavam · Depois de examinar todo o material sobre os fariseus em Josefo, ele conclui: "Qualquer influência que eles alcançaram, eles geralmente alcançaram com a ajuda de um patrono poderoso e eles entraram em coalizões com outros grupos entre as classes superiores, a fim de ganhar influência e mover aqueles que detinham o poder "(p. 120). Os saduceus eram principalmente da classe alta. Saldarini freqüentemente observa quão pouca informação realmente temos sobre qualquer um dos grupos em Josefo · Contra alguns estudiosos modernos que afirmam que Josefo mudou sua atitude em relação aos fariseus no tempo decorrido entre a Guerra (escrita nos anos 70) e as Antiguidades (escrita no Anos 90), ele argumenta que o historiador é consistente em ambos os trabalhos ao apresentá-los, nem de forma pró nem antifarisaica, mas à luz de sua postura política dominante que favorecia a ordem e a estabilidade · Assim, quando um grupo contribuiu para condições estáveis, Josefo escreveu favoravelmente sobre eles; quando isso não acontecia, ele era mais crítico. Também, os fariseus não se transformaram de um corpo político na época dos hasmoneus para um grupo mais sectário ou comunhão de mesa no período de Herodes e dos romanos; eles sempre estiveram envolvidos na

política.

O Novo Testamento, que parece ser a fonte que sugeriu a Saldarini tratar os três grupos do título do livro, é o assunto dos capítulos 7 a 9. Ele começa com Paulo, que se identifica como fariseu. Depois de tentar tirar algumas conclusões cautelosas sobre o que o farisaísmo de PauF pode ter significado, ele passa para os evangelhos, primeiro olhando o que Marcos e Mateus relatam sobre os três grupos (capítulo 8) e, em seguida, o que Lucas-Atos e João têm a dizer sobre eles (capítulo 9). Ele se concentra particularmente em onde os grupos são considerados ativos e as questões com as quais eles supostamente lidam. Marcos, por exemplo, coloca fariseus e escribas principalmente na Galiléia, ao contrário de Josefo; Mateus também os tem em Jerusalém. Em Lucas, os fariseus fazem parte da classe governante tanto na Galiléia quanto em Jerusalém,

O décimo capítulo se preocupa com o material do vasto corpus da literatura rabínica. Tem havido pontos de vista fortemente divergentes sobre como sua evidência deveria ser usada e qual poderia ter sido a relação dos sábios rabínicos com os fariseus. Obras como a Mishná e taimuds têm mais referências a fariseus e saduceus do que as fontes do segundo templo e, portanto, pode-se pensar que devem ser ricos repositórios de informações sobre eles. Mas eles são muito posteriores à época do segundo templo; daí surge a questão de sua confiabilidade histórica. Por causa da longa controvérsia sobre o assunto, Saldarini teve que estabelecer uma visão sobre as evidências encontradas na literatura rabínica. Ele acha que esses textos posteriores, cada um dos quais com suas próprias preocupações e pontos de vista, devem ser usados com cuidado e não como um "corpo central" de evidências para compreender fariseus e saduceus no período pré-70. Ele se refere a três tipos de evidências nos textos rabínicos: (1) "ditos e histórias de ou sobre sábios pré-70"; a respeito disso, ele conclui: "as histórias rabínicas do período do segundo Templo serão lidas aqui não como história, mas como o movimento rabínico posterior ▪ reconstrução por mérito de sua história anterior" (p. 201); (2) leis uanônicas atribuídas a o período pré-70 "; estes ele acredita não podem ser seguramente ligados aos fariseus; (3) "textos que mencionam os fariseus e saduceus pelo nome"; a maioria deles não nos diz nada sobre os fariseus do primeiro século. Algo pode ser extraído deles para o assunto, mas os dados devem ser usados com plena consciência de que os textos rabínicos nos falam principalmente sobre os interesses e preocupações dos estudiosos judeus que viveram do segundo ao sexto século. Depois de analisar o material pertinente sob cada um dos três títulos, ele chega à conclusão de que aprendemos pouco com os textos rabínicos sobre os grupos do segundo templo.

A parte final do livro é chamada ^ Interpretação e Síntese, com um capítulo dedicado a cada um dos três grupos, desta vez na ordem escribas, fariseus, saduceus. O tratamento de Saldarini aos escribas inclui uma pesquisa de evidências do Egito, Mesopotâmia e Israel antes de cobrir os períodos helenístico e romano; isso permite que ele os coloque em um contexto mais amplo do que as referências judaicas só permitiriam. Os escribas desempenhavam muitas funções, mas não parecem ter sido uma classe organizada · Em geral, eles podem ser categorizados como retentores, embora o mais alto deles possa ter pertencido à classe dominante e, portanto, exercido o poder. Não há evidências de que eles eram um grupo leigo. Em seu resumo das evidências para os fariseus, ele admite que "qualquer reconstrução histórica deve permanecer incompleta e desconfortavelmente hipotética" (p. 277). Neste contexto, ele insere um breve tratamento da afirmação comum de que os Manuscritos do Mar Morto usam como codinome para os fariseus ─"buscadores de coisas suaves" - e que um dos rolos, o Nahum Pesher, identifica os 800 oponentes que Alexander Jannaeus (103-76 aC) crucificados como fariseus pelo uso deste epíteto. Ele argumenta que Josefo não chama de fato as vítimas de Jannaeus de fariseus e questiona se os textos de Qumran aludem aos fariseus dessa maneira (pp. 278-80). Ele examina os papéis dos fariseus e os termos usados para eles, enquanto também lida com a alegação nos evangelhos de que eles eram ativos na Galiléia (é incerto). O último capítulo centra-se nos saduceus e no pouco que as fontes divulgam sobre eles e sua história. - e aquele dos rolos, o Nahum Pesher, identifica os 800 oponentes que Alexandre Jannaeus (103-76 AEC) crucificou como fariseus por meio do uso deste epíteto. Ele argumenta que Josefo não chama de fato as vítimas de Jannaeus de fariseus e questiona se os textos de Qumran aludem aos fariseus dessa forma (pp. 278-80). Ele examina os papéis dos fariseus e os termos usados para eles, ao mesmo tempo em que lida com a alegação nos evangelhos de que eles eram ativos na Galiléia (é incerto). O último capítulo centra-se nos saduceus e no pouco que as fontes divulgam sobre eles e sua história. - e aquele dos rolos, o Nahum Pesher, identifica os 800 oponentes que Alexandre Jannaeus (103-76 AEC) crucificou como fariseus por meio do uso deste epíteto. Ele argumenta que Josefo não chama de fato as vítimas de Jannaeus de fariseus e questiona se os textos de Qumran aludem aos fariseus dessa forma (pp. 278-80). Ele examina os papéis dos fariseus e os termos usados para eles, ao mesmo tempo em que lida com a alegação nos evangelhos de que eles eram ativos na Galiléia (é incerto). O último capítulo centra-se nos saduceus e no pouco que as fontes divulgam sobre eles e sua história. Ele argumenta que Josefo não chama de fato as vítimas de Jannaeus de fariseus e questiona

se os textos de Qumran aludem aos fariseus dessa forma (pp. 278-80). Ele examina os papéis dos fariseus e os termos usados para eles, ao mesmo tempo em que lida com a alegação nos evangelhos de que eles eram ativos na Galiléia (é incerto). O último capítulo centra-se nos saduceus e no pouco que as fontes divulgam sobre eles e sua história. Ele argumenta que Josefo não chama de fato as vítimas de Jannaeus de fariseus e questiona se os textos de Qumran aludem aos fariseus dessa forma (pp. 278-80). Ele examina os papéis dos fariseus e os termos usados para eles, ao mesmo tempo em que lida com a alegação nos evangelhos de que eles eram ativos na Galiléia (é incerto). O último capítulo centra-se nos saduceus e no pouco que as fontes divulgam sobre eles e sua história.

Não é nenhuma surpresa que fariseus, escribas e saduceus recebessem muitas resenhas poucos anos após sua publicação e que as resenhas fossem apreciativas. Não menos autoridade do que Jacob Neusner, com cuja compreensão dos fariseus Saldarini em parte discordava, escreveu: <4 Ele nos deu o relato mais confiável e judicioso do problema dos vários grupos sociais mencionados (sejam seitas, profissões, classes, mal sabemos), e este livro é agora o ponto de partida para todos os estudos futuros, retomando todos os resultados do trabalho americano sobre o assunto de Louis Ginzberg5s e os escritos importantes de Louis Finkelstein nas décadas de 1920 e 1930 até os tempos mais recentes "(Journal of the American Oriental Society 111 [1991] 133). Neusner também disse que seu "cauteloso, informado,

Embora tenham feito muitos comentários positivos, nem todos os revisores foram tão elogiosos quanto Neusner. Assim, por exemplo, Peter J. Tomson ficou surpreso que Saldarini deu tão pouca atenção aos essênios, a terceira entidade ao lado dos fariseus e saduceus nos relatos de Josefo, e encontrou problemas com o uso de fontes rabínicas (Nederlands Theologisch Tijdschrift 45 [1991] 255). Bruce Chilton afirmou que “todos os termos de referência [sociológicos] são tirados de estudos de outras culturas, antigas e modernas. Nenhuma tentativa é feita para desenvolver sociologias das sociedades particulares em questão com base em qualquer coisa que se aproxime de evidências primárias55 (Interpretação 44 [1990] 310-11). Sean Freyne, enquanto aplaudia o trabalho, pensava que, ao traçar o perfil apenas dos três grupos do título, Saldarini deixava de ser consistente com sua visão da sociedade como uma complicada teia de relacionamentos (Teologia 94 [1991] 67-68). E Martin Goodman questionou a categoria de retentor, cuja aplicabilidade ele pensava que Saldarini presumia mais do que demonstrava. Ele acrescentou que "os alunos se beneficiarão muito com a análise de Saldarini dos escribas e saduceus, mas que procurarão em outro

lugar quando buscarem esclarecimentos sobre o terceiro e mais controverso grupo do título" (Journal of Jewish Studies 41 [1990] 267-68) . Também deve ser observado que o livro foi recebido favoravelmente por defensores da abordagem científica social ou cultural do Novo Testamento (como um exemplo, consulte o artigo de Dennis Duling, “Ideologia 'Igualitária', Liderança,

Desde 1988, quando os fariseus, escribas e saduceus foram publicados, as pesquisas a respeito dos assuntos tratados por Saldarini, especialmente sobre os fariseus, continuaram em ritmo acelerado. Na verdade, o próprio Saldarini foi um dos contribuintes (ver, por exemplo, seus artigos "Fariseus" e "Escribas" no Dicionário Bíblico Anchor 5.289-303 e 5.1012-16). Os fariseus parecem ser os líderes em atrair o interesse acadêmico , por mais pouco que saibamos realmente sobre eles. No campo, há uma consciência generalizada de que há problemas em entender os fariseus como os predecessores diretos dos sábios rabínicos, embora os rabinos vissem dessa forma. Se os textos rabínicos são fontes duvidosas de informações históricas confiáveis para fenômenos do primeiro século, reduz muito o conjunto de evidências para reconstruir como os grupos eram antes de os romanos destruírem o templo em 70 EC, com as transformações resultantes na sociedade judaica. No entanto, na erudição contemporânea, alguns especialistas acreditam que, por meio de um uso educado e criterioso de textos rabínicos, pode-se derivar informações válidas sobre os grupos anteriores aos 70; outros permanecem mais céticos.

Jacob Neusner ofereceu um estudo extenso desse problema em sua obra em três volumes, The Rabbinic Traditions about the Phari ▪ see Before 70 (Leiden: Brill, 1971). Ele chegou a conclusões bastante (não completamente) negativas e enfatizou o caráter distinto e o (s) propósito (s) de cada texto rabínico, com os objetivos de os compiladores desempenharem um grande papel em seus conteúdos ▪ EP Sanders pensou que o trabalho detalhado de Neusner feito deve ser refeito e encontra mais material útil na literatura rabínica do que Neusner fez. Ele escreveu, por exemplo, que

> Neusner tornou-se relutante em atribuir aos fariseus até mesmo o primeiro estrato da literatura rabínica, mas em muitos aspectos os velhos argumentos para ligar o farisaísmo e o rabinismo ainda se mantêm. Existem continuidades substanciais entre os dois, como a ênfase em tradições não-bíblicas. Também é importante que os rabinos do final do primeiro século se considerassem herdeiros dos fariseus. Ao estudar o farisaísmo, devemos, sempre que possível, correlacionar diferentes

> fontes e não confiar em apenas uma. Para obter detalhes, no entanto, devemos consultar a literatura rabínica, uma vez que Josefo e o Novo Testamento fornecem muito poucos. (Judaísmo: Prática e Crença: 63 aC _ 66 dC [Londres: SCM / Filadélfia: Trinity Press International, 1992] 413)

Entre os muitos estudos sobre fariseus que apareceram na última década, alguns devem ser mencionados aqui.

Seth Schwartz, Josephus and Judaean Politics (Columbia Studies in the Classical Tradition 1 & Leiden: Brill, 1990): Schwartz sustentou que na guerra Josephus apoiou os principais sacerdotes, mas é mais explícito sobre seu papel no período que conduziu à revolta de 66 -70 nas Antiguidades. Na obra posterior, ele oferece propaganda para um novo grupo, não os fariseus especificamente, mas um que se parece mais com os rabinos das classes judaicas superiores. Desta forma, ele estava aparentemente oferecendo apoio aos rabinos de Yavneh e solicitando apoio romano para eles.

Steve Mason, Flavius Josephus sobre os fariseus: um estudo crítico de composição (Studia Post-biblica 39; Leiden: Brill, 1991): Josephus é consistentemente desfavorável em sua avaliação dos fariseus · vê e não era fariseu · Suas opiniões sobre eles não mostram um desenvolvimento desde seus primeiros até seus últimos escritos.

Gunter Stemberger, judeus contemporâneos de Jesus: fariseus, saduceus, essênios (Minneapolis: Fortaleza, 1995): Stemberger enfoca os três grupos de Josefo, examinando as fontes de informação sobre eles, seus ensinamentos e sua história, e pergunta se continuaram existindo depois que Jerusalém foi destruída em 70. Ele expressa algum ceticismo sobre as abordagens sociológicas e se pergunta como elas são historicamente úteis (ver, por exemplo, p. 106).

Albert I · Baumgarten, O florescimento das seitas judaicas na era dos Macabeus: uma interpretação (Suplementos do Journal for the Study of Judaism 55; Leiden: Brill, 1997): Ele menciona a importância da rápida mudança social na origem dos movimentos religiosos (pp. 29-30) e refere-se ao livro de Saldarini neste contexto, por considerá-lo inadequado para buscar as condições de origem dos grupos:

> Seu relato também [como o de G · Theissen, Sociology of Early Palestinian Christianity [Philadelphia: Fortress, 1978)] concentra-se no primeiro século EC e tenta explicitamente colocar fariseus, escribas e saduceus dentro do contexto do judaísmo do primeiro século EC em o

> período romano (a época em que esses grupos fazem parte do pano de fundo dos evangelhos). Não é de surpreender que seu interesse pelas circunstâncias que deram origem a esses grupos seja limitado e seus comentários se restrinjam a algumas observações sobre a helenização dos macabeus, levando os fariseus a buscar 'um novo compromisso comunitário com um estilo de vida judaico estrito , com base na adesão ao convênio? (p. 29)

Além disso, Baumgarten questiona se <4retainer class "é um rótulo apropriado para os fariseus (p. 51). Ele considera os fariseus e saduceus como seitas reformistas, enquanto o grupo de Qumran era introversionista; todos surgiram como respostas ao mesmo conjunto de dilemas na era dos Macabeus.

Roland Deines, Die Pharisaer: Ihr Verstandnis im Spiegel der christlichen und judischen Forschung seit Wellhausen und Graetz (vol. 1; Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament 101; Tubingen: Mohr [Siebeck], 1997): As 642 páginas do livro contêm uma história detalhada de bolsa de estudos, com foco em pontos de vista teológicos - tanto aqueles atribuídos aos fariseus em fontes antigas quanto aqueles assumidos por estudiosos modernos. Deines também esboça sua própria compreensão dos fariseus, nos quais expressa a ideia de que se pode obter mais informações sobre eles nos textos rabínicos do que pensam os estudiosos como Neusner. Para ele, eles formaram a ponte entre o judaísmo pré e pós-70 e foram um grupo inclusivo que personificava um judaísmo normativo (não muito diferente do que George Foot Moore defendeu no início do século XX).

Embora tenham recebido menos atenção do que os fariseus, os escribas também foram objeto de vários estudos.

David Orton, The Understanding Scribe: Matthew and the Apocalyptic Ideal (Suplementos do Journal for the Study of the New Testament 25; Sheffield: Sheffield Academic Press, 1989): Com a compreensão do conceito de "escriba" em Mateus como seu objetivo principal, Orton pesquisou as evidências na Bíblia Hebraica, textos do segundo templo (incluindo literatura rabínica), Ben Sira, obras apocalípticas e os textos de Qumran. Sua pesquisa produziu o resultado de que os escribas eram considerados como tendo sabedoria e discernimento (por exemplo, sobre mistérios, parábolas, etc.), autoridade em manter valores e ensino justo e interpretação correta da lei e dos profetas; eles também estavam associados à profecia e tinham a percepção de serem inspirados. Os escribas contemporâneos de Mateus falharam em seguir esse padrão, mas ele usou a

noção do escriba ideal,aquele que personificava especialmente os traços da noção apocalíptica do escriba, para o discípulo de Jesus.

Christine Schams, Escribas Judaicas no Período do Segundo Templo (Suplementos do Jornal para o Estudo do Velho Testamento 291; Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998): Schams fornece uma pesquisa completa das evidências para escribas persas, helenísticas e Períodos romanos e notas continuidades e desenvolvimentos em suas funções e status. Ela distingue escribas que trabalharam como funcionários públicos e aqueles que se especializaram na leitura e interpretação de textos (um desenvolvimento posterior).

A grande e importante questão do uso de textos rabínicos para informações historicamente confiáveis sobre grupos no primeiro século EC e anteriores foi lançada sob uma nova luz desde 1988 pela publicação de vários textos de Qumran, especialmente o trabalho chamado 4QMMT (a abreviatura vem da frase hebraica que significa "Algumas das Obras da Torá"). Como observado acima, Saldarini, embora tenha consultado os textos de Qumran, fez apenas um uso limitado deles. Seu procedimento é bastante compreensível, considerando quando ele escreveu; tempo, os textos publicados ofereciam pouca relevância óbvia para seu assunto. Desde 1988, no entanto, um grande número de pergaminhos apareceu em edições oficiais, e alguns deles abriram novas perspectivas sobre grupos no período tardio do segundo templo. revise seu livro hoje,Saldarini certamente prestaria mais atenção aos Manuscritos do Mar Morto.

Embora antes houvesse um grande hiato em nossas fontes para a história da lei judaica entre a Bíblia Hebraica e a literatura rabínica, essa lacuna agora foi preenchida até certo ponto pela publicação de uma série de textos hebraicos ricos em material jurídico e datando do último séculos AC. Um novo dia nos estudos de Qumran amanheceu quando Yigael Yadin publicou o Pergaminho do Templo em 1977 (edição em inglês em 1983). Esse texto, o mais longo encontrado até hoje em Qumran, aparentemente foi compilado no segundo século AEC e pode ser anterior à formação da comunidade de Qumran. Mostrava claramente os interesses legais do grupo e as maneiras como eles combinavam seus ensinamentos jurídicos com os da Torá mosaica. Mas a situação ficou mais clara quando o 4QMMT foi publicado.

Em 1980, os estudiosos foram avisados da possibilidade de que algum material muito interessante pudesse ser encontrado em um texto que por um tempo recebeu o nome de 4QMishnaic. Joseph Baumgarten, um especialista em literatura jurídica judaica, notou um breve trecho deste texto citado em Les 'petites grottesf de Qumran (Discoveries in the Judaean Desert 3; Oxford: Clarendon Press, 1962) 225, onde o editor, JT Milik, estava

discutindo a ortografia e a linguagem do rolo de cobre. Um texto comparativo que ele aduziu foi 4QMishnaic, e dele Milik citou as palavras "E sobre as correntes líquidas: somos da opinião de que não são puras .... Para o líquido das correntes e (aquele) (do vaso) que recebe-os são semelhantes, (sendo) um único líquido ^^ (citado de E. Qimron e J. Strugnell, Caverna Qumran 4 V Miqsat Maase Ha-Torah [Descobertas no Deserto Judaico 10; Oxford: Clarendon Press, 1994] B 55 · 58, p. 53). Baumgarten sabia da controvérsia entre Sad ▪ ducees e Fariseus em relação aos fluxos de líquidos registrados na Mishná (Yadayim 4.7), e ele observou que o texto de Qumran é "uma afirmação explícita da posição saduceu" ("The Pharisaic-Sadducean Controversies about Purity and os Textos de Qumran, "Journal of Jewish Studies 31 [1980] 164).

O texto em si, agora chamado de "Algumas das Obras [ou Preceitos] da Torá, v foi descrito pela primeira vez em conferências acadêmicas em 1984 e mais tarde se tornou o centro de uma controvérsia internacional quando uma forma preliminar dele foi publicada sem o editor permissão. Na edição oficial que Qimron e Strugnell publicaram em 1994, eles identificaram o texto, preservado em seis cópias, como uma carta e sugeriram que poderia ter sido enviado pelo líder da comunidade de Qumran, o Professor da Justiça, ao chefe da O estabelecimento de Jerusalém, a pessoa que se tornaria o Sacerdote Mau, como a comunidade de Qumran o chamava. Nele estão cerca de 22 posições jurídicas adotadas pelo autor e sua comunidade, mas rejeitadas pelos destinatários da carta. Essas posições os cipientes são instados a aceitar para seu próprio bem e para o de Israel. Em outras palavras, neste texto temos dois grupos judaicos, porém podem ser identificados, distinguindo-se, não por crenças teológicas, mas por posições legais específicas. Posteriormente, um dos editores, John Strugnell, modificou sua posição, alegando apenas que o texto é uma carta pessoal, provavelmente um tratado, sobre a prática jurídica tradicional na tradição zadoquita. Ele data dos anos 159-152 AEC e foi enviado pelo grupo de Qumran ao líder em Jerusalém. sobre a prática legal tradicional na tradição zadoquita. Ele data dos anos 159-152 AEC e foi enviado pelo grupo de Qumran ao líder em Jerusalém. sobre a prática legal tradicional na tradição zadoquita. Ele data dos anos 159-152 AEC e foi enviado pelo grupo de Qumran ao líder em Jerusalém.

Várias inferências importantes podem ser feitas a partir do 4QMMT. O texto não apenas ilustra a importância das questões jurídicas na definição das posições de grupos judeus no segundo século AEC; também prova que alguns dos problemas debatidos na literatura rabínica e identificados como posições de certas festas do segundo templo já foram discutidos por seus

predecessores séculos antes dos textos rabínicos serem compilados. Além disso, as posições expressas como próprias pelos autores do 4QMMT, onde podem ser verificadas, coincidem com pontos de vista que na literatura rabínica são atribuídos aos Sad · ducees. O exemplo mais conhecido tem a ver com o ponto controverso sobre os fluxos de líquidos citado acima. Os saduceus afirmavam que um fluxo líquido derramado de um recipiente ritualmente limpo para um que era impuro transmitia a impureza para o puro; os fariseus discordaram.

4QMMT, ao provar que pelo menos algumas questões debatidas nos tempos rabínicos eram disputadas já no segundo século AEC, mostra que textos como a Mishná de fato preservam material pertinente aos grupos do segundo templo. Mas fez muito mais: também lançou uma nova luz sobre os pouco conhecidos saduceus no que diz respeito às suas posições jurídicas. Os saduceus receberam menos atenção monográfica na última década do que os fariseus e escribas, com o último grande trabalho sobre eles sendo o volume formidável de Otto Schwankl, Die Sadduzaerfrage (Mk. 12t 18 ▪ 27 parr): Eine exegetisch ▪ theologische Studie zur Auferstehungs ▪ erwartung (Bonner Biblische Beitrage 66; Frankfurt: Athenaum, 1987).

Em um ensaio notável publicado primeiro em hebraico e depois anexado ao DJD 10, J. Sussman, um distinto talmudista, estudou o material jurídico em 4QMMT, destacando seu lugar na história da lei judaica e seu significado para o estudo moderno dela. Sussman aceitou a tese amplamente difundida de que o grupo de Qumran era essênio, mas observou que a halakhah estabelecida no 4QMMT concorda com o que as fontes rabínicas identificaram como postura saduceu ▪ Embora o termo essênio não seja mencionado nos textos rabínicos (o nome boetusianos é usado para eles), Sussman afirmava que essas pessoas e os saduceus seguiam um caminho halakhic (um rigoroso), enquanto os fariseus defendiam um mais moderado. Depois de notar as mudanças nas circunstâncias históricas que ocorreram com a ascensão dos Hasmoneus, ele escreve:

> Diferentes abordagens religiosas e interpretações conflitantes sobre a observância da tradição ancestral em todos os seus detalhes, entre outros fatores, estimularam polêmicas e levaram à divisão e formação de diferentes seitas. Parece que a divisão básica ocorreu entre a abordagem rigorosa, inflexível e intransigente (saduceu), que se opôs à abordagem flexível, evolutiva e relativamente leniente (farisaica), que atendeu às necessidades do público em geral e procurou possibilitar as pessoas para compartilhar o novo espírito. Na verdade, quando os líderes das seitas

> se enfrentam, polemizando diretamente uns com os outros e levantando 'algumas' de suas diferenças — ou seja, as principais — eles discutem detalhes da halakha, e não questões teológicas: foi sobre a halakha que eles lutaram, e por causa disso eles se separaram. É claro que a disputa tinha importância teológica e estava carregada de significado ético e religioso, mas a manifestação prática desse conflito estava na observância da halakha. (pp. 196-97)

Aqueles que seguiram os princípios legais saduceus não eram todos iguais.

> A nobreza sacerdotal aparentemente não era a única adepta da halakha saduceu. A halakha saduceu mencionada na literatura rabínica foi seguida não apenas pelos aristocratas saduceus de outras fontes, mas também por classes populares e seitas religiosas fanáticas, que até lutaram por ela. Essas seitas travaram uma batalha dupla: uma luta religiosa-política (ética e social) contra a aristocracia sacerdotal saduceu, por um lado, e uma luta religiosa-haláchica, contra os oponentes da estrita tradição saduceu (isto é, os fariseus), em o outro. Somente da perspectiva dos fariseus foram todos os oponentes da tradição farisaica que seguiram práticas halakhic semelhantes incluídos na mesma categoria - aqueles que negam a interpretação farisaica autorizada dos mandamentos da Torá - mentos.

As contribuições de Qumran adicionam mais substância às alegações duvidadas por Saldarini de que os epítetos em Qumran (por exemplo, "buscadores de coisas suaves [halaqot] " corretamente reconhecidas como um jogo com a palavra halakhot [= regras], uma palavra usada pelos fariseus por suas leis) referem-se a grupos reconhecíveis na sociedade judaica. Parece provável que a comunidade de Qumran pertencia aos essênios e que os essênios, em questões jurídicas, seguiam o sistema mais rígido que é atribuído aos saduceus (ninguém poderia acusá-los de buscar coisas suaves). Ou seja, os Qumranitas não eram saduceus como os que aparecem nos escritos e evangelhos de Josefo; dificilmente poderiam ser porque suas posturas teológicas são às vezes diametralmente opostas às deles (por exemplo, sobre o destino, sobre os anjos). Em vez disso, eles eram saduceus em suas visões jurídicas,

Todos podem concordar hoje que não devemos traçar uma linha reta dos fariseus aos sábios rabínicos, mas a nova evidência nos dá motivos para pensar que as fontes posteriores preservam dados historicamente mais confiáveis dos tempos do segundo templo do que alguns pensavam .

Saldarini escreveu um livro importante, que ocupou lugar de destaque na história da erudição e que continua a inspirar estudo e reflexão. Poucos livros são reimpressos, mas fariseus, escribas e saduceus merecem tal tratamento privilegiado. A aparência de uma reimpressão de brochura deve ajudar a garantir que seus muitos insights valiosos permaneçam diretamente disponíveis para um público amplo.

JAMES C · VANDERKAM
Universidade de Notre Dame

Parti

SOCIEDADE PALESTINIANA

1

O problema dos grupos judaicos na Palestina

Pesquisas recentes sobre os fariseus paradoxalmente tornaram eles e seu papel na sociedade palestina mais obscuros e difíceis de descrever. Os estudiosos têm retratado os fariseus como uma seita dentro do judaísmo, um poderoso grupo de liderança religiosa, um grupo de liderança política, um grupo erudito, um movimento laico em competição com o sacerdócio, um grupo de artesãos urbanos de classe média ou alguma combinação destes. Os saduceus geralmente são identificados como contíguos à classe governante judaica, incluindo os principais sacerdotes, altos funcionários e famílias ricas de Jerusalém. Os escribas são descritos como uma classe profissional de classe média. Na maioria das reconstruções históricas da sociedade judaica, as categorias usadas para descrever esses grupos, como seita, escola, classe alta, liderança leiga, etc.

A proliferação de hipóteses sobre os fariseus mostra como eles são mal compreendidos. Pedaços de evidência são freqüentemente tirados do contexto, harmonizados uns com os outros e usados como blocos de construção para estruturas muito improváveis. Embora Josefo diga que os saduceus foram retirados da classe alta, ele não diz que todos os da classe alta eram saduceus, ao contrário do que afirma a maioria deles. Os escribas aparecem como um grupo coeso apenas no Novo Testamento. Em outros lugares, os escribas preenchem uma variedade de papéis sociais, de altos funcionários a copistas humildes. Em geral, porque Josefo cita os três principais

1

judeus

"escolas de pensamento" como os fariseus, saduceus e essênios e porque os fariseus, escribas e saduceus aparecem no Novo Testamento como oponentes de Jesus, a importância e os papéis desses grupos na sociedade judaica são amplamente enfatizados.

A maioria das reconstruções dos fariseus e saduceus usa suas crenças (conforme registrado nos resumos de Josefo) como características geradoras e definidoras do grupo. Mas sua identidade social é mais amplamente baseada em fatores e interesses políticos, econômicos e sociais aos quais suas crenças religiosas estão inextricavelmente ligadas. Este estudo irá ampliar a investigação sobre os fariseus, escribas e saduceus, fazendo perguntas como: de quais classes sociais os fariseus, escribas e saduceus vieram? Que status sociais eles desfrutavam na sociedade judaica? Que envolvimento político eles tiveram nas diferentes fases de sua história? Que tipo e grau de autoridade ou influência eles tinham com o povo e com os outros grupos de liderança judaica? Qual a importância deles entre as muitas classes, grupos e forças em ação na sociedade judaica? Que grau de poder político direto eles exerceram? Qual era o seu objetivo para eles próprios e para a sociedade judaica? Que tipo de programa eles propuseram para a sociedade judaica? Essas questões relativas ao seu lugar na sociedade lançarão alguma luz sobre as questões mais internas, tais como: Qual o tamanho de seus membros e que tipo de organização eles tinham? Como a associação foi definida? Que crenças, idéias e regras governaram seu envolvimento comunitário? O uso do método sociológico em conjunto com a análise literária e histórica permitirá uma leitura sistemática e controlada das evidências em seu ambiente adequado. Essas questões que não podem ser respondidas irão demonstrar os limites de nosso conhecimento e impedir generalizações fáceis.

Os fariseus, escribas e saduceus como uma variedade de judeus, como pensadores e como líderes devem ser vistos como parte da sociedade judaica palestina e precisamente localizados e descritos no relacionamento com outros líderes judeus e movimentos sociais de 200 aC a 100 dC. Líderes judeus incluídos os sumo sacerdote, os principais sacerdotes, anciãos e notáveis que eram provavelmente os chefes reconhecidos de famílias proeminentes a nível local e nacional. Esses líderes foram assistidos por vários grupos que Gerhard Lenski identifica como retentores (ver cap. 3). Os lacaios incluíam os burocratas, soldados e funcionários associados aos hasmoneus, os Herodes e os romanos, bem como os servos e oficiais do Templo associados aos principais sacerdotes. É entre os retentores

que encontraremos os escribas e a maioria dos fariseus.

RELIGIÃO NA ANTIGA SOCIEDADE

Como a sociologia moderna e a teoria política geralmente separam a religião da sociedade política, uma palavra especial precisa ser dita sobre o lugar da religião e de funcionários e grupos religiosos especializados na sociedade antiga. A separação moderna entre Igreja e Estado e a ênfase no compromisso de fé individual e privado como fundamento da religião eram desconhecidos na Antiguidade. Na sociedade tradicional, incluindo o Império Romano e a sociedade Judaica Palestina, a religião estava embutida no tecido político e social da comunidade. As crenças e práticas religiosas faziam parte dos grupos familiares, étnicos e territoriais nos quais as pessoas nasceram · As pessoas não escolheram sua religião, nem a maioria das unidades ou grupos sociais tinha membros com religiões diferentes. A religião era parte integrante de tudo o mais e inseparável dela. As pessoas podem adorar novos deuses além dos antigos e se envolver em práticas de culto adicionais, mas eles permaneceram o que eram culturalmente e socialmente · Conversão radical para outra religião e rejeição das crenças e comportamento herdados de alguém significam (e ainda significam hoje em tais sociedades) separação e alienação da família e do grupo social hereditário. Assim, o envolvimento com a religião é em si um envolvimento político e social no sentido amplo desses termos. Conseqüentemente, os fariseus e saduceus não deveriam ser vistos como seitas retiradas da sociedade sem impacto político. Na verdade, a comunidade de Qumran, que vivia perto do Mar Morto, fazia parte da sociedade judaica e muito provavelmente teve um impacto político. Eles não foram completamente isolados da sociedade judaica, uma vez que a área era habitada, continha instalações defensivas e presumivelmente pagava impostos aos hasmoneus e romanos. Ser judeu era fazer parte da sociedade judaica, que incluía cultura, comportamento, culto,

identidade com pessoas e terras, etc. Aqueles que discordavam das autoridades do Templo, como a comunidade de Qumran, ainda estavam dentro dos limites sociais do Judaísmo e eram uma influência a ser considerada.

Embora a religião estivesse inserida na sociedade política de uma

forma que não está hoje, aqueles com funções de culto ou religiosas poderiam formar centros de poder separados na sociedade política. Em sociedades maiores, organizações religiosas complexas e papéis religiosos específicos desenvolveram-se e foram institucionalizados entre os líderes.1 Consequentemente, a identidade entre toda a comunidade e a esfera religiosa que é comum em sociedades patrimoniais está parcialmente ausente em sociedades mais complexas e, portanto, a competição poderia surgem entre grupos dentro de uma religião.2 Essa esfera religiosa autônoma é severamente limitada, especialmente em comparação com a religião moderna. Embora a liderança, seitas, ordens, grupos, etc. de uma religião possam alcançar uma independência real, toda a identidade da comunidade religiosa ainda está ligada à identidade da comunidade local.3 Como será visto, os fariseus,

Grupos com uma forte base religiosa podem adquirir independência e poder dentro da sociedade por meio da ênfase em valores universais e ideologia e por membros relativamente abertos. Esses grupos, separados da hierarquia territorial e de status tradicional, podem ser conservadores no apoio ao regime e, portanto, ser politicamente valiosos para os líderes políticos centrais ou promover uma postura crítica em relação à sociedade, com base em apelos morais e simbólicos ao povo.4 Tal estabelecimento religioso relativamente independente é firmemente político e tipicamente tenta dominar a sociedade por meio do estabelecimento de um cânone de livros sagrados, escolas para interpretar os textos, organizações educacionais para espalhar conhecimento e a promoção de uma visão de mundo total. Em uma sociedade complexa que gera tais grupos, como o judaísmo durante o período greco-romano, as 'pequenas tradições1 de grupos locais e famílias são gradualmente integrados na 'grande tradição9 da sociedade mais ampla.5 Os conflitos entre vários grupos refletidos nas seções pós-exílicas da Bíblia e nas histórias de conflito social e religioso em Josefo indicam a luta para dirigir e controlar a sociedade judaica por numerosos grupos, dos

1SN Eisenstadt, The Political Systems of Empires: The Rise and Fall of Historical Societies (Glencoe / Nova York: Free Press / Collier-Macmillan, 1963), 50.

[2]Eisenstadt, Empires, 61.

[3]Eisenstadt, Empires ^ 61-62 and 65.

[4]Eisenstadt, Empires, 62-65.

quais os fariseus, escribas e saduceus são apenas alguns.

ESTUDOS ANTERIORES DOS FARISEUS

Nenhuma tentativa será feita para revisar todos os estudos anteriores dos fariseus, os métodos divergentes usados e a confusão de conclusões propostas.6 Estudos anteriores por cristãos sofreram com a tendência de ler o relato polêmico dos fariseus, escribas e saduceus no Novo Testamento como história e depois usá-lo para interpretar as fontes rabínicas, uma tendência que ainda persiste em alguns estudos do Novo Testamento.7 Muitos eruditos e manuais cristãos ainda são influenciados pela imagem tendenciosa do judaísmo desenvolvida por Schiirer e perpetuada em numerosas introduções e resumos. 8 Embora muitos estudos recentes tenham esclarecido aspectos do judaísmo no período do segundo templo, os fariseus, escribas e saduceus permanecem obscuros por causa da escassez de evidências e do preconceito das fontes.

A maioria das apresentações dos fariseus buscou superar a pequena evidência do segundo Templo apelando para a abundância de literatura rabínica, embora essas fontes datem de mais tarde

[5]Eisenstadt, Empires, 65.

[6]Veja uma breve revisão e referências a outra literatura em Gary G. Porton, cap. 2, "Diversity in Postbiblical Judaism", pp. 69-72 e Anthony J. Saldarini, Cap. 17, ^ Reconstructions of Rabbinic Judaism, "pp. 457-460 em Early Judaism and Its Modem Interpreters, eds. Robert A. Kraft e George WE Nickelsburg (Atlanta: Scholars, 1986). Autores selecionados serão citados conforme necessário. Muitas das posições sobre os fariseus e saduceus estão resumidas na bibliografia comentada sobre Josephus por Louis Feldman, Josephus and Modem Scholarship (Berlin / New York : deGruyter, 1984) 542580. A literatura sobre os escribas e saduceus será tratada na Parte Três.

[7]Veja a extensa revisão do preconceito cristão em sua avaliação do judaísmo em EP Sanders, Paul and Palestinian Judaism (Philadelphia: Fortress, 1977) 33-23 & Outra literatura é revisada em Anthony J. Saldarini, "Judaism and the New Testament", em The New Testament and Its Modem Interpreters, eds. Eldon J. Epp e Georg? MacRae (Atlanta: Scholars, a ser publicado).

[8]Ver Shaye JD Cohen, "A História Política e Social dos Judeus na Antiguidade Greco-Romana: O Estado da Questão, w Ch. 1 in Early Judaism, 34-37, para uma avaliação da influência de SchUrer.séculos e não pretendem ser históricos.[2]Essa leitura

[2]Isso é verdade para pesquisas recentes, como Compendia Rerum Iudaicarum ad Novum Testamentum. Seção 1. O Povo Judeu no Primeiro Século, ed. S. Safrai, et al., Vols. 1-2 (Filadélfia: Fortaleza, 1974,1976) e E. SchUrer, revisado por G. Vermes et al., Vie História do

ingênua da literatura rabínica como uma fonte do primeiro século é baseada nas pressuposições de que 1. os rabinos dos séculos II e III são uma forma posterior de fariseus; 2. houve pouca mudança em seu modo de vida ao longo do tempo (mesmo após a destruição do Templo); 3. relatos de eventos e instituições do segundo Templo narrados de um a seis séculos depois são informados e imparciais; e 4. a literatura rabínica, que não tenta apresentar uma história do farisaísmo, fornece informações suficientes para uma compreensão adequada dos fariseus ·

Cada uma dessas pressuposições está errada ou mal utilizada na reconstrução dos fariseus · 1. É muito provável que os fariseus pré-70 contribuíram para o surgimento dos rabinos pós-70, mas as evidências não são abundantes.[3] Os autores tannaitas das primeiras fontes rabínicas não se identificaram como fariseus[4] e muitos outros componentes da comunidade e tradição judaica além do farisaísmo contribuíram para a forma que o judaísmo assumiu nos séculos após a destruição do Templo. 2. Mesmo garantindo algum tipo de continuidade entre os fariseus e rabinos, a perda do Templo, da liderança de Jerusalém e da clara identidade política que os acompanhava causou grandes ajustes na compreensão judaica do mundo, bem como em seu sistema simbólico , padrões e valores comportamentais. 3

Mais importante, a literatura rabínica (Mishnah, Tosefta, os dois Taimuds e as coleções midrashicas) e as tradições coletadas lá são enormemente variadas em gênero, propósito, data e origem. Muitas tradições sobre os fariseus, saduceus e outras instituições, leis, eventos e pessoas do segundo templo trazem as marcas claras de

Povo Judeu na Era de Jesus Cristo (175 AC-135 DC), Vol 2. (Edinburgh: Clark, 1979) 381-414. É comum em várias introduções e popularizações, bem como em monografias acadêmicas.

[0]Shaye JD Cohen, uThe Significance of Yavneh: Pharisees, Rabbis, and the End of Jewish Sectarianism, ** HUCA 55 (1984) 3641, analisa as evidências e argumenta sobre sua força cumulativa.

[4]Cohen, "Yavneh", 37. No artigo (pp. 27-53) ele oferece uma teoria de que após a destruição do Templo os rabinos encorajaram o debate dentro das escolas e desencorajaram a formação de "seitas" a fim de garantir a sobrevivência de Judaísmo. Por isso relutavam em se identificar como fariseus. A teoria tem dois problemas. Primeiro, a falta de seitas é melhor explicada sociologicamente. As seitas dependem da presença de um corpo poderoso e estabelecido contra o qual reagir; após a destruição da liderança do Templo, esse corpo estava faltando. Em segundo lugar, os taimuds registram principalmente as disputas do movimento rabínico que levou muito tempo para obter o controle da sociedade judaica. A ausência de seitas na literatura rabínica não prova que não existissem. Mesmo depois de ganhar controle no período talmúdico médio e final,

interesses e perspectivas posteriores. Mesmo as regras para festivais e sacrifícios no Templo não podem ser certamente relacionadas ao primeiro século, porque refletem as visões de estudiosos posteriores * de como as coisas deveriam ter sido. 4. Finalmente, mesmo que algumas tradições confiáveis possam ser isoladas, elas são surpreendentemente incompletas e refletem a falta de interesse dos autores rabínicos * pela história.12 Em suma, ao contrário da abordagem usada em muitas histórias e estudos,

Dois estudos importantes e recentes sobre os fariseus, por Jacob Neusner e Ellis Rivkin, forneceram abordagens sofisticadas da evidência rabínica, juntamente com interpretações extensas e sérias de Josefo e do Novo Testamento.13 Cada um será considerado em mais detalhes no capítulo dez. Por enquanto, é suficiente observar que, embora Rivkin tente controlar sua leitura da literatura rabínica usando como um grupo de controle textos que falam de fariseus e saduceus juntos, ele então usa seu grupo de controle para ler textos rabínicos de diferentes fontes e períodos. como um corpo de evidências históricas confiáveis.14 Além disso, ele imagina os fariseus como estudiosos que arrancaram o controle do judaísmo das autoridades estabelecidas, uma hipótese muito improvável, como será visto abaixo, e como os criadores de uma

[2]Veja cap. 10 para uma avaliação mais detalhada da evidência rabínica a respeito dos fariseus e saduceus.

□ Jacob Neusner, The Rabbinic Traditions about the Pharisees before 70 (Leiden: Brill, 1971), 3 vols .; Ellis Rivkin, "Defining the Pharisees: The Tannaitic Sources", HUCA 4041 (1969-70) 205-249 e A Hidden Revolution: The Pharisees * Search for the Kingdom Within (Nashville: Abingdon, 1978). Neusner também escreveu muitos ensaios sobre os fariseus e rabinos. Uma coleção particularmente conveniente é Judaísmo Formativo: Estudos Religiosos, Históricos e Literários. Terceira série. Torá, fariseus e rabinos (BJS 46; Chico: Scholars, 1983).

, [4]Rivkin baseia grande parte de seu caso em uma leitura relativamente acrítica de Josefo, também, um aspecto de sua obra que não será abordado explicitamente neste estudo. Veja a revisão crítica de Shaye JD Cohen em JBL 99 (1980) 627-629.

forma internalizada de judaísmo, uma ideologia que soa muito moderna, na verdade.15 A interpretação de Neusner da Mishná e dos textos sobre os sábios pré-70 é historicamente crítica de uma maneira semelhante aos estudos contemporâneos da Bíblia. Sua elucidação de temas jurídicos de interesse dos fariseus é fundamental, mas sua caracterização deles como uma seita apolítica (em alguns de seus trabalhos) é baseada em um mal-entendido de como a religião fazia parte da cena social e política no primeiro século. Seu trabalho será usado extensivamente, mas colocado em um contexto sociológico

diferente.

O Plano deste Estudo

As escassas evidências para os fariseus, escribas e saduceus devem ser colocadas em um contexto histórico e sociológico mais amplo para serem interpretadas corretamente. Retratar os fariseus, saduceus e essênios como os únicos ou como os grupos dominantes no judaísmo do primeiro século, como muitos tratamentos implicitamente fazem, é subestimar a diversidade do judaísmo no primeiro século e compreender mal a estrutura social do império romano. Embora seja impossível, dentro dos limites deste estudo, descrever todos os aspectos da sociedade do império ou da Palestina judaica, os principais aspectos dessa sociedade serão esboçados.16 Será feita uma tentativa de situar os fariseus, escribas e saduceus dentro do toda a sociedade e mostrar seus papéis e contribuições para ela.

A Parte Um descreve certos aspectos da sociedade palestina dentro de seu contexto mais amplo no Império · Após este capítulo introdutório,

[5]**Veja o resumo e a crítica de sua maneira de reconstruir a história por D. Ellenson, "Ellis Rivkin e os Problemas da História Farisaica: Um Estudo na Historiografia /** 必 力 尺 43 (1975) 787-802.

[6]**Estudiosos do Novo Testamento interessados nas origens do Cristianismo na Palestina escreveram sobre aspectos da sociologia da Palestina. Ver Gerd Theissen, Sociology of Early Christian Palestine (Philadelphia: Fortress, 1978); Richard A. Horsley e John S. Hanson, Bandidos, Profetas e Messias: Movimentos Populares no Tempo de Jesus (Minneapolis: Winston, 1985). Um estudo da tradição judaica no contexto social durante o período pós-exílico é Hans G. Kippenberg, Religion und Klassenbildung im antiken Judiia (Studien zur Um welt des Neuen Testaments 14; Göttingen: Vandenhoeck, 1978). Sobre o mundo do pensamento do cristianismo, consulte John Gager, Kingdom and Community: The Social World of Early Christianity (Englewood: Prentice-Hall, 1975) e Howard C. Kee, Christian Origins in Sociological Perspective (Philadelphia: Westminster, 1980).**o capítulo dois delineará o método sociológico seguido neste livro, algumas das críticas levantadas contra ele e a contribuição precisa que este estudo procura dar ao estudo do judaísmo e do cristianismo do primeiro século. O capítulo três situa a sociedade palestina dentro do Império Romano, usando estudos sociológicos de impérios agrários e alguma história social, e descreve as principais classes sociais e papéis encontrados em tais sociedades. O capítulo quatro define e classifica os tipos de

relações sociais e grupos que constituem a estrutura da sociedade, especialmente aqueles mais relevantes para o estudo do judaísmo do primeiro século.

A Parte Dois interpreta as fontes literárias, Josefo, o Novo Testamento e a literatura rabínica, usando a compreensão sociológica da sociedade palestina derivada da Parte Um e corrigindo-a quando necessário. No capítulo cinco, as atividades dos fariseus e saduceus nos relatos históricos de Josefo são analisadas sociologicamente e, no capítulo seis, as descrições de Josefo são avaliadas criticamente em termos de grupos historicamente conhecidos e modelos sociológicos apropriados para a época. Os capítulos sete a nove tratam do Novo Testamento. O capítulo sete cobre o fariseu Saulo de Tarso e os capítulos oito e nove os evangelhos · Os evangelhos são submetidos a uma avaliação crítica para separar a polêmica da realidade. Finalmente, no capítulo dez, as fontes rabínicas são avaliadas historicamente em termos de seus próprios gêneros,

Na Parte Três, os resultados das análises sociológica e literária são apresentados juntos. No capítulo onze, os escribas, que aparecem como um grupo organizado apenas nos evangelhos, são colocados dentro do contexto mais amplo do escribalismo no Oriente Próximo e no Judaísmo. No capítulo doze, os resultados relativos aos fariseus, sobre os quais temos mais evidências, são apresentados de forma sintética e as perguntas sem resposta definidas. No capítulo treze, as escassas descobertas sobre o grupo menos conhecido, os saduceus, são resumidas e avaliadas pelo pouco que podem nos dizer.

2

Uma abordagem sociológica

Normalmente, a análise literária é usada para compreender o funcionamento interno de textos antigos e pesquisas históricas para colocá-los em seu contexto adequado. Este estudo complementará essas abordagens com métodos e conclusões derivados da sociologia e da antropologia cultural. Como os dados literários e históricos sobre fariseus, escribas e saduceus são tão esparsos, inúmeras perguntas sobre cada grupo permanecem sem respostas certas. Os intérpretes propuseram muitas hipóteses para compreendê-los, mas a maioria foi baseada em retrocessos acríticos de teorias modernas da sociedade e da religião. A sociologia e a antropologia cultural fornecerão algum controle para a criação de hipóteses sobre a natureza desses grupos.

Abundam os erros na descrição e compreensão dos fariseus, escribas e saduceus. Os estudiosos costumam tratar os fariseus como um grupo de classe média, embora não houvesse classe média na antiguidade · Eles caracterizaram os fariseus e saduceus como grupos religiosos separados da política, embora na antiguidade a religião estivesse inserida na sociedade política e dela fosse inseparável . Os fariseus eram vistos como artesãos urbanos eruditos em uma época em que os artesãos eram incultos, pobres e impotentes. Esses erros fundamentais de perspectiva deixam claro que se presume uma compreensão da sociedade, quer se tenha consciência disso ou não. A primeira seção deste estudo explicitará a teoria sociológica e a visão da sociedade antiga que será usada na análise dos fariseus, escribas e saduceus.

Para não ler categorias modernas e estruturas sociais

na antiguidade, as teorias da estrutura social devem ser unidas aos estudos sociológicos de impérios antigos e aos estudos antropológicos da civilização mediterrânea pré-industrial. É necessário muito cuidado porque a teoria sociológica é muito ocidental, baseada na filosofia moderna e inclinada para a visão moderna de como a cultura deve ser organizada. A antropologia cultural é mais transcultural e trabalha com sociedades pré-industriais que são semelhantes em alguns aspectos à sociedade antiga.[5] No entanto, as sociedades mediterrâneas que a antropologia estudou foram todas influenciadas pela sociedade industrial moderna e pelo final da Idade Média e pela ênfase moderna no individualismo. Mesmo que se chegue ao que era típico da Antiguidade, fica-se com o problema histórico: era assim? Se for incerto, qual a probabilidade disso? Houve mudança ao longo do tempo na sociedade ou grupo em estudo? Tanto quanto possível, devemos controlar criticamente tanto nossa própria cultura e sociedade com seus interesses conseqüentes, quanto o período antigo e a sociedade com todos os seus interesses e pressupostos.

Alguns objetarão que não devemos usar categorias sociológicas modernas, mas procurar determinar suas próprias categorias sociais e entendimentos.[6] Embora a busca por categorias antigas faça parte de todo o empreendimento, as categorias sociológicas modernas também são ferramentas legítimas de análise. Eles podem trazer à tona aspectos da sociedade antiga ignorados ou percebidos na antiguidade. Mesmo quando as categorias e teorias sociológicas modernas não se encaixam, elas provam decisivamente como a Antiguidade é diferente do mundo contemporâneo. Finalmente, categorias e teorias das ciências sociais que fazem parte de nossa visão moderna devem ser reconhecidas, sujeitas a críticas em termos de antiguidade e usadas para avaliar criticamente a sociedade na antiguidade.

O perigo avassalador no uso dos métodos e especialmente dos

[5]Bruce Malina explorou muitos modelos culturais para compreender aspectos do mundo do Novo Testamento. Veja The New Testament World: Insights from Cultural Anthropology (Atlanta: Knox, 1981) e Christian Origins and Cultural Anthropology: Practical Models for Biblical Interpretation (Atlanta: Knox, 1986). Para a sociedade mediterrânea, ver J. Davis, People of the Mediterranean: An Essay in Comparative Social Anthropology (Londres: Routledge and Kegan Paul, 1977).

[6]Para uma explicação concisa do conflito sobre as categorias êmica e ética e um argumento para a complementaridade de ambas, ver Ernest Gellner e John Waterbury (eds.), Patrons and Clients in Mediterranean Societies. (Londres: Duckworth, 1977) 9 »11.

resultados da sociologia e da antropologia é a abordagem padrão em que categorias abstratas criadas para organizar dados e testar hipóteses são impostas ou lidas nos textos. Tal eisegesis carece de sensibilidade aos textos e aos limites das categorias científicas. As teorias devem guiar e iluminar a exploração dos textos e, por sua vez, ser corrigidas pelo que aí se encontra. Outro perigo na compreensão das categorias modernas e antigas deriva das mudanças na sociedade ao longo do tempo. O mesmo escritório, designação de grupo ou entidade social pode variar muito, embora o nome permaneça o mesmo.[7]

Este estudo se concentrará nas atividades sociais e papéis dos fariseus, escribas e saduceus, e não em seus pensamentos e crenças. Há duas razões para isso. Em primeiro lugar, não temos literatura direta de nenhum desses grupos e as informações que temos sobre suas crenças não são confiáveis por causa dos vieses ou das datas das fontes. Junto com as tentativas de reconstruir o pensamento desses grupos, suas atividades e lugares na sociedade devem ser determinados tanto quanto possível. Em segundo lugar, a concentração em suas crenças freqüentemente leva os estudiosos a vê-los como simples sociedades de debates teológicos, separados do resto da vida. Para corrigir esse desequilíbrio, a ênfase será colocada em como esses grupos atuaram na sociedade e quais os efeitos que tiveram.

Uma vez estabelecido um contexto social para esses grupos e para a sociedade judaica do primeiro século, os documentos do período e os documentos posteriores que falam do período podem ser mais facilmente interpretados e integrados em um quadro coerente. Por exemplo, os fariseus acreditavam na ressurreição e os saduceus não. Muitas hipóteses foram criadas para explicar essa diferença, mas a maioria foi vagamente ligada à situação social e à história do judaísmo e dos fariseus e saduceus. Trabalhos recentes sobre literatura apocalíptica oferecem a esperança de que o mundo social de alguns documentos possa ser recuperado e talvez até mesmo correlacionado com o que sabemos da história e da sociedade da

[7] **Dois exemplos políticos modernos podem esclarecer o ponto. Nos Estados Unidos, a presidência cresceu enormemente em poder ao longo de dois séculos, embora o nome e a definição constitucional do cargo tenham permanecido os mesmos. Os presidentes dos partidos políticos costumavam exercer enorme poder direto sobre os membros, mas agora são mediadores e organizadores entre muitas facções.**

época.4 Trabalho eventualmente detalhado em documentos,

O USO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

As ciências sociais têm sido normalmente usadas para interpretar textos antigos e história de três maneiras:

1. heuristicamente, para gerar questões a serem utilizadas no estudo de textos. Esse uso das ciências sociais pode produzir novos insights, mas também pode levar a perguntas inadequadas e a perder aspectos importantes dos textos e períodos.
2. descritivamente, para fornecer categorias para descrever o que está nos textos e para preencher lacunas em nosso conhecimento da sociedade antiga com teorias sociologicamente prováveis. O reconhecimento explícito da perspectiva trazida ao texto pelo intérprete e da visão da sociedade usada como um contexto para a interpretação é saudável, mas as categorias sociológicas freqüentemente contêm pressuposições modernas que as tornam inadequadas para a compreensão da antiguidade.
3. como explicação, para mostrar como funciona todo um sistema social e como as partes afetam umas às outras. Essa explicação causal e científica é o objetivo de muitos praticantes das ciências sociais, mas raramente é alcançada com precisão e é desafiada como um objetivo adequado das ciências sociais por muitos teóricos que não têm

George WE Nickelsburg iniciou a tarefa de comparar documentos do período greco-romano para ver quais são do mesmo movimento. Ver uSocial Aspects of Palestinian Jewish Apocalypticism, w Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East, ed. David Hellholm (Tubingen: Mohr, 1983) 641-654 e u7 Enoch and Qumran Origins: The State of the Question and Some Prospects for Answers, ** SBL Seminar Papers 1986 (Atlanta: Scholars, 1986) 341-360. Sobre o mundo social, ver Alfred Schutz e Thomas Luckmann, The Structures of the Life-World (Evanston: Northwestern UP, 1973); Karl Mannheim, Ideology and Utopia (New York: Harcourt, 1936) e as muitas outras obras baseadas na sociologia do conhecimento.

[5]Para os perigos em 1 e 2, consulte Stanley K. Stowers, "The Social Sciences and the Study of Early Christianity / Approaches to Ancient Judaism, V: Studies in Judaism in Its Greco-Roman Context (BJS 32; Atlanta: Scholars, 1985) 161-162. um modelo empírico das ciências sociais.

Alguns estudiosos tentam usar as ciências sociais como ferramentas descritivas e ignoram a teoria, mas o uso de categorias descritivas, como classe ou função, traz consigo uma teoria explicativa (muitas vezes encoberta) sobre quais aspectos da vida

humana e dos relacionamentos são constitutivos e causais para sociedade. [8] A descrição nunca é auto-suficiente porque a compreensão humana exige que busquemos uma explicação. O que é descrito depende em parte do que o conhecedor já entende. A descrição inicial, que inclui a observação e o insight, leva inevitavelmente à explicação baseada no pensamento e na compreensão e estes, por sua vez, apoiam o conhecimento que se baseia no julgamento e no compromisso · As próprias ciências sociais florescem dentro de um empreendimento científico e filosófico mais amplo que busca continuamente mais percepções inclusivas e sistemas explicativos mais abrangentes. O contexto total da teoria social deve ser atendido.

PROBLEMAS COM TEORIA SOCIAL

Todos os estudos ocidentais modernos são tendenciosos no sentido de que a ciência é considerada racional e certa e outras visões erradas. Alguns cientistas sociais imitam as ciências naturais restringindo a prova ao que pode ser demonstrado empiricamente ou matematicamente, mas muitos outros reconhecem a interação da percepção do mundo e a experiência objetiva do mundo · A antropologia cultural é mais sensível aos padrões e pontos de vista culturais, mas as teorias dominantes em última análise tratam ritos, símbolos, costumes e artefatos como objetos a serem avaliados na terminologia científica, em vez de levar a sério as intenções e motivos declarados de uma cultura.

Os estudos sociais relacionados à religião enfrentam problemas especiais porque a possível verdade da transcendência é sistematicamente ignorada. Essa negligência é geralmente baseada na supervalorização do empírico e na rejeição de afirmações transcendentes baseadas na fé (que se pensa estarem fechadas para uma revisão racional). No entanto, pelos próprios princípios da ciência, um fenômeno que não é totalmente explicado e cujas afirmações de verdade não estão sujeitas a avaliação não foi estudado de forma adequada cientificamente. A rejeição anterior do transcendente e de todas as afirmações de verdades religiosas é um

[8]Consulte Stowers, "Social Sciences, * para problemas com causalidade, agência humana e comensurabilidade. O livro seminal de Wayne Meeks * sobre Paul, The First Urban Christians (New Haven: Yale, 1983) foi criticado por esse motivo. Veja Stowers, 168-176; JH EUiott em RSR 11 (1985) 329-335; B. Malina em JBL 104 (1985) 346-349.

preconceito científico.[9] Embora muitos obstáculos obstruam o estudo da religião, a tarefa não é impossível nem opcional.

A teoria social moderna foi baseada na suposição moderna de que os humanos são movidos por interesse próprio e desejo e que motivos "superiores" como o altruísmo, amor e fé religiosa podem ser reduzidos a motivos inferiores ou pelo menos subordinados a eles. Embora este estudo enfatize necessidades e interesses, não significados e crenças, ele não assume que a atividade humana derive inteiramente do desejo. Porque as necessidades e interesses têm sido frequentemente ignorados ou menos enfatizados por aqueles que vêem os fariseus, escribas e saduceus como predominantemente espirituais e porque tais interpretações os isolam da política e da sociedade, este aspecto negligenciado do judaísmo do primeiro século será explorado aqui. A fé que moveu judeus e cristãos do primeiro século não pode ser reduzida a algum outro fenômeno nem tratada como uma peculiaridade intransponível. Este estudo, no entanto,

Funcionalismo

O funcionalismo tem sido a teoria sociológica dominante nos Estados Unidos e é a teoria mais utilizada neste estudo. [10] O funcionalismo pressupõe que toda ação humana contribui para a vida humana e, especificamente, para a sociedade humana, e busca compreender a função (ou seja, efeito ou consequência) de cada ação. O papel que cada tipo de ação e cada grupo social ou papel desempenha na sociedade é analisado e relacionado com os outros de forma orgânica. Mesmo as ações negativas têm uma função na sociedade como agentes de mudança ou de desmantelamento de estruturas que já não funcionam. O funcionalismo tem sido freqüentemente questionado por sua suposição de que a sociedade existe e deve ser protegida. Alguns afirmaram que a teoria do conflito, o estudo da sociedade como um grupo de forças conflitantes

[9]Para um argumento sustentado para um estudo científico da religião que enfrenta e julga as afirmações de verdade das religiões, ver Donald Wiebe, Religião e Verdade: Rumo a um Paradigma Alternativo para o Estudo da Religião (Religião e Razão 23; Haia: Mouton, 1981).

[10] O funcionalismo, que existe em muitas formas, deve muito a Max Weber e Emile Durkheim. Nos Estados Unidos, Talcott Parsons era a figura dominante nesta escola. Também foi promovido pelo trabalho dos antropólogos britânicos Radcliffe-Brown e Malinowski.

em vez de cooperantes, é um modelo mais verdadeiro para a sociedade. Contudo,

Muitos dos textos relacionados com os fariseus, escribas e saduceus envolvem conflito, que é parte do funcionamento da sociedade, não constitutivo dela, na visão implícita das fontes. Josefo traz os fariseus e saduceus para sua narrativa apenas quando eles fazem parte de eventos políticos cruciais (conflitos) ocorrendo na Palestina. Esses grupos aparecem nos evangelhos quando estão em conflito com Jesus. Na literatura rabínica, os fariseus e sábios identificados como parte da tradição frequentemente disputam interpretações da lei e do comportamento. Essas disputas são internas, mas divergências fundamentais entre fariseus e saduceus e outros grupos hostis são vistas como uma ameaça à comunidade e os combatentes são devidamente criticados. Todos os textos tratam o conflito como um mal a ser superado e culpam os responsáveis. Josefo favorece um governante forte que manterá a ordem civil e ataca todos os que ameaçam essa ordem. A literatura rabínica deseja uma comunidade bem organizada, cuja constituição seja elaborada em disputas de princípios, mas se defende contra aqueles que transgridem os limites da comunidade. Os evangelhos promovem uma nova compreensão da vontade de Deus e

Jonathan Turner, The Structure of Sociological Theory (Homewood: Dorsey Press, 1978).

assim, entram em conflito com a comunidade judaica tradicional. Mesmo aqui, os evangelhos não são revolucionários em intenção consciente, mas implicitamente argumentam que preservam a verdadeira continuidade na tradição e na comunidade. Tradição e ordem, não mudança e conflito, são as virtudes adotadas por todas as partes.

Os problemas com o funcionalismo são bem conhecidos e frequentemente ensaiados.10 O funcionalismo é fortemente inclinado a favor do status quo. Como teoria, pressupõe que a sociedade existe e é boa, mas não explica de forma convincente sua origem ou propósito. Ele procura saber especialmente as consequências de um ato, série de atos ou uma instituição para a sociedade em geral · Por ser teleologicamente orientado, não resiste ao teste de critérios causais empíricos estritos e é vítima de circularidade e inverificabilidade.11 O funcionalismo é frequentemente usado descritivamente como uma construção heurística para ver como a sociedade se encaixa em uma estrutura

coerente, ou como alguns fatores sociais estão em tensão com as estruturas existentes.

[0]Um ataque clássico está contido em Alvin W. Gouldner, The Coming Crisis of Western Sociology (Nova York: Basic, 1970). Ver também Jonathan Turner e Alexandra Maryanski, Functionalism (Menlo Park, CA: Benjamin Cummings), 141, onde a falta de poder explicativo do funcionalismo é reconhecida. Críticas ao funcionalismo, conforme usado no estudo do Novo Testamento, podem ser encontradas em Stowers "Social Sciences" e Richard A. Horsley, "How Functional is Functionalism for Analysis of Early Christianity", JA AR, a ser publicado.

[você]Ver Carl G. Hempel, "The Logic of Functional Analysis," Aspects of Scientific Explanation and Other Essays in the Philosophy of Science (Nova York: Free Press, 1965) 297-330.

[2]A crítica marxista é a mais conhecida. Ele vê o conflito entre classes como o motor da história e a sociedade em suas formas atuais como um cervo? no desenvolvimento de uma sociedade perfeita.

[3]Ignorar a intenção humana em todas as suas formas pelo funcionalismo é um argumento central em Stowers, "Ciências Sociais". Freqüentemente, essa abordagem é atribuída a Max Weber, mas Susan Hekman, Weber, Tipo Ideal e Teoria Social Contemporânea

Essas limitações do método funcionalista exigem que ele seja complementado e correlacionado com outros estudos relacionados com a sociedade judaica, a Palestina no Império Romano, os muitos movimentos e grupos no Judaísmo, os contextos sociais da grande variedade de literatura judaica e outras literaturas e a história , economia e cultura do período antes de uma compreensão totalmente adequada do primeiro século pode ser esperada.

Sociologia e as fontes

Josefo, historiador judeu do século I, é o que mais informações sobre a sociedade e a história judaicas nos impérios helenístico e romano. Os eventos que ele registra, as pessoas a quem ele trata e as interpretações que ele oferece para os principais eventos da história judaica fornecem alguns dados, mas um relato muito incompleto da sociedade judaica. Uma vez que Josefo olha para a sociedade de cima com os olhos da classe governante e deseja promover estabilidade e continuidade, ele se presta especialmente à análise funcional. Assim, o funcionalismo, que considera a sociedade como ela é, deixará claras as implicações e limitações da análise de Josefo5 do judaísmo no Império Romano. Categorias estáticas como classe, status e partido se encaixam em sua visão estática da sociedade. Antes que as classes no império sejam descritas no capítulo três e usadas para interpretar

os fariseus e saduceus em Josefo nos capítulos cinco e seis, parte deste capítulo será dedicada a uma análise e crítica do conceito de classe e do concomitante conceito de poder . Essas categorias se sobrepõem, mas, em conjunto, fornecem um esboço muito abstrato e geral da organização e atividade social que pode servir como uma estrutura para a compreensão das características mais particulares e únicas da sociedade judaica.

(Notre Dame: University of Notre Dame, 1983) argumentou que o tipo ideal de Weber medeia e reconcilia implicitamente a divisão entre estruturas sociais e intenções. em uma teoria coerente de organização e atividade social. Usarei dois autores extensivamente, Gerhard Lenski e S · N. Eisenstadt.14 Ambos analisaram vários tipos de impérios em diferentes culturas e períodos da história. Lenski desenvolveu um sistema de classes teóricas para descrever as relações sociais dentro de um império agrário, do qual o Império Romano-Helenístico é um exemplo. Sua obra, complementada por outros autores e modificada por suas críticas, servirá de estrutura para este estudo.

Uma vez que os fariseus, escribas e saduceus são pequenos grupos dentro das estruturas maiores da sociedade e uma vez que eles têm muitos relacionamentos com outras pessoas na sociedade, modelos mais flexíveis, como redes e relacionamentos com o cliente patrono, serão introduzidos a fim de descrever muitos dos aspectos internos funcionamento da sociedade. Tanto o Novo Testamento quanto a literatura rabínica tratam da comunidade judaica e da comunidade cristã emergente. Em sua maioria, eles não atendem às estruturas sociais mais amplas da sociedade, mas lidam com grupos menores e relações sociais em pequena escala. Assim, no capítulo quatro, formação de grupo, manutenção de limites, clientelismo, padrões comunitários de honra e vergonha, grupos de interesse, movimentos sociais,

Aula

Antes de descrever o sistema de classes de Lenski, alguma atenção deve ser dada aos vários conceitos de classe e às críticas ao uso de conceitos de classe. A tríade clássica de Weber associava classe com a situação e possibilidades econômicas de alguém, status com o lugar

de alguém

[4]**Gerhard E. Lenski, Power and Privilege: A Theory of Social Stratification (Nova York: McGraw, 1966); SN Eisenstadt, The Political Systems of Empires: The Rise and Fall of Historical Societies (Glencoe / Nova York: Free Press / Collier-MacmiDan, 1963) e Social Differentiation and Stratification (Glenview, II: Scott Foresman, 1971). Também deve ser feita referência a John H. Kautsky, The Politics of Aristocratic Empires (Chapel Hill: University of North Carolina, 1982).** no sistema social de acordo com a lei (patrimônio) e seu prestígio, e partido com o poder político de seu grupo. Mas essas áreas da vida, bem como outras, se sobrepõem consideravelmente e muitas outras variáveis conspiram para dar a uma pessoa ou a um grupo seu lugar, papel e limitações na sociedade. Além disso, as bases para o que Weber chamou de classe, status e poder variam nas diferentes sociedades. SN Eisenstadt, em seu estudo de diferenciação e estratificação social, observa que muitos estudiosos usando Webefs três categorias de classe, status e partido incorretamente assimilam tudo a uma dimensão ou tratam as três dimensões como se fossem hierarquias totalmente separadas envolvendo pessoas diferentes.

A análise do poder, com ênfase no poder econômico, como critério de classes se encaixa bem na relação entre as classes superiores e inferiores em impérios agrários hierárquicos, como o Império Romano · Lenski argumenta que classe e estratificação neste ambiente são mais bem estudadas pela atenção ao processo que os produz, o "processo distributivo, que pode ser definido como o modo de determinar" Quem obtém o quê e por quê. * 17 De acordo com Lenski, classe não é um conceito simples, mas inclui uma série de fatores determinantes , relações e processos sociais. Para Lenski, a classe social inclui elementos das outras duas categorias de Weber, status e partido (poder político). O estágio tecnológico de uma sociedade influencia a economia que influencia o sistema político que, por sua vez, influencia o sistema de distribuição. Contudo,

^ ***Diferenciação*, 81-82.**

^ ***Diferenciação*,82-83. Ver também Jonathan H. Turner, Societal Stratification: A Theoretical Analysis (New York: Columbia, 1984), esp. chs. 4 e Turner apóia Eisenstadt no sentido de que o sistema de classes e status é determinado por uma série de fatores complexos e ele critica Lenski porque, após distinguir muitos fatores complexos, ele os agrupa como um fenômeno composto e muito simples (pp. 57-58). Na verdade, como veremos, Lenski enfatiza a complexidade do sistema de estratificação implícito na classe e no status.**

[7] Lenski, Power, 2-3.

[8]**Lenski, Power, 436.**

As origens e processos de classes e status, para não falar de sua desejabilidade e moralidade, foram explicados de várias maneiras. A tradição funcionalista conservadora argumenta que grupos, classes e camadas sociais derivam das necessidades e desejos da sociedade, não dos indivíduos. O número limitado de pessoas capazes de cumprir tarefas difíceis e essenciais deve ser motivado a agir em nome da sociedade e são recompensados especialmente e se tornam uma classe. A estratificação expressa o sistema de valores da sociedade e enfatiza as vantagens comuns da estratificação para a sociedade.[11] A teoria do conflito radical deriva a estratificação das necessidades, desejos e valores conflitantes de indivíduos em subgrupos da sociedade, que são representados em uma luta por bens em falta. Essa teoria enfatiza a dominação e a exploração.[12] Lenski tenta sintetizar essas duas abordagens tradicionais por uma análise empírica que enfatiza múltiplas variáveis e suas inter-relações, como encontradas nas sociedades antigas e modernas · Ele trabalha a partir de uma estrutura fundamentalmente Hobbesiana que vê a sociedade como fundada no desejo individual e comunitário de sobrevivência , atendimento de necessidades e aquisição de poder. [13]De acordo com Lenski, a necessidade e o poder determinam a distribuição. As necessidades básicas vêm em primeiro lugar; quando são cumpridos, o poder determina quase inteiramente a distribuição do excedente · Com Weber, Lenski define poder como a probabilidade de pessoas ou grupos cumprirem sua vontade mesmo quando enfrentados por outros e é do poder que tudo depende.[14] Privilégio é a posse ou controle de uma parte do excedente na sociedade que foi produzido pelo poder · Prestígio é a posição ou status de alguém perante os outros e depende tanto do poder quanto do privilégio.[15] Deve-se notar que, na antiguidade, o poder político e a posição social levavam à aquisição e retenção de riqueza, em contraste com a sociedade moderna em que a riqueza geralmente leva ao poder e ao status.[16]

DEFINIÇÕES

[11]Lenski, Power, 16-17

^ Lenski, Power, 16-17

[13]Lenski, Power, caps. 2-3.

^ Lenski, Poder, 44.

^ Lenski, Poder, 45.

"Kautsky, Política, usa o poder e as relações econômicas como base para suas definições de classe em impérios aristocráticos de uma forma semelhante a Lenski. A aristocracia é definida por seu papel político e econômico na sociedade, e não por raça, hereditariedade ou etnia

Lenski reconhece que classe é um conceito muito complexo que deve ser usado de maneira sofisticada e com cuidado.25 Ele está especialmente interessado nas classes de poder, que ele define como "uma agregação de pessoas em uma sociedade que estão em uma posição semelhante com respeito forçar ou alguma forma específica de poder institucionalizado · , " por exemplo · , trabalhadores, militares, ricos.26 Uma pessoa pode ser membro de várias classes de poder ao mesmo tempo. Castas, propriedades, grupos de status e elites podem ser reduzidos a classes de poder no sentido de Lenski. Uma classe é uma casta na medida em que a mobilidade ascendente para dentro ou para fora dela é proibida pelos costumes. Uma classe é um patrimônio na medida em que sua existência, direitos e privilégios são estabelecidos por lei.27

*Grupos de status*são mais difíceis de definir, mas Lenski diz que alguns grupos de status são classes de poder e alguns são grupos de prestígio · Os grupos de status tendem a ser endógamos, hereditários e têm um caráter comunal. Lenski usa esse termo para grupos raciais, étnicos e religiosos que têm poder social.28 O termo elite se refere ao segmento de classificação mais alta de qualquer unidade social, classificado por qualquer critério escolhido.

As fronteiras de classes e elites são muito imprecisas porque são distribuídas continuamente.29 Nenhum critério para distinguir classe e grupo dará uma imagem adequada da sociedade. Na sociedade judaica, alguns sacerdotes hereditários eram membros das classes superiores como governantes e retentores e outros eram membros**designação. Seu papel político é coletar impostos e fazer guerra. Desta atividade a aristocracia obtém prestígio, riqueza, privilégios, liberdade de impostos e controle da riqueza (p. 79). Assim, a aristocracia é definida por Kautsky como aqueles que exploram e dominam as classes mais baixas, o camponês et al. (p. 229).**

[25]**Lenski, Power, 74-82 e 443.**

[26]**Lenski, Power, 75.**

[27]**Lenski, Power, 77 · 7 e**

[28]**Lenski, Power, 78. De acordo com James Littlejohn, Social Stratification (London: Allen, 1972) 47, status pode significar: a. posição na estrutura social, independentemente de considerações de igualdade ou desigualdade. Este uso é descritivo: um tio é um tio e um lojista é um lojista, b. status legal em uma estrutura social, por exemplo, livre ou escravo, c. posição em uma organização hierárquica, por exemplo, gerente, ou posição em um esquema hierárquico que abrange uma sociedade total. Status social é freqüentemente usado com significado (c.) E se refere ao prestígio de alguém e à maneira como é tratado pelos outros.**

[29]**Lenski, Power, 78-79.**

das classes mais baixas como fazendeiros e artesãos. Os proprietários de terras podem ser líderes nacionais ricos e poderosos ou pequenos líderes locais ou camponeses empobrecidos apenas sobrevivendo. Além disso, a classe e o status de uma pessoa podem mudar com o tempo.

Um sistema de classes é a hierarquia de classes ordenadas em termos de um único critério.30 Quatro sistemas de classes que têm efeito no sistema distributivo são: o sistema de classes políticas, o sistema de classes de propriedade, o sistema de classes ocupacionais, o sistema de classes étnicas. Cada sistema representa um princípio diferente de distribuição e, portanto, uma luta pode ocorrer entre os sistemas, bem como entre as classes dentro de um sistema.31 Como o funcionamento de uma sociedade é enormemente complexo e uma grande variedade de grupos, processos e arranjos são possíveis, um O sistema de classes pode ajudar na análise, mas nunca incluirá todas as variações. Além disso, as classes vistas de fora, que é nossa postura nesta análise, são corpos grandes e vagamente definidos. Mas para aqueles dentro da sociedade, cada classe contém muito mais gradações finas não especificadas pela categoria geral.32 A definição de classe de joberg mostra a riqueza de critérios necessários para definir uma classe. Uma classe é um "grande número de pessoas que ocupam uma posição em uma hierarquia social em razão de sua similaridade de critérios objetivos valorizados · Estes últimos incluem afiliação de parentesco, poder e autoridade, realizações, posses e atributos pessoais · Conquistas envolvem um realizações ocupacionais e educacionais da pessoa; posses referem-se a evidências materiais de riqueza; os atributos morais incluem as crenças e ações religiosas e éticas de alguém; e atributos pessoais envolvem fala, vestimenta e maneirismos pessoais.9,33 Ele também observa que as cidades pré-industriais,

Classe e status fazem parte do tópico mais abrangente da estratificação na sociedade, de acordo com JH Turner. A estratificação é constituída por três processos: a distribuição desigual de

^ Lenski, Poder, 79-80.

3)Lenski, Power, 80-81.

32Gideon Sjoberg, The Preindustrial City: Past and Present (Nova York: Free Press, 1960) 109.

33Sjoberg, City, 109. recursos valorizados, a formação de subpopulações homogêneas e a classificação dessas subpopulações.34 Recursos

valorizados são três: 1. riqueza material que é aqueles objetos materiais, ou a capacidade de comprar tais objetos com dinheiro, que as pessoas em uma sociedade valorizam e percebem para seja gratificante; 2. poder, que é a capacidade relativa de indivíduos ou unidades coletivas em uma sociedade de controlar as ações de outros indivíduos e unidades coletivas; e 3. prestígio que é o respeito, estima e honra que os indivíduos concedem aos outros em uma sociedade.35 Este é o cerne do processo distributivo que Lenski usa como base para suas classes de poder. O grau de desigualdade de uma sociedade, característica de uma sociedade agrária, é determinado por essas três variáveis. Contudo, seu peso relativo na determinação da desigualdade depende do tamanho do sistema, nível de diferenciação, produtividade e outras forças que afetam a concentração de recursos. Em sociedades pequenas e indiferenciadas, o prestígio é o fator mais importante. Em outras maiores, o poder e o dinheiro dominam. Quando grupos de sociedades estão unidos em um império, o papel do poder diminui e a riqueza aumenta porque o custo de exercer o poder efetivamente aumenta.36 Essa pressão econômica torna os impérios inerentemente instáveis.37

A classe, segundo Turner, é definida pela intersecção dos processos de classificação e diferenciação. Mais precisamente, classe social é usada para descrever os efeitos multiplicativos e interativos da diferenciação de subpopulações homogêneas e a classificação dessas subpopulações. Diferenciação é o "grau e extensão em que subconjuntos de membros de uma sociedade revelam tendências comportamentais comuns e atitudes semelhantes para que possam ser distinguidos de outros subconjuntos de membros em uma sociedade. 咖 A formação de subpopulações é causada por forças que criam um senso de identidade entre os indivíduos, bem como um alto grau de homogeneidade em comportamentos, atitudes e posses

"Turner, estratificação ^ 59.

[35]Tumer, Estratificação, 60.

"Observe que muitas vezes é necessária grande riqueza ou, pelo menos, muito útil para concorrer com eficácia a cargos estaduais e nacionais nos Estados Unidos.

[37]Tumer, Stratification ^ 61-63.

queimador, estratificação ^ 146.

^ Turner, Stratification, 147.

entre subconjuntos de uma população / 40 A classificação diz

respeito a como esses subconjuntos são avaliados diferencialmente. O processo de avaliar e classificar outros e categorizá-los em grupos ocorre constantemente entre os indivíduos e é a base para a importância da classificação. Assim, Turner distingue analiticamente os processos sociais que levam à formação do que chamamos de classes, em vez de misturá-los. Mais significativamente, ele não associa o poder em suas várias formas com a identificação de uma classe, embora o poder e a estratificação que ele produz criem as condições para a formação de classes. Embora este estudo use o entendimento mais convencional da classe de poder derivado de Lenski, as distinções e críticas feitas por Turner serão úteis para localizar o lugar e a função dos fariseus, escribas e saduceus.

CLASSE NA ANTIGA SOCIEDADE

A complexidade de definir classe, status e poder (a tríade original de Weber) torna-se mais clara quando olhamos para a sociedade antiga. M. Finley41 apontou que a sociedade romana foi primeiro dividida por ordo ou estado, uma categoria legalmente definida que possuía privilégios e deficiências claramente definidos e que mantinha uma relação hierárquica com outras ordens.42 No esquema de Webefs, ordo é parte do status de alguém posição na sociedade, junto com prestígio, valores sociais e a honra concedida pelo sistema social.43 Mas na sociedade romana a ordem tinha sua própria pia8 · Finley também destaca que, à medida que a ordem diminuía em importância, outros grupos alcançavam proeminência hierárquica, incluindo um chamou a nobreza. A nobreza não tinha status legal, mas tinha poder e era um grupo de status, baseado principalmente em famílias que tiveram um

queimador, estratificação ^ 65.

[41]Moses Finley, The Ancient Economy (Berkeley: Univ, of California, 1973), cap. Z 42Finley, Ancient Economy, 45.

[43]O significado mais antigo de status era precisamente o lugar legalmente reconhecido de alguém na sociedade, ou seja, seu patrimônio junto com os direitos e deveres dessa posição. Com o surgimento da igualdade social legal no período moderno, o termo foi aplicado a outros fatores que estratificaram a sociedade, especialmente aqueles relacionados à distribuição de honra e prestígio. Veja DA Sweetser, "Status," A Dictionary of the Social Sciences 、 eds. Julius Gould e William L. Kolb (Nova York: Free Press, 1964) 692-693.membro chega ao cargo de cônsul.44 Ao mesmo tempo, os que possuíam a cidadania

romana formavam uma ordem, ou seja, um grupo legalmente definido.

As categorias sociais legais e tradicionais não definiam adequadamente a sociedade romana. Muito dependia do status social, que muitas vezes era o caminho para o dinheiro e o poder político · A classe social (baseada na riqueza de uma pessoa) era muito menos importante porque geralmente se ganhava e se mantinha a riqueza por meio do poder político e se alcançava o poder político por meio de seu status na sociedade. 45 As distinções de economia e classe social estavam embutidas no sistema social mais amplo.46 O status era determinado por uma variedade de critérios sociais, incluindo cidadania e família. A riqueza era necessária para a pessoa da classe alta, mas sua posse não tornava a pessoa um membro da classe alta. Em contraste, o status obtido por pertencer à classe alta pode dar a oportunidade de adquirir ou aumentar a riqueza. Assim, status e poder eram mais importantes do que riqueza na sociedade antiga.47

Os estratos sociais em Roma e no Império não deveriam ser descritos como estáticos, pois estavam em constante turbulência. Um estudo mostra que metade das famílias senatoriais não conseguiu colocar um membro no senado na geração seguinte por uma variedade de razões.48 Muitos novos membros foram levados para as classes superiores e ordens devido à aquisição de riqueza, patrocínio imperial e social conquistas. Essas mudanças foram ainda mais

^ Finley, economia antiga, 46-47.

[45]Isso não quer dizer que o dinheiro era muito importante, já que a vida da classe alta, que exigia que ninguém trabalhasse, era impossível sem ele. Algumas das ordens romanas eram limitadas a pessoas com certa riqueza. No entanto, a riqueza por si só não era uma condição suficiente para dar um status ou poder. Ramsay Macmullen, Relações Sociais Romanas de 50 aC a 284 dC (New Haven: Yale, 1974) 88-91. GEM de Ste. Croix, The Class Struggle in the Ancient World From the Archaic Age to the Arab Conquests (Ithaca: Cornell, 1981) pp. 81-98 critica Weber e Finley de uma perspectiva marxista. Ele reafirma o domínio da economia e da riqueza (ou seja, classe) sobre o status, mas sua análise é menos convincente.

^ Finley, Ancient Economy49-51.

[47]A inter-relação desses fatores é bem afirmada por Geza Alfoldy, The Social History of Rome (Totowa: Barnes and Noble, 1985), 106: * Era preciso ser rico, ocupar cargos mais elevados e, portanto, poder, desfrutar de prestígio social e, acima de tudo , era preciso pertencer a um ordo líder, uma ordem corporativamente organizada e privilegiada que compreendia homens ricos, altos cargos e prestígio. Era apenas o homem que preenchia todas essas condições que realmente pertencia, em sentido pleno, às camadas superiores da sociedade ... w

^ Alfoldy, Social History, 117-11 &

frequente no final do Império Romano.49

Uma crítica recente a essas definições complexas de classe deve ser abordada. R. Rohrbaugh, em um estudo sobre o uso de "classe" e "status" nos estudos do Novo Testamento, observa que classe tem sido usada de várias maneiras por estudiosos que escrevem sobre o mundo social do Novo Testamento. Mais recentemente, Wayne Meeks, com base no trabalho de Finley, foi além de grandes e imprecisas definições de classe que agrupam pessoas de diferentes posições sociais em uma noção de status social com base em muitos critérios e resultando em uma série graduada de status.50 Os critérios para atribuição posição social são poder, prestígio ocupacional, renda ou riqueza, educação e conhecimento, pureza religiosa e ritual, posição familiar e étnica e status da comunidade local.51 Rohrbaugh critica a abordagem sintética e gradativa de classe e status social,

Como alternativa, Rohrbaugh sugere uma abordagem relacional para definir classe, que se concentra nas relações sociais que definem e produzem a posição social, não nas características da posição social produzida pelas relações.53 As relações sociais oferecidas por Rohrbaugh são o padrão econômico os de mercado ou de produção, por exemplo, empregador e empregado, credor e devedor, comerciante e consumidor, trabalhador produtor e não produtivo, não trabalhador. As estruturas da sociedade antiga seguem as estruturas de interesses, mas classe e status não estavam tão intimamente ligados à ocupação como estão hoje.54 Esses conceitos relacionais têm um valor explicativo para o mundo do Novo Testamento. Por exemplo, a relação de devedor era relativamente permanente. Os proprietários de terras que tinham

^ Alfoldy, Social History, cap. 6

^ Considerações metodológicas no debate sobre o status da classe social dos primeiros cristãos ", J4 / 4U 52 (1984) 519-546, esp. 521-527; ver também Wayne Meeks, The Urban Christians (New Haven: Yale, 1983) cap. 2, esp. pp. 53-55.

[51] Rohrbaugh, MClass Status, "528.

[S2]Rohrbaugh, MClass Status, "530. Mas dados históricos concretos podem tornar claras as sombras de status e poder de certos cargos e grupos, como é mostrado em Alfoldy, Social History.

[S3]Rohrbaugh, MClass Status, "531.

^ Rohrbaugh, "Class Status," 531-535. terra suficiente para tornar o trabalho físico desnecessário era uma classe relativamente permanente na sociedade, com relacionamentos permanentes com não proprietários.55

A crítica de Rohrbaugh ao uso impreciso das categorias classe e status é acurada e a estratégia que ele propõe, uma investigação de termos relacionais nos textos antigos, certamente seria frutífera. No entanto, o estudo das relações sociais é parte e não um substituto para a criação ou aplicação de categorias descritivas e explicativas gerais que iluminam os dados, permitem que sejam comparados transculturalmente e podem estar relacionados entre si dentro de uma teoria abrangente da sociedade .

Poder

Visto que o poder é tão importante para a maioria das definições de classe e status, é necessária uma análise precisa do poder em suas várias formas. Talcott Parsons analisou a sociedade usando a teoria da ação, sua própria variante do funcionalismo, em que "um sistema social é um sistema das ações dos indivíduos, cujas unidades principais são papéis e constelações de papéis. ^ 6 Ele categorizou a interação social em complexo sociedades de acordo com quatro meios simbólicos generalizados de interação e, portanto, especificados quatro tipos de "poder" disponíveis na sociedade.57 Os meios simbólicos de interação podem ser melhor explicados usando o dinheiro como exemplo. A troca é a troca direta de bens e não requer dinheiro ou qualquer outro meio. Mas, à medida que a sociedade e os intercâmbios econômicos se tornam mais complexos, um meio simbólico é usado para efetuar o intercâmbio econômico e auxiliar as relações econômicas. O dinheiro é simbólico e, portanto, não tem valor intrínseco. Funciona porque simboliza entidades físicas que têm valor e podem ser trocadas. Como um

[WL]**Rohrbaugh, "Class Status, w 541.**

% T. Parsons e E. Shils, Toward a General Theory of Action (Cambridge: Harvard UP, 1951) 197.

[57]**Talcott Persons, Politics and Social Structure (Nova York: Free Press, 1969), esp. CH. 15 * On the Concept of Political Power, "pp. 352-404 que foi originalmente nos Proceedings of the American Philosophical Society 107 (1963) 232-262 e Ch. 16 * On the Concept of Influence," pp. 405429 que foi originalmente no Public Opinion Quarterly 77 (1963) 37-61**meio simbólico, deve existir dentro de um sistema em que todas as partes atribuam ao dinheiro um significado e um valor. Concretamente, deve haver uma sociedade estável e contínua que tenha bens

suficientes disponíveis para que aquele que troca bens por dinheiro esteja confiante de que será capaz de trocar o dinheiro por bens.

Os outros meios simbólicos de troca são poder, influência e compromisso. O poder (agora em um sentido preciso, não no sentido generalizado que inclui todas essas categorias) é um meio simbólico de interação dentro da sociedade. Deve ser distinguido de um ato bruto de força física, que não é em si constitutivo da interação social na sociedade.[17]É melhor visto como poder político, na medida em que não requer o exercício efetivo da força física, embora essa opção permaneça como uma ameaça em segundo plano e seja a base do poder. Parsons define poder como 咒 A capacidade generalizada de garantir o cumprimento das obrigações vinculativas pelas unidades em um sistema de organização coletiva quando as obrigações são legitimadas com referência à sua relação com os objetivos coletivos e onde, no caso de recalcitrância, há uma presunção de aplicação por sanções situacionais negativas ▪ ▪▪ ”Observe a referência à generalização e legitimação. O poder, como meio simbólico, é mais do que um ato físico exercido uma vez em uma determinada situação; é uma capacidade a ser usada em muitas situações dentro de uma sociedade que a reconhece. O poder como meio simbólico ainda depende da capacidade final de coagir o comportamento, mas seu uso em uma sociedade em funcionamento é geralmente simbólico e sua permanência é protegida pela legitimação social, por exemplo, por lei, costume ou algum outro tipo de aceitação social.[18]

O objetivo do poder na sociedade é efetivamente mobilizar recursos para atingir os objetivos sociais. O poder pode ser usado para criar ou manter a ordem, para organizar novas atividades ou instituições sociais ou para atender melhor às necessidades da sociedade. Essas duas primeiras mídias simbólicas e as realidades por trás delas foram exercidas pela classe governante no Império Romano e formaram a base do império. O governante romano e, em menor medida, os principais sacerdotes judeus, anciãos importantes,

[17]Gouldner, Crisis, 286-297, aponta corretamente que Parsons subestima o papel da força física. Pessoas está interessado no funcionamento da sociedade e nas complexas interações dentro de uma sociedade em funcionamento. Assim, Parsons mantém a violência em segundo plano. A crítica de Gouldnerls aborda as reivindicações morais de Parsons por poder legítimo e é menos importante para o uso descritivo para o qual essas categorias estão sendo usadas aqui. A compreensão que as pessoas têm do poder implica, sim, na predisposição dos funcionalistas em favor das principais instituições que permitem o funcionamento da sociedade.

[18]A definição de poder de Parson é uma variante da de Weber, usada por Lenski acima. Baseia-se na capacidade do indivíduo de cumprir sua vontade contra a oposição.

grandes proprietários e funcionários importantes, todos tinham à sua disposição o poder baseado na força e na riqueza para sustentar tal sistema. Nos outros níveis da sociedade, algumas pessoas tinham menos poder e riqueza.

Compromisso ^o terceiro meio simbólico, contribui para o poder. Compromissos generalizados fundamentam os relacionamentos que unem os membros de uma sociedade. Os compromissos simbolizam os muitos relacionamentos reais que um membro da sociedade tem com todos os outros membros da sociedade. Padrões e motivações culturais compartilhados por todos são mobilizados para fazer com que as pessoas se submetam ao poder ou usem seus recursos para um propósito social. A integridade, a honra e a posição social de uma pessoa dependem de sua fidelidade às relações sociais e essas relações são simbolizadas pelos compromissos sociais e culturais gerais aos quais todos professam adesão. Em tempos de conflito ou necessidade, a sociedade ou seus membros podem apelar aos outros, ao comprometimento, ou seja, aos seus relacionamentos. O objetivo do compromisso é manter os padrões culturais e a integridade da sociedade. Tanto a classe governante judaica quanto grupos como os fariseus e escribas apelavam constantemente aos compromissos de seus companheiros judeus * com o judaísmo. Na verdade, o compromisso com o judaísmo foi a questão central do judaísmo desde a guerra dos Macabeus e provavelmente desempenhou um papel importante na formação de muitos grupos judeus. Com seu modo de vida constantemente ameaçado pelo helenismo e pelos romanos, os judeus defenderam seu modo de vida por meio de uma série de estratégias, muitas das quais exigiam a ativação dos compromissos do povo com as tradições e crenças judaicas

Finalmente, a influência pode produzir ação em outros porque simboliza o conhecimento factual e, portanto, serve para persuadir os outros a uma linha de ação. A influência "comunica uma intenção generalizada com base na qual a confiança em intenções mais específicas é solicitada e esperada". A pessoa influente é considerada uma fonte confiável de informações ou julgamento sobre as informações e, portanto, é capaz de influenciar o julgamento e

• **Parsons, Social Structure, 416.** ações de outros. A influência pode ser exercida na esfera política como uma influência política aliada ao poder político; na esfera econômica, como influência fiduciária que orienta a atividade monetária e econômica; e na área de

compromissos como uma influência norteadora que permite à pessoa conciliar e ordenar compromissos conflitantes. Em todos os casos, a influência simboliza fatos, interesses e argumentos racionais (e no caso da religião, crenças) que persuadem e motivam a pessoa a agir de determinada maneira. Finalmente, a influência, que tende a integrar as outras formas de interação social em um todo, interpreta as normas e leis da sociedade que especificam como os compromissos devem ser honrados, como o poder deve ser exercido e como a riqueza deve ser usada.[19]Em Josefo, diz-se várias vezes que os fariseus têm influência sobre o povo e os persuadem a seguir suas leis especiais para viver o judaísmo. O conhecimento dos fariseus * da lei e das tradições judaicas, aceito pelo povo, é a base de sua posição social. Presumivelmente, os escribas e sacerdotes também tiveram influência sobre algumas pessoas. A influência desses grupos de líderes variava com o tempo e as diferentes partes da sociedade que eles tentavam influenciar. A luta de Jesus com os fariseus, escribas e sacerdotes pode ser explicada mais facilmente como uma luta pela influência do povo.

Podemos resumir e esquematizar Parsons * quatro meios simbólicos de interação social dessa forma. O poder e o compromisso são apoiados por sanções negativas. Uma pessoa pode ser fisicamente forçada ou punida se não agir ou se perder a honra e o status. Dinheiro e influência são apoiados por incentivos positivos. Uma pessoa receberá algo físico se agir ou receberá o conhecimento necessário para decidir e agir de maneira útil ou produtiva. A influência e o comprometimento apelam à mente da pessoa para persuadir ou ativar os compromissos que ela aceita. Dinheiro e poder são situacionais no sentido de que apelam às circunstâncias que cercam uma pessoa para induzir ou forçar a pessoa a agir. Cada um dos meios simbólicos de interação, de acordo com a teoria da ação de Parsons *, tenta fazer com que outras pessoas ajam. Os objetivos de cada uma das mídias são diferentes. O poder diz respeito ao sistema político e é direcionado para a realização coordenada de objetivos sociais. O dinheiro diz respeito à economia e à troca de bens e é adaptativo, pois permite que a sociedade realoque os bens para atingir seus objetivos. O compromisso está relacionado à cultura e ao padrão subjacente à sociedade e seu objetivo é manter esse padrão, mantendo as pessoas firmemente comprometidas com os valores e perspectivas básicas da

[19] **Parsons, Social Structure, 420425.**

sociedade. Finalmente, a influência, que exerce um apelo cognitivo para a mente, preocupa-se com o desenvolvimento de leis e normas de ação baseadas em conhecimento confiável. Influência busca integrar a sociedade para que todas as pessoas ajam em conjunto dentro de um conjunto comum de diretrizes. O dinheiro diz respeito à economia e à troca de bens e é adaptativo, pois permite que a sociedade realoque os bens para atingir seus objetivos. O compromisso está relacionado à cultura e ao padrão subjacente à sociedade e seu objetivo é manter esse padrão, mantendo as pessoas firmemente comprometidas com os valores e perspectivas básicas da sociedade. Finalmente, a influência, que exerce um apelo cognitivo para a mente, preocupa-se com o desenvolvimento de leis e normas de ação baseadas em conhecimento confiável. Influência busca integrar a sociedade para que todas as pessoas ajam em conjunto dentro de um conjunto comum de diretrizes. O dinheiro diz respeito à economia e à troca de bens e é adaptativo, pois permite que a sociedade realoque os bens para atingir seus objetivos. O compromisso está relacionado à cultura e ao padrão subjacente à sociedade e seu objetivo é manter esse padrão, mantendo as pessoas firmemente comprometidas com os valores e perspectivas básicas da sociedade. Finalmente, a influência, que exerce um apelo cognitivo para a mente, preocupa-se com o desenvolvimento de leis e normas de ação baseadas em conhecimento confiável. Influência busca integrar a sociedade para que todas as pessoas ajam em conjunto dentro de um conjunto comum de diretrizes. O compromisso está relacionado à cultura e ao padrão subjacente à sociedade e seu objetivo é manter esse padrão, mantendo as pessoas firmemente comprometidas com os valores e perspectivas básicas da sociedade. Finalmente, a influência, que exerce um apelo cognitivo para a mente, preocupa-se com o desenvolvimento de leis e normas de ação baseadas em conhecimento confiável. Influência busca integrar a sociedade para que todas as pessoas ajam em conjunto dentro de um conjunto comum de diretrizes. O compromisso está relacionado à cultura e ao padrão subjacente à sociedade e seu objetivo é manter esse padrão, mantendo as pessoas firmemente comprometidas com os valores e perspectivas básicas da sociedade. Finalmente, a influência, que exerce um apelo cognitivo para a mente, preocupa-se com o desenvolvimento de leis e normas de ação baseadas em conhecimento confiável. Influência busca integrar a sociedade para que todas as pessoas ajam em conjunto dentro de um conjunto comum de diretrizes.

Conclusão

Os fariseus, escribas e saduceus devem ser entendidos como parte da sociedade judaica palestina e da sociedade antiga, que difere significativamente da sociedade moderna, a fim de evitar uma retrojeção anacrônica de categorias e conceitos modernos. Embora a abordagem estrutural funcionalista da sociologia, com suas categorias de classe, status e poder, tenha sido corretamente criticada e modificada, ela ainda é útil para organizar os dados e compreender alguns dos trabalhos da sociedade palestina e imperial. Deve-se ter muito cuidado para não impor conceitos modernos e sistemas rígidos à antiguidade e os métodos e resultados do funcionalismo devem ser qualificados e ajustados em resposta à história e literatura do primeiro século.

As principais categorias revisadas neste capítulo não serão suficientes para compreender os fariseus, escribas e saduceus, apenas para colocá-los em seu contexto mais amplo na sociedade palestina, uma tarefa a ser realizada no próximo capítulo. Uma visão mais aprofundada da natureza desses grupos e seus prováveis objetivos, natureza e relações sociais será obtida pelo uso de outras categorias, modelos e métodos sociológicos e antropológicos que serão introduzidos no capítulo 却 terceiro quarto.

3

Classes sociais na sociedade judaica palestina e no Império Romano

Josefo escreveu seus relatos sobre os judeus no período greco-romano da perspectiva das classes governantes, tanto romanas quanto judaicas. Ele trouxe pessoas, eventos e grupos para sua narrativa apenas na medida em que eles tiveram um impacto no nível mais alto da vida nacional. As relativamente poucas passagens que mencionam os fariseus mostram sua parte na vida política, social e religiosa do judaísmo. Essas passagens podem ser entendidas corretamente apenas no contexto do Império Romano e da sociedade judaica, com referência especial às relações e dinâmicas operativas entre os muitos grupos e forças sociais em ação no império. As lutas pelo poder descritas nos evangelhos e a formação de uma identidade para o judaísmo implícita na literatura rabínica ocorreram dentro do mundo social mais amplo do império.

Impérios agrários

Os judeus da Palestina durante os períodos helenístico e romano viviam em uma sociedade agrária que por sua vez fazia parte de um grande império aristocrático agrário, burocrático e parcialmente comercializado.1 Como impérios agrários, os impérios grego e romano

[1]**Veja Lenski, Power, Kautsky, Politics e Eisenstadt, Empires, para uma análise fundamental de impérios e grandes sociedades. Suas categorias se sobrepõem e diferem em**

3

alguns

também continha sociedades agrárias, uma vez que um império é composto de muitas pequenas sociedades organizadas em um todo.2 Os impérios agrários diferem das sociedades industriais modernas e das sociedades anteriores de horticultura em muitos aspectos. Em contraste com as sociedades hortícolas, as sociedades agrárias têm métodos de cultivo mais eficientes, especialmente o arado, e, conseqüentemente, uma população maior.3 Elas produzem um excedente agrícola maior, têm uma classe governante maior e mais dominante e são mais altamente organizadas e centralizadas.4 Em contraste com as sociedades industriais, as sociedades agrárias são baseadas na agricultura, com o comércio desempenhando um papel muito limitado na economia. Os impérios agrários são marcados por uma hierarquia muito acentuada e grande desigualdade, com controle e riqueza nas mãos de poucos.

As sociedades agrárias, em contraste com as sociedades industriais modernas, são constituídas por duas classes principais separadas por um amplo abismo e não mediadas por uma classe média. As duas classes são uma grande classe de camponeses que produz o alimento para fazer a sociedade funcionar e uma pequena classe governante de elite que protege os camponeses da agressão externa e vive do excedente agrícola produzido pelos camponeses. O excedente não é produzido espontaneamente, pois os camponeses tendem a cultivar apenas o que precisam ou encontram uso. Conseqüentemente, a classe governante deve organizar a sociedade de modo que os camponeses sejam forçados a produzir um excedente que pode ser extraído deles, geralmente por meio de impostos onerosos.6 Escusado será dizer que governantes responsáveis e eficientes também protegeram os camponeses para que eles pudessem plantar e colher posteriormente uma colheita sem

pressupostos teóricos e análises estruturais, mas em geral seu trabalho é complementar e útil para analisar os antigos impérios romano e helenístico e o judaísmo.》 Coloque dentro deles.

[2]**Kautsky, Política, 24, 120; Thomas Carney, The Shape of the Past: Models and Antiquity (Lawrence, KA: Coronado, 1975) 100-101.**

[3]**Lenski, Power, 117-11 e**

[4]**Lenski, Power, 142-148.**

[5]**Lenski, Power, 146-176.**

[6]**Kautsky, Politics, 79-80; 229; Carney, Forma, 99-100; Sjoberg, City, 118-120; 123-133; Finley, Ancient Economy, 50; MacMullen, Roman Social Relations, 88-94.**perturbação,

destruição ou roubo.[20]Os camponeses produziam produtos agrícolas e necessidades básicas da vida, como roupas, ferramentas e utensílios simples, mas raramente alcançavam mais do que a subsistência e mesmo a subsistência era freqüentemente ameaçada pelas demandas da classe governante e pela pressão do aumento da população. As atividades, interesses e perspectivas das classes governantes e camponesas eram totalmente diferentes umas das outras. Os camponeses, que constituíam a vasta maioria da população, viviam em um mundo separado das classes superiores e dos habitantes da cidade que dependiam da classe governante. Os camponeses viviam de acordo com o ano de trabalho da família, cujo objetivo era o Fantlessness Ao buscar este objetivo, uma família de camponeses teve que lutar contra a tributação excessiva (30-70% da safra),[21]

A classe governante não se dedicava diretamente ao trabalho agrícola, uma vez que uma de suas características distintivas era a liberdade da necessidade de se dedicar ao trabalho manual, mas vivia do excedente produzido pelos camponeses. Seu trabalho era supervisionar e controlar o trabalho agrícola dos camponeses, cuidar dos negócios comuns do império e providenciar a segurança e a continuação do império. Como a classe governante geralmente alcançava sua posição pelo exercício do poder militar, a maioria dos impérios, incluindo os impérios helenístico e romano, eram Estados conquistadores fundados e freqüentemente sustentados pelos recursos disponibilizados por meio da conquista. [22] A classe governante manteve sua posição com a ajuda do que Lenski chama de retentores, cujos papéis na sociedade eram militares, governantes, administrativos, judiciais e sacerdotais.[23] Esses retentores eram em sua maioria cidadãos que atendiam às necessidades da classe governante como
soldados, educadores, funcionários religiosos, artistas e artesãos

[20]Sociólogos conservadores e críticos têm interpretações divergentes da organização social dos impérios agrários. Os funcionalistas geralmente tentam entender como as principais estruturas sociais de uma sociedade mantêm o funcionamento da sociedade e têm uma tendência para aceitar estruturas sociais que funcionam de maneira ordenada. Sociólogos críticos avaliam as estruturas sociais por seu papel na promoção da opressão ou da libertação. Nenhuma das abordagens * é gratuita. *

[21]Camey, Forma, 99-100; Lenski, Power, 266-273; Kautsky, Politics, 79-80.

[22]Lenski, Power, 192-197.

^ Kautsky, Política, 161.

qualificados; é aqui que encontraremos os fariseus e escribas.[11] A classe governante e seus retentores raramente ultrapassavam 5 a 7% da população.12 Na sociedade moderna, os papéis dos retentores são desempenhados pela classe média, mas na antiguidade eles não eram uma classe média porque careciam de qualquer poder independente. Eles eram um grupo residual dependente da classe governante e participando de sua vida até certo ponto. No entanto, na medida em que alcançaram cargos poderosos, eles poderiam se tornar parte da classe governante, ou pelo menos desfrutar de muito de seu poder e privilégio.

A economia

O desenvolvimento e a existência de antigas sociedades agrárias e impérios dependiam de fatores econômicos e políticos. Avanços na tecnologia que permitiram uma agricultura eficiente (arados de ferro ou sistemas de irrigação elaborados) e tecnologia militar especializada (o cavalo, a carruagem, a armadura ou a fortaleza) foram cruciais no desenvolvimento do poder centralizado.13 O surgimento de uma classe governante também dependia e produzia uma economia redistributiva na qual uma autoridade central (o governo ou a propriedade) reunia os produtos agrícolas em um depósito central por meio de impostos e depois redistribuía os bens de acordo com o status e as funções ocupacionais. Como os impérios se tornaram muito grandes ou sofreram crises militares ou econômicas, a economia tendeu para uma economia de mobilização em que a classe governante assumiu o controle da economia para grandes projetos militares e econômicos. A mobilização da economia permitiu que os impérios adquirissem grande poder e produziu ampla diferenciação social.

O oposto desse tipo de economia controlada é uma economia de mercado comercializada, comum no mundo moderno. Depende da independência dos produtores e dos meios de troca livre, incluindo transporte, comunicação e troca ou dinheiro. Ao contrário das economias modernas, antigas

[11]Kautsky, Política, 323-328; Lenski, Power, 243-266.

[12]Lenski, Power, 214-248; Kautsky, Política, 229.

[13]Lenski, Power, 192-194.

economias não eram economias de mercado, embora os mercados locais e um mercado internacional de bens de luxo geralmente florescessem.[24] O Império Romano desde o seu início foi parcialmente comercializado, o que significa que os mercadores e comerciantes alcançaram algum poder independente além dos aristocratas que controlavam a economia agrícola · Mas a massa da população, os camponeses, não eram livres para cultivar e vender seus produtos para seus benefício próprio, mas eram controlados pela classe governante e impedidos por dificuldades no transporte e comercialização de alimentos. Dependendo das circunstâncias, alguns setores da economia podiam ser relativamente independentes, mas a maior parte era controlada.[25]

O sistema de classes nos impérios agrários

A análise de Lenski dos impérios agrários identifica nove classes significativas, cinco pertencentes às classes superiores e quatro às inferiores. As classes superiores são os niler (uma classe em si mesmo), a classe governante, a classe retentora, a classe mercante e a classe sacerdotal. As classes mais baixas são camponeses, artesãos, uma classe impura ou degradada e a classe dispensável.[26] Essas não são as únicas classes que se pode discernir na antiga sociedade imperial, mas são as mais significativas para a ordem política que mantinha os impérios unidos e se ajustavam aos impérios helenístico e romano razoavelmente bem. As categorias de Lenski, baseadas no estudo de vários impérios e períodos históricos, oferecem uma estrutura geral para a compreensão dos lugares e interações de grupos como os fariseus, escribas e saduceus · O sistema de classes oferece uma janela para olhar para muitos dos processos importantes em trabalhar na sociedade imperial e palestina e pode servir como um modelo inicial e hipótese.

Os fariseus se encaixam melhor na classe retentora como um grupo religioso e uma força política que interagia com a classe governante, freqüentemente influenciava a sociedade e às vezes ganhava poder. Os escribas, como burocratas, educadores e funcionários maiores e

[24] Camey, Shape, 141-142; 204-210.

疔 Kautsky, Politics, 18-23.

[26] Lenski, Power, 214-296; Eisenstadt, Differentiation 88-89, faz uma divisão ligeiramente diferente das classes.

menores, também se encaixam na classe de contenção. Os saduceus eram, de acordo com Josefo, membros da classe governante e da classe sacerdotal, assim como alguns fariseus e escribas · Uma rápida pesquisa das classes governantes mostrará como os fariseus e escribas se encaixam e também porque os fariseus não eram membros da as pessoas comuns, artesãos ou qualquer outra classe inferior, como sustentam alguns estudiosos.

1. O governante da maioria dos impérios e dos estados centralizados tinha um poder de longo alcance e às vezes era considerado o dono de todos os territórios. Muitos governantes eram proprietários funcionais se propriedade for definida como o direito de se beneficiar de algo. Por meio de impostos e de medidas mais duras ocasionais, como confisco, bem como por concessões de terras e direitos políticos, os governantes conseguiram controlar todas as classes, especialmente as classes governantes. Os governantes eram geralmente constrangidos pela necessidade de apoio e trabalho das outras classes e pela necessidade de permanecer dentro da estrutura tradicional da sociedade.[27]Os imperadores romanos de Augusto em diante exerceram grande poder e levaram o império romano ao auge de sua riqueza e poder · Dentro da sociedade judaica, João Hircano e Alexandre Jannaeus até certo ponto e Herodes certamente tinha esse tipo de poder · É claro, Herodes era apenas governante dentro dos limites impostos por Roma e, portanto, fazia simultaneamente parte da classe governante do Império ·

2. A classe governante era muito pequena, apenas cerca de 1-2% da população. Era composta de aristocratas hereditários e burocratas nomeados. Um governante central forte, com bom transporte e comunicação, favorecia uma burocracia designada que estava sob seu controle direto e dependente dele para seu poder · Um governante que fosse militarmente bem-sucedido poderia anexar territórios estrangeiros e adquirir grande riqueza e influência que o capacitaram a subordinar as classes governantes de maneira mais eficaz.[28]Se a autoridade central de um país ou império era desorganizada ou fraca, isso favorecia o feudalismo no qual os governantes locais hereditários alcançavam um poder substancial independente do governante. Se a classe governante fosse a elite militar, se ela se mantivesse estat ^ grande durante a primogenitura ou se a sucessão hereditária ao trono produzisse governantes fracos, então a classe governante era capaz de

[27]**Lenski, Power, 214-219; Eisenstadt, Empires, 364-365.**
[28]**Lenski, Power, 219-239.**

ganhar e manter o poder · Ser membro da classe governante incluía o direito de si próprio - engrandecimento por meio de doações do governante e "enxerto honesto" na condução do cargo. Os escritórios eram frequentemente vendidos e esperava-se que o titular ganhasse fortuna com sua posição. A propriedade da terra, a principal forma de riqueza, era secundário em relação ao poder político porque o poder político era usado para adquirir terras e riqueza e a falta de poder político poderia resultar na perda de terras e riqueza por meio de impostos e confisco.19 Os governadores romanos enviados para a Síria e a Palestina eram dessa classe, como eram Herodes e seus descendentes. Até certo ponto, os principais sacerdotes funcionavam como parte dessa classe, mas não eram tão helenizados nem tão aceitos na sociedade romana como Herodes e seus sucessores · A sociedade judaica era governada pela classe governante (os principais sacerdotes, grandes proprietários de terras, anciãos notáveis e oficiais importantes), exceto quando um governante forte como Herodes tinha o controle.

3. A classe retentora, talvez 5% da população, atendia às necessidades do governante e da classe governante. Até certo ponto, eles compartilhavam da vida da elite, mas não em seu poder direto · Soldados, funcionários do governo burocrático, vários tipos de servos, líderes religiosos e educadores eram todos necessários para o funcionamento da sociedade e como grupo eles tinham uma grande impacto na sociedade e na cultura. No entanto, os retentores individuais não tinham energia porque qualquer pessoa poderia ser facilmente substituída por outra. Alguns retentores podem se tornar muito poderosos e passar para a classe governante, enquanto outros podem perder sua posição e cair novamente no campesinato. Seus cargos podiam se tornar hereditários, mas com maior frequência eram burocráticos e, portanto, sujeitos à nomeação do governante. Esse grupo ganhou mais poder quando a classe governante deixou de ser governantes eficazes e deixou o assunto em suas mãos. Quando os altos oficiais militares eram profissionais e membros da classe governante, e não da classe governante, os retentores representavam uma séria ameaça à classe governante.20

[19]Lenski, Power, 210-211; 229; Richard L. Rohrbaugh, "Class Status, * 542. Além da atividade política, que inclui conquistas militares, a atividade mercantil era a única forma alternativa de aumentar substancialmente a riqueza.

»Lenski, Power, 243-248.

Muitos escribas eram membros da classe de retentores em suas

funções de burocratas e funcionários menores. Alguns padres de escalão inferior e líderes locais tradicionais provavelmente se encaixam aqui também. Mesmo funcionários desprezados, como Levi, o cobrador de impostos, chamado por Jesus, se encaixam nessa classe.[29]Visto que os fariseus aparecem em Josefo como um grupo reconhecido que exerce funções religiosas, políticas e possivelmente educacionais, eles parecem se encaixar na classe de retentores. Por terem influência sobre o povo e lutar por influência e poder no governo judaico, eles não podem ser camponeses pobres ou artesãos urbanos que passam todo o seu tempo produzindo o suficiente para sua subsistência.[30] É provável que os fariseus fizessem parte das classes dominantes como retentores de alguma forma dependentes dos ricos e poderosos que controlavam a maior parte do excedente da sociedade. No primeiro século os fariseus podem ter feito parte da muito complexa liderança do Judaísmo, baseada em Jerusalém, como Josefo os descreve, ou (menos provável) podem ter sido parte ou aliados dos proprietários rurais, como o Evangelho de Lucas as fotos

· A análise de classe geralmente depende substancialmente da posição econômica de um grupo de pessoas, mas não temos informações contemporâneas sobre como os fariseus se sustentavam.[31] No entanto, o lugar de uma pessoa na sociedade antiga era determinado muito mais pelo status e poder de uma pessoa do que pela riqueza (em contraste com a sociedade industrial moderna), de modo que a análise de classe no sentido de Lenski não é impossível.

4. A classe mercantil não se encaixa perfeitamente nem nas classes dominantes nem nas classes mais baixas. Os comerciantes geralmente tinham baixo prestígio, nenhum poder direto e eram recrutados entre os sem-terra. Mas eles escaparam do controle total da classe governante porque tinham uma relação de mercado com eles, ao invés de uma relação de autoridade, e porque a classe rding

[29]Marcos 2: 13-17; Lucas 5: 27-32; Mateus 9: 9-13 (onde Levi é Mateus).

"Veja a próxima nota e as seções sobre artesãos abaixo.

^ Textos rabínicos posteriores falam de rabinos que eram artesãos, fazendeiros ricos (empregando outros, portanto, nobreza) e mercadores. No entanto, os textos rabínicos contêm uma afirmação sobre se um rabino deve trabalhar ou passar todo o seu tempo estudando a Torá. Claramente, no século III e além, o Judaísmo é dividido entre o rabino como funcionário religioso apoiado em tempo integral e o ideal de todo judeu trabalhador como erudito e um rabino. Ver EE Urbach, The Sages (Jerusalem: Magnes, 1975) 1.599-603; 609-610. Anthony J. Saldarini, Scholastic Rabbinism (BJS 14; Chico: Scholars, 1982) 82-84. A disputa está contida em ditos (por exemplo, Pirke Abot 1: 9; 2: 2; 3: 5; 4: 5) e em anedotas sobre os rabinos (por exemplo, Rav Huna em b. Megillah 105a).

precisava deles para luxos e alguns itens essenciais.[32]

5. A maior parte da classe sacerdotal dependia da classe governante, assim como os retentores. Os líderes da classe sacerdotal eram membros da classe governante, bem como da classe sacerdotal. Por causa das contribuições para o sistema religioso, como o dízimo determinado pela Bíblia, a classe sacerdotal geralmente controlava grandes riquezas. Mas a riqueza era insegura porque a classe sacerdotal estava subordinada aos poderes da classe governante e governante. A classe sacerdotal tendia a desenvolver uma base de poder independente e competir com a classe governante política e governante pelo poder, especialmente porque reivindicava uma fonte independente e divina de autoridade (ver cap. 1). Em certos momentos da história judaica, os principais sacerdotes alcançaram o domínio, por exemplo, sob os hasmoneus. No entanto, eles também podem perder energia, assim como os hasmoneus ·

6. Os camponeses constituíam a maior parte da população porque a maior parte da mão-de-obra era destinada à produção de alimentos. Eles eram fortemente tributados, normalmente à taxa de 30-70% da safra, mantidos sob controle e só podiam ganhar poder quando tinham importância militar ou quando havia escassez de mão-de-obra · Havia diferenças de classe entre os camponeses, mas eles têm não diz respeito às questões abordadas neste estudo.[33]

7. A classe dos artesãos era semelhante à dos camponeses sem poder. Os artesãos, junto com a classe impura abaixo, eram apenas 3-7% da população. Eles não eram produtivos o suficiente para se tornarem ricos, na maioria das vezes, e não tinham poder, a menos que suas habilidades fossem tão difíceis de adquirir que pudessem receber altos salários e concessões.[34] Sua baixa produtividade e dependência das classes altas significava que eles não eram uma classe média, como na sociedade moderna de hoje. Alguns membros

[32]Lenski, Power, 250-256. Alguns comerciantes alcançaram posição elevada e poder político real, mas esses casos foram a exceção. Kautsky, Politics, 18-23. HW Pleket, "Urban Elites and Business in the Greek Part of the Roman Empire, w TYade in the Ancient Economy, eds. Peter Gamsey et al. (Berkeley: Univ, of California, 1983), aponta que no Império Romano muitos os aristocratas usavam libertos e escravos para conduzir negócios grandes e lucrativos para eles.Neste caso, a classe governante passou a ser comercializada indiretamente.

"Lenski, Power, 266-276.

"Lenski, Power, 278-280. Louis Finkelstein, The Pharisees: The Sociological Background of their Faith (3 ed .; Philadelphia: Jewish Publication Society, 1966) sustentou por muito tempo que os fariseus faziam parte do proletariado e ganhavam a vida como urbanos artesãos. Mas isso é muito improvável. Os trabalhadores urbanos e os artesãos não faziam parte da classe média, como

desse grupo eram camponeses expulsos da terra. Jesus era dessa classe, assim como Paulo e os pescadores, Pedro, André, Tiago e João · Embora longe de serem indigentes, eles não tinham poder e influência na sociedade.27

8. A classe suja geralmente fazia as tarefas nocivas, mas necessárias, como se bronzear. Ou se engajou em trabalhos tão difíceis que sua saúde logo foi destruída, por exemplo, mineração.28

9. Por fim, havia a classe dispensável, cerca de 5 a 10%, para a qual a sociedade não tinha lugar ou necessidade. Eles foram forçados a deixar a terra por causa das pressões populacionais ou por não se encaixarem na sociedade · Eles tendem a ser sem-terra e itinerantes, sem vida familiar normal e com uma alta taxa de mortalidade. Atividades ilegais à margem da sociedade eram sua melhor perspectiva de sustento.29 É provável que a maior parte dos bandidos, rebeldes e seguidores de pretendentes messiânicos registrados por Josefo durante o período romano fossem membros dessa classe. Os camponeses que foram expulsos de suas terras, bem como os camponeses que mal se agüentaram e ameaçados de ficar sem terra, seriam atraídos por movimentos que prometiam a justiça não dada a eles pelo sistema social atual.30

A fronteira entre as classes superior e inferior foi fixada. Ocasionalmente, alguém da classe baixa mudava-se para a classe alta, mas a mobilidade descendente era mais comum. A pressão populacional foi a grande causa da mobilidade descendente.

eles às vezes são hoje. Embora não saibamos quase nada sobre a vida econômica dos fariseus (especialmente se desconsiderarmos a visão posterior projetada no primeiro século pela literatura rabínica), sabemos como a classe dos artesãos vivia com os dados do império romano e de outros impérios. Tanto os artesãos quanto as classes impuras ou degradadas eram semelhantes aos camponeses sem poder.

[27]Ver Wilhelm Wuellner, The Meaning of "Fishers of Men" (Filadélfia: Westminster, 1967), que elimina o mito dos apóstolos como pescadores analfabetos e indigentes. Por outro lado, sua criação de uma "classe média" é enganosa (45-53). Os pescadores podiam prosperar em certas épocas, mas gostavam de outros artesãos estavam limitados ao seu próprio trabalho. Se fossem administradores, poderiam aspirar ao classes altas, mas sua situação era precária como a dos mercadores.

[28]Lenski, Power, 280-281. Sjoberg, City, 133-137, chama essa classe e a classe dispensável de "párias", mas ele enfatiza que elas fazem parte da sociedade e realizam tarefas servis essenciais.

»Lenski, Power, 281-284.

• Para uma excelente análise desses grupos e das plantas, veja Horsley, Bandits.

Alguns aristocratas tornaram-se pobres e caíram ao nível do

campesinato. Muitos camponeses foram forçados a deixar a terra e tornaram-se lalx) r contratados, ou membros das classes impuras ou dispensáveis. Alguns grupos subordinados alcançaram status privilegiado, dependendo das circunstâncias econômicas ou políticas e de seu uso para as classes superiores (por exemplo, os judeus em certas épocas no Ocidente durante a Idade Média). Grupos étnicos ou religiosos podem receber status privilegiado por meio da conquista.[35]

Em conclusão, deve-se enfatizar que as nove classes definidas por Lenski não são categorias estanques, nem são adequadas para explicar completamente todas as complexidades da sociedade judaica no Império Romano. No entanto, eles fornecem uma maneira de ver a sociedade do primeiro século como um todo e ver como diferentes partes da sociedade interagiram. A visão de Lenski sobre a estrutura social, baseada no estudo de vários impérios, se ajusta aos impérios helenístico e romano bem o suficiente para ser útil. Uma leitura detalhada das particularidades históricas da história judaica e romana poderia produzir inúmeras modificações e acréscimos ao sistema de classes de Lenski, mas as classes conforme ele as descreve fornecerão uma estrutura para um trabalho mais detalhado e orientação na compreensão das relações de grupos como o Fariseus,

A cidade

A cidade era o lar da classe governante e das classes que os apoiavam e ajudavam. Foi também o lugar onde as lutas e mudanças políticas e religiosas geralmente começaram. Na Palestina, Jerusalém era a cidade onde o poder estava concentrado, junto com Cesaréia Marítima, quando o prefeito ou procurador romano estava lá, e vários centros regionais na Galiléia, como Séforis e Tiberíades. Um breve levantamento da cidade antiga fornecerá um contexto para o estudo dos fariseus, escribas e saduceus ·

As cidades foram criadas pelas necessidades da classe governante que geralmente vivia nelas. A função da cidade era política, administrativa, militar, religiosa e educacional e a própria existência da cidade e a difusão das cidades eram causadas pela necessidade dessas funções e pelas pessoas que as desempenhavam.[36]As cidades dominaram a vida política, cultural e econômica dos impérios e

[35]**Lenski, Power, 284-296.**
[36]**Sjoberg, City, 67-91; Lenski, Power, 200-201.**

sociedades. É crucial definir a cidade corretamente, especialmente em contraste com os grandes centros urbanos contemporâneos. Uma cidade na antiguidade, como centro administrativo, poderia ser o que hoje chamaríamos de grande vila ou vila, mas essencialmente se qualificou como cidade porque a maioria das pessoas nela não trabalhava diretamente na agricultura e porque as atividades do a cidade dominava a vida cultural, religiosa, política e econômica do império, região ou sociedade. As cidades existiam para atender às necessidades da classe governante, incluindo seus parentes e empregados. Forneceu defesa, comunicação e fórum para muitas outras atividades que permitiram à classe governante dominar a sociedade.[37] Consequentemente, as classes dominantes dominaram as cidades.[38]Os camponeses, a maior parte da sociedade antiga, estavam ausentes da cidade e as tensões urbano-rurais começaram. A cidade incluía membros das classes artesãos e impuros, bem como vários da classe dispensável sem terra. Todas essas classes baixas serviam às classes altas e cuidavam das tarefas servis necessárias para a vida e o luxo.

Os fariseus, escribas e saduceus, bem como outros grupos, parecem ter se originado e florescido na cidade. Os ricos e poderosos viviam na cidade junto com as classes e grupos que deles dependiam. A maioria dos habitantes da cidade eram burocratas, artesãos, mercadores, criados, funcionários religiosos e outros dependentes diretamente da classe governante. Não formavam uma classe média no sentido moderno porque careciam de poder, como os camponeses, e eram quase totalmente dependentes dos poderosos para os quais trabalhavam. Eles eram um grupo residual entre a classe dominante e os camponeses.[39] Como grupo, careciam de coerência interna e eram fundamentalmente um instrumento dos poderosos.[40]Ao lidar com burocratas, funcionários religiosos e militares, deve-se distinguir entre os líderes que muitas vezes eram membros da classe governante

[37]O fenômeno da família extensa não é comum à sociedade tradicional em geral, ao contrário da crença popular. Os camponeses dependiam da família nuclear imediata para fornecer mão de obra suficiente para cultivar a terra. Somente os ricos podiam pagar a quantidade e a qualidade dos meios para se manter unidos e servir a uma grande família. (Sjoberg, City, 110 ^ 133).

[M]É notável que Josefo relata, em seu relato da guerra judaica contra Roma, que a classe governante perdeu o controle do judaísmo e, portanto, do governo, quando muitos grupos externos, incluindo camponeses sem terra, assumiram o controle da cidade e conseguiram se revoltar não apenas dos romanos, mas também da classe governante judaica.

[39]Kautsky, Política, caps. 12-13 e esp. 323-328.

^ Kautsky, Política, 333-334.

e os membros de escalão inferior que muitas vezes eram camponeses forçados a deixar a terra por pressão populacional ou algum outro evento. Por exemplo, embora os padres cristãos sejam, em teoria, todos membros de uma classe contínua, o status e a classe de um pároco na idade média eram muito diferentes dos de um bispo que freqüentemente vinha da nobreza e exercia grande influência ou controle direto na o governo do país.

Como as cidades dominaram a sociedade agrária, mudanças e novos movimentos na sociedade tenderam a se originar na cidade.[41]Muitos conflitos sociais eram apenas a classe governante em conflito consigo mesma sobre quem governaria. No entanto, esse conflito produziu novos grupos, movimentos e ideias ocasionais. Em geral, a sociedade antiga carecia do ritmo de mudança e mobilidade social característicos da sociedade moderna.

O coração de uma cidade, se fosse um centro de governo, era a burocracia governamental, incluindo altos e baixos funcionários que implementavam decisões, faziam funções governamentais e cuidavam da real distribuição de recursos dentro da sociedade · A burocracia tem sua própria organização interna e funciona como uma parte distinta da sociedade · De acordo com Camey, a definição estrutural de uma burocracia é qualquer grupo de cargos oficiais hierarquicamente organizados em uma organização formal que persiste ao longo do tempo, com símbolo de status reconhecido e padrões de recrutamento e promoções. componentes especiais, como militares ou religiosos.[42]A burocracia bizantina que Camey estudou tinha três níveis principais de burocracia: altos funcionários, os funcionários alfabetizados e os funcionários analfabetos que realizavam tarefas servis. Uma burocracia nomeada deve sua existência originalmente ao governante e é sua ferramenta. No entanto, uma burocracia tende a se tornar autossustentável e independente do governante ou de qualquer outra força da sociedade. Além disso, os aristocratas muitas vezes se esforçam para capturar as posições-chave em uma burocracia e, assim, recuperar o poder perdido.39

[41]Eisenstadt, Differentiation, 90-91 e 11 Ml20, enfatiza o poder do centro, isto é, das classes dominantes, de manipular e mudar os símbolos para controlar a sociedade.

[M]Camey, Shape, 52.

Conclusão

As categorias abstratas de classes sociológicas usadas para descrever a sociedade judaica dentro do Império Romano podem ser seriamente enganosas se forem reificadas e impostas ao mundo antigo. Eles podem ser úteis se guiarem a interpretação de textos e forem modificados por esses textos para fornecer uma teoria descritiva e, se possível, explicativa para os eventos e visões da antiguidade. Eles também são um corretivo útil para a aplicação inconsciente das visões sociais modernas no mundo antigo.

A aula é especialmente útil para análises em grande escala das relações entre diversos grupos dentro da sociedade · Josefo olha especialmente para o Judaísmo da perspectiva do mundo exterior, provavelmente porque seu público foi retirado desse mundo. Os evangelhos são ambientados naquele mundo, especialmente nas narrativas da paixão. As fontes rabínicas ignoram o mundo não-judeu em sua maior parte e devemos freqüentemente deduzir a classe e o status da comunidade judaica de suposições no texto e outros conhecimentos do mundo antigo.

Os fariseus retratados por Josefo se encaixam mais facilmente na classe de empregados. No entanto, carecemos de uma evidência crucial sobre seu lugar na sociedade, a fonte de seu apoio econômico · Nem Josefo nem os evangelhos deixam claras as fontes de seu apoio financeiro, mas seu poder e influência são mais importantes do que seus recursos financeiros e teriam tem sido a chave para seu poder e influência.

O número limitado de categorias e aspectos da sociedade antiga cobertos neste capítulo não faz justiça à estrutura social concreta do Império Romano, que era muito complexa, envolvendo uma miríade de relações entre seus povos e classes, relações que variavam de acordo com o lugar e ao longo Tempo.

^ **Carney, Shape, 52-53.** Antes de voltar aos textos, é necessário olhar para o locus principal da vida judaica palestina, a aldeia, e para as relações sociais em uma escala menor. A sociedade foi unida por uma rede de relações de grupo que será explorada no próximo capítulo e usada para explicar muito do material dos evangelhos e fontes rabínicas.

4

Relações Sociais e Grupos na Palestina

A maioria dos textos do evangelho que tratam dos fariseus e alguns que incluem escribas são ambientados nas cidades e vilas da Galiléia. Somente no final dos evangelhos sinóticos e periodicamente em João, Jesus vai a Jerusalém e confronta a classe governante judaica e romana da Palestina em todo o seu poder. Assim, a rede de relacionamentos que unia vilas, vilas e cidades é crucial para a compreensão dos fariseus e escribas conforme aparecem nos evangelhos. Serão utilizadas categorias sociológicas e antropológicas mais apropriadas para pequenos relacionamentos e grupos face a face. Uma vez que as relações sociais e grupos eram muitos e diversos, este capítulo, mais do que outros, conterá um grande número de definições e pode ser usado como uma referência em conjunto com análises posteriores das fontes.

Os grupos judeus e cristãos do primeiro século podem ser vinculados às categorias de classe que foram esboçadas anteriormente. As classes são categorias muito amplas que agrupam diferentes grupos de maneira abstrata. Essas categorias ignoram muitas diferenças e características de identificação importantes de cada grupo no interesse de uma visão geral global. Consequentemente, as categorias de classe e status em grande escala são menos frutíferas para analisar a rede de relações que une as pessoas nas aldeias, como parentesco, amizade, patrocínio e competição por prestígio, normas comunitárias de comportamento, o código de honra e a multiplicidade de organizações ao qual eles pertenciam. As pessoas tinham dezenas de relacionamentos pessoais e corporativos que definiam seu lugar na sociedade

e seu próprio autoconceito e identidade. As pessoas pertenciam simultaneamente a uma classe importante na sociedade, um grupo de parentesco e um grupo territorial (isso geralmente incluía a religião), a subgrupos dentro de sua classe e talvez a associações voluntárias. Além disso, suas atividades podem tê-los tornado parte de coalizões e facções na luta por poder ou renda. Os fariseus, escribas e saduceus, bem como os seguidores de Jesus, revolucionários, grupos messiânicos e apocalípticos, herodianos, etc., eram todos grupos existentes dentro e às vezes atravessando as principais classes da sociedade judaica.

No período helenístico, grupos judeus floresceram e sua existência foi explicitamente registrada, especialmente por Josefo e 1-2 macabeus, llie fariseus, saduceus e essênios são os mais conhecidos, mas não os únicos. Os cristãos eram originalmente um subgrupo do judaísmo, assim como vários bandos messiânicos e, na época da guerra com Roma, os zelotes e sicários. A presença de tais grupos nas fontes indica o meio helenístico do judaísmo e do cristianismo, no qual associações privadas e voluntárias para adoração, socialização e outras atividades eram comuns. Os fariseus, escribas, essênios, tristes, seguidores de Jesus e muitos outros grupos foram reconhecidos como unidades identificáveis dentro da sociedade política judaica. Eles transcenderam a aldeia e a família e muitas vezes desempenharam um papel na vida nacional e local. A falta de dados históricos claros sobre a organização interna de muitos grupos judeus do primeiro século produziu muitas controvérsias infrutíferas. Algumas hipóteses gerais sobre os tipos de grupos que podem ter existido na sociedade antiga, como os grupos surgiram, qual era sua posição social e quais eram suas funções geralmente fornecerão alguma orientação para nosso subsequente exame histórico detalhado de grupos no Império Greco-Romano e no judaísmo.

Village Society na Palestina

Uma vez que 90% das pessoas na antiguidade eram agricultores, a maioria dos residentes da aldeia eram agricultores. As cidades maiores e talvez algumas aldeias também tinham especialistas, como artesãos qualificados, cuja pobreza e baixa posição social eram semelhantes às dos camponeses. Os líderes de uma aldeia eram os mais velhos e cidadãos notáveis que eram os líderes das famílias proeminentes. Em pequenas aldeias, esse grupo geralmente não era

organizado em um corpo legalmente constituído, como um conselho municipal, embora provavelmente estivesse nas cidades maiores. As famílias dirigentes eram marcadas pelo prestígio derivado da riqueza, o que significava a posse da terra, pela liderança tradicional exercida por um longo período de tempo e pelo serviço à comunidade. Representantes do governo, como funcionários burocráticos e cobradores de impostos, também eram líderes de uma espécie. Se fossem estrangeiros ou considerados hostis aos aldeões, então eram adversários dos líderes da aldeia e competidores pelo poder. Se fossem cidadãos locais que ajudavam a aldeia em suas relações com o governo nacional ou império, faziam parte da liderança. Em cidades maiores, os comerciantes e artesãos mais bem-sucedidos, bem como outros especialistas, poderiam obter riqueza significativa e exercer influência e poder · Os padres hereditários residentes no distrito e qualquer pessoa letrada e instruída que conhecesse e interpretasse as tradições sociais e religiosas da cultura também foram vistos como líderes · As evidências muito limitadas sobre os escribas nos evangelhos sugerem que eles faziam parte da liderança letrada, embora faltem evidências para eles como um grupo coerente.

Muitos estudiosos trataram a sinagoga da aldeia como um centro de poder separado da liderança civil e sob o controle dos fariseus. Esta reconstrução não tem evidências do primeiro século para apoiá-la. A liderança da aldeia descrita acima provavelmente exerceu autoridade sobre a sinagoga como ela existia nas aldeias palestinas. Nas aldeias e cidades com uma grande pluralidade de judeus, é provável que a assembleia da cidade para negócios e comemorações fosse coextensiva com a assembleia para a oração no sábado e festas (a sinagoga). Provavelmente se reunia na praça da cidade, no pátio ou sala de uma grande casa ou no prédio da assembleia da cidade, e não em um prédio dedicado exclusivamente ao culto público. Há poucas evidências de edifícios de sinagogas na Palestina no primeiro século. O " sinagogas ”nas fortalezas judaicas em Massada e Herodium eram salas de reuniões usadas para muitos fins, incluindo a oração comunitária e a leitura das escrituras. É apenas no século III que edifícios dedicados à adoração aparecem regularmente na Palestina.1 É duvidoso que pequenas aldeias pobres tivessem seu próprio rolo da Torá ou um professor aprendesse mais do que o básico da lei. Os mesmos líderes proeminentes e (mais ou menos) eruditos que dirigiam a comunidade provavelmente lideravam a sinagoga, já que as sociedades política e religiosa eram uma só. Isso torna mais compreensível a oposição a Jesus, o estranho, por parte dos líderes de

vilarejos judeus que o viam como uma ameaça à sua posição social e perturbador de seu modo de vida tradicional. É apenas no terceiro século que edifícios dedicados à adoração aparecem regularmente na Palestina.1 É duvidoso que pequenas aldeias pobres tivessem seu próprio rolo da Torá ou um professor aprendesse mais do que o básico da lei. Os mesmos líderes proeminentes e (mais ou menos) eruditos que dirigiam a comunidade provavelmente lideravam a sinagoga, já que as sociedades política e religiosa eram uma só. Isso torna mais compreensível a oposição a Jesus, o estranho, por parte dos líderes de vilarejos judeus que o viam como uma ameaça à sua posição social e perturbador de seu modo de vida tradicional. É apenas no terceiro século que edifícios dedicados à adoração aparecem regularmente na Palestina.1 É duvidoso que pequenas aldeias pobres tivessem seu próprio rolo da Torá ou um professor aprendesse mais do que o básico da lei. Os mesmos líderes proeminentes e (mais ou menos) eruditos que dirigiam a comunidade provavelmente lideravam a sinagoga, já que as sociedades política e religiosa eram uma só. Isso torna mais compreensível a oposição a Jesus, o forasteiro, por parte dos líderes de vilarejos judeus que o viam como uma ameaça à sua posição social e perturbador de seu modo de vida tradicional. Os mesmos líderes proeminentes e (mais ou menos) eruditos que dirigiam a comunidade provavelmente lideravam a sinagoga, já que as sociedades política e religiosa eram uma só. Isso torna mais compreensível a oposição a Jesus, o estranho, por parte dos líderes de vilarejos judeus que o viam como uma ameaça à sua posição social e perturbador de seu modo de vida tradicional. Os mesmos líderes proeminentes e (mais ou menos) eruditos que dirigiam a comunidade provavelmente lideravam a sinagoga, já que as sociedades política e religiosa eram uma só. Isso torna mais compreensível a oposição a Jesus, o estranho, por parte dos líderes de vilarejos judeus que o viam como uma ameaça à sua posição social e perturbador de seu modo de vida tradicional.

Relações sociais

Como as relações sociais múltiplas e complexas das pessoas não podem ser compreendidas por classes estáticas e definições de grupo, alguns sociólogos analisaram todas as relações sociais como uma rede que fomenta o surgimento de muitos tipos de grupos e fundamenta seus trabalhos.2 Os relacionamentos com as pessoas podem ser divididos em em pelo menos seis zonas, das relações

familiares íntimas às associações utilitárias de trabalho e ao mero reconhecimento.3 As interações entre as pessoas podem ser simples ou múltiplas (envolvendo mais de um papel) e variam enormemente em importância e valor. As interações podem ser unidirecionais ou mútuas em vários graus e sua frequência e duração também variam. As redes como um todo podem ser classificadas de acordo com características estruturais, como tamanho, densidade (quantos membros da rede têm interações independentes entre si),[43]

Essa análise das relações que unem a sociedade pode dar uma imagem detalhada de como a sociedade funciona e das causas da atividade social, se os dados estiverem disponíveis. Por meio de sua análise das redes, Boissevain sugere que as pessoas são movidas a agir por suas relações pessoais importantes, bem como por seus valores sociais (Durkheim) e interesses. O conceito de redes sociais explica o sistema cliente patrono (abaixo) em que uma relação pessoal próxima está subjacente a todas as outras trocas de favores. Também explica a forte adesão a Jesus como mestre, curador e salvador por parte de seus discípulos e da comunidade cristã primitiva que se voltou para Jesus como seu patrono celestial. Não está claro o que atraiu e uniu os fariseus, mas essa maneira de ver a sociedade guiará nossa investigação dessa questão.

Embora a falta de evidências impeça uma análise detalhada dos fariseus, escribas e saduceus, a própria consideração das questões levantadas pela análise de rede protegerá contra uma falha frequente no tratamento desses grupos, que é descrevê-los como se fossem parte de uma situação social simples e estática.[44]Na verdade, as relações sociais e de grupo mudavam constantemente, como indicam Josefo e, em menor medida, o Novo Testamento e a literatura rabínica. Os fragmentos isolados de evidência contribuirão para um todo mais ordenado apenas se a interpretação for guiada por um conjunto abrangente de questões relativas às relações sociais dos fariseus, escribas e saduceus com o resto da sociedade ▪

HONRA E VERGONHA

[43]**Boissevain, Friends, 28-45.**

[44]**Alguns teóricos tratam os grupos como entidades nocionais (usadas por conveniência) e estudam, em vez disso, a rede de relacionamentos que une as pessoas. Ver Ladislav Holy, "Groups", em The Social Science Encyclopedia, eds. Adam e Jessica Kuper (Londres: Routledge, 1985) 346.**

O sistema social da antiguidade e de muitas partes do Mediterrâneo até hoje é melhor descrito usando as idéias de honra e vergonha. A honra faz parte do status de uma pessoa e era muito mais importante na antiguidade do que hoje na sociedade industrializada, onde a posição de alguém na comunidade é controlada muito mais pelo dinheiro e pela posição. Honra e vergonha são os dois pólos de uma avaliação social baseada no tipo de personalidade considerada o ideal social em pequenas sociedades face a face onde a posição e o prestígio dependem de uma pessoa, não de um cargo impessoal. Portanto, é típico da vila e da cidade mediterrânea. A honra é baseada no relacionamento com os outros na comunidade e é o ideal temporal mais elevado de uma sociedade. O que é honrado pode incluir valores transcendentes ou estar em conflito com eles.[45]

Visto que o sistema de honra é um modo de classificação social, ele produz competição e defesa da honra. A maioria das pessoas em uma sociedade camponesa pertence à mesma classe e carece de critérios claros para atribuir prestígio, de modo que se empenham em desafios constantes e se opõem à busca de mais honra entre seus concidadãos.[46] O lugar da pessoa no sistema de honra determina, até certo ponto, quais recursos materiais e qual poder e influência alguém terá na sociedade, e estes, por sua vez, reforçam ou enfraquecem a honra e a posição de alguém na sociedade · O sistema de honra é uma câmara de compensação para conflitos sociais e um árbitro de posição social porque incorpora as normas sociais concretas adotadas pela comunidade.[47] Assim, os conflitos por influência e poder evidentes no tratamento de Josefo * aos fariseus, nos conflitos do evangelho entre os fariseus e Jesus e no esforço cristão primitivo para obter aceitação (honra) na Palestina são todos disputas por honra na comunidade.

A ideia de honra é uma constante na sociedade mediterrânea, mas a ideia precisa do que constitui honra e perda de honra muda com o tempo. Na Espanha, segundo um pesquisador, os critérios de honra mudaram várias vezes nos últimos três séculos. Além disso, a honra

[45]JG Peristiany, ^ Introdução, "Honor and Shame: The Values of Mediterranean Society (Chicago: University of Chicago, 1966) 9-10; JK Campbell," Honor and the Devil ", em Peristiany, Honor, 152.

[46]Peristiany, "Introdução", Honra, 11,14-15; JG Peristiany, "Honor and Shame in a Cypriot Highland Village," in Honor, 185-87.

[47]Julian Pitt-Rivers, The Fate of Schechem, (Cambridge: Cambridge Univ., 1977) 47; J. Davis, The People of the Mediterranean: An Essay in Comparative Social Anthropology (Londres: Routledge, 1977) 77, 89-90,98.

é diferente para pessoas de status, nascimento e classe social variados.[48]O sistema de honra alerta o leitor do século XX para uma das principais diferenças entre a antiguidade e o período moderno, a visão do indivíduo. Presume que as pessoas são orientadas para a comunidade e inseridas na sociedade. O tipo de personalidade produzida por esse tipo de sociedade costuma ser caracterizado como diádico. A autoimagem e a posição social de uma pessoa, até mesmo aos próprios olhos, são determinadas principalmente por um código externo e pela opinião pública e avaliação, e não pela adesão a valores pessoais e internos.10 A ênfase ocidental moderna em ser verdadeiro consigo mesmo e realizar nossas potencialidades para a realização estão subordinadas às necessidades e normas da comunidade na qual a pessoa está inserida ▪

RELAÇÕES COM CLIENTES PATRON

Tanto os fariseus quanto Jesus provavelmente eram vistos como patronos pela massa das pessoas com quem lidavam. Josefo e os evangelhos mostram as pessoas olhando para os fariseus como líderes influentes que podem ajudá-los. O mesmo é verdade sobre Jesus nos evangelhos, exceto que sua influência não é com os líderes mundanos, mas com Deus. As relações dos clientes com os clientes eram comuns no antigo mundo mediterrâneo e lá sobrevivem em formas variadas até os dias atuais. Eles ajudam a organizar as relações sociais no ponto em que as relações corporativas em grande escala terminam.11 O superior e o inferior em uma sociedade familiar próxima estão ligados por laços de obrigação mútua que são melhor analisados como relações patrono-cliente. Por exemplo, os líderes da aldeia agiram como protetores e intercessores dos camponeses analfabetos, defendendo a aldeia ' s interesses e modo de vida contra o mundo exterior. Em contraste com as relações não voluntárias, impessoais e corporativas que unem nações e impérios, nas alianças de cliente patrono, as pessoas que se conhecem entram em uma relação pessoal, um a um (diádica) que não é exigida por lei, que não

[48]**Ver especialmente Julio C. Baroja, "Honra e Vergonha: Um Relato Histórico de Vários Conflitos", em Peristiany (ed.) »Honor, 81-137, esp. 122; Pitt-Rivers, Schechem 18-47, 77 ▪ 7 e**

é perpetuada por uma organização

[0]Pierre Bourdieu, "O Sentimento de Honra na Sociedade Kabyle, w em Peristiany, 211-212; Bruce Malina, The New Testament World: Insights from Cultural Anthropology (Atlanta: Knox, 1981) 51-68.

[n]Nas empresas modernas, os jovens executivos em ascensão geralmente precisam de patrocinadores para apoiá-los e orientá-los. e que depende de uma interação pessoal direta entre dois indivíduos.12

O relacionamento com o cliente patrono é um suplemento muito importante para as categorias de aula desenvolvidas por Lenski. A estrutura de classes enfatiza as diferenças verticais entre as pessoas em uma sociedade, com base no poder e na riqueza. No entanto, as metáforas de classe, estrato, etc. não compreendem totalmente a realidade. A sociedade antiga, mais do que a moderna sociedade industrial, tem uma dimensão horizontal muito forte baseada na lealdade interpessoal, compromisso e influência, tanto dentro quanto fora das fronteiras de classe.

O relacionamento do patrono com o cliente costuma ser entre duas pessoas desiguais, duradouras e difusas; por meio dessa relação, o patrono e o cliente se comprometem a trocar favores e a se socorrerem em momentos de necessidade.13 Os favores e a ajuda prestados podem ser diferentes em cada caso, mas são valiosos para os destinatários. Se o cliente recebe muito mais do patrono do que dá, por exemplo, proteção física contra danos, uma aliança permanente é formada, pois o cliente está permanentemente endividado com o patrono por uma dívida que não pode ser reembolsada. Muitas vezes, esses relacionamentos são caracterizados pela lealdade pessoal, como

[2]Carl H. Lande, MIntroduction: The Dyadic Basis of Clientelism ", em Friends, Seguidores, and Factions, (eds.) Steffen W. Schmidt et al. (Berkeley: University of California, 1977) xiii. Para dados adicionais, análises e bibliografia, ver SN Eisenstadt e Louis Roniger, Patron-Client Relations as a Model of Structuring Social Exchange, "Comparative Studies in Society and History 22 (1980) 42-77; Patronos, clientes, amigos: relações interpessoais e a estrutura da confiança na sociedade (Cambridge: Cambridge UP, 1984); Patrons and Clients in Mediterranean Societies, (editores) Ernest Gellner e John Waterbury (Londres: Duckworth, 1977). Para obter o patrocínio no nível do império, consulte Richard Sailer, Personal Patronage under the Early Empire (Cambridge: Cambridge UP, 1982).

□ Lande, uClientelismo, w xiv; ttA relação patrono-cliente é uma aliança diádica vertical, ou seja, uma aliança entre duas pessoas de status, poder ou recursos desiguais, cada uma das quais acha útil ter como aliado alguém superior ou inferior a si mesmo. " xx.bem.14 Dentro da

sociedade, as relações diádicas, como as relações patrono-cliente, não são corporativas e se baseiam em contratos implícitos que complementam os contratos explícitos que fazem parte da sociedade formal corporativa e do governo. Uma sociedade precisa de estrutura além do que está legislado e as relações diádicas dão essa estrutura à sociedade. Quando as instituições centrais de uma sociedade são fracas, as alianças diádicas proliferam e preenchem uma necessidade mais básica de estrutura social.15 No entanto, as relações patrono-cliente são sempre anexadas e presumem uma entidade corporativa, ou seja, a sociedade em geral.

Relacionamentos saudáveis com o cliente exigem que o cliente trate o cliente de maneira justa, mas o poder e a riqueza do cliente podem fomentar a opressão e a exploração, em vez da preocupação com o bem-estar do cliente. Os pontos fortes e fracos desse tipo de relacionamento podem ser vistos nos relacionamentos dos fazendeiros arrendatários com o proprietário ou dos servos com seu senhor. O cliente pode amenizar uma situação opressora apenas buscando maior favor com o patrono ou por duas outras alternativas incomuns na antiguidade, revolta ou afastamento do relacionamento. O Evangelho de Lucas afirma que os fariseus, como patronos do povo, estão falhando em seus deveres e afirma que Jesus, agindo como um intermediário com Deus, cumpre o papel de patrono de uma forma nova e mais eficaz. A relação patrono-cliente depende muito da pessoa do patrono,

Visto que aldeias e cidades existiam dentro de uma sociedade e império maiores, a massa de aldeões sem educação precisava de patronos sábios e influentes para interceder por eles junto à burocracia. Esses patronos são geralmente chamados de corretores, ou seja, intermediários entre patronos ou funcionários mais poderosos e os menos poderosos que dependem deles. É provável que os fariseus e escribas, como líderes e talvez funcionários de baixo escalão, fossem vistos como intermediários pelo povo em seus negócios com o mundo em geral. O grupo reunido em torno de um patrono é denominado clientela ▪ As clientelas são compostas por um patrono e todos os seus clientes. O grupo não tem uma estrutura corporativa, mas está unido pela lealdade

“Lande, ttClientelism, w xv-xvi.

[15]Lande, ttClientelism, w xvii-xviii; xxi-xxii.

ao patrono e só pode ser mobilizado por ele. Uma clientela oferecia apoio ao patrono em suas negociações com outros funcionários ou patronos, muitas vezes superiores, e assim aumentava seu prestígio e indiretamente fazia avançar os interesses da clientela. Para uma pessoa rica, a clientela consistiria em fazendeiros dependentes, servos e outros membros da comunidade que dependem deles ou que lhes devem um favor. Os funcionários e servos dependentes de Herodes, o Grande, o sumo sacerdote e os "Herodianos" (Mc 3: 6) associados a Herodes Antipas provavelmente deveriam ser concebidos como uma clientela.

A Origem dos Grupos Sociais

Entre as estruturas comuns abrangentes que unem uma sociedade e as relações pessoais do patrono e do cliente existe uma profusão de grupos corporativos e não corporativos. Relações sociais normais, mudanças na sociedade e o dar e receber das relações patrono-cliente produzem vários grupos voluntários, em sua maioria não coq) orados, que unem ainda mais a sociedade e são a base para a cooperação e o conflito dentro da sociedade. Jesus liderou esse grupo e os líderes judeus formaram esses grupos ao fazerem alianças para se opor a Jesus. Os fariseus, saduceus e os primeiros cristãos eram grupos voluntários provavelmente não corporativos, pelo menos em parte de sua história.

O surgimento dos fariseus, saduceus, essênios e outros grupos no período hasmoneu pode ser explicado com eficácia pelo processo sociológico de formação do grupo. O judaísmo lutou por quatro ou cinco séculos para se ajustar à cultura greco-romana, desde a conquista por Alexandre o Grande em 332 AEC até a formação da Mishná por volta de 200 EC. Em sua batalha para manter sua identidade judaica, com ênfase no monoteísmo, a Bíblia , circuncisão, observância do sábado e uma série de outras práticas, o judaísmo assimilou muitas características do modo de vida e pensamento greco-romano.16 É muito provável que o surgimento de associações voluntárias identificáveis, que lutavam pelo controle da sociedade judaica, discordassem sobre como o judaísmo deveria ser vivido e como reagir às atividades dos governantes estrangeiros diferem-

[6]Ver E. Bickerman, From Ezra to the Last of the Maccabees (Nova York: Schocken, 1962)

e M. Hengel, Judaism and Hellenism (Philadelphia: Fortress, 1974). ently, é em si um fenômeno helenístico usado por alguns judeus para combater o helenismo.

O surgimento de uma diversidade de grupos na sociedade judaica se encaixa no padrão dos impérios agrários quando eles se tornam grandes e complexos. A sociedade tornou-se diferenciada e estratificada e isso levou ao desenvolvimento de grupos sociais, além de parentesco básico e grupos políticos. Um império tende a desenvolver uma burocracia política que inclui liderança religiosa, cultural e econômica junto com a militar e administrativa. Também desenvolve uma variedade de grupos além do parentesco e da estrutura política, cada grupo com uma composição e objetivos diferentes. Alguns grupos imitam grupos de parentesco e, portanto, são chamados de grupos de parentesco ativos. Por exemplo, os cristãos freqüentemente se referem uns aos outros como irmãos e irmãs e a Deus como seu pai, tornando-se assim uma ... família. "Mas os grupos são voluntários e a adesão é alcançada por compromisso e comportamento adequado, ao invés de hereditariedade. Este processo de diferenciação é generalizado e leva até mesmo a uma diferenciação limitada no nível da aldeia.[49] Esses novos grupos competiam com grupos tradicionais étnicos, territoriais e atribuídos por recursos sociais, como poder, status e riqueza.[50]

Na antiguidade, os grupos de voluntários eram baseados tanto na função social quanto na solidariedade. Grupos sociais baseados na função reuniam pessoas com o mesmo papel ou status na sociedade ou com os mesmos interesses. Exemplos de grupos baseados em função são associações de artesãos ou comerciantes, associações religiosas e grupos de culto; aqueles baseados na solidariedade social incluíam pessoas com necessidades sociais semelhantes, desejos e perspectivas, como alienígenas em um determinado lugar, pessoas de muitos status insatisfeitas com a visão de mundo predominante, etc. [51]O Cristianismo primitivo oferecia solidariedade para aqueles que buscavam uma visão diferente do divino e da salvação. Quando uma sociedade, como o Império Romano, incluía um grande número desses grupos, os grupos tendiam a reconhecer as semelhanças e interesses comuns uns dos outros e, assim, desenvolveram símbolos

[49]Eisenstadt, Empires, 79 e 92.

[50]Eisenstadt, Empires, 91.

[51]Eisenstadt, Empires, 79-80. M. Finley, Ancient Economy, 138 observa que esses grupos eram especialmente populares entre os pobres urbanos e mesmo entre os pobres rurais.

culturais mais gerais e desenvolveram as partes voluntárias e não-atribuídas da sociedade para o detrimento dos elementos tradicionais e atribuídos da sociedade · Além disso, essas associações frequentemente estabeleceram uma ampla influência sobre todas as partes da vida de seus membros, de modo que desempenhavam funções integrativas de escopo mais amplo do que aquelas inerentes a seus objetivos explícitos puramente especializados.20 Como estes grupos tornaram-se mais fortes e a atração ou domínio do império ou estrutura política tornou-se mais fraca, as pessoas podem se identificar mais fortemente com um grupo voluntário não-descritivo do que com parentesco ou unidades políticas. O evangelho que diz sobre deixar o pai e a mãe21 e a defesa de Agostinho dos cristãos como bons cidadãos do Império Romano na Cidade de Deus revelam essa tensão e competição.

Eisenstadt adverte que o surgimento de associações antigas não deve ser visto como idêntico aos processos da sociedade moderna:

> [você]Esses desenvolvimentos na estrutura associativa das sociedades burocráticas históricas não podem ser igualados ao crescimento da atividade associativa e da consciência nacional nas sociedades modernas. Embora variasse de sociedade para sociedade, a participação na maioria das associações históricas ainda era limitada a grupos urbanos ou aristocráticos relativamente selecionados e por muitas orientações e padrões tradicionais de organização. Além disso, os graus em que tais associações se tornaram orientadas para valores e símbolos centrais eram muito diferentes; e muitos deles estavam limitados a pequenas localidades. O mesmo se aplica à sua participação na vida cultural comum e à sua identificação com símbolos coletivos e culturais comuns. No entanto, cada uma dessas associações, seja qual for o escopo de sua filiação ou orientação, · 叨

Com esta advertência em mente, essas condições e consequências do surgimento de associações ajudam a explicar a variedade de movimentos e posições que se desenvolveram na vida intelectual, religiosa.

^ **Eisenstadt, Empires, 81-82.**

[2.] **Mt. 10:37; Lucas 14:26.**

^ Eisenstadt, Empires, 82.

e vida política dos Impérios Helenístico e Romano. É neste contexto que a ascensão dos fariseus, saduceus e outros grupos judeus deve ser buscada.

Grupos sociais

Os modems geralmente retratam as sociedades aristocráticas e monárquicas da antiguidade como fixas e imutáveis e, portanto, não conseguem entender o papel de grupos como os fariseus e outros grupos judeus. Embora o sistema de status dos impérios antigos parecesse muito rígido, costumava ser bastante flexível. Riqueza, poder e prestígio como determinantes da posição social tornaram-se separados uns dos outros e hierarquias concorrentes surgiram dentro da sociedade.23 Assim, vários grupos de liderança e poder competiram com grupos tradicionais no funcionamento da sociedade:

> "Outra manifestação extremamente significativa da existência de diferentes hierarquias de status é o desenvolvimento de posições e atividades especiais de elite. Na maioria das sociedades aqui estudadas, desenvolveram-se categorias especiais, de grupos ou de pessoas, cujos membros exerciam liderança e comunicação em diversos esferas institucionais, embora essas categorias não estivessem enraizadas em nenhum grupo de status atribuído, funções ou posições. Nas organizações religiosas e culturais, surgiram vários desses cargos, cujos titulares foram recrutados de muitos, embora não necessariamente todos, grupos de status, e cujos atividades transversais a esses grupos.24

Embora a presença e o poder da nova elite atingissem até mesmo algumas das pequenas aldeias e enfraquecessem os poderes dos grupos tradicionais e legalmente reconhecidos na sociedade, 25 fundamentalmente os grupos e associações urbanas livres tinham poder porque estavam na cidade, o centro de poder. Eles forneceram alguma mobilidade ascendente para seus membros, embora poucos realmente alcançassem

^ Eisenstadt, Empires, 82-83.

[24]Eisenstadt, Empires, 83. ^ Eisenstadt, Empires, 84-86.

o topo da classe governante.26 Aqueles que alcançaram status mais elevado tentaram retê-lo pelos meios atribuídos usuais, hereditariedade e status social permanente. Esse desenvolvimento de novas elites pode ser encontrado no surgimento de grupos judeus, como os fariseus, escribas e outros grupos.

O espaço não permite um tratamento da miríade de grupos que surgiram na Palestina e no Império Romano. Como uma ajuda para compreender grupos antigos, um conjunto útil de distinções extraídas da análise sociológica de grupos será apresentado; em seguida, os dados relativos às associações voluntárias gregas serão revistos. Finalmente, como os fariseus e saduceus são freqüentemente chamados de seitas, o trabalho recente sobre seitas será abordado. Josefo * designação dos fariseus como hairesis, uma escolha (freqüentemente traduzida como seita ou escola de pensamento) será tratada no cap. 6 junto com dados greco-romanos sobre escolas de filosofia.

Em seu sentido mais simples, um grupo social é qualquer coletividade de humanos. De um ponto de vista psicológico social, um grupo social é u um número de indivíduos que internalizaram a mesma associação de categoria social como um componente de seu autoconceito. ^ Essa definição cognitiva e interna de um grupo não é muito útil em nossa discussão em este ponto, mas indica quão flexível e complexa a definição de grupo pode ser e quão pouco dizemos quando designamos uma coletividade como um grupo.

Um grupo social formal é o que geralmente entendemos por grupo e comumente se refere a uma pluralidade de indivíduos limitados por algum princípio de recrutamento e por um conjunto de direitos e obrigações de associação. ^ É uma organização e implica ^ a existência de procedimentos para mobilizar e coordenar os esforços de vários subgrupos, geralmente especializados, na busca de objetivos conjuntos. * ^ As organizações sociais, por sua vez, costumam ser divididas em involuntárias, voluntárias, corporativas e não corporativas. Grupos involuntários familiares são família, comunidades políticas, classes sociais, castas e outras coletividades nas quais estamos

^ Eisenstadt, Empires, 86-87.

"John C. Turner, uSocial Group," em Henri Taifel (ed.), Social Identity and Intergroup Relations (European Studies in Social Psychology; Cambridge / Paris: Cambridge University / Maison des sciences de FHomme, 1982) 36.

^ Santo, "Grupos", 346.

^ **Peter Blau, "Organizations", IESS, 298.** nascidos ou que se impõem sobre nós. Eles geralmente são grupos corporativos que têm objetivos explícitos e fazem demandas concretas a seus membros.30 Na antiguidade, a pessoa geralmente nasceu em um grupo de parentesco (família extensa) e em um grupo político que pode ser um grupo étnico independente ou nação ou subordinado a um Império. Os judeus em Israel eram uma nação subordinada e um grupo étnico nos impérios grego e romano · Essas relações sociais eram geralmente atribuídas, o que significa que um determinado membro do grupo é atribuído a um status social, papel ou lugar dentro desse grupo por nascimento ou um força externa, como uma entidade política ou uma cuiture. Em contraste, a adesão ou status alcançado é baseado nas atividades da pessoa e nos efeitos produzidos nas relações sociais por essas atividades.

*Grupos voluntários*são muito mais variados do que os grupos involuntários porque são organizados para uma grande variedade de propósitos, alguns abrangentes e outros muito restritos.31 As organizações voluntárias geralmente existem dentro da estrutura maior e mais básica da sociedade corporativa involuntária e procuram cumprir objetivos mais restritos ou necessidades de partes da sociedade. Grupos voluntários corporativos têm objetivos fixos, modos de ação e relações entre os membros. Associações helenísticas, partidos políticos, grupos de interesse e coalizões institucionalizadas pertencem a esse tipo. Grupos voluntários não corporativos, como movimentos, coalizões, facções, etc., geralmente carecem de estrutura fixa, são mantidos juntos por interesses comuns temporários e estreitos, não podem por direito reivindicar os recursos dos membros e têm uma identidade que é menos clara do que estável , grupos corporativos.

Visto que muitos dos conflitos socais em Josefo e os evangelhos podem ser entendidos em termos de grupos de interesse político, coalizões, facções e movimentos, breves definições desses grupos voluntários serão úteis. Um grupo de interesse político é um voluntário

^ **Lande, ttQeintism, w xix.**

31 Michael Banton, "Voluntary Associations: Anthropological Aspects / IESS, 357.

32Boissevain, Friends, 171.

associação que busca converter seus interesses em direito público ou obter controle sobre o comportamento social.[52] Esses grupos, que competem pelo poder, geralmente procuram rotular seus oponentes de desviantes. O dar e receber da vida política, social e religiosa e as lutas pelo poder entre os grupos podem ser explicados como as tentativas de grupos dominantes e desviantes de fazer com que a sociedade siga suas regras. Muitos dos conflitos entre a liderança judaica e a comunidade cristã primitiva podem ser explicados nesses termos.

Em comparação com grupos corporativos que são permanentes e organizados e têm uma identidade definida, as coalizões e facções são muito mais temporárias e limitadas. Deve-se notar, porém, que coalizões e facções que permanecem por muito tempo podem adquirir características corporativas · Uma coalizão é u uma aliança temporária de partidos distintos para um propósito limitado * e assim as coalizões políticas fazem uso conjunto de recursos para afetar a política decisões. Uma coalizão difere de um grupo corporativo porque os recursos usados pela coalizão permanecem vinculados aos membros originais da coalizão e os objetivos mais amplos de cada membro podem variar consideravelmente.[53] [54] [55] A coalizão é, portanto, temporária e não a identidade primária dos membros. Os partidos unidos contra Jesus, como os fariseus e herodianos em Marcos 3: 6, são típicos de uma coalizão, como é a aliança dos fariseus com Feroras * esposa contra Herodes (ver cap. 5).

Uma facção é uma coalizão que é recrutada pessoalmente de acordo com princípios estruturalmente diversos por ou em nome de outra pessoa.[贾] As facções tendem a ser caracterizadas por membros instáveis, duração incerta, liderança personalista, falta de organização formal e por uma maior preocupação com o poder e os espólios do que com ideologia ou política.[贾] Quando dois clientes com sua clientela competem na sociedade, a rivalidade geralmente é faccional porque os dois grupos são formados por sua adesão a um líder. No período anterior à grande guerra com Roma, conforme descrito em Josefo, Jerusalém estava repleta de coalizões e facções. Paulo parece estar tentando quebrar facções na igreja de Corinto, reorientando-as

[52] **E. Pfuhl, The Deviance Factor (Nova York: Van Nostrand, 1980), 122. Os grupos de interesse político modernos são partidos políticos, grupos de pressão, grupos de interesses especiais e lobbies.**

"Boissevain, Friends, 171-173.

[54] **Boissevain, Friends, 171-173, 192 e 195.**

^ Lande, ttClientism, w xxxii.

para seu patrono principal, Jesus (1 Cor 1®7

Quando a atividade social é muito difusa e sem organização, costuma ser chamada de movimento. O termo cobre uma variedade de grupos. Por exemplo, o cristianismo primitivo é cada vez mais chamado de movimento de Jesus pelos estudiosos do Novo Testamento. Um movimento social definido de forma muito abstrata e psicológica é um esforço de um grande número de pessoas para resolver coletivamente um problema que sentem ter em comum. 预 Mais concretamente, um movimento social visa promover ou resistir às mudanças na sociedade em geral. Esses movimentos sociais podem variar desde o sentimento popular, que pode resultar em atividade social, até grupos reformistas ou revolucionários complexos. Freqüentemente, começam como grupos voluntários não corporativos, mas podem se tornar organizações de movimentos sociais corporativos, que podem ser coalizões, grupos de interesse político ou outros tipos de organizações.[56 57 58] É certamente possível que os fariseus, com seu programa para reviver ou reformar o judaísmo e o movimento de Jesus, com sua nova interpretação da vida e revelação judaica, funcionassem como movimentos sociais ou como organizações de movimentos sociais em alguns períodos de sua existência.

As associações voluntárias corporativas e não corporativas, como coalizões e facções, junto com grupos corporativos não voluntários, como a família e o próprio estado, atendem a muitas das mesmas necessidades econômicas e sociais, pois organizam a produção e a proteção. As coalizões são uma forma básica de organização social como a família e cumprem muitas das mesmas funções, incluindo produção econômica e proteção física. As facções tendem a predominar em sociedades fracas e nas quais o Estado não pode oferecer segurança.[59]A sociedade palestina nos períodos helenístico e romano estava repleta dos tipos de grupos descritos aqui. É claro que, concreta e historicamente, os grupos reais abrangidos por essas definições gerais tinham características diversas e particulares que são muito importantes para compreender a sociedade e seu lugar nela.

[56]LL Welborn, uOn the Discord in Corinth: 1 Corinthians 1-4 and Ancient Politics, "JBL 106 (1987) 85-111 mostra que os grupos em Corinto eram facções políticas competindo pelo poder na comunidade e não baseadas em desacordos teológicos.

[57]Hans Toch, The Social Psychology of Social Movements (Indianapolis: Bobbs, 1965) 5.

[58]John D. McCarthy e Mayer N. Zald, "Mobilização de Recursos e Movimentos Sociais: Uma Teoria Parcial", American Journal of Sociology 82 (1977) 1212-1241, esp. 1217-1219.

^ Boissevain, amigos, 203.

No entanto, as características comuns significativas destacadas pelas categorias gerais esboçadas acima iluminarão alguns dos trabalhos importantes da sociedade palestina e nos permitirão compreender os fariseus, escribas, saduceus e outros grupos de maneira mais assertiva.

Associações Gregas

Visto que os fariseus, especialmente, e também outros grupos judeus, muitas vezes são comparados a vários grupos no mundo greco-romano, é necessária alguma discussão sobre as possibilidades. Associações greco-romanas, que existiam em grande variedade, e seitas serão tratadas aqui. As escolas filosóficas de pensamento e o significado da designação de Josephus9 dos fariseus e outros grupos como hairesis serão tratados no final do capítulo seis.

As associações voluntárias privadas eram numerosas e variadas nos períodos helenístico e romano. Eles existiam na cidade e no campo e entre as classes alta e baixa e são extremamente difíceis de categorizar.[60]Os termos usados para associações e os membros das associações são muitos: orgeones, thiasos, schola, eranistai, synodos, collegium, synagdge, koinon, hairesis. Cada palavra tem muitos significados e nenhuma tem um significado técnico consistente. [61]Collegia podem ser sociedades funerárias ou religiosas, ou ambas; thiasos, secta e synodos às vezes são usados para colégios e escolas.[62]Thiasos, que na maioria das vezes significa uma associação religiosa, também é usado para associações comerciais.44 Além disso, as associações muitas vezes tinham vários propósitos. Uma guilda artesanal pode se envolver na proteção da arte, mas pode ser um grupo social. As sociedades funerárias se reuniam regularmente e tinham regras para seus banquetes. Uma rua ou bairro pode ter uma sociedade para a adoração regular de uma divindade ou a organização

[60]Marcus N. Tod, Sidelights on Greek History (Oxford: Blackwell, 1932) 77; MacMullen, Relações Sociais, 18-20; 73-80; Finley, Ancient Economy »13 & O compêndio de material mais útil para o mundo helenístico, agora incompleto devido às contínuas descobertas, é Franz Poland, Geschichte des Griechischen Vereinswesens (FUrstHch Jablonowskischen Gesellschaft zu Leipzig 38; Leipzig: Teubner, 1909).

[61]Polônia, Geschichte, 152-168. As guildas ou associações comerciais geralmente tinham títulos religiosos e se reuniam para adorar uma divindade, mas não eram realmente associações religiosas, muito menos seitas ou cultos. Tod, Sidelights, 76-77.

"Robert Wilken," Collegia, Philosophical Schools, and Theology, * in The Catacombs and the Colliseum, (eds.) Stephen Benko e JJ O'Rourke, (Valley Forge : Judson, 1971) 279.

de uma festa Collegia eram comuns entre as classes mais baixas, mas geralmente não tinham função econômica. Eles eram sociais e religiosos e eram usados para ganhar honra e status na sociedade. Muitos títulos e homenagens foram distribuídos nesses grupos, imitando o estado.45

A instituição helenística de associações voluntárias muito provavelmente levou à formação de grupos voluntários judeus, os fariseus, saduceus e essênios.46 No entanto, as associações gregas e romanas eram tão variadas que a analogia da associação tem apenas o significado mais geral e não é útil para definição precisa. Existiam centenas de associações, muitas das quais tinham apenas 10-25 membros.47 Nenhuma generalização sobre as associações gregas pode ser usada com segurança para descrever ou definir um grupo.

Sabemos tão pouco sobre a organização interna dos fariseus e menos ainda sobre os escribas e saduceus que é difícil ligá-los a associações helenísticas, exceto de uma forma muito geral e a priori. Que uma influência de associações helenísticas é possível pode ser facilmente garantido. A prova para tais hipóteses e a descrição concreta de como tal comportamento associativo foi adaptado à vida judaica é muito difícil de encontrar. Vinte anos atrás, Hugo Mantel sugeriu que o

"Abraham Malherbe, Social Aspects of Early Christianity (Baton Roug ?: Louisiana Sute Univ., 1977) 86-91.

45 MacMullen, Roman Social Relations, 73-80; Finley, Ancient Economy, 13 & Poland, Geschichte, 337-33 e 423-445.

^ Henry Fischel, "Story and History: Observations on Greco-Roman and Pharisaism" in American Oriental Society Middle West Branch Semi-Centennial Volume, ed. D. Sinor (Bloomington, IN: Indiana Univ., 1969) 82; Morton Smith, MPalestinian Judaism in the First Century, "Israel: Its Role in Civilization, ed. Moshe Davis (Nova York: Harper, 1956) 67-81; Ellis Rivkin, A Hidden Revolution: The Pharisees * Search for the Kingdom Within (Nashville: Abingdon, 1978) 242-243 sobre os fariseus; Martin Heng 日 ， Judaísmo e heUenismo 1: 230-247 na comunidade de Qumran.

"Polônia, Geschichte, 282-283.

A Grande Assembléia de líderes judeus, supostamente governada pelo judaísmo no período helenístico, apresentava muitas características estruturais e terminológicas de associações helenísticas.48 Mantel usou fontes rabínicas posteriores como representações precisas da história séculos antes e aceitou a existência da Grande Assembléia como histórico ▪ Ambas as conclusões são imprecisas.49 Seu estudo mostra como as fontes

rabínicas posteriores entenderam a história anterior e que essas fontes foram influenciadas por formas helenísticas de pensamento em suas próprias reconstruções do passado, mas não como os fariseus do segundo templo período foram organizados. Outros tentaram conectar a comunidade dos Manuscritos do Mar Morto (yahad) a associações gregas caracterizadas como koinon.

Certamente os fariseus, sobre cuja organização sabemos muito pouco, podem ter sido semelhantes a essas associações gregas em alguns aspectos e estimulados em sua organização por modelos da cultura mais ampla em que existia o judaísmo. As evidências indicam que desempenhavam um papel ativo na sociedade e isso sugere que se engajavam em atividades comuns e realizavam reuniões e refeições para promover sua identidade e auxiliar em suas atividades.51 Provavelmente tinham uma liderança organizada; eles certamente tinham regras, padrões comuns de adoração e algum tipo de treinamento; eram um grupo relativamente pequeno que se conhecia pessoalmente, socializava-se e recebia a proteção e patrocínio de patrocinadores ricos, fossem membros ou amigos da organização. Essas coisas podemos supor indiretamente, mas nem a evidência direta sobre o

& H. Mantel, "A Natureza da Grande Sinagoga / HTR 60 (1967) 69-91.

[49]Sobre a não historicidade da Grande Assembleia como uma instituição, ver Ira J. Schiffer, "Os Homens da Grande Assembleia, ** Pessoas e Instituições no Judaísmo Rabínico Inicial, ed. William S. Green (BJS 3; Missoula: Scholars , 1977) 237-276.

^ Bruno W. Dombrowski, Yahad in IQS and to koinon: An Instance of Early Greek and Jewish Synthesis, * HTR 59 (1966) 293-307.

[51]Jacob Neusner os interpretou como uma sociedade de comunhão de mesa com propósito religioso. Este tópico será abordado em detalhes no cap. 10

Os fariseus nem os padrões comuns nas associações greco-romanas podem nos dizer com certeza como eram.[63]

Seitas

Visto que os fariseus e saduceus, bem como os primeiros cristãos

[63]Para uma aplicação desta categoria à comunidade paulina, ver Wayne Meeks, The First Urban Christians (New Haven: Yale, 1983) 77-80.

e outros grupos judaicos, muitas vezes foram descritos como seitas e uma vez que a categoria, seita, é tão popular e tão obscura, é necessário um tratamento mais extenso da seita. A formação de seitas deve ser entendida como uma forma de desvio. Visto que a sociedade inclui muitos sistemas de crenças ou muitas interpretações do sistema de crenças predominante, muitas atividades sociais envolvem grupos sociais conflitantes que freqüentemente se rotulam como desviantes.[64] Os grupos minoritários rotulados de desviantes estão fora do poder, insatisfeitos com a sociedade e muitas vezes interessados em mudá-la. Quando esses grupos competem pelo poder como grupos de interesse político, eles tentam rotular o grupo dominante como desviante. Em outras ocasiões, eles aceitam seu status desviante e formam organizações voluntárias para promover seu modo de vida à parte da sociedade.[65]

O uso popular de seita é muito menos difundido e geralmente conota um grupo com crenças e práticas minoritárias peculiares; as seitas são concebidas como excluídas da sociedade e da política e como críticas à sociedade. As seitas são frequentemente identificadas por um amontoado de características sem coerência interna. Na tipologia clássica de Troelsch, especialmente como usada popularmente, seita é contrastada com a igreja em bases teológicas e comportamentais e dentro de um contexto cristão.[66]No entanto, o termo passou a ter um significado mais amplo e a abarcar grupos que reagem contra qualquer sociedade por diversos motivos. Na sociologia moderna, a palavra seita é cada vez mais aplicada a grupos de base religiosa que são politicamente ativos em sua sociedade. Em vista desses desenvolvimentos, se os fariseus devem ser caracterizados como uma seita, tal categorização não implica sua separação da política ou sua cessação de trabalhar como um grupo de interesse político na sociedade judaica.

Bryan Wilson criou uma tipologia de trabalho de sete tipos de seitas, com base na relação do grupo com a sociedade anfitriã. Sua

[64]E. Pfuhl, Deviance 122.

mpfuhl, Deviance, 263-266. Pfuhl categoriza grupos desviantes por dois pares de fatores, sejam eles direcionados a preocupações internas ou a tentativas de mudar a sociedade e se sua atitude em relação à sociedade é alienada ou conformista.

[66]Para dificuldades e imprecisões endêmicas à distinção da seita da igreja, junto com aquela de denominação ou igreja livre, ver B. Johnson, "On Church and Sect," American Sociological Review 28 (1963) 539-549; Alan W. Eister, "Toward uma Crítica Radical da Igreja> Tipologização da Seita: Comentário sobre * Algumas Observações Críticas sobre a Dimensão da Seita da Igreja / "Jornal para o Estudo Científico da Religião 6 (1967) 85-90. Para o argumento de que Troelsch usa este termo como próprio do Cristianismo e como um histórico

ênfase na relação da seita com a sociedade e suas atividades se encaixa na abordagem adotada neste estudo. Uma rápida revisão de sua tipologia ajudará na compreensão dos grupos contidos em textos antigos.56 Wikon define os sete tipos de seita com base na resposta ao mundo e rejeita explicitamente os critérios mais usuais de desvio doutrinário ou falta de organização formal.57 Seitas são definidos pelo desvio do que é dominante na sociedade, como seria de se esperar: "A preocupação com a transcendência sobre o mal e a busca pela salvação e consequente rejeição dos valores, objetivos e normas culturais predominantes, e quaisquer facilidades culturalmente fornecidas para a salvação do homem, define desvio religioso.

explicação do desenvolvimento do Cristianismo, ver Theodore M. Steeman, "Church, Sect, Mysticism, Denomination: Periodiological Aspects of Troeltsches Typology," Sociological Analysis 36 (1975) 181-204.

^ Veja Magia e o milênio: Um estudo sociológico de movimentos religiosos de protesto entre povos tribais e do terceiro mundo (Londres: Heinemann, 1973) 16-26. Sua tipologia anterior tinha apenas quatro tipos e era baseada em princípios diferentes. Ver Patterns of Sectarianism: Organization and Ideology in Social and Religious Movements (Londres: Heinemann, 1967) editado por Wilson, esp. a introdução, pp. 1-21; * An Analysis of Sect Development ** pp. 22-45. Este último trabalho contém uma lista de características de seitas que é freqüentemente usada como uma lista de compras de coisas a serem procuradas em grupos. A presença de uma série de características não torna um grupo uma seita, a menos que essas características possam estar relacionadas umas às outras de alguma forma sistemática em um contexto teórico.

[57]Wilson, Magic, pp. 16-17; 19. Wilson é geralmente simpático em sua análise das seitas, mas como a maioria dos cientistas sociais ocidentais modernos, ele assume um "valor absoluto mais alto para a racionalidade e organização política ocidental." Cf. Hillel Schwartz, "The End of the Beginning; Millenarian Studies, 1969-1975, "RSR 2 (3, 1976) 7.lançada.58 1. O conversista busca a transformação emocional agora, com a salvação presumida a seguir no futuro, após o mal ter sido suportado · Por causa da alienação da sociedade, uma nova comunidade é formada. Os primeiros cristãos se encaixam nesse tipo. 2. O revolucionário espera a destruição da ordem social pelas forças divinas. Grupos apocalípticos se encaixam nesse tipo. 3. O introversionista se retira do mundo para uma comunidade purificada. Os essênios se encaixam nesse tipo. 4. O manipulacionista busca a felicidade por meio de uma orientação subjetiva transformada que controlará o mal. Os gnósticos se encaixam nesse tipo. 5. A resposta taumatúrgica busca alívio de doenças específicas por meio de dispensação especial, não geral. Mágicos e curandeiros com seus seguidores se encaixam nesse tipo. 6. O reformista busca alterações graduais e divinamente reveladas na

sociedade.

Os sete tipos de seitas podem ser classificados de acordo com três categorias maiores: a. o objetivista, em busca de mudança no mundo: revolucionário, introversionista, reformista, utópico; b. o subjetivista, buscando mudança na pessoa: convertido; c. o relacionista, buscando ajustar as relações com o mundo: manipulacionista, taumatúrgico · Os sete tipos não são totalmente separados um do outro, nem são rígidos. Um grupo pode ter mais de uma resposta ao mundo ao mesmo tempo, embora geralmente uma seja dominante. Embora esses tipos de seitas busquem alguma mudança ou bom efeito, eles são mais do que grupos de interesse por causa de sua vida vigorosa. A maioria opera como comunidades auto-selecionadas e operativas intermitentemente.61 Além disso, as respostas sectárias mudam ao longo do tempo e, eventualmente, as seitas podem se transformar em outros tipos de grupos, por exemplo,

Os sete tipos de seita de Wilson nos permitem classificar grupos que têm uma base religiosa e uma forte relação positiva ou negativa com

Wilson, Magic, 21.

[59]Veja cap. 12 para uma discussão sobre os fariseus como uma seita.

^ Wilson, Magic, 23-26. Veja também 38-49.

[61] Wilson, Magic, 32.

[62]Wilson, Magic, 49, 3 e 35.

sociedade · Os tipos enfocam os objetivos dos grupos, de modo que nos permitem entender suas escolhas e atividades. Assim, as seitas não são simplesmente grupos com certas visões doutrinárias, mas unidades ativas da sociedade que causam reações entre outros grupos e às vezes afetam diretamente as mudanças na sociedade.

Esta revisão de alguns trabalhos históricos e sociológicos sobre grupos e relações sociais demonstra a complexidade da sociedade e a inadequação das descrições do primeiro século que imaginam os fariseus, saduceus, essênios e Jesus como grupos religiosos isolados debatendo questões de fé. A vida política e religiosa era uma e cada pessoa pertencia a várias unidades socialmente operativas ao mesmo tempo, incluindo família, nação, classe social, papéis sociais, etc. Qualquer reclamação relativa ao ensino ou comportamento judaico tinha ramificações importantes em todos os quadrantes da vida e da sociedade e em qualquer a iniciativa política, social ou religiosa tinha

o potencial de afetar todo o povo, incluindo a classe governante e o próprio império. Na próxima seção, a atenção será dada principalmente às relações sociais e atividades dos fariseus,

Resumo

A teia interna da sociedade era composta de redes de relações que mantinham as aldeias onde a maioria das pessoas vivia, bem como as camadas superiores da sociedade. As relações comunitárias mais fundamentais eram involuntárias e baseadas no parentesco e na sociedade política. Religião, economia, educação, cultura, normas éticas e todos os outros aspectos da sociedade estavam embutidos nas relações familiares e políticas que mantinham a sociedade unida. Em uma sociedade tão unida, as pessoas se definiam por sua posição na comunidade de acordo com as normas sociais comuns para comportamento honrado.

Em uma aldeia, os anciãos e líderes de famílias proeminentes, proprietários de terras, tendiam a liderar a comunidade em suas relações internas e externas. Eles eram representantes do governo, patronos dos necessitados, intercessores (corretores) dos fracos com os poderosos, juízes em disputas e líderes em assuntos religiosos. Eles governavam suas ações por normas comunitárias aceitas e, fiéis aos camponeses na maioria das culturas, resistiam às mudanças e às tentativas de forasteiros de impor novos caminhos ou interferir na vida fechada da aldeia. No entanto, uma vez que a maioria das aldeias na Galiléia e na Judéia estavam próximas às principais rotas comerciais e muitas vezes envolvidas em intensas disputas políticas envolvendo potências estrangeiras, as aldeias judaicas não devem ser retratadas como isoladas ou não afetadas pelos acontecimentos no mundo em geral.

O relacionamento que governava aqueles de status desiguais em todos os níveis da sociedade pode ser mais bem descrito como o de patrono e cliente. O relacionamento era pessoal entre os indivíduos e frequentemente envolvia a troca de muitos favores durante um longo período. Esses relacionamentos não eram corporativos e baseavam-se em entendimentos aceitos implicitamente, ao invés dos contratos formais de organizações corporativas, especialmente a sociedade política. Patrocinadores sábios e influentes freqüentemente intercediam como corretores por seus clientes fracos, sem educação ou necessitados que eram ameaçados por impostos e regulamentações

governamentais maiores e impessoais.

As associações voluntárias eram o modo preeminente de organização social no Mediterrâneo oriental helenístico, tanto antes como depois da chegada de Roma. Grupos corporativos de longa duração e grupos não corporativos mais espontâneos se reuniram para alcançar objetivos sociais específicos que afetam seus membros. As classes altas e baixas organizadas em sociedades corporativas que podem ser tão simples como clubes sociais ou tão complexas como movimentos para reformar a sociedade · Proeminentes entre esses grupos estavam os grupos de interesse político que tentaram controlar ou influenciar a direção e liderança da sociedade. Os fariseus parecem ter sido esse grupo, variando em eficácia de acordo com as circunstâncias políticas. Mudanças nos eventos políticos também produziram associações não corporativas de vida mais curta, mais frágeis,

Grupos voluntários judeus, como os fariseus e saduceus, costumam ser chamados de seitas. Se seita for limitada a um grupo de protesto retirado, o termo é impróprio · Se seita for usado em seu sentido contemporâneo mais adequado e variado, que inclui protesto político e ação e o exercício de poder e influência e permite várias respostas sociais e pressxire cultural, então ele pode ser usado. Ainda assim, provavelmente esses grupos são mais bem compreendidos como escolas de pensamento (ver a discussão sobre hairesis no Capítulo 6) e seus papéis na sociedade definidos por uma tipologia descritiva e mais precisa de grupos, como a proposta neste capítulo.

parte II

AS FONTES LITERÁRIAS

5

Os fariseus e saduceus como grupos de interesse político em Josefo

Após uma breve introdução ao ponto de vista social de Josefo *, as atividades dos fariseus e saduceus nas obras de Josefo serão tratadas neste capítulo e as descrições delas no capítulo seguinte. No final do capítulo seis, os resultados de ambos os capítulos serão resumidos e analisados sinteticamente.

Como os fariseus são proeminentes entre os grupos judeus mencionados no Novo Testamento, os estudiosos da Bíblia tendem a aumentar sua importância. Do ponto de vista de toda a cultura, especialmente das classes dominantes, os fariseus eram de menor importância. Josefo reflete essa perspectiva mais ampla ao mencionar os fariseus em menos de vinte ocasiões em seus muitos volumes. Como os fariseus, os saduceus raramente são mencionados (seis vezes) e sempre em contraste com os fariseus, exceto em uma ocasião. Os escribas nunca aparecem como um grupo separado, como aparecem nos Evangelhos. Assim, as referências dispersas de Josefo aos escribas não serão tratadas aqui, mas no capítulo onze, onde evidências de muitas fontes serão reunidas para elucidar o lugar dos escribas * na sociedade.

Na guerra, os fariseus são mencionados quatro vezes. Sua grande influência sobre a rainha Alexandra e o consequente poder político no início do primeiro século AEC são narrados com desaprovação. Mais tarde naquele século, Herodes acusou seu irmão Pheroras, esposa de subsidiar os fariseus contra ele. Após a longa e laudatória descrição dos essênios, os fariseus são descritos brevemente com os saduceus como um dos três tradi

filosofias judaicas tradicionais. Finalmente, no início da Grande Guerra, os fariseus mais notáveis junto com outros líderes judeus tentaram impedir a cessação dos sacrifícios oferecidos por Roma.

Os fariseus, como grupo ou como indivíduos, são mencionados nove vezes nas Antiguidades, três das quais são paralelas a passagens da Guerra. Josefo dá uma breve descrição dos fariseus no Livro 13, conforme ele trata do período Hasmoneu, e uma mais longa no início do Livro 18 (início do primeiro século, C ▪ E ▪) 9 paralela à descrição na Guerra. Ele relata seu conflito com John Hyrcanus que levou à perda de influência, sua recuperação posterior de influência sobre Alexandra, e sua perda novamente em sua morte. Durante o período herodiano, Samias e Pólion, que são fariseus, aparecem em vários incidentes. Samias (ou Pólion) defendeu Herodes (por assim dizer) em seu julgamento perante o Sinédrio. Herodes mostrou favor a Samias e Pólion quando tomou Jerusalém e mais tarde os isentou de fazer um juramento de lealdade a ele.

Na Vida, Josefo diz que experimentou o modo de vida farisaico junto com os essênios, saduceus e um asceta chamado Bannus; finalmente ele escolheu os fariseus. Na véspera da revolta, os principais fariseus, juntamente com os principais sacerdotes e Josefo, apareceram como um grupo de liderança. Simeon ben Gamaliel, um fariseu, é o principal motor em Jerusalém para remover Josefo do comando na Galiléia e, finalmente, a delegação enviada para remover Josefo do comando tinha um sacerdote fariseu e dois fariseus leigos, juntamente com um jovem sacerdote chefe.

Os saduceus são mencionados junto com os fariseus nas três descrições das três "seitas" judias e como rivais bem-sucedidos dos fariseus por João Hircano chamado Ananus, que era rigoroso no julgamento legal.

】 Pode ter havido duas ocasiões em que os fariseus se recusaram a fazer um juramento de lealdade. Veja abaixo.

[2]***Formiga.*20.9.1 (199). O texto e a tradução da edição da Loeb Classical Library serão usados, com modificações onde surgirem problemas. Este é publicado em nove volumes, eds.**

Josefo

Como Josefo é uma fonte importante de conhecimento do Judaísmo e porque sua perspectiva e interpretação do Judaísmo são parte integrante de sua narrativa, uma breve revisão de sua vida, obra e ponto de vista fornecerá uma base para interpretar seu relato sobre os fariseus e outros líderes judeus . Este rico acervo de estudos sobre

Josefo será usado, mas nenhuma discussão adequada pode ser dada dos muitos problemas acadêmicos que fundamentam esta breve revisão.

Josefo nasceu em 37-38 EC de uma família sacerdotal. Ele era bem educado e tinha boas relações com os principais sacerdotes e outros líderes do Judaísmo em Jerusalém. Ele diz que estudou ou experimentou todas as filosofias principais e finalmente escolheu os fariseus, embora nenhuma tendência farisaica possa ser encontrada em sua interpretação do judaísmo (veja a seção sobre a Vida abaixo). Aos vinte e seis anos, ele fazia parte de uma embaixada em Roma (63-64) e era firmemente simpático às classes dominantes9 tentativas malsucedidas de manter o controle da sociedade judaica e suprimir o movimento popular que levou à revolta contra Roma. Ele foi um líder militar ativo na Galiléia durante a primeira parte da guerra. Josefo * atividades militares na Galiléia, seus propósitos em desenvolver apoio para si mesmo e para a guerra em Gatilee e suas disputas com Jerusalém e outros líderes galileus são complexos e não foram resolvidos definitivamente.4 Após a derrota, Josefo se rendeu a Roma e se juntou à comitiva de Vespasiano e seu filho Tito , os generais romanos que eventualmente se tornaram imperadores e, após a guerra, Josefo foi a Roma como cliente dos Flavianos e escreveu sua Guerra. Mais tarde, patrocinado por outros, escreveu Antiguidades e Vida.

Logo após a guerra, Josefo escreveu um relato dos eventos

H. St. J. Thackeray, R. Markus, A. Wikgren e LH Feldman (Cambridge, MA: Harvard University, 1926-1965).

[3]A melhor revisão breve da bolsa de estudos de Josephus é feita por Harry Attridge, uJosephus and His Works, "Jewish Writings of the Second Temple Period. Ed. M. Stone (Compendia, 2: 2; Assen / Philadelphia: Van Gorcum / Fortress, 1984), pp. 185-232. Uma bibliografia completa, comentada e tópica também está disponível em Feldman, Josephus and Modem Scholarship.

[4]Attridge, "Josephus," 188-192, faz uma revisão dos problemas. em aramaico para os judeus na Mesopotâmia.5 Também foi sugerido com alguma probabilidade que Josefo escreveu um livro de memórias da guerra que ele usou em seu relato de suas próprias atividades na guerra e sua posterior Ufefi O primeiro livro de Josefo que possuímos is the War, cujos primeiros seis livros foram provavelmente publicados durante o reinado de Tito (79-81). Na guerra, Josefo manifesta várias tendências e preconceitos. Ele apresenta a melhor imagem possível

de si mesmo, absolve os romanos da culpa pela perda de Jerusalém e elogia os Flavianos, especialmente Tito. Ele atribui a revolta aos revolucionários a quem chama de bandidos e distingue deles a maioria dos judeus que eles enganaram. Ele também atribui a destruição do Templo e eventos associados, bem como toda a história, a Deus '

Nas Antiguidades, que foi publicado com seu apêndice, a Vida, em 93-94 após a morte de Agripa (ele não morreu em 100 como alguns afirmam), Josefo apresenta a história judaica como um registro do funcionamento da providência divina e da divina leis. Ele usa a história para dar instrução moral e religiosa, apontando como ignorar as leis de Deus (como Herodes fez, por exemplo) leva ao desastre · Ele fornece informações aos seus leitores gregos sobre o judaísmo e defende os direitos judaicos no mundo greco-romano e o valor das leis judaicas em comparação com as leis gregas e romanas. Josefo foi acusado de ser um bajulador enganador e indigno de confiança dos romanos e defendido como um historiador digno na tradição grega.7 Leia com atenção seu

s 畑, Prefácio, 1 (3,6).

[6]**As diferenças nos relatos na Guerra e na Vida tornam improvável que o último se baseie diretamente no primeiro. Assim, a hipótese de uma fonte comum, reescrita de duas maneiras diferentes. Cf. R. Laqueur, Der jiidisch Historiador Flavius Josephus: Ein biographischer Versuch air neuer quellenkritischer Grundlage (Giessen: Munchen, 1920) que foi o primeiro a propor a teoria. Foi habilmente defendido recentemente por Shaye JD Cohen, Josephus na Galiléia e Roma: His Vita and Development as a Historian (Columbia Studies in the Classical Tradition 8; Leiden: Brill, 1979), pp. 24-83.**

[7]**Cohen, Josephus、é muito negativo sobre a confiabilidade de Josephus ". Horst Moehring, uJoseph ben Matthia e Flavius Josephus, ** Aufstieg und Niedergang der Romischen Welt II.21.2, ed. H. Temporini (Berlin / New York, deGruyter, 1984), pp. 864- 944, mostra de forma convincente que Josefo segue as convenções da boa historiografia grega e tenta equilibrar sua lealdade judaica com seu relacionamento com seus patronos e sua apreciação do poder romano.** as obras podem produzir informações históricas sólidas, bem como uma interpretação inteligente dos assuntos judaicos do primeiro século. O controle crítico das reivindicações de Josefo é possível em muitos casos porque os preconceitos e o ponto de vista de Josefo são tão claros e óbvios.

Tanto na Guerra quanto nas Antiguidades, Josefo usa a história judaica de Nicolau de Damasco; nas Antiguidades, ele usa muitas outras fontes, incluindo a Bíblia e certos livros não-bíblicos que possuímos & A identificação de Josefo, fontes e a avaliação de como

Josefo as usou ou reescreveu é uma discussão muito complexa para a qual faltam evidências decisivas. vários casos.[67] Josefo se refere explicitamente a Nicolau em vários lugares e pode tê-lo usado em muitos outros.[68] Nicolaus foi o principal conselheiro de Herodes por um tempo e escreveu uma história das monarquias orientais, incluindo um relato detalhado e simpático do reinado de Herodes. Josefo usou Nicolau como a principal fonte para o tratamento do reinado de Herodes na Guerra e também nas Antiguidades, Livros 12-17, onde o preconceito pró-herodiano de Nicolau é contrabalançado por uma fonte anti-Herodiana. As inconsistências de tom e avaliação de Josefo são frequentemente atribuídas ao uso de fontes inadequadamente editadas.[69] Embora algumas passagens a respeito dos fariseus caiam em partes de Josefo dependentes de Nicolau, a atitude de Josefo * para com os fariseus é fundamentalmente consistente, quer ele esteja usando Nicolau ou não. Vários estudiosos afirmam que nas Antiguidades Josefo é mais pró-fariseu do que na guerra e que essa mudança reflete a ascensão farisaica no judaísmo palestino após a guerra com Roma e Josefo * desejo de promover seu poder no interesse da paz e da ordem ▪ Nossa análise dos textos de Josefo, vai mostrar que esta tese não se sustenta.

Josephus9 Visão da Sociedade

A maior parte da Guerra e das Antiguidades do período Hasmoneu em diante descreve a sorte dos governantes Hasmoneus e Herodianos e de outros grupos governantes e famílias do Judaísmo. Só quando indivíduos ou grupos ganharam poder governante ou se tornaram importantes para os governantes, Josefo lhes deu tratamento extensivo. Ele não dá uma descrição completa da aristocracia, muito menos do povo, nem fala sobre burocratas, escribas, padres (exceto os chefes dos sacerdotes) ou líderes locais como classes ou grupos separados. Do ponto de vista da classe governante, que é o ponto de vista de Josefo, 11 os fariseus e muitos outros grupos e classes judaicas não têm importância, são forças menores no cenário social e, portanto, são negligenciados, exceto quando têm grande efeito

[67]A melhor discussão recente de como Josefo usa suas fontes está em Cohen, Josefo. Ver também Daniel R. Schwartz, uJosephus and Nicolaus on the Pharisees, "JSJ 14 (1983) 157-171.

[68]Quinze passagens que são explicitamente atribuídas a Nicolaus, onze delas de Josefo, são coletadas com uma introdução e notas em Menahem Stem, Greek and Latin Authors on Judeus and Judaism, vol. 1 (Jerusalém: Academia de Ciências e Humanidades de Israel, 1974) 227-260. Os estudiosos atribuem muitas outras passagens de Josefo a Nicolau.

[69]Cohen, Josefo, é especialmente crítico de Josefo por sua inconsistência e desleixo.

político.

Em todos os seus escritos Josefo favoreceu uma força governante forte e estável · Assim, ele apresentou os Hasmoneus e Herodes, o Grande, favoravelmente. Embora Josefo reconhecesse as falhas pessoais de Herodes com sua família (ele executou muitos deles) e como um judeu piedoso (ele construiu templos pagãos), ele apreciava a capacidade de Herodes de trabalhar com os romanos e manter a ordem · Assim, em tempos de ordem, ele se concentrou em os líderes que controlavam a sociedade, mas em tempos de mudança política e turbulência (por exemplo, no final do período Hasmoneu e novamente após a morte de Herodes, quando a liderança judaica quebrou), ele fez um relato de todos os principais líderes e grupos competindo pelo poder e reconhecimento. É nessas horas que os fariseus e outros grupos[70] [71] [72] [73] [74] tornou-se importante para a política do país e foi notado por Josefo. · Josefo aprovou tais líderes e grupos quando eles promoveram a estabilidade e os menosprezaram quando a ameaçaram.

O Período Hasmoneu

As relações entre os fariseus e os governantes asmoneus eram muitas vezes problemáticas. Os fariseus buscavam influência junto aos hasmoneus servindo como lacaios para eles e recrutando-os como patronos. Ao mesmo tempo, eles perseguiram seus próprios fins como qualquer outro grupo de interesse político. Uma vez, sob Alexandra, eles alcançaram poder político direto, mas na maior parte do período, eles estiveram em conflito com João Hircano e Alexandre, não tinham poder e influência e, conseqüentemente, são mencionados por Josefo apenas durante crises e conflitos.

JOHN HYRCANUS

Os fariseus aparecem pela primeira vez no palco em Josefo durante um conflito com João Hircano (134-104). Josefo aprovou

[70]'Tessa Rajak, Josephus: The Historian and His Society (Filadélfia: Fortaleza, 1984) 154. Rajak tem uma apresentação útil da sociedade judaica vista por Josephus, especialmente na época da guerra com Roma. O escopo do estudo é diferente deste um e ela é mais eclética em seu método e especulativa em algumas hipóteses.

12 Guerra 2.9.2 (169-174); 2.12.2 (228-231).

fortemente Hircano e o descreveu como um governante de sucesso que se envolveu em uma série de conquistas nos principados ao redor de Israel, renovou o tratado com Roma, destruiu o templo samaritano no Monte Gerazim e, assim, estabeleceu sua soberania sobre Samaria Como um sinal de sua aprovação Josefo conclui com uma história extraordinária (paradoxo) de que Hircano, o sumo sacerdote, estava sozinho no templo queimando incenso quando ouviu uma voz dizendo que seus filhos haviam vencido a batalha · Josefo, que atribui o dom de revelação e profecia a líderes favorecidos de a nação e aos homens santos, 14 aprovaram John Hyrcanus como um governante forte e bem sucedido que foi favorecido pela fortuna, ou na linguagem bíblica, foi escolhido e favorecido por Deus. Como prova disso, ele atribuiu a

^ *Ant.* **13.9.1-10.3 (254-283).**

[4]**J. Blenkinsopp, uProphecy and Priesthood in Josephus ", 25 (1974) 234262, esp. 250, 256.**

Hircano um reinado de sucesso e o dom de profecia, bem como os ofícios dados por Deus de sumo sacerdote e governante.

Josefo explica que Hircano teve problemas porque * a inveja dos judeus foi despertada contra ele por seus próprios sucessos e os de seus filhos; particularmente hostis a ele foram os fariseus que são uma das escolas judaicas (haireseis), como relatamos acima." 応 De acordo com a história, os fariseus originalmente tiveram grande influência sobre Hircano, que era um discípulo deles e muito amado por eles. A história de seu conflito começa em um banquete oferecido a eles por Hircano.17 No banquete, Hircano disse que desejava ser justo e agradar a Deus em tudo e, portanto, queria agradá-los porque buscam o conhecimento (philosophousin) .18 Hyrcanus então pediu aos fariseus que o corrigissem se ele estivesse fazendo alguma coisa

[5]*Formiga.***13.10.7 (299-300). Especificamente, Hyrcanus predisse que seus dois filhos mais velhos não permaneceriam senhores do estado.**

[6]**Formiga. 13.10.5 (288).**

*Formiga.***13.10.5-6 (288-298). Esta história é contada também na literatura rabínica (b. Qidd. 66a), mas o rei é Jannai, isto é, Alexandre Jannaeus. A relação entre as duas histórias e sua confiabilidade histórica têm sido frequentemente discutidas com a maioria dos estudiosos a favor do relato de Josefo *. Na literatura rabínica, John Hyrcanus (Johanan, o sumo sacerdote) é apresentado positivamente na maioria das vezes e Yannai negativamente. Alguns tentaram resolver o conflito por referência à história de seus reinados. Recentemente, MJ. Geller, Alexander Jannaeus and the Pharisee Rift, "JJS 30 (1979) 202 * 211 favoreceu o relato**

talmúdico com base na aprovação talmúdica de John Hyrcanus e na evidência de outras turbulências no reinado de Alexandre. Schwartz," Josephus, "158-159 argumenta que a história do banquete está inserida na estrutura da história de Nicolau de Damasco e, portanto, não é originalmente sobre João Hircano. Ele observa que não está presente no lugar equivalente na Guerra 1.2.8 (67-68). Veja também Lee I. Levine, "O Conflito Político entre Fariseus e Saduceus no Período Hasmoneu", [em hebraico] em Jerusalém no Período do Segundo Templo: Volume Memorial de Abraham Schalit ^ (eds.) A. Oppenheimer et al. (Jerusalém : Ministério da Defesa, 1980) 70-72. O próprio Talmud discute a confusão desses dois governantes Hasmoneus em b. Ber 29a. [em hebraico] em Jerusalém no Período do Segundo Templo: Abraham Schalit Memorial Volume ^ (eds.) A. Oppenheimer et al. (Jerusalém: Ministério da Defesa, 1980) 70-72. O próprio Talmud discute a confusão desses dois governantes Hasmoneus em b. Ber 29a. [em hebraico] em Jerusalém no Período do Segundo Templo: Abraham Schalit Memorial Volume ^ (eds.) A. Oppenheimer et al. (Jerusalém: Ministério da Defesa, 1980) 70-72. O próprio Talmud discute a confusão desses dois governantes Hasmoneus em b. Ber 29a.

É provável que o conflito com John Hyrcanus tenha sido histórico. Visto que o Talmud geralmente aprova Joanã, o Sumo Sacerdote, ele transferiu a história do banquete para Jannai porque era com ele que os fariseus deveriam ter tido conflito. Para uma análise convincente que sugere que os rabinos usaram Josefo em alguns casos e que a recontagem rabínica dessas histórias muitas vezes muda pessoas, tempos e lugares, consulte Shaye JD Cohen, "Parallel Historical Traditions in Josephus and Rabbinic Literature * Proceedings of the Ninth World Congress of Jewish Studies (Div. B, Vol. 1; Jerusalém: World Union of Jewish Studies / Magnes, 1986) 7-15.

[8]O Loeb traduz essa frase como * lbr os fariseus professam essas crenças. * A ideia é que os fariseus conhecem e amam as leis de Deus e, portanto, qualquer pessoa que os agrade deve estar agradando a Deus também. errado. Mas os fariseus testemunharam que ele era virtuoxis e ficou encantado com seus elogios.

Essa cena de abertura revela muito sobre os fariseus, seu lugar na sociedade. Hircano é o fariseu, governante político e patrono; os fariseus são clientes que dependem dele e agem de acordo, não o criticando.19 Os fariseus são retratados como parte do círculo de lacaios de Hircano e, como um grupo, eles alcançaram uma influência considerável, especialmente sobre como um governante judeu adequado deve cumprir o leis e costumes ancestrais. A história também implica que eles são uma força intelectual na sociedade com uma forma particular de interpretar a tradição. Embora os fariseus tenham acesso a Hyrcanxis, qualquer poder que tenham é baseado na influência de Hyrcanus e não diretamente em suas mãos.

A unidade dos fariseus foi quebrada por um fariseu chamado Eleazar, Fho tinha uma natureza maligna e sentia prazer na dissensão, 99 e sugeriu que Hircano desistisse do sumo sacerdócio por causa de uma história de que sua mãe havia sido prisioneira.21 Hircano ficou furioso porque eram os fariseus porque a história era falsa e, mais importante, porque a posição de Hyrcanus como governante estava ligada ao seu sacerdócio Mgh.22 Não apenas Hyrcanus, mas também os fariseus, que dependiam da boa vontade de Hyrcanxis, ficaram zangados com o ataque a Hyrcanus por um deles.

"Diz-se que Hircano é subordinado aos fariseus espiritual e religiosamente e a linguagem filosófica do discípulo (e dos professores) é usada e encenada no banquete, mas esta não é a relação primária que surge.

2 ° Observe que os fariseus têm influência como grupo. Nenhum indivíduo ou líder é mencionado, nem os requisitos para associação ou organização interna são detalhados. Parece que Hyrcanus está interessado neles por causa de sua influência corporativa como grupo político.

[2,]As pessoas trazem essa história mais tarde em Ant. 13.13.5 (372). Se uma mulher tivesse sido cativa, ela pode ter sido violada sexualmente. Isso colocava em dúvida a hereditariedade de um padre. Os sacerdotes eram proibidos de se casar com cativos por esse motivo (Lv 21:14).

[você]*Formiga.*13.11.1 (301) e Guerra 1.3.1 (70) dizem que Aristóbolo (104-103) assumiu o título de rei, mas as moedas não confirmam isso. Estrabão 16.240 (762) diz que Alexandre Jannaeus foi o primeiro a assumir o título e as moedas confirmam seu uso do título de rei. Veja E. Schiirer, G. Vermes e F. Millar, A História do Povo Judeu na Era de Jesus Cristo (175 AC-135 DC) Vol. 1 (Edinburgh: Clark, 1973) 217, 227.

Embora o rompimento com Hircano possa parecer causado por um mal-entendido, um sério ataque político está implícito e deve refletir alguma oposição farisaica a Hircano. Sentindo deslealdade em seus aliados, Hyrcanus exigiu que os fariseus reconhecessem isso e fizessem as pazes.

A posição política dos fariseus como retentores influentes é ainda mais esclarecida por sua rivalidade com outro grupo de retentores, os saduceus. Jônatas, um amigo próximo de Hircano e saduceu, caluniou os fariseus com a acusação de que Eleazar agiu com a aprovação dos fariseus e sugeriu um teste para ver se eles realmente desaprovavam o que Eleazar havia dito e desejavam vê-lo severamente punido · Quando os fariseus não recomendaram a morte para Eleazar, por causa da leniência de seu ensino sobre punição, Hircano ficou ainda mais irritado e Jônatas, o saduceu, inflamou essa raiva até que Hircano rejeitou os fariseus como clientes e aliados e aceitou os saduceus em seu lugar. Assim, as práticas e políticas saduceus substituíram os farisaicos no governo da nação.

Hircano, a mudança de favorecimento dos fariseus para os saduceus é típica das relações entre um governante e a classe retentora.23 Muitos grupos e indivíduos competem pelo favor real e o consequente poder e riqueza. Josefo reconhece que os fariseus foram rejeitados por mal-entendidos e intrigas, mas não lamenta a rejeição deles. Grupos que ganham e perdem o favor de seu patrono político são normais e não devem ser especialmente lamentados. As consequências dessa disputa foram terríveis para os fariseus. Hircano revogou os regulamentos peculiares aos fariseus e puniu aqueles que os obedeciam. Como conseqüência, o povo que seguia os fariseus passou a odiar Hircano e seus filhos · Isso faz parte do livro de

Josefo

^ Lee Levine, "Political Conflict, ** 74 ^ 75, argumenta que Hyrcanus iniciou o rompimento a fim de mudar sua lealdade aos Saduceus, que eram o partido militar em ascensão no emergente reino Hasmoneu. As evidências para essa posição são escassas, embora Levine esteja correto ao suspeitar da influência de alguma questão política não trazida pelo texto. Seu estudo concorda com este ao ver todos os grupos da época como forças políticas da sociedade.Fariseus e depois saduceus que João Hircano adotou. Claramente, eles pertenciam a um comportamento público e significativo e não eram práticas ou crenças sectárias menores.

ALEXANDER JANNAEUS E ALEXANDRA

Durante os reinados de Alexandre Jannaeus (103-76) e sua esposa Alexandra, que o sucedeu (76-67), os fariseus continuaram a buscar influência e poder e a agir como um grupo de interesse político que buscava o governante como patrono ou forjado alianças com outros grupos dissidentes contra o governante. Este período foi repleto de lutas faccionais e mudanças de coalizões competindo pelo controle da sociedade judaica. Josefo desaprovou a desordem e culpou Alexandre, Alexandra, os fariseus e todos os outros que perturbaram a sociedade judaica.

Com a morte de John Hyrcanus, ocorreu uma luta dinástica. Seus filhos, Aristóbolo e Antígono, competiram pelo poder, mas eventualmente outro filho, Alexandre Jannaeus (103-76) ganhou o controle.24 Josefo relata longamente as guerras de Alexandre Jannaeus, seu sucesso em tirar vantagem das lutas dinásticas e fraquezas selêucidas, sua fraqueza territorial ganhos, seus conflitos com o povo e outros grupos e sua crueldade opressora.25 Josefo desaprovava Alexandre porque suas políticas indelicadas levaram o povo à perturbação e à revolta e encheu seu reinado de conflitos.26

Em seu leito de morte, Alexandre legou seu reino para sua rainha, Alexandra, e acalmou seus temores sobre a hostilidade do povo com o conselho de que ela ganhasse os fariseus para seu lado para que controlassem o povo.27 Antiguidades não tem conta das disputas de Alexandre com os fariseus, mas Alexandre, em seu discurso final para sua esposa, admite que seu conflito com o povo foi parcialmente causado por seus maus tratos aos

13,121 (320) e segs.

[25]Alexandre matou 6.000 quando foi atacado com cidras no festival dos Tabernáculos e mais tarde crucificou 800 oponentes e massacrou suas famílias. Formiga. 13,13,5 (372373); 13.14.2 (379-383).

^ *Guerra* 1.2.8 (67-69) e 1.4.1-8 (85-106).

[21]*Formiga.* 13.15.5-16.3 (39M17).

Fariseus. Alexandre enfatiza para sua esposa a capacidade dos fariseus de prejudicar ou ajudar as pessoas influenciando a opinião pública, apesar do fato de que às vezes agem por inveja. Ele também revela a agenda política dos fariseus, isto é, seu desejo de poder sobre as leis que governam a vida doméstica judaica. Alexandra deve torná-los benevolentes concedendo-lhes uma certa quantidade de poder. Mais tarde, ele disse a ela: "Prometa-lhes também que não tomará nenhuma atitude enquanto estiver no trono, sem o consentimento deles]"[22]

Alexandra seguiu esse conselho e também permitiu que os fariseus controlassem o corpo e o sepultamento de Alexandre, como ele aconselhou. Os fariseus, por sua vez, esqueceram sua raiva e fizeram discursos louvando Alexandre como um grande e justo rei e motivaram o povo a lhe dar um esplêndido enterro. Josefo não elogia nem culpa os fariseus por suas ações. Ele os vê como um dos grupos de interesse político competindo por poder e influência e ele vê sua influência e poder sobre a classe dominante como dependente de seu status e influência entre as pessoas · Ele parece aprovar o conselho de Alexandre para sua esposa conquistar o povo e acabar com a desordem civil que marcou o fim de seu reinado. Os fariseus são vistos aqui como uma força pela ordem e, assim, conquistam Josefo aprovação · Josefo não se interessa pelos detalhes do programa farisaico, nem por seus motivos. Ele dá como certa a busca egoísta deles pelo poder e o elogio póstumo cínico a Alexandre, mas rapidamente os critica por causar desordem.[75] [76]

Josefo começa o relato do reinado de Alexandra observando que as pessoas a amavam porque pensavam que ela havia desaprovado os crimes cruéis de Alexandre. O próprio Josefo expressa admiração por

75 .13.15.5 (404).

[76]Embora o relato das Antiguidades * sobre a influência dos fariseus sobre o povo seja mais extenso do que o da guerra, o ponto de vista de Josefo * não se tornou mais positivo. Relatos mais longos e detalhados são comuns nas Antiguidades ^ mas a influência dos fariseus na sociedade é presumida em ambos os relatos e a influência final dos fariseus * sobre Alexandra é vista como negativa em ambos. Na verdade, a própria Alexandra é apresentada de forma mais negativa nas Antiguidades do que na Guerra por ter sucumbido aos fariseus.

ela na guerra porque ela não era cruel como Alexandre, estava mais em sintonia com o povo e se comportava de maneira a obter o apoio popular. Ela manteve a paz, governou com eficácia e foi piedosa. Ela estudou os antigos costumes de seu país e expulsou do governo homens que ofendiam as leis sagradas. Para que ela não seja retratada como um santo eremita excessivamente piedoso, Josefo observa que Alexandra formou o exército, conduziu campanhas militares e se envolveu efetivamente em negociações estrangeiras.

Josefo acusa Alexandra de fraqueza em permitir que os fariseus governassem e o povo judeu de fraqueza em permitir que uma mulher os governasse. Alexandra cumpriu sua promessa de dar poder aos fariseus permitindo que eles fizessem o que quisessem em todos os assuntos e ordenando ao povo que os obedecesse. Ela também restaurou os regulamentos farisaicos que haviam sido revogados por João Hircano.30 Josefo comenta: "Ao lado dela cresceu ao lado dela os fariseus poderosos, um certo corpo (sintagma) de judeus com a reputação de serem mais piedosos do que os outros e expondo as leis mais precisamente." Alexandra os ouvia com demasiada deferência porque era piedosa e eles aos poucos se aproveitaram de sua simplicidade (ou sinceridade31) “e se tornaram administradoras (dioiketai) de tudo, para banir e chamar de volta quem quisessem, para soltar e amarrar. Em suma, as vantagens da realeza eram delas; as despesas e encargos eram de Alexandra.切 nas Antiguidades Josefo resume o poder dos fariseus com um exagero: u Enquanto ela tinha o título de rainha, os fariseus tinham o poder, w e então acrescenta que eles de forma alguma diferiam dos governantes absolutos.33 Os fariseus tinham um poder burocrático direto substancial em assuntos domésticos, exilados convocados e prisioneiros libertados, mas não têm poder ilimitado porque não podem punir por conta própria os antigos conselheiros e aliados de Alexandre que crucificaram os oitocentos.

O papel poderoso, mas limitado dos fariseus na sociedade pode ser visto mais claramente em sua tentativa de se vingar daqueles que foram responsáveis pelos oitocentos rebeldes crucificados por Alexandre Jannaeus.34 Eles assassinaram vários membros de Alexandre

^ *Ant.* 13.16.2 (408).

***3X*haploteta,**

1.5.1-3 (107-114).

^ *Ant.* 13.16.2 (409).

^ *Guerra* **1.4.6 (96-98); Formiga. 13.16.2 (410-415). A passagem anti-farisaica na guerra é**antigos apoiadores e exortou a rainha a executar outros. Os lacaios de Alexandre apelaram à rainha Alexandra contra seus novos e poderosos lacaios e clientes, os fariseus, usando seu filho Aristóbolo como porta-voz. Enfatizando sua lealdade à casa asmoneu e sua relutância em se tornarem mercenários ou conselheiros de outro rei da região, eles pediram permissão para guardar suas fortalezas e ficar a salvo dos fariseus no exílio. Josefo não aprova nenhum dos participantes neste conflito porque todas as partes contribuíram para a instabilidade. Os partidários de Alexandre foram responsáveis pela agitação e permitiram que Alexandra assumisse o controle; Alexandra havia permitido que os fariseus tivessem controle demais; os fariseus estavam perturbando a sociedade.35

A solução de Alexandra para o conflito entre seus antigos e novos empregados e clientes reconheceu a reivindicação da velha guarda sobre ela e os manteve em reserva. "A rainha, não sabendo o que fazer de acordo com sua dignidade, confiou-lhes a guarda das fortalezas com exceção de Hircânia, Alexandreion e Machaerus · 咖 Alexandra claramente confiava nesses retentores de favores e sentia-se na obrigação de cuidar deles, de modo que satisfazia minimamente os requisitos de um patrono para tratar seus clientes com justiça.37 Ela também impedia os fariseus de obter controle total sobre seus inimigos e seu governo. Mas esse acordo causou problemas perto do final de seu reinado, quando a velha guarda ameaçou seu governo e lutou ao lado de Aristóbolo em sua tentativa de tomar o trono à força.38 O julgamento final de Josefo é que os fariseus promoveram conflito dentro da sociedade e Alexandra não tinha resolvido os conflitos ou governado com o longo**comumente dito ter vindo da fonte de Josefo, Nicolau de Damasco, que era membro da corte de Herodes e escreveu uma história de seu reinado. Mas o fato de Josefo incluir esta avaliação dos fariseus e de outra forma prestar pouca atenção a eles é consistente com seu interesse no governante e no topo da classe governante e com seu apoio à ordem civil. Ver Rajak, Josefo, 34. Para uma avaliação do uso de Nicolau por Josefo *, bem como o texto de algumas passagens explicitamente atribuídas a ele, ver Stem, Greek and Latin Authors, Vol. 1, 227-260, esp. 229-230.**

[35]**Em Ant. 13.16.3 (417). Veja também 13.16.6 (430-432) para uma avaliação negativa mais extensa de Alexandria.**

^ *Ant.* **13.16.5 3 (417).**

[37]**Lande, uClientism, * xxiii.**

^ *Ant.* **13.16.5 (423-429).**

termos interesses de sua dinastia em mente porque "ela expressou as

mesmas opiniões que aqueles que eram hostis à sua família. ^ 9

RESUMO

Durante os reinados de John Hyrcanxis, Alexander Jannaeus e Alexandra, Josephus retrata uma luta pelo poder dentro das classes governantes e retentoras. Os fariseus apareceram durante o reinado de Hircano competindo pelo poder com outros grupos de interesses políticos. Eles tinham seu próprio programa para a sociedade judaica, contido em um conjunto de tradições e regras que Josefo não descreve. Eles ganharam e perderam grande influência e ainda existiam durante o reinado de Alexandre. Embora não sejam mencionados entre os grupos que se opõem a Alexandre, eles simpatizam fortemente com os executados por ele.[77] [78]Josefo vê os fariseus como um grupo organizado, que ele chama de sintagma, algo que é ordenado, como uma unidade militar, uma constituição política ou um grupo civil reconhecido por uma constituição · Josefo (ou sua fonte Nicolau antes dele) mantém os fariseus à distância e não os abraça como líderes autênticos ou exemplos da vida judaica, dizendo que eles eram considerados mais piedosos e precisos na interpretação das leis do que outros.

Durante o período de inquietação no final do reinado de Alexandre, o próprio rei cessante propôs à sua esposa e sucessora, Alexandra, que ela reunisse em torno de si um novo grupo de partidários e lacaios, os fariseus. Alexandre e Alexandra perceberam que sua posição como governantes estava em perigo e tomaram medidas para consolidar seu poder fazendo uma coalizão com o grupo mais influente entre o povo, os fariseus. Os fariseus entraram na coalizão e estabilizaram a transição de Alexandre para Alexandra acalmando o povo. Alexandra deu aos fariseus o que eles queriam, apoio legal para sua interpretação particular do judaísmo e algum poder direto para dirigir os assuntos domésticos. Os fariseus usaram

[77] ***Formiga*.13,16,6 (431). Josefo provavelmente está se referindo aos fariseus, já que ele já havia mostrado que eles eram hostis aos asmoneus.**

^ Muitos comentaristas identificam os 800 oponentes de Alexandre que foram executados como fariseus, mas Josefo não. Visto que a sociedade judaica continha numerosos grupos políticos e sociais, alianças e coalizões com relacionamentos complexos, os estudiosos deveriam hesitar em identificar um grupo com outro. Levine, "Political Conflict", 69, argumenta que Josefo não identifica os 800 como fariseus para não mostrá-los como rebeldes. Mas, como será visto no final do capítulo 6, seu envolvimento político e resistência são claramente apresentados em Ant.

seu poder para atacar seus rivais, a velha classe governante. Os soldados, conselheiros e altos burocratas sob Alexandre,

Na confusão que se seguiu à morte de Alexandra, os fariseus não foram mencionados e é provável que tenham perdido influência e popularidade com o povo por causa da forma como exerceram poder sobre eles e, assim, perderam o poder político para grupos de interesses rivais, coalizões e facções . Embora ambos os filhos de Alexandra, Aristóbolo e Hircano, tivessem seguidores entre a classe governante, a classe retentora e possivelmente as classes mais baixas, nenhum dos dois se voltou para os fariseus em busca de apoio · A ascensão e queda dos fariseus se encaixa no padrão encontrado em muitos outros países e impérios descritos nos capítulos dois e três. Em impérios e estados burocráticos, como o estado judaico, funcionários e grupos religiosos tendem a emergir como centros de poder político independentes. Especialmente em tempos de turbulência e mudança, como o período após a morte de Alexandre, eles, à medida que enfrentamos tantos indivíduos e grupos, podem competir pelo poder. Sociologicamente, os fariseus fazem parte da classe retentora de Lenski, a serviço da classe dominante como burocratas, educadores e funcionários. Em um reajuste do poder governante, eles poderiam ganhar poder na burocracia e tornar-se parte da classe dominante temporariamente, como fizeram sob Alexandra.

Em seu relacionamento com Alexandra, os fariseus podem ser vistos como um grupo de interesse político-religioso, uma associação corporativa e voluntária "organizada para a busca de um interesse ou de vários interesses em comum. interesses e regras que governam o comportamento dos membros.[79] Alexandra e os fariseus acharam mutuamente benéfico tornarem-se aliados e formarem uma coalizão. A aliança não era uma mudança permanente de classe e status, mas uma posição temporária alcançada na sociedade e baseada no patrocínio do governante e dos fariseus * prestígio obtido por meio da prática religiosa e do conhecimento. Assim, a posição dos fariseus * na sociedade fazia parte de uma complexa rede de relacionamentos e dependia muito das circunstâncias.

Josefo nos fala pouco diretamente sobre a organização dos fariseus *, objetivos declarados, tamanho ou liderança. Ele os vê como uma força social vital que tem sua base no conhecimento e na observância

[79]**Boissevain, Friends of Friends, 171.**

das leis ancestrais do Judaísmo. Eles provavelmente funcionaram como uma organização de movimento social que buscava mudar a sociedade.[80] Por causa da helenização dos hasmoneus e da classe governante que seguiu leis não tradicionais no controle da sociedade, os fariseus provavelmente buscaram um novo compromisso comunitário com um estilo de vida judaico estrito baseado na adesão ao pacto. Eles provavelmente capitalizaram o sentimento popular para rededicação ou reforma do judaísmo e criaram um movimento social formal ou informal. Em tal época de mudança, com alguns membros da classe governante provavelmente desatentos, grupos como os fariseus podiam exercer grande influência com o apoio do povo.

O Período Herodiano

Os fariseus permaneceram atores influentes nos níveis mais altos da sociedade, tanto na corte de Henxi quanto no Sinédrio. No início do reinado de Henxi, os fariseus eram favorecidos por Herodes como apoiadores e clientes, mas depois eles se juntaram a uma facção oposta a Herodes e sofreram sua ira. Os fariseus, como todas as classes superiores, eram controlados por Herodes e não conseguiram obter nenhum poder real enquanto ele viveu, mas não se retiraram, mas permaneceram participantes ativos na vida política. As razões para seu apoio a Herodes são dadas por Josefo, mas são difíceis de separar das próprias opiniões de Josefo *. Alguns fariseus parecem ter adotado uma visão do destino de Israel que poderia incluir Herodes como líder, pelo menos no início de seu reinado.

SAMAIAS E POLLION

Cerca de vinte anos após a morte de Alexandra, em 47-46 AC E · , a situação política estava confusa, com Antípatro e seus filhos, Herodes e Phasael, governando, para grande consternação dos líderes tradicionais de Jerusalém. Na tentativa de controlar esse novo poder,

[80] Uma organização de movimento social é uma organização complexa ou formal que identifica seus objetivos com as preferências de um movimento social ou contra-movimento e tenta implementar esses objetivos. ** Ver Henri Taifel, Diferenciação entre Grupos Sociais: Estudos em Psicologia Social of Intergroups Relations (London / New York: Academic, 1978) 28-46 e McCarthy e Zald, ^ Resource Mobilization * 1212-1219, esp. 1217-1219.

eles convocaram Herodes para ser julgado pelo Sinédrio sob a acusação de que ele agiu ilegalmente ao executar alguns bandidos sem o veredicto do Sinédrio em Jerusalém.[81] A reivindicação de poder do Sinédrio foi contestada pelo sumo sacerdote Hircano, que fora aliado de Herodes, o governador romano na Síria que ordenou que Hircano absolvesse Herodes e, finalmente, por Samaias, um membro proeminente do Sinédrio e discípulo de um fariseu chamado Pólion.[82]Quando Herodes apareceu com um forte guarda-costas, ele espantou tanto o Sinédrio que ninguém se levantou para acusá-lo. Samaias repreendeu os membros do Sinédrio por sua covardia em permitir que Herodes os dominasse e previu que eles se arrependeriam de ter libertado Herodes porque um dia ele puniria todos eles. Mais tarde, quando Herodes e o general romano Sossius sitiaram e capturaram Jerusalém dos partidários de Antígono, Samaias aconselhou o povo de Jerusalém a permitir que Herodes entrasse em Jerusalém porque seus pecados tornavam sua vitória inevitável. A previsão de Samaias9 se concretizou quando Herodes puniu aqueles que se opunham a ele e mostrou especial favor a seus partidários, entre os quais Pólion, o fariseu, e Samaias, seu discípulo, que aconselhou o povo a admiti-lo.[83]

Visto que a repreensão de Samaias9 ao Sinédrio concorda com o próprio pensamento de Josefo muito de perto, é provável que seu discurso não represente diretamente o ensino farisaico. Josefo não gostava de Herodes, mas gostava ainda menos dos líderes judeus que eram fracos e permitiam a desordem no estado e em suas instituições. Assim, na prática, Josefo favoreceu Herodes porque ele era o melhor líder disponível. Na visão de Josefo, a fraqueza sempre leva ao desastre e, neste caso, a fraqueza pôs fim a qualquer vestígio do governo asmoneu e levou à ascensão de Herodes. Como porta-voz das opiniões de Josefo, Samaias é apresentado de forma muito

[81]Sobre o contexto social do banditismo e sua conexão com a revolta camponesa, ver R. Horsley, "Josephus and the Bandits," JSJ10 (1979) 37-63.

^ *Formiga,*14.9.3-5 (163-184); Samaias é identificado como discípulo de Pollion em Ant. 15.1.1 (3) e lá Pólion é dito ter sido aquele que repreendeu o Sinédrio, ao contrário de Ant. 14,9.4 (172). Sobre as tentativas de vincular essas figuras às figuras rabínicas Shamaiah e Abtalyon, consulte a bibliografia na edição Loeb, vol. 14, Apêndice K. Também A. Guttmann, Rabbinic Judaism in the Making (Detroit: Wayne State, 1970) p. 53; S. Zeitlin em The Rise and Fall of the Jewish State (Philadelphia: Jewish Publication Society, 1964-). Vol. 2, pág. 104 e L. Feldman, "The Identity of Pollio, the Pharisee, in Josephus", JQR 49 (1958) 53-62.

***[83]Formiga.* final do Livro 14 e início do Livro 15.**

positiva. Ele é considerado um homem justo (dikaios) que era superior ao medo e capaz de fazer uma previsão verdadeira do futuro (um sinal seguro do favor de Deus aos olhos de Josefo).

Samaias, como membro do Sinédrio, era membro da classe governante e talvez seu professor Pólion também fosse. Não é surpreendente que um fariseu ou talvez vários fariseus devam ser contados entre o grupo de anciãos e líderes que compõem o Sinédrio.47 Os fariseus tinham sido influentes e poderosos no governo e alguns continuaram a participar da atividade política. Mas Samaias e Pólion estavam em uma posição fraca porque a repreensão de Samaias9 ao Sinédrio em 47-46 e seu conselho para admitir Herodes em Jerusalém em 37 foram ignorados. Eles ainda tentaram influenciar o povo, como fizeram nos dias de João Hircano e Alexandre Jannaeus, mas não tiveram sucesso notável. No entanto, ao apoiar Herodes em pontos cruciais em sua busca pelo poder, eles conquistaram o favor de clientes de Herodes.

"Josefo fez o mesmo com Vespasiano (Guerra 3 e 6 [387-408J.

[47]O Sinédrio em Jerusalém era o conselho supremo, incluía os cidadãos mais poderosos e influentes em qualquer época e, portanto, provavelmente tinha uma composição mutante que refletia as lutas pelo poder e as correntes sociais da história. A fim de reconciliar declarações aparentemente conflitantes em Josefo e na literatura rabínica, alguns estudiosos adotaram uma teoria de dois sinédrios, um político e um religioso. A união inextricável da sociedade política e da religião torna isso impossível. Para um resumo conveniente das teorias, consulte Hugo Mantel, "Sanhedrin," IDBS、784-786.

OS FARISEUS SOB O HERODE

O apoio contínuo de Herodes aos fariseus e sua percepção deles como aliados, ou pelo menos não como uma ameaça, fica claro mais tarde, no meio de seu reinado. Por volta de 20 AEC, ele empreendeu uma série de ações para suprimir a insatisfação com seu governo.48 Como parte desse programa, ele exigia que o povo fizesse um juramento de fidelidade a ele e qualquer um que se recusasse era eliminado, exceto os fariseus e Essenes. Herodes tentou persuadir Pólion, o fariseu, Samaias e seus discípulos49 a fazer o juramento, mas eles o reeditaram. Herodes, entretanto, não os puniu, mas mostrou-lhes respeito por causa de Pólion.

Josefo não disse por que esses grupos se recusaram a prestar juramento. Os essênios são consistentemente apresentados como um

grupo ascético e atípico e pode-se esperar que tenham escrúpulos especiais. Os fariseus tinham suas próprias interpretações da lei judaica, mas nada explícito é dito em Josefo sobre as restrições para fazer juramentos. O papel ativo dos fariseus na vida política e jurídica judaica sugeria que eles não tinham problemas com juramentos. O relato de Josefo sobre a previsão de Pólion e Samaias "a respeito de Herodes, sua aquiescência ao seu governo e sua explicação teológica para a ascendência de Herodes sugerem que eles não se opunham a ele, talvez porque ele fosse a melhor alternativa disponível na sociedade palestina na época. Os fariseus parecem ser aliados inquietos de Herodes;

CONFLITO COM HERODE

Conflitos domésticos e intrigas palacianas sobre a sucessão dominaram a parte final do reinado de Herodes, de acordo com Josefo. Os fariseus participaram de uma intriga faccional como um menor

^ ***Ant.*** **15.10.4 (368-372).**

^ ***sundiatribontdn autois,*** **literalmente, aqueles que passam tempo com eles.** força política, com resultados catastróficos para si próprios. O irmão de Herodes, Pheroras, o tetrarca da Peréia, junto com a esposa, mãe e irmã de Pheroras e a mãe de Antipater conspiraram para que Antipater, filho de Herodes, o sucedesse. A irmã de Herodes, Salomé, relatou suas conspirações ao irmão, mas Herodes, que ainda era influenciado pelos conspiradores, demorou muito para agir contra eles.50 Durante esse tempo de maquinações, Josefo relata com desaprovação os fariseus, o longo relacionamento com Feroras , esposa e seu papel nas tramas. “Havia também um grupo de judeus que se orgulhava de sua adesão aos costumes ancestrais e afirmava observar as leis aprovadas pela Divindade, e por esses homens, chamados de fariseus, as mulheres (da corte) eram governadas · 巧] Os fariseus são aqui retratados como influenciando mulheres proeminentes, assim como fizeram com Alexandra na geração anterior. Josefo mantém distância dos fariseus relatando, mas não afirmando sua reputação de observância e sua alegação de conhecer as leis, assim como fazia antes. Para Josefo, eles são apenas mais um grupo de lacaios em torno de Herodes e conspirando para o poder · Esses homens foram capazes de ajudar muito o rei por causa de sua

previsão [previsão], mas obviamente tinham a intenção de combatê-lo e feri-lo · 巧2 Como um exemplo dos fariseus, má vontade para com Herodes, Josefo cita a recusa de seis mil em fazer um juramento de lealdade a César e ao governo do rei.53 Tal ato enfraqueceu o governo e

^ *Guerra*1.29.2 (567-571); Formiga. 17.243.3 (32-60).

[5i]*Formiga*17.2.4 (41). A palavra grega traduzida aqui como "grupo" é morion, que significa literalmente um upartwand é usado idiomicamente para grupos. É usado apenas para os fariseus aqui.

[52]*Formiga.*17.2.4 (41). AI Baumgarten, "The Name of the Pharisees", JBL 102 (1983) 414416, citando a visão comum, afirma que esta passagem hostil deriva de Nicolau de Damasco, que era pró-Herodiano. Ele e outros não notaram que Josefo é completamente consistente em todas as suas obras em condenar criadores de problemas.

[53]É provável que essa recusa em prestar juramento não seja a mesma que a recusa de Pollion, Samaias e seus alunos registrada em Ant. 1510,4 (368-371). 1. No Livro 15, Herodes desculpou Pólion e seus alunos porque o considerava um aliado e não impôs uma multa. 2. No livro 15, o grupo é Pollion e seus discípulos. Aqui estão seis mil fariseus, que parecem ser um grupo organizado. 3. No livro 15 apenas um juramento a Herodes é mencionado. Aqui está um juramento a César e Herodes. 4. Aqui, Herodes protesta que a esposa de Feroras * se opôs a ele por uma série de atos, incluindo o pagamento de uma multa aos fariseus *. O contexto não é a primeira recusa em fazer um juramento por volta de 20 AEC, mas as intrigas perto do fim da vida de Herodes em 7-4 AEC. Ver G. Alon, "A Atitude dos Fariseus para com o Governo Romano e a Casa de Herodes , " Scripta Hierosolymitana 1 (1961) 53-78 e E. Schiirer, G. Vermes e F. Millar, History, Vol. 1.314, n. 94. D. Schwartz,promoveu a desordem, um resultado que Josefo constantemente deplora.54 Se o número de membros dos fariseus, seis mil, é exato, isso sugere que os fariseus eram um grupo ou movimento organizado com limites claros o suficiente para serem identificados.

A recusa dos fariseus * do juramento de lealdade e sua coalizão com o campo de Féroras * estão ligados porque Herodes puniu os fariseus com uma multa que foi paga pela esposa de Féroras *.55 Ela agiu como sua patrona e eles em troca mudaram sua fidelidade de Herodes e serviram como seus clientes: "Em troca de sua amizade, eles predisseram - pois se acreditava que eles tinham presciência das coisas por meio das aparições de Deus a eles - que pelo decreto de Deus o trono de Herodes seria tirado dele, tanto de si mesmo como de seus descendentes, e do rei o poder cairia para ela e para Pheroras e para quaisquer filhos que eles pudessem ter · 吆 Josefo registra a reputação dos fariseus * de predição, um dom que indicaria o favor divino, mas a maneira como ele fala disso, o motivo cínico que eles têm para fazer a predição e o fato de que a predição não se cumpriu, tudo mostra que em Josefo * vista, os fariseus são oportunistas

políticos manipulando seu patrono. Josefo também relata que os fariseus previram que outro poderoso oficial da corte, Bagoas, um eunuco chegaria ao poder e até teria filhos.57 Os fariseus estão no meio das batalhas políticas e têm uma influência considerável sobre os oponentes de Herodes, uma influência que Josefo considera prejudicial.

Herodes respondeu a esta coalizão hostil executando Bagoas,

Karos, aqueles da casa de Herodes que aprovaram o que o [você]**Josefo, ****

160 defende um único conflito sobre o juramento contado em relatos divergentes por Nicolau de Damasco e Josefo.

[54]Josefo não disse por que os fariseus se recusaram a fazer o juramento. Um juramento a César pode ser religiosamente repulsivo para eles, embora não necessariamente. Politicamente, eles são retratados como oponentes de Herodes e, portanto, muito provavelmente do Império Romano que o criou como Gng. A recusa em fazer o juramento certaiidy funcionou como e provavelmente teve a intenção de ser um protesto e ataque político.

17.2.4 (42-45).

"*Formiga*. 17.2.4 (43).

[57]Richard A. Horsley, "Popular Messianic Movements Around the Time of Jesus", CBQ 46 (1984) 483, observa que a aceitação das previsões dos fariseus * sugere uma ânsia por um rei ungido em resposta à repressão herodiana.

Fariseus disseram e aqueles fariseus mais responsáveis por corromper seu povo (ou seja, voltá-los contra ele). Em seguida, ele levou a esposa de Feroras * a julgamento por sua trama e fez várias acusações contra ela, por exemplo, que ela ajudou os fariseus a fugir da multa imposta a eles, pagando-a por eles. O resultado de suas acusações foi diminuir o poder da facção de Pheroras * e, conseqüentemente, dos fariseus.[84]

O primeiro século

[84]Um outro evento durante a vida de Herodes merece menção, a derrubada da águia dourada sobre o portão do Templo pelos discípulos de Judas e Matias (Ant. 17.6.1-4 [14 e -167J Guerra 1.33.2-4 (648-655) . Muitos comentaristas tratam esses mestres e discípulos como fariseus. No entanto, eles não são identificados como tal. É verdade que Pólion, o fariseu, tem discípulos e que João Hircano era um discípulo dos fariseus. Mas os mestres com círculos de discípulos parecem ter têm sido comuns e não há razão para tratar este grupo como fariseus. Os dois professores exortam seus alunos à ação zelosa e ao martírio pela lei. Os fariseus nesta parte das Antiguidades são apresentados mais como operadores políticos entrando em coalizões sofisticadas para ganhar poder em vez de fanáticos nacionalistas e religiosos que incitam a revolução.

Os fariseus são mencionados várias vezes no relato de Josefo * do primeiro século. A referência final aos notáveis dos fariseus na guerra ocorre na disputa sobre se deve cessar de oferecer os sacrifícios diários enviados pelo imperador para serem oferecidos para o seu bem-estar e o da nação.[85]Eleazar, filho do sumo sacerdote Ananias e capitão do Templo, convenceu os sacerdotes do Templo a não aceitarem sacrifícios de estrangeiros. Os principais sacerdotes e notáveis (gnorimoi) tentaram impedir os sacerdotes de rejeitar os sacrifícios do Imperador porque este era um ato de guerra. Então os principais cidadãos (dunatoi) se reuniram com os principais sacerdotes e os notáveis dos fariseus para deliberar sobre o problema. Este grupo decidiu dirigir-se ao povo para mudar a opinião dos revolucionários, tática que falhou. No decorrer da assembléia, os líderes produziram especialistas sacerdotais nas tradições que testemunharam que todos os seus ancestrais aceitaram sacrifícios de estrangeiros. Porque os líderes perderam autoridade e influência no caos da civilização

guerra, sua tentativa de persuadir o povo falhou e a guerra com Roma se seguiu.

Josefo inclui na classe governante os principais sacerdotes, os principais cidadãos e os notáveis dos fariseus e faz uma distinção clara entre esses líderes legítimos e o povo, dos quais alguns eram revolucionários. Os notáveis entre os fariseus foram consultados, mas a base para seu status não é clara. Eles podem ter vindo de famílias hereditárias que tinham posição aristocrática na cidade ou podem ter sido poderosos em virtude de sua liderança nos Pkariseus. Além disso, não sabemos se os fariseus, como grupo, tiveram uma posição na disputa sobre a revolta contra Roma. Anteriormente, eles estavam unidos em sua oposição a Alexandre e Herodes, mas nisso eles estavam de acordo com grande parte da sociedade palestina · Aqui, a maioria do povo de Jerusalém parece ter se rebelado, mas é provável que os fariseus,

Os fariseus no ((Ufe "

[85] ***Guerra*2.17.2-4 (409-417). Philo, Leg. ad Gaium, 157, 317, também dá informações sobre esses sacrifícios.**

Josefo menciona os fariseus na véspera da revolta contra Roma.60 Ao retornar de uma embaixada em Roma, ele havia buscado asilo no Templo dos bandidos que controlavam Jerusalém. Depois que seu líder Menahem foi morto, Josefo diz que novamente "se associou com os principais sacerdotes e os principais fariseus · [illegible] De acordo com Josefo, ele e esses líderes temiam o povo e fingiam concordar com suas idéias revolucionárias, o tempo todo tentando impedi-los e esperando a chegada de tropas romanas. O próprio Josefo é um sacerdote ligado à família do sumo sacerdote e aos hasmoneus, 62 portanto, sua presença entre os líderes é razoável. Visto que alegou ser fariseu e também sacerdote, ele pode estar se apresentando como ligado aos líderes de seus dois grupos. No entanto, aqui como na guerra, os principais fariseus fazem parte do governo

^ *Ufe* **20-23 (5).**

[6]**Os notáveis dos fariseus são mencionados junto com os principais sacerdotes na guerra também (217.2-4 [40M17]).**

^ *Ufe* **1-6 (1).**

classe e sua participação nos fariseus é notável. Assim, os fariseus devem ter sido um grupo social e político importante, influente e poderoso o suficiente para ser ouvido por meio de seus líderes.

Mais tarde na Vida, durante o mandato de Josefo * como comandante na Galiléia, ele se opõe a Simon ben Gamaliel. João de Gischala (na Alta Galiléia), que era rival de Josefo, buscou a remoção de Josefo e sua nomeação em seu lugar.[86]Ele enviou seus irmãos a Jerusalém para pedir a seu velho e íntimo amigo, Simon ben Gamaliel, que convencesse a assembléia a fazer essa mudança. “Este Simão era natural de Jerusalém, de família muito ilustre e da escola dos fariseus, que têm fama de serem especialistas incomparáveis nas leis de seu país (nomima). Um homem altamente dotado de inteligência e julgamento, ele poderia por puro gênio recuperar uma situação infeliz nos assuntos de estado. ” Simão exortou o sumo sacerdote, Ananus e Jesus, filho de Gamalas, e alguns outros de seu partido ”a remover Josefo. Ananus os lembrou da boa reputação que Josefo tinha com muitos dos principais sacerdotes e líderes do povo e os aconselhou a não inventar acusações. Simon então instruiu John

86 [illegible]189-198 (38-39)

A classe governante em Jerusalém era composta de muitos grupos, com os sumos sacerdotes e seu partido no centro. Simão tem mais poder e influência do que João de Gischala ou Josefo por causa de vários fatores, incluindo sua família, sua habilidade e muito provavelmente sua conexão com os fariseus. Simon é apresentado como um agente político dentro da classe governante que ajuda um aliado a alcançar seu propósito contra uma oposição substancial. Josefo pertence aos mesmos círculos e tem seus próprios apoiadores, mas, ausente na Galiléia, ele perdeu a batalha pelo apoio continuado e estava programado para ser removido.

A delegação enviada para remover Josefo revela mais sobre a estrutura de classe política em Jerusalém e o status dos fariseus.[87] A delegação era composta por quatro homens igualmente educados de diferentes classes da sociedade. Dois fariseus pertenciam à classe baixa da sociedade, 65 outro fariseu era sacerdote e uma terceira pessoa, o mais jovem, era da família do sumo sacerdote. As instruções que a delegação recebeu ao partir para a Galileia são instrutivas. Se o povo da Galiléia resistir à remoção de Josefo, eles devem determinar a base do domínio de Josefo sobre o povo e refutá-la.66 Três possíveis garantias para Josefo, autoridade são dadas: ser um nativo de Jerusalém, conhecimento das leis ancestrais e sacerdócio e obviamente a delegação é igual a Josefo em todos os pontos · Os três fariseus do grupo são de Jerusalém e conhecedores das leis; um deles é padre. As três bases para um ' s aceitação como líder é consistente com o que Josefo havia mostrado sobre a história judaica · Na ausência de um rei, os sacerdotes e especialmente o sacerdote principal e as famílias dos sumos sacerdotes ocupavam o centro do poder. Um pré-requisito para o governo e uma entrada nas classes dominantes é o conhecimento das leis e costumes ancestrais do Judaísmo. Especialmente desde as guerras dos Macabeus, quando o modo de vida judaico foi ameaçado, a fidelidade às leis foi uma marca distintiva da sociedade judaica · Aqueles que eram conhecidos por seu conhecimento e observância das leis, como os fariseus, alcançaram influência e freqüentemente poder entre as pessoas. Em contraste, aqueles que não observavam o modo de vida judaico, como Herodes, eram desprezados e, se possível, rejeitados. Finalmente, ser um nativo de Jerusalém implica que o povo reconheceu Jerusalém como seu centro e como o centro do governo

^ ***Ufe*** **196-198 (39).**

judaico; aqueles que viviam em Jerusalém e eram educados eram considerados classe dominante, mesmo pelos galileus que viviam em outra região e eram controlados diretamente por diferentes autoridades judaicas. Nesse caso, porém, eles falharam. Pode ser que os galileus tenham percebido Josefo e o trabalho que ele havia feito em

"Josefo chama os dois fariseus de demotikoi, isto é, plebeus, o povo, cidadãos sem patente.

"As autoridades em Jerusalém não tinham controle direto sobre a Galiléia. Como de costume, os líderes locais eram os" notáveis ", isto é, os cidadãos proeminentes e ricos. Para os notáveis da Galiléia, ver Guerra 2.12.3 (233) e para os líderes (dunatoi) samaritanos, ver Guerra 2.12.5 (239). Para um resumo conveniente da diferença regional dentro da Galiléia e entre a Galiléia e outras partes da Palestina, ver Eric M. Myers e James E Strange, Archaeology, the Rabbis and Early Christianity (Nashville: Abingdon, 1981), cap. 2

A Galiléia está mais próxima de seus interesses do que a delegação e sua política enviada de Jerusalém.67

Os Saduceus nas Antiguidades "e na Vida 99

Jonathan, o Saduceu, que levou os Saduceus ao poder sob o comando de João Hyrcanus, já foi tratado. O próximo saduceu aparece em Josefo durante a guerra contra Roma, quando Ananus, o sumo sacerdote, é identificado como saduceu e, como os saduceus de João Hircano, é apontado por seu rigor na prestação de julgamento legal.68 Ananus foi nomeado pelo rei Agripa durante o ínterim entre a morte do procurador Festus e a chegada de seu substituto, Albinus. Porque ele mandou executar Tiago, irmão de Jesus e alguns outros, alguns que pensaram que ele havia agido ilegalmente ou injustamente protestaram e ele foi removido depois de três meses.69 Josefo, como de costume, não aprova ninguém que cause agitação, incluindo o saduceu Ananus neste caso. Mais tarde na Guerra, Ananus como o mais velho dos sacerdotes é elogiado por resistir aos zelotes e colocar o bem-estar público acima de sua propriedade.70 Mais tarde ainda, na Vida Josefo afirma que foi subornado para dar seu apoio aos que se opunham a Josefo.71 Josefo é nem a favor nem contra os saduceus, Ananus, James ou os primeiros cristãos. Ele apóia a ordem e elogia qualquer um que resista aos revolucionários.

67 Sobre todo o problema da Vida e deste episódio, ver Cohen, Josephus, esp 223-227.

^ *Ant.* 20.9.1 (199-203)

[69]Os oponentes de Ananus * são descritos como aqueles * que eram considerados os mais justos e que eram estritos na observância da lei. ” Alguns comentaristas identificam os oponentes com os fariseus e dizem que Josefo os estava protegendo de uma aparente deslealdade. Ver G. Baumbach, ttDas Sadduzaerverstandnis bei Josephus Flavius und im Neuen Testament / Kairos 13 (1971) 22 e Baumgarten "Name", 413-414. No entanto, todos os grupos da sociedade judaica não precisam ser reduzidos aos fariseus e saduceus. Josefo, que desaprova qualquer pessoa que cause desordem, desaprova Ananus aqui e apóia os líderes mais equilibrados que teriam evitado o conflito. Ver J. LeMoyne, Les Sadducetns (Paris: Etudes Bibliques, 1972) 240.

70 *Guerra* 4.3.7 (151) a 4.5.2 (325).

71 *Vida* 195-196 (39).

Os saduceus aparecem com muito menos frequência em Josefo porque têm impacto na liderança nacional com menos frequência do que os fariseus. Dois saduceus são nomeados, mas o grupo ao qual pertenciam permanece em segundo plano e desconhecido. Os saduceus nomeados, Jônatas e Ananus, pertenciam à classe governante, pois um é amigo de Hircano e o outro é o sumo sacerdote. Isso não significa necessariamente que todos os saduceus pertenciam à classe governante e certamente não que toda a classe governante fosse saduceu.

Resumo

Tanto os fariseus quanto os saduceus eram pequenos grupos dentro do complexo tecido social do judaísmo na Judéia. Os fariseus são certamente um grupo de interesse político que desejava influenciar a maneira como a vida judaica era vivida religiosa, social e politicamente. Os saduceus provavelmente também faziam parte desse grupo. Os fariseus eram, em sua maioria, retentores, isto é, 9 um grupo cujos membros não têm riqueza e poder independentes, mas que dependem da classe governante. Alguns fariseus faziam parte da classe governante e do Sinédrio e os fariseus às vezes tinham uma base de poder parcialmente independente por meio de sua influência sobre o povo · Os poucos saduceus que aparecem em Josefo são da classe governante, mas sua natureza, número, programa e a influência sobre a classe governante não é clara. Embora Josefo tenha escrito para promover sua própria interpretação da sociedade judaica, sua imagem dos fariseus e saduceus é consistente com o que sabemos dos impérios agrários e, portanto, sociologicamente provável em seus contornos gerais. Uma avaliação completa dos

fariseus e saduceus em Josefo deve aguardar uma consideração de Josefo e as descrições desses dois grupos.

Josefo, Descrições dos fariseus e saduceus

Josefo fornece descrições comparativas dos fariseus, saduceus e essênios uma vez na guerra e duas vezes nas antiguidades ▪ Descrições adicionais dos fariseus e saduceus estão contidas no relato da ruptura de João Hircano com os fariseus nas Antiguidades e na descrição de Josefo de seu próprio envolvimento com os três grupos no início de sua vida. Cada um foi escrito para um propósito específico e deve ser interpretado em seu contexto. As descrições são especialmente úteis para analisar a natureza desses grupos e seu funcionamento interno, na medida em que isso for possível ▪ Eles devem ser comparados entre si para detectar mudanças em Josephus, pontos de vista ou propósitos e, em seguida, todas as descrições comparadas com seus relatos sobre o Fariseus, atividades do capítulo anterior.

Os fariseus e saduceus são mais conhecidos pelas descrições paralelas deles e dos essênios na guerra e nas antiguidades} O contexto desta descrição principal é idêntico em ambas as obras e crucial para sua interpretação. Após a morte de Herodes e antes que Arquelau, seu filho e herdeiro, pudesse ganhar o controle, houve muitas revoltas e distúrbios decorrentes principalmente do povo2 e liderados

〔A descrição está contida no War 2. & 2 ▪ **14 (119-166), com os fariseus e saduceus tratados em 2. e 14 (162-166). O paralelo nas Antiguidades está em 18.1.2-6 (11-25), com os fariseus e saduceus em 18.1.3 * 4 (12-17).**

2 畑 2.1.1. (1) se.

por várias figuras políticas e messiânicas judaicas. Arquelau governou com grande brutalidade por nove anos, até que tanto os judeus quanto os samaritanos pediram a Augusto que o removesse.[88] De 6 EC até a Grande Guerra em 66 (exceto por três anos), a Judéia e Samaria foram governadas por prefeitos e procuradores romanos, o primeiro dos quais foi Copônio.

Neste momento crítico em Josefo[89] narrativa, quando o controle herodiano dos assuntos judaicos terminou e o caminho para a revolta começou, Josefo relata que sob Copônio um galileu chamado Judas liderou uma revolta na qual encorajou seus conterrâneos a se recusarem a pagar tributo a Roma e a reconhecer apenas Deus como seu governante (despotes).*[90]* Esse rebelde era diferente porque era "um professor (sofistes) de sua própria escola (hairesis) ^ o fundador da quarta filosofia.5 Com a ajuda de Saddok, um fariseu, de acordo com as Antiguidades, Judas incendiou o povo à rebelião e começou um processo que culminou sessenta anos depois, na guerra que destruiu Jerusalém.

Josefo aproveita a ocasião para alertar que a inovação e a reforma são muito perigosas e que a quarta filosofia se intrometeu e acabou destruindo o corpo político judeu.[91] Josefo se apressa em acrescentar que esta quarta escola de pensamento que encorajou a rebelião não tinha nada em comum com os outros três tipos (eide) de filosofia judaica, os fariseus, saduceus e essênios.[92]Josefo parece sugerir que daqui em diante as três escolas de pensamento anteriores, presumivelmente tradicionais, antigas e legítimas, foram unidas por uma quarta espécie que levou à rebelião. Josefo apresenta as três filosofias tradicionais para seus leitores gentios como uma parte respeitável e permanente do Judaísmo, mas ele desacredita a quarta

88 2.7.3

89 ***Guerra*2 e 1. (118). Hairesis é frequentemente traduzido como seita. É uma escolha de um modo de vida, que pode ser uma escolha sectária no sentido moderno ou uma escolha de uma escola de filosofia ou pensamento que se esperava que vivesse na Antiguidade. A presença dos termos professor e filosofia neste contexto torna "escola" (de pensamento) uma tradução adequada aqui.**

90*Formiga.***18.1.6 (23). A origem de Judas * é confusa. A Guerra diz que ele é da Galiléia (2.8.1 [118]), mas as Antiguidades 18.1.1 (3)que ele é de Gamala em Gaulanitis, a leste do Mar da Galiléia.**

91Ele também detalha as políticas pobres de alguns dos procuradores, que contribuíram para os sentimentos revolucionários judeus.

92Nas Antiguidades Josefo reconhece que a quarta pilosofia é igual à filosofia farisaica, exceto por sua paixão pela liberdade, sua aceitação de Deus apenas como governante e seus objetivos revolucionários, mas por causa da desordem e sofrimento que chamou, Josefo marca essa filosofia novo e intrusivo (Ant.] & 1.6 [23] e] & 1.1 [9]).

filosofia, que levou à guerra, aqui e em todo o seu livro ·

A guerra

Embora Josefo possa ter obtido suas descrições das três filosofias tradicionais de uma fonte etnográfica independente,[93] sua escolha e posicionamento da fonte promoveram seus objetivos. Em seu tratamento das três filosofias na Guerra, Josefo as relaciona na ordem dos fariseus, saduceus e essênios e imediatamente passa a uma longa e laudatória descrição do * modo de vida ascético e eremítico dos essênios.[94] Claramente, esse grupo é aquele que ele deseja que os romanos notem, provavelmente porque seu modo de vida retraído não representava nenhuma ameaça política. Além disso, sua vida comunitária incomum atrairia o interesse romano pelas filosofias e religiões orientais durante o primeiro século.[95] Uma breve descrição comparativa dos fariseus e saduceus segue a longa descrição dos essênios. Suas crenças sobre três questões filosóficas e teológicas são contrastadas: primeiro, destino (ou providência divina), segundo, livre arbítrio e responsabilidade humana, e terceiro, imortalidade com recompensa e punição. Então, suas relações comunitárias entre si e com os outros são contrastadas. Uma comparação detalhada dos fariseus e saduceus está contida no gráfico a seguir.

[93] George F. Moore, "Destino e Livre Arbítrio nas Filosofias Judaicas de acordo com Josephus", HTR 22 (1929) 374; 383-384; Morton Smith, * The Description of the Essenes in Josephus and the Philosophumena, w JQR 49 (1958) 292-300; H. Attridge, The Interpretation of Biblical History in the Antiquitates Judaicae of Flavius Josephus (HDR 7; Missoula: Scholars, 1976), 178-179, n.4.

94 Josefo lista os três grupos na ordem Fariseus, Saduceus e Essênios em Ant. 13, a Guerra e a Vida. Em Antiguidades 18 ele os lista na ordem Essênios, Saduceus, Fariseus. Ele os trata na ordem Essênios, Fariseus, Saduceus na Guerra; Fariseus, essênios, saduceus na formiga. 13; e fariseus, saduceus, essênios em formiga. 18

[95] Smith, "Palestinian Judaism", 75 e H. Attridge, * Josephus, w 186.

Fariseus

Modo de vida

Eles são afetuosos um com o outro.

Cultive relações harmoniosas com a comunidade.

Pensei

Atribua tudo ao destino e a Deus.

Agir certo ou errado depende principalmente dos humanos, mas o destino coopera em cada ação

Cada alma é imperecível

Apenas a alma do bem passa para outro corpo.

As almas dos ímpios sofrem o castigo eterno.

Irtfluência

Considerados os intérpretes mais precisos das leis.

Ocupe o cargo de primeira escola / escola líder.

Saduceus

Maneira de viver

Grosseiros um com o outro.

Tão rude com seus pares quanto com os alienígenas.

Pensei

Negue o destino.
Deus está além da comissão e da própria visão do mal.

Os humanos controlam a escolha do bem e do mal.

Sem resistência da alma.

Sem recompensas ou punições ▪

Influência (sem

informação)

Os fariseus e saduceus, ambos tratados como grupos estabelecidos e bem conhecidos no judaísmo, não são elogiados nem culpados por Josefo na guerra. Após seu longo e entusiástico tratamento dos essênios, ele se volta para os dois primeiros grupos mencionados, assumindo os fariseus primeiro e os saduceus, ^ a segunda ordem (tagmd) ^ depois. Ele apresenta os fariseus dizendo que eles são considerados os intérpretes mais precisos das leis e ocupam a posição de1 a principal escola12. Josefo mantém distância da reputação dos fariseus * como os mais precisos intérpretes das leis pelo uso do verbo grego doked, assim como fez ao falar de suas atividades durante o reinado de Alexandra. Embora Josefo diga em sua Vida que era fariseu, ele certamente não escreve como se fosse.

Josefo descreve brevemente os fariseus * e depois os saduceus * perspectivas filosóficas e teológicas distintas sobre destino / providência, responsabilidade humana e liberdade e vida após a morte. Josefo não faz comentários de avaliação nem comenta sobre as origens ou razões para essas posições.

Após a revisão das posições dos fariseus e saduceus sobre as questões filosóficas, Josefo explicitamente compara as relações sociais dos dois grupos de uma forma que favorece os fariseus e explica sua proeminência ▪ Os fariseus fomentam relações sociais internas calorosas e relações harmoniosas com o público, enquanto os saduceus são grosseiros entre si e com seus pares. Nenhuma explicação é dada para o comportamento dos saduceus9, nem Josefo conecta o comportamento dos fariseus * e saduceus * com suas crenças.

"“ Manter a posição de * é a tradução de apagontes de Thackeray. A tradução de Whiston introduziu "o que não faz sentido. A forma significa * assumir para si mesmo".

^ Liderar ”é a palavra grega para ^ primeiro", que também poderia ter o sentido de primeiro a existir ou mais antigo. A forma verbal sugere que Josefo significa que os fariseus alcançaram proeminência.

[13]Josefo não mudou radicalmente seus pontos de vista porque ele se refere a esta descrição das três escolas de pensamento duas vezes em suas Antiguidades e uma vez na Vida. Veja Ant. 13.5,9 (173); 18.1.2 (11); Vida 10, que é uma referência geral para todas as descrições.

AS ANTIQUIDADES, LIVRO 18

Na descrição paralela nas Antiguidades Josefo dá sua apresentação mais detalhada da crença e do comportamento dos fariseus como um grupo e uma filosofia ▪ Ele lista as três filosofias

na ordem Essênios, Saduceus e Fariseus e depois as trata na ordem inversa com a quarta filosofia adicionada à lista por meio de contraste. Os fariseus e essênios recebem tratamento igualmente detalhado, com os saduceus e a quarta filosofia recebendo tratamento mais breve. Josefo dá uma referência cruzada ao tratamento dispensado a esses grupos na Guerra, mas, em contraste, na Guerra os essênios receberam um tratamento mais longo e os fariseus um tratamento mais breve do que nas Antiguidades.

As descrições contêm muitos pontos de comparação e contraste entre os grupos. As características que Josefo atribui ao modo de vida, pensamento e influência farisaico e saduceu são contrastadas no gráfico a seguir:

Fariseus	Eles disputam com os professores o caminho da sabedoria que seguem.
Maneira de viver	
Eles simplificam seu padrão de vida, sem fazer concessões ao luxo.	
Eles mostram respeito e deferência para com os mais velhos e não contradizem precipitadamente suas propostas.	*Pensei*
	Eles não aceitam nenhuma observância fora das leis.
Pensei	
Eles seguem a orientação do que o logos diz ser bom.[96]	A atividade humana é explicada por uma combinação de destino e vontade humana.
	A alma sobrevive à morte.
Saduceus	Existem recompensas e punições sob a terra.
Maneira de viver	*Influência*
	Influente entre os habitantes da cidade (manifestações) por causa de suas opiniões.
	Adoração conduzida de

[96] ***logotipos* aqui provavelmente significa suas crenças ou doutrinas, não a razão grega ou estóica. "**

acordo com seus pontos de vista. Os cidadãos (hai poleis) testemunham a excelência dos fariseus praticando os mais elevados ideais em seu modo de vida e discurso. A alma morre junto com o corpo.	*Influência* Poucos conhecem este logos, mas eles são os de mais alto nível. Eles realizam pouco no cargo porque as massas os forçam a seguir o ensino farisaico.

Josefo * lista de características não tem nenhuma unidade inerente ou inteligibilidade. Ele comparou previamente o ensino sobre o livre arbítrio e a vida após a morte dos fariseus, saduceus e essênios e o repete aqui. Ele alude um tanto obscuramente ao logos dos fariseus e saduceus, aos mandamentos que o logos farisaico lhes dá para guiar suas vidas e às leis que os saduceus seguem com exclusão de qualquer outra observância. Josefo não diz explicitamente que os fariseus seguem a lei oral, nem diz que os saduceus apenas seguem as leis escritas na Bíblia, ao contrário do que afirmam muitas descrições desses grupos. Esta passagem diz que suas tradições diferiam, mas não como.

Diz-se que os saduceus fazem questão de brigar com seus professores. Isso sugere que os saduceus tinham suas próprias tradições e interpretações que eram controversas. Diz-se que os fariseus mostram respeito pelos mais velhos e não contradizem suas propostas precipitadamente. Talvez seu modo de interação indique um respeito por um certo corpo de tradições que eles transmitiram e viveram. Esse respeito pelos mais velhos e pela tradição também dá a impressão de que eles são humanos e agradáveis em suas relações sociais e dá suporte à alegação de Josefo * de que eles são influentes entre o povo. A inclinação do povo para com os fariseus, as tradições também podem ter derivado do conteúdo dessas tradições, um conteúdo desconhecido para nós. Se os saduceus fossem retirados da classe governante, eles podem ter usado uma interpretação da lei que era política e economicamente desvantajosa para as classes mais

baixas. Os fariseus podem ter desenvolvido ou adotado um conjunto de costumes e interpretações jurídicas que favoreciam as necessidades das classes mais baixas. No final, porém, a descrição escassa dada por Josefo nas Antiguidades nos diz pouco sobre os fariseus e saduceus.

Josefo trata os fariseus e saduceus como grupos conhecidos e organizados com influência. Os saduceus são escolhidos entre os principais cidadãos (observe que nem todos os chefes dos sacerdotes ou cidadãos importantes são considerados saduceus) e geralmente detêm o poder por meio de altos cargos. Os fariseus são influentes na população da cidade ou na cidadania, o que indica que eles são muito provavelmente uma subclasse especializada9 baseada em cidades e vilas, política e socialmente ativa, e poderosos ou influentes em áreas restritas. Essas descrições se ajustam aos fariseus e saduceus conforme aparecem na narrativa de Josefo *. Os fariseus não são a classe governante, mas uma parte da classe governante, subordinada à classe governante e Josefo os menciona em tempos de turbulência e fraqueza entre a classe governante,

Josefo não elogia os saduceus ou os fariseus por suas atividades, mas meramente observa seu poder e influência. Eles, junto com outras forças, são partes importantes da sociedade. Embora Josefo apresente um retrato nada lisonjeiro dos saduceus, em comparação com os fariseus, ele permanece fiel ao seu objetivo dominante, mostrar que as formas tradicionais de pensamento judaicas são tão respeitáveis quanto a filosofia grega e não revolucionárias. Muitos dizem que Josefo exagerou a influência dos fariseus aqui a fim de estabelecer os herdeiros pós-70 dos fariseus como legítimos líderes judeus aos olhos dos romanos. Uma avaliação dessa afirmação será feita no final do capítulo. Se Josefo exagerou, ele não contradisse sua própria posição consistente de que um grupo deve ser elogiado se promove a ordem.

AS ANTIQUIDADES, LIVRO 13

Os fariseus são mencionados pela primeira vez nas Antiguidades no Livro 13, onde Josefo apresenta brevemente os fariseus, saduceus e essênios a fim de estabelecer a respeitabilidade do judaísmo no mundo grego.15 Depois que Jônatas, irmão de Judas Macabeu, obteve a vitória militar sobre o rei selêucida Demétrio II em 143 aC ele enviou missões diplomáticas a Roma e Esparta a fim de obter

reconhecimento e apoio no mundo mediterrâneo mais amplo contra os selêucidas. Nesse contexto, Josefo informa a seus leitores que o judaísmo tinha três escolas de pensamento (haireseis) a respeito dos assuntos humanos e ele identifica cada uma de acordo com sua visão do destino e do livre arbítrio, questão que dividiu várias escolas da filosofia grega, como os estóicos, os epicuristas e Cínicos. Como outros estados helenísticos respeitáveis, o estado judeu também tem suas filosofias e Josefo as distingue de uma maneira que seus leitores de língua grega entenderiam. Josefo reconhece que sua descrição é breve e remete o leitor a seu relato mais extenso na Guerra. Livro 2. A descrição das três escolas de pensamento também prepara o leitor para encontrar os fariseus e Judas, o essênio, mais tarde no livro.16

Josefo lista os três grupos na ordem Fariseus, Saduceus e Essênios, mas os trata na ordem Fariseus,

^ *Ant.* 13.5.9 (171-173).

[16]Schwartz, "Josefo", 161-162 conjectura que a descrição vem de Nicolau de Damasco e originalmente incluía um ataque à legitimidade dos asmoneus, com base na rejeição dos essênios e dos saduceus (zadoquitas) de seu sumo sacerdócio. Esta proposta é excessivamente especulativa e carece de evidências.

Essênios, saduceus · Cada grupo é tratado igualmente e Josefo não dá avaliações · Os fariseus acreditavam tanto no destino (providência divina, em linguagem teológica) quanto na responsabilidade humana, os essênios atribuíam tudo ao destino e os saduceus negavam o destino e colocavam toda a responsabilidade nos humanos açao. Os essênios são chamados de genos, que é mais bem traduzido pelo termo neutro grupo.17 Nenhuma descrição foi dada ainda nas Antiguidades dos papéis desses grupos na sociedade ou de sua importância histórica, nem aprendemos sobre sua origem ou interna constituição. Esta breve descrição apenas informa aos leitores que o Judaísmo tem filosofias e se prepara para mencioná-las nas passagens seguintes.

FARISEUS E SADDUCEES SOB HYRCANUS

Depois de Josefo ter recontado a disputa entre os fariseus e saduceus pelo favor de João Hircano (tratado no capítulo anterior), ele explica que o conflito sobre os regulamentos foi baseado nos fariseus, afirmação de nomima (leis / costumes / práticas) proferida

por gerações anteriores (paterdri), mas não escrito nas leis de Moisés.18 Os saduceus aceitavam apenas nomima escritos e não eram obrigados por aqueles transmitidos por gerações anteriores. Os fariseus e saduceus, conseqüentemente, tinham controvérsias e grandes desentendimentos e cada grupo competia para ter seus ensinamentos característicos sobre as leis políticas e religiosas do judaísmo e seu modo distinto de viver o judaísmo aceitos. Essas controvérsias não eram apenas acadêmicas ou questões de preferência pessoal

·[7]Os essênios são chamados de genos várias vezes em Josefo: Guerra 1.3.5 (78); 2,7,3 (113); Formiga. 13,11,12 (311); 15,10,4 (371); 17,13.3 (346). Os saduceus são chamados assim uma vez em Ant. 13.10.6 (297). A palavra grega tem uma ampla gama de significados, como "raça, família; classe, gênero, espécie, espécie de." Na tradução de Loeb, Marcus traduz ge / 205 como "seita" aqui e no Livro 17, mas como "grupo" em referência aos Saduceus e também em referência aos Essênios no # 311 e no Livro 15. Na Guerra, Thackeray traduz o primeiro uso de genos como "de extração essênia" e o segundo como "seita" com uma nota de rodapé de que a palavra grega significa raça. Se Josefo estava tentando sugerir uma unidade mais física entre os essênios ou marcar seu grupo como um tipo especial de gênero não é claro a partir de seu uso. Na Ant. 1 e # 119 Josefo usa genos dos essênios,

^ *Ant.* 13.10.6 (297-298).

porque as opiniões desses grupos afetaram o funcionamento do Estado judeu. 19

Josefo observa que os saduceus tinham a confiança dos ricos, mas não diz que todos os saduceus eram ricos; muito menos ele diz que todos os ricos, os governantes e os principais sacerdotes eram saduceus, uma posição freqüentemente assumida por estudiosos. Tanto os fariseus quanto os saduceus eram grupos de interesses políticos com especialização e interesse nas leis (e, portanto, na religião) da nação.20 Infelizmente, Josefo não nos diz nenhum dos regulamentos especificamente em questão, nem nos diz por que os ricos favoreceu um grupo e as pessoas outro. Podemos especular por que os saduceus eram favorecidos pelos ricos e poderosos · Eles favoreciam punições mais severas para crimes, algo que atrairia aqueles que mantêm a ordem na sociedade. Mais importante, eles limitaram a autoridade a regulamentos escritos (bíblicos e outros?) e não a outras tradições aceitas pelos fariseus, talvez porque a classe governante preferisse ser o mais livre possível dos costumes. As regras das Escrituras, não interpretadas por tradições detalhadas, eram na maioria das vezes vagas ou inaplicáveis conforme escritas. Assim, a classe governante seria livre para decidir o que queria dizer. É certo que a classe governante tinha suas próprias tradições e que as

pessoas em vários lugares tinham costumes e regras tradicionais para orientar seu comportamento. Assim, a classe governante seria livre para decidir o que queria dizer. É certo que a classe dirigente tinha suas próprias tradições e que as pessoas em vários lugares tinham costumes e regras tradicionais para orientar seu comportamento. Assim, a classe governante seria livre para decidir o que queria dizer. É certo que a classe governante tinha suas próprias tradições e que as pessoas em vários lugares tinham costumes e regras tradicionais para orientar seu comportamento.

A vida

Em sua Vida, que foi uma resposta aos ataques a sua pessoa e foi escrita como um apêndice das Antiguidades, Josefo fala de sua formação com vários grupos e da escolha dos fariseus. De acordo com seu próprio relato, ele fez contato inicial com esses grupos quando tinha dezesseis anos e "determinado a ganhar

[9]Este é um efeito clássico de influência no sentido do Pároco (ver cap. 2). O conhecimento especial de um grupo confere-lhe uma posição na comunidade e a capacidade de orientar as ações de outros * sem o uso de poder político direto. A influência também pode afetar aqueles com poder político e levá-los a fazer certos ensinamentos de política sancionada.

[20]Nesta passagem Josefo se refere aos saduceus como moira e como genos. Genos já foi tratado acima. Moira é outra palavra com uma ampla gama de significados. Pode significar uma divisão, seção ou mesmo um partido político. Josefo a usa para os saduceus apenas aqui e nunca para os outros grupos. É improvável que ele use a palavra em outro sentido que não seja geral.experiência pessoal das várias haireseis [escolas de pensamento] nas quais nossa nação está dividida · · · · Então, eu me submeti a um treinamento árduo e exercícios laboriosos e passei pelos três cursos (dos fariseus, saduceus e essênios). ^ 1 Além disso Josefo passou três anos com Bannus e se tornou um discípulo devotado, um homem que residia no deserto, vivia da terra e se purificava frequentemente em água fria. Finalmente, aos dezenove anos, ele decidiu governar sua vida "de acordo com a hairesis dos fariseus, [uma hairesis] tendo pontos de semelhança com o que os gregos chamam de estoica [hairesis]. ^

Cada um dos quatro grupos era um modo de vida que exigia uma mudança na vida pessoal e algum conhecimento especializado · Josefo já havia recebido sua educação básica e afirma que tinha uma reputação de amor às letras que aos quatorze anos ** o os chefes dos

sacerdotes e os líderes costumavam vir constantemente a mim para obter informações precisas sobre algum particular de nossas ordenanças (nomima) .9922 Josefo não nos diz que tipo de treinamento ele recebeu com Bannus, embora viver no deserto presumivelmente envolvesse ascetismo. Nem diz onde foi treinado pelos fariseus, saduceus e essênios, nem quanto tempo passou com cada um, exceto que cobriu todos os três em um ano.23

Freqüentemente, Josephus duvidou de seu treinamento.24 Se ele passou pouco tempo com as três seitas, o que ele poderia ter aprendido e que efeito elas poderiam ter exercido sobre ele? Embora ele diga que esteve três anos no deserto e foi um discípulo devoto de Bannus, ele voltou e escolheu os fariseus. Mesmo se assim for, os escritos, ações e interpretações das Escrituras de Josefo não manifestam qualquer conexão com o que sabemos dos fariseus · Cohen observa que a identificação de Josefo como fariseu e como alguém que respeita as tradições judaicas na vida se encaixa seu propósito apologético geral e pode não ser confiável.25 Josefo habitualmente se identifica

21 切 头 12(2).

^ **Observe a afirmação semelhante feita para o Jesus de doze anos em Lucas 2: 41-51.**

23**Rajak. Josefo, 34-36, sugere que Josefo passou cerca de três meses cada um com os fariseus, saduceus e essênios para aprender o básico de seu modo de vida e se refere a essa prática como uma prática grega comum.**

24**Attridge, "Josephus, T 88.**

^ **Cohen, Josephus, 144-151. A avaliação negativa de Cohen de Josefo é padrão, embora melhor trabalhada do que antes. Por exemplo, Rasp segue Laqueuer em**como sacerdote e líder comunitário, mas não como fariseu. Ao falar de sua escolha dos fariseus, ele não diz que se juntou aos fariseus como um grupo, mas que começou a governar sua vida pelas regras dos fariseus. Talvez ele tenha sido guiado por alguns aspectos de seu ensino e prática sem se tornar um aliado social e político e ativo em sua organização. Se for assim, muito provavelmente seu programa para permanecer judeu enquanto vivia e acomodava o Império Romano foi o que atraiu Josefo.26 Rajak especula que Bannus, vivendo no deserto, pode ter liderado um grupo politicamente radical, semelhante a outros mencionados em Josefo · Nesse caso, a escolha de Josefo * dos fariseus teria sido a rejeição da revolução e a aceitação da acomodação ao império.

Resumo: Os fariseus e saduceus em Josefo

O papel menor desempenhado pelos fariseus e saduceus em Josefo é explicado por sua concentração na classe governante e sua fortuna política e militar, que eram tão cruciais para a sociedade judaica como um todo. Nem o sacerdócio, os aristocratas nem os camponeses são tratados, exceto quando têm impacto sobre o destino da nação como um todo. Os fariseus e saduceus são mencionados em tempos de mudança, crise ou transição no governo porque quando o poder mudou, eles e muitas outras forças sociais e políticas da sociedade judaica tornaram-se ativas na competição por poder e influência. Quando João Hircano mudou sua lealdade dos fariseus para os saduceus, quando Alexandra lutou para manter o controle após a morte do marido, no início e no final do reinado de Herodes,

avaliando Josefo como um oportunista em sua auto-apresentação ("Flavius Josephus, M p. 4Q.

[26]Ver Rajak, Josefo, 34-39 e 224. Ela aceita a declaração de Josefo * de que ele era fariseu. Attridg ^, Interpretation, 176-179 diz que a primeira metade da Formiga. não dá nenhuma evidência de que Josefo era fariseu.

Os fariseus funcionavam como um grupo de interesse político que tinha seus próprios objetivos para a sociedade e constantemente se engajava em atividades políticas para alcançá-los, embora nem sempre fossem bem-sucedidos · Eles próprios não eram os líderes da comunidade judaica, embora fossem líderes proeminentes dos fariseus , seja por sua posição no grupo farisaico ou por causa do status familiar, faziam parte da classe governante. Os fariseus, como um grupo, não tinham poder direto (exceto em um grau limitado sob seu patrono real, Alexandra) e não eram, como um todo, membros da classe governante. Eles eram um grupo alfabetizado e organizado que constantemente buscava influência na classe governante. Como tal, eles se encaixam na classe de retenção de Lenski, um grupo de pessoas acima dos camponeses e outras classes mais baixas, mas dependente da classe governante e nulo para seu lugar na sociedade. Os membros da classe operária geralmente desempenhavam funções administrativas, burocráticas e militares na sociedade. Josefo não deixa claro quais funções os fariseus cumpriam na sociedade, mas em cada era da história judaica, desde o período asmoneu até a destruição do Templo, eles estavam presentes e lutando para obter acesso ao poder.

Os fariseus, objetivos precisos para a sociedade e as leis pelas quais desejavam que a sociedade vivesse não são descritos por

Josefo, mas as tradições que eles promoviam eram populares entre o povo, especialmente no período asmoneu, de acordo com Josefo. [97] Tanto suas atividades no período hasmoneu quanto a descrição delas no final do reinado de Arquelau implicam que eles eram aliados do judaísmo tradicional e não revolucionário. Qualquer influência que eles alcançaram, eles geralmente alcançaram com a ajuda de um patrono poderoso e eles entraram em coalizões com outros grupos entre as classes superiores para ganhar influência e mover aqueles que tinham poder ·

Josefo nos fala pouco sobre os saduceus. Embora os membros dos saduceus sejam principalmente da classe governante, Josefo não diz que todos ou a maioria dos sacerdotes e aristocratas eram saduceus, ao contrário do que muitos estudiosos acreditam. É provável que as tradições e interpretações bíblicas que os saduceus promoviam favoreciam o status quo e os interesses políticos e financeiros da classe governante. Isso explicaria seu eleitorado e sua impopularidade com o povo e, inversamente, a popularidade dos pontos de vista dos fariseus.

As descrições de Josefo9 dos fariseus e saduceus são geralmente consistentes com seus relatos sobre eles em ação. No entanto, as descrições estão longe de ser completas e não apresentam uma imagem coerente do pensamento e da organização dos grupos *. Os fariseus eram conhecidos por sua prática da lei e sua habilidade de interpretar a lei à sua própria maneira. Isso implica que eles tinham pontos de vista específicos sobre como viver a vida judaica e provavelmente seguiam os costumes comunitários dentro de uma estrutura organizacional. No entanto, Josefo não nos dá nenhuma informação sobre o funcionamento interno dos fariseus ou sua liderança presumivelmente erudita. Os fariseus, a aceitação da vida após a morte e ressurreição, bem como recompensa e punição, é contrastada com a rejeição dos saduceus9 desses ensinamentos. Esses ensinamentos característicos são testemunhados com mais frequência em Josefo e também no Novo Testamento. Da mesma

[97]Richard Horsley, -Como um dos profetas antigos *: dois tipos de profetas populares na época de Jesus, "CBQ 47 (1985) 444 ^ 45, aponta que a classe baixa nem sempre olha para a classe letrada, que formou um minúsculo estrato médio, para liderança. Esses grupos letrados tinham seus próprios interesses a perseguir e, se fossem diferentes dos das pessoas comuns, as pessoas eram perfeitamente capazes de produzir seus próprios líderes, como os profetas. Parece ser o que aconteceu na época da guerra contra Roma. Ele observa em outro lugar que o povo não teria olhado para a nobreza latifundiária em busca de liderança, porque eles estavam implicados com Herodes e outros "líderes estrangeiros * (tfMessiânic Movements, * 484-485).

forma, suas posições sobre o destino (significando providência divina) e sobre o livre arbítrio e a responsabilidade humana são contrastadas. Suas posições sobre a vida após a morte e sobre a providência divina são consistentes umas com as outras e provavelmente derivam de sua escatologia e expectativas apocalípticas. Os saduceus retratam os humanos como uma forma independente e distante de Deus, tanto em vida como depois dela; os fariseus retratam Deus e os humanos em um relacionamento íntimo, tanto nesta vida quanto na próxima. (A atribuição dos essênios de tudo ao destino provavelmente reflete sua forte orientação apocalíptica, refletida nos Manuscritos do Mar Morto, com sua rejeição concomitante da sociedade judaica.) suas posições sobre o destino (significando providência divina) e sobre o livre arbítrio e a responsabilidade humana são contrastadas. Suas posições sobre a vida após a morte e sobre a providência divina são consistentes umas com as outras e provavelmente derivam de sua escatologia e expectativas apocalípticas. Os saduceus retratam os humanos como uma forma independente e distante de Deus, tanto em vida como depois dela; os fariseus retratam Deus e os humanos em um relacionamento íntimo, tanto nesta vida quanto na próxima. (A atribuição dos essênios de tudo ao destino provavelmente reflete sua forte orientação apocalíptica, refletida nos Manuscritos do Mar Morto, com sua rejeição concomitante da sociedade judaica.) suas posições sobre o destino (significando providência divina) e sobre o livre arbítrio e a responsabilidade humana são contrastadas. Suas posições sobre a vida após a morte e sobre a providência divina são consistentes umas com as outras e provavelmente derivam de sua escatologia e expectativas apocalípticas. Os saduceus retratam os humanos como uma forma independente e distante de Deus, tanto em vida como depois dela; os fariseus retratam Deus e os humanos em um relacionamento íntimo, tanto nesta vida quanto na próxima. (A atribuição dos essênios de tudo ao destino provavelmente reflete sua forte orientação apocalíptica, refletida nos Manuscritos do Mar Morto, com sua rejeição concomitante da sociedade judaica.) Suas posições sobre a vida após a morte e sobre a providência divina são consistentes umas com as outras e provavelmente derivam de sua escatologia e expectativas apocalípticas. Os saduceus retratam os humanos como uma forma independente e distante de Deus, tanto em vida como depois dela; os fariseus retratam Deus e os humanos em um relacionamento íntimo, tanto nesta vida quanto na próxima. (A atribuição dos essênios de tudo ao destino provavelmente reflete sua

forte orientação apocalíptica, refletida nos Manuscritos do Mar Morto, com sua rejeição concomitante da sociedade judaica.) Suas posições sobre a vida após a morte e sobre a providência divina são consistentes umas com as outras e provavelmente derivam de sua escatologia e expectativas apocalípticas. Os saduceus retratam os humanos como independentes e distantes da forma de Deus, tanto em vida como depois dela; os fariseus retratam Deus e os humanos em um relacionamento íntimo, tanto nesta vida quanto na próxima. (A atribuição dos essênios de tudo ao destino provavelmente reflete sua forte orientação apocalíptica, refletida nos Manuscritos do Mar Morto, com sua rejeição concomitante da sociedade judaica.)[98]

Os fariseus são ditos, tanto na guerra como nas antiguidades. para ser a principal e mais influente escola de pensamento. Diz-se que os saduceus provinham da classe governante nas Antiguidades, mas a classe social dos fariseus não é especificada, exceto que se pode inferir que a maioria deles era de classe social inferior à dos saduceus. Isso se encaixa nas conclusões tiradas dos eventos relatados por Josefo acima · A descrição das relações sociais entre os membros desses grupos e com estranhos pode se encaixar em seu lugar na sociedade, também. Os saduceus são retratados como competitivos, argumentativos e difíceis de se conviver. Os fariseus cultivavam relações harmoniosas com todos, tinham grande respeito por suas tradições e anciãos e, conseqüentemente, tinham muitos seguidores por seu estilo de vida atraente.

Embora as descrições fornecidas por Josefo sejam muito incompletas, algumas especulações cautelosas sobre esses grupos serão úteis. As atitudes e o comportamento dos saduceus são adequados à classe governante que tem acesso hereditário a altos cargos e poder. Eles competiam pelo poder uns com os outros e despertavam a inimizade ou inveja daqueles ao seu redor. Os fariseus, muitos dos quais não tinham laços hereditários com posições de poder, lutaram para influenciar a sociedade como um grupo conquistando influência. Conseqüentemente, eles enfatizaram as relações sociais para construir seu próprio grupo e ganhar o favor e a influência de outras pessoas. Que sua luta por poder e influência foi uma luta de grupo é demonstrado pela ausência de nomes de líderes farisaicos na maioria dos casos. Apenas Eleazar que atacou John Hyrcanus,

[98]**Blenkinsopp, "Prophecy", 249.**

Aprendemos pouco sobre a organização interna dos fariseus e saduceus * com as descrições de Josefo.[99]Os fariseus parecem ter sido um grupo mais coeso do que os saduceus e é provável que tivessem uma estrutura de liderança, educação para seus membros e critérios claros de adesão. As crenças que eles adotaram na vida após a morte, a atividade divina na história e a liberdade humana, eram provavelmente diferentes o suficiente dos ensinamentos e atitudes judaicas tradicionais para exigir algum compromisso positivo. Em contraste, os saduceus mantinham a visão mais antiga e tradicional do judaísmo, de que não há vida após a morte, e provavelmente também seguiram a tradição pós-exílica em ver Deus como mais transcendente do que imanente e menos diretamente envolvido nos eventos da história. Consequentemente, os saduceus poderiam ser uma escola de pensamento identificável sem ter uma estrutura comunal altamente articulada e sem atrair muitos para seus pontos de vista.

HAIRESIS: SECTO OU ESCOLA?

Josefo fornece tão poucas informações sobre a organização interna e liderança dos fariseus e saduceus que a natureza desses grupos é controversa e obscura. Seu uso indiscriminado e não técnico de várias palavras gregas para designar esses grupos sugere que eles não eram exatamente como nada no mundo greco-romano.30 Como foi argumentado no capítulo quatro, designá-los como associações voluntárias gregas pouco ajuda a esclarecer seus natureza devido à variedade dessas organizações. O mais próximo que Josefo chega de uma nomenclatura precisa desses grupos é quando ele os chama de haireseis. Hairesis, uma palavra grega mais familiar em seu sentido pejorativo cristão, heresia tinha um significado neutro ou mesmo positivo no uso do grego não cristão. Por causa do uso de Josefo * desta hairesis, eruditos freqüentemente identificaram os fariseus e saduceus como escolas filosóficas de pensamento ou seitas religiosas. Cada uma dessas possibilidades será examinada separadamente ▪

A hairesis era uma escolha coerente e baseada em princípios de

[99]**Isso lança dúvidas sobre a afirmação de Josefo em sua vida de que ele era um fariseu. Ele não mostra nenhum interesse especial pelos fariseus e não manifesta nenhum conhecimento íntimo de sua posição, práticas ou organização.**

um modo de vida, isto é, de uma escola de pensamento particular.31 Na visão dos antigos e mais importante de Josefo, uma vez que alguns princípios básicos de uma tradição fossem aceitos, poder-se-ia esperar alguma diversidade, isto é, alguma escolha de modos de vida particulares e

^ Para um gráfico das palavras que Josefo usa, como genos, moira, tagma, consulte LeMoyne, Sadduceens, 19. Parece não haver um padrão consistente e significativo para o uso de Josefo.

[31]Marcel Simon, "From Greek Hairesis to Christian Heresy," in Early Christian Literature and the Classical Intellectual Tradition (in honorem Robert M. Grant), eds. William R. Schoedel e Robert L. Wilken (Th6ologie Historique 53; Paris: Beauchesne, 1979) 101-116, esp. 110 e 104. Henri I. Marrou, A History of Education in Antiquity (Nova York: Mentor, 1964) 157 e 504 observa que hairesis também pode significar um ano de classe de efebas no uso egípcio.pensei. As escolas filosóficas gregas geralmente eram modos de vida baseados em uma certa compreensão do universo e da lei moral. Assim, Josefo usa a hairesis para descrever as grandes correntes de pensamento e prática do judaísmo, dos fariseus, saduceus, essênios e revolucionários da "Quarta Filosofia", de forma a trazer respeitabilidade ao judaísmo e atestar a antiguidade e o valor de suas tradições. .32 Hairesis só recebeu seu significado pejorativo de heresia em meados do século II com Justin Martyr; mesmo então, seu sentido neutro persistiu até o século III na literatura cristã.

As traduções de hairesis em Josefo geralmente alternam entre seita e escola (de pensamento), mas nenhuma delas pode ser completamente precisa. Seita no usagp popular geralmente se refere a um grupo religioso que está em reação à tradição religiosa principal e que se vê como a verdadeira religião e um substituto exclusivo da tradição dominante.33 Tal postura não é característica dos saduceus, se Josefo está correto que eles vieram dos líderes da sociedade. Eles seriam um subgrupo da classe governante buscando solidificar sua posição e interpretação tradicionais de como a sociedade deveria funcionar. Na tipologia mais precisa desenvolvida por Bryan Wilson (no capítulo 4), os fariseus com suas expectativas para a vida judaica e seu envolvimento político podem ser uma seita reformista, mas muito pouco se sabe sobre eles neste ponto para ter certeza. Não temos certeza de quanta vida comunitária e organização os fariseus tinham e, portanto, não temos conhecimento de um determinante principal das seitas. Os essênios, especialmente o grupo de Qumran, estão mais próximos da ideia moderna de seita porque se retiraram da sociedade em protesto e tiveram um conflito ativo com as

autoridades religiosas da sociedade. Eles se encaixam no tipo introversionista de Wilson, aqueles que se retiram para uma comunidade purificada. Os essênios que viviam nas cidades palestinas, se tivessem orientação apocalíptica, como sugerem os Manuscritos do Mar Morto, seriam o tipo revolucionário de Wilson, aguardando a intervenção divina para destruir a ordem social perversa. estão mais próximos da idéia moderna de seita porque se retiraram da sociedade em protesto e tiveram um conflito ativo com as autoridades religiosas da sociedade. Eles se encaixam no tipo introversionista de Wilson, aqueles que se retiram para uma comunidade purificada. Os essênios que viviam nas cidades palestinas, se tivessem orientação apocalíptica, como sugerem os Manuscritos do Mar Morto, seriam o tipo revolucionário de Wilson, aguardando a intervenção divina para destruir a ordem social perversa. estão mais próximos da idéia moderna de seita porque se retiraram da sociedade em protesto e tiveram um conflito ativo com as autoridades religiosas da sociedade. Eles se encaixam no tipo introversionista de Wilson, aqueles que se retiram para uma comunidade purificada. Os essênios que viviam nas cidades palestinas, se tivessem orientação apocalíptica, como sugerem os Manuscritos do Mar Morto, seriam o tipo revolucionário de Wilson, aguardando a intervenção divina para destruir a ordem social perversa.

*Escola de pensamento,*como uma tradução de hairesis. pode estar mais próximo do que Josefo quis dizer, embora não necessariamente do que os fariseus eram. Josefo certamente está comparando os fariseus,

32Simon, "Hairesis, * 104-105.

[33]Veja o resumo da análise sectária no capítulo 4.

Saduceus e essênios para as escolas gregas de filosofia, a fim de mostrar que os judeus são um povo respeitável e civilizado, com tudo o que se esperaria em pensamento e prática.34 Mas esses grupos são realmente escolas que treinaram seus membros e viveram algum tipo de vida comunitária ou pelo menos tinha fortes laços sociais? Eles se consideravam escolas no modo grego? Isso é possível porque o Judaísmo foi totalmente influenciado pela civilização helenística, que valorizava tanto as escolas filosóficas quanto as associações voluntárias. Morton Smith exorta-nos a levar a sério as designações de Josephus * dos grupos judaicos como escolas de pensamento porque, para o mundo antigo, filosofia era o termo mais preciso para

grupos que praticavam certo tipo de sabedoria.35 É muito difícil provar que esses grupos judaicos eram escolas filosóficas,

As escolas gregas de filosofia não se engajaram apenas no estudo acadêmico de um grupo de doutrinas, mas incentivaram seus membros e alunos a um estilo de vida. Os alunos frequentemente frequentavam várias escolas de filosofia, mas dedicar-se a uma delas envolvia um longo período de estudo, vida de acordo com um código moral, atividades comunitárias com outros membros da escola e muitas vezes um vestido distinto.36 Sejam os fariseus, Saduceus ou essênios são este tipo de grupo deve ser determinado a partir da evidência das fontes. Nem Josefo nem o Novo Testamento descrevem a organização interna completa dos fariseus, mas algumas dicas e informações permitirão hipóteses cautelosas. Que os fariseus realmente eram semelhantes a

"Josefo usa a filosofia e a filosofia nova das escolas de pensamento nas descrições no Livro 2 e Antiguidades, Livro 18 e também na história de John Hyrcanus na Ant. 13.10.5 (289). Em Ant. 18 ele designa os revolucionários como a ^ quarta filosofia * (1 &

[35]Smith, "Palestinian Judaism, w 79. Ele também sugere que os fariseus eram escolas autoconscientemente filosóficas e vistos como tal pelo povo (79-81). Ao tirar essa conclusão, no entanto, ele usa fontes rabínicas posteriores de forma acrítica.

"Ver R. Alan Culpepper, The Johannine School: An Evaluation of the Johannine-School Hypothesis Based on Investigation of the Nature of Ancient Schools (SBLDS 26; Chico: Scholars, 1975) 258-259 para uma lista conveniente das características dos antigos escolas. Esta lista, no entanto, é uma composição e não distingue os diferentes tipos de escolas com precisão. Ver Stanley Stowers, "Social Status, Public Speaking and Private Teaching: The Circumstances of Paul's Preaching Activity, ** NovTest 26 (1984) 5482 para a distinção de alguns tipos.uma escola filosófica ou outra associação helenística é provável porque a formação de grupos sociais voluntários era uma característica da sociedade helenística · Mesmo a evidência rabínica, embora de uma data posterior, mostra o impacto das categorias helenísticas em sua compreensão de suas próprias instituições e as de os primeiros fariseus, embora a avaliação da validade histórica dessa compreensão dos fariseus deva aguardar um capítulo posterior.[100]

Ao falar de escolas, devemos distinguir diferentes tipos. O equivalente aproximado das modernas escolas primárias e secundárias eram frequentemente organizadas em cidades para os

[100]Veja Mantel, "Great Synagogues, ** 69-91 para uma revisão concisa, embora muitas vezes acrítica, das evidências.

filhos das classes superiores; tais instituições incluíam um prédio, aulas formais, etc. O ensino superior, incluindo filosofia, era na maioria das vezes organizado de maneira informal. A Academia, a Stoa e o Liceu em Atenas e as escolas de Alexandria eram exceções à regra geral. Mais frequentemente, um único professor de filosofia reunia um grupo de alunos sob o patrocínio e dentro da casa de um patrocinador rico.[101]Os membros viviam uma vida comunitária total ou parcial, deviam aderir a um código de comportamento que também podia incluir vestuário e alimentação, estudavam e discutiam de forma animada e devotavam as suas vidas, parcial ou totalmente, aos objetivos propostos pelo caminho de vida e escola de pensamento que eles estavam perseguindo · Mas seu quadro geral não deve ser aplicado com rigor. As escolas filosóficas diferiam entre si sobre como a escolaridade deveria ser realizada[102] e cada cultura e local adaptou o modelo grego às circunstâncias locais.

Sabemos pouco a respeito do ensino superior na Palestina no período helenístico. Presumivelmente, os principais sacerdotes e líderes das famílias proeminentes foram treinados nas tradições judaicas e também em grego para que pudessem se comunicar com o governo imperial. O hino final a Ben Sira menciona uma escola (51:23), embora a forma literária não torne claro se uma escola literal ou metafórica está sendo mencionada. Em ambos os casos, a ideia está presente · O pagamento pela instrução também é mencionado (51:28). A proliferação da literatura judaica do período helenístico e a preservação e estudo das tradições bíblicas anteriores defendem uma tradição intelectual e literária viva que incluía a educação em todos os níveis.

Não sabemos até que ponto os fariseus eram instruídos como grupo. Josefo os apresenta como intérpretes supostamente precisos da tradição judaica, uma afirmação que implica que todos aprenderam suas próprias tradições e alguns eram altamente educados.[103]Nos evangelhos, eles são adversários informados e sutis de Jesus, um papel que implica familiaridade com a tradição e os costumes. Talvez seja mais provável imaginar os fariseus em geral como líderes eruditos do povo. Os escribas também eram

[101]Para este modelo, conforme se aplica às comunidades cristãs paulinas Stowers, "Ensino," 5 ^ -82. Meeks, Urban, 81-84, também compara a comunidade paulina às escolas filosóficas e observa que tais escolas eram às vezes famílias modificadas ou associações gregas.

[102]Stowers, "Ensino", 76-77.

[103]Veja Baumgarten, * The Name, "411-428 sobre a exatidão na interpretação atribuída aos fariseus nas fontes.

alfabetizados como condição de seu trabalho e, quanto mais elevada sua função na sociedade, mais eruditos deveriam ser. Presumivelmente, os saduceus, que eram de classe alta de acordo com Josefo, foram educados, mas não se sabe se eles formaram uma escola definível.

Não se sabe se os fariseus e outros grupos podem ser tratados com proveito como escolas filosóficas ou escolas de pensamento no modo helenístico. Não temos evidências suficientes de sua organização, autoconceito e papel público para ter certeza de sua semelhança com as escolas gregas, além de algumas semelhanças gerais. Os fariseus descritos por Josefo agiam como um grupo de interesse político e, portanto, iam além das atividades de muitas escolas gregas. Por outro lado, eles tinham um programa de reforma para a vida judaica9, uma interpretação particular da tradição judaica e uma perspectiva definível e às vezes controversa sobre questões fundamentais cruciais para o judaísmo. Josefo * o uso de hairesis para os fariseus é melhor traduzido como escola (de pensamento), desde que esta expressão seja entendida como uma interpretação e um modo de vida que não seja exclusivamente acadêmico e teórico. Mesmo com essa caracterização, o problema da natureza exata dos fariseus, saduceus e também dos essênios como grupos históricos é mais complexo do que indica a caracterização de Josefo9 deles.

Excurso

Viés pró-farisaico nas antiguidades

Muitos sustentam que Josefo exagerou o papel e a influência dos fariseus, retratando no período pré-guerra o papel que os rabinos desempenhavam no final do primeiro século. R. Laqueur, Hans Rasp, Morton Smith e Jacob Neusner afirmaram que Josefo é muito mais positivo com os fariseus nas Antiguidades, que os favorece porque eles se tornaram os líderes dos judeus palestinos e que, conseqüentemente, desempenha um papel mais importante para os fariseus do que é historicamente justificado.[104] Neusner argumentou com base na Mishná e nos evangelhos que os fariseus eram um grupo semelhante a uma seita no primeiro século EC e não politicamente ativo.

[104]Laqueur, Josephus; H. Rasp, MFlavius Josephus und die JUdischen Religionsparteien, "ZNW23 (1924) 27-34; M. Smith, ^ Palestinian Judaism, ** 75-77; J. Neusner, From Politics, 65-66.

A afirmação de que Josefo era pró-fariseu é enfraquecida por várias dificuldades. Nas Antiguidades Josefo os trata da mesma maneira que trata outros grupos e é antifarisaico em muitos lugares, não os trata de maneira suficientemente extensa para defendê-los e revela sua atividade revolucionária mais plenamente do que na guerra. Finalmente, os herdeiros rabínicos dos fariseus provavelmente ainda não eram proeminentes o suficiente para serem promovidos a líderes judeus.

Embora Josefo seja freqüentemente caracterizado como pró-fariseu, especialmente nas Antiguidades ^ é mais provável que Josefo * a visão mais ampla da sociedade e do governo determinou sua atitude para com os fariseus, saduceus e todos os outros grupos e figuras judaicas. Josefo valorizava, acima de tudo, um governo forte e ordeiro que garantisse a paz. A desordem e o desastre da guerra judaica contra Roma o levaram a criticar quaisquer grupos que causassem instabilidade e revolução na sociedade judaica no período greco-romano. Conseqüentemente, ele desaprovou os fariseus quando eles se vingaram de seus inimigos sob o comando de Alexandra porque eles causaram conflito social. Ele aprovou Pólion e Samaias por apoiarem Herodes no início de seu reinado, porque Herodes era um governante forte que traria estabilidade em contraste com o caos dos anos finais dos hasmoneus. Ele desaprovou a coalizão dos fariseus com a família de Pheroras contra Herodes no final de seu reinado porque era parte da contenda faccional que levou às desordens do primeiro século. Ele aprovou os fariseus que se juntaram a outros líderes de Jerusalém na tentativa de aquietar o povo no início da guerra com Roma. Ele aprovava tanto os fariseus quanto os saduceus como antigas escolas de pensamento judaicas que conferiam ao judaísmo estabilidade e respeitabilidade, especialmente em contraste com a nova e revolucionária quarta filosofia. Ele deu um quadro crítico das relações dos saduceus9 com o resto da sociedade, que os privou de uma influência útil e estabilizadora sobre o povo. Ele criticou o saduceu Ananus porque sua abordagem radical saduceu em favor da pena de morte provocou agitação social e levou à sua perda de poder · Mais tarde, ele aprovou a resistência heróica do mesmo homem aos fanáticos revolucionários em Jerusalém porque ele estava cumprindo adequadamente sua liderança Função. Ele era indiferente à transferência do favor de João Hircano * dos fariseus para os saduceus, porque isso não promovia instabilidade social ou uma crise de liderança. Ele criticou o saduceu Ananus porque sua radical abordagem saduceu em favor da pena de morte

provocou agitação social e levou à perda de poder · Mais tarde, ele aprovou a resistência heróica do mesmo homem aos fanáticos revolucionários em Jerusalém porque estava cumprindo adequadamente sua liderança Função. Ele era indiferente à transferência do favor de João Hircano * dos fariseus para os saduceus, porque isso não promovia instabilidade social ou uma crise de liderança. Ele criticou o saduceu Ananus porque sua abordagem radical saduceu em favor da pena de morte provocou agitação social e levou à sua perda de poder · Mais tarde, ele aprovou a resistência heróica do mesmo homem aos fanáticos revolucionários em Jerusalém porque ele estava cumprindo adequadamente sua liderança Função. Ele era indiferente à transferência do favor de João Hircano * dos fariseus para os saduceus porque isso não promovia instabilidade social ou uma crise de liderança.

Em muitos lugares onde Josefo é claramente antifarisaico em tom e julgamento, muitos afirmam que ele não está dando sua própria opinião, mas citando Nicolau de Damasco, o historiador da corte de Herodes que era veementemente pró-Herodiano e, conseqüentemente, antifarisaico. Este argumento não é convincente. Embora Josefo às vezes seja inconsistente no uso de fontes, seus relatos sobre os fariseus, bem como outros grupos judeus, formam um todo coerente. Ele aprova os fariseus quando são uma força de estabilidade e os desaprova quando desafiam o governo dominante, tradicional e estável e o modo de vida do judaísmo. Josefo usou Nicolau e outras fontes, especialmente em Antiguidades ^ Livros 14-17,

Alguns afirmam que, como as Antiguidades tratam os fariseus mais longamente do que a guerra, é pró-fariseu e reflete o apoio de Josefo aos rabinos que emergiram como os líderes confiáveis e não revolucionários do judaísmo por volta de 90 DC. mais sobre os fariseus porque o relato lá é mais longo e detalhado · Na verdade, nem a Guerra nem as Antiguidades têm muita cobertura dos fariseus e, portanto, é improvável que um dos principais objetivos de Josefo fosse promover os fariseus aos olhos dos romanos.[105] Josefo enfatiza as leis judaicas, costumes e alto caráter moral como dignos do respeito de gregos e romanos · Assim, os fariseus, como intérpretes

[105]**Attridge, Interpretation, p. 14 observa que há alguma mudança no tratamento dado por Josefo às escolas de pensamento da Guerra às Antiguidades, mas que a conexão e as atitudes de Josefo em relação às seitas não são significativas em sua obra geral.**

dos costumes judaicos, devem ser elogiados,[106] mas em nenhum lugar ele diz que eles deveriam ser os governantes da sociedade.

D. Schwartz argumentou de forma convincente que, longe de dar uma imagem uniformemente positiva e pacífica dos fariseus nas Antiguidades, Josefo é mais franco sobre seu envolvimento na guerra do que em seu trabalho anterior, que estava mais próximo dos eventos.[107] Ele mostra que não há evidências claras de que os fariseus deixaram a política sob Herodes ou imediatamente depois, uma conclusão que foi alcançada de forma diferente neste estudo.[108] Nas Antiguidades Josefo admite que os fariseus estão muito próximos da quarta filosofia em tudo, exceto no zelo revolucionário, que eles se envolveram em conspirações políticas sob Hircano e Herodes (ele usa Nicolau de Damasco como fonte aqui) e (na Vida) que Simão Ben Gamaliel e três delegados farisaicos estiveram envolvidos na liderança revolucionária inicial.[109] Schwartz sugere que na guerra, logo após o fim da revolta contra Roma, Josefo teve o cuidado de separar os fariseus e outros da política, mas duas décadas depois nas Antiguidades ele foi menos cauteloso em alguns casos, embora ainda favoreça os fariseus e os mantém fora da política.[110]

Uma vez que os relatos de Josefo * sobre o envolvimento político revolucionário e perturbador dos fariseus nas Antiguidades não derivam ou servem especialmente aos seus propósitos políticos, esses relatos devem ser considerados representativos do envolvimento político dos fariseus. Minha posição é que Josefo não é discemivelmente pró ou anti-farisaico em sua atitude geral em relação a eles, mas que sua avaliação dos fariseus e de todos os outros grupos é guiada por princípios políticos mais amplos, especialmente o desejo de um governo ordeiro e de manutenção da paz.

43Attridge, "Josephus", 224-227. Veja Ant. 3.9.1-3.12.3 (224-286) e 48443 (196-301) para extensos resumos apologéticos da lei judaica. Além disso, Apion 2. 145-220 e 291-296.

^ Schwartz, "Josefo", distingue Josefo de Nicolau de Damasco e mostra a evolução de seu tratamento para com os fariseus.

45ttJosefo, w 166. Schwartz concorda com a posição de que Josefo é pró-fariseu nas Antiguidades, mas não de forma a obscurecer ou deturpar seu envolvimento político. Cohen, Josephus, 236-37, observa que Antiguidades reconhece que a responsabilidade pela guerra contra Roma foi mais difundida do que se admitiu na Guerra. Além disso, os fariseus estão explicitamente ligados à revolta nas Antiguidades, embora nenhuma escola de pensamento tenha sido ligada a ela na guerra (pp. 154-157). Apesar disso, de acordo com Cohen, as Antiguidades são mais pró-farisaicas do que a Guerra (pp. 237-238).

"Schwartz," Josephus, T69; Rast, "Flavius Josephus," p. 33 observa que os fariseus são mais políticos nas Antiguidades do que na Guerra.

110Schwartz, "Josephus", 169-170.

A teoria de que Josefo estava promovendo os fariseus como líderes no judaísmo também é enfraquecida pela incerteza sobre seu papel na Palestina por volta de 90 EC. Embora a maioria dos tratamentos aos fariseus baseados em fontes talmúdicas veja o "príncipe" rabínico (ndsr) ou patriarca como firmemente no comando do judaísmo, está longe de ser claro que os fariseus haviam assumido o judaísmo por volta de 90 EC. A liderança rabínica que gradualmente tomou forma ao longo das décadas após a destruição do Templo era composta de sacerdotes e escribas, bem como de fariseus do pré-guerra.[111] É provável que muitos dos líderes rabínicos vieram de grupos farisaicos, mas não há evidência de que os fariseus como um grupo coerente sobreviveram à destruição do Templo.[112]Os rabinos emergentes não assumiram imediatamente o judaísmo e receberam o reconhecimento do povo e dos romanos. As evidências de que Gamaliel II foi reconhecido como o líder do judaísmo pelos romanos são escassas e altamente ambíguas, tornando essa afirmação frequentemente repetida historicamente incerta.[113] Embora os romanos normalmente recrutassem líderes locais como seus procuradores, não há evidências conclusivas de que o fizeram depois da guerra. Mesmo se eles reconhecessem Gamaliel como o representante da comunidade judaica, ele e seus associados (rabinos) teriam apenas um controle limitado sobre como a vida judaica era vivida no início. O controle não estava completo nem mesmo na época da Mishná (200 EC). A Mishná se apresenta como uma visão ideal do Judaísmo e mostra poucos sinais de ser um código de lei praticado com aplicação e penalidades eficazes. Histórias e conflitos no Talmude palestino dos séculos III e IV indicam que os rabinos só então tiveram sucesso em sua luta para obter o controle sobre como o povo vivia a vida judaica.

^ Veja Jacob Neusner, Judaism: The Evidence of the Mishnah (Chicago; Chicago UP, 1981), pp. 230-256 e outros ensaios também para as contribuições dos padres, escribas e chefes de família.

[112]Veja uma nova análise dos argumentos para a conexão entre os fariseus e rabinos em Shaye Cohen, "The Significance of Yavneh: Pharisees, Rabbis, and the End of Jewish Sectarianism, w HUCA 55 (1984) 36-38. Cohen argumenta, provavelmente corretamente, que nenhum argumento é convincente, mas que o efeito cumulativo de vários argumentos torna a conexão provável. O que devemos ter em mente é que sabemos muito pouco sobre o surgimento dos novos líderes judeus após a destruição do Templo e que a imagem harmoniosa usual construída a partir do Talmud não é historicamente comprovada.

[113]Schwartz, "Josephus", 167-168. Veja a discussão adicional no cap. 10

INFLUÊNCIA POLÍTICA FARISAICA

Jacob Neusner afirmou que os fariseus deixaram de ser um grupo politicamente ativo, deixaram a arena política durante a época de Herodes e dos romanos e assumiram características mais sectárias.51 No entanto, essa separação entre o político e o religioso é muito acentuada. Parece que os fariseus eram um grupo de base política e religiosa em uma sociedade complexa e que sempre estiveram interessados no poder político e sempre um fator na sociedade em geral. Mas eles eram um fator menor, ou melhor, um de um grande número de forças que formavam a sociedade judaica. Pode ser que na época da revolta os notáveis farisaicos não estivessem agindo pela organização, mas apenas indivíduos proeminentes. Mas o fato de Josefo os identificar como fariseus argumenta que pertencer aos fariseus tinha um valor social e político. Eles estavam competindo pelo poder no final do reinado de Herodes e a confusão e o colapso da liderança tradicional durante o primeiro século foi uma oportunidade perfeita para os fariseus e muitos outros grupos ganharem poder. No IJfe Josephus relata que uma delegação enviada para controlar suas atividades na Galiléia tinha três fariseus como membros (veja abaixo). Os fariseus eram provavelmente menos visíveis e

[5]**Veja From Politics to Piety, 65-66; tfJosephus * Pharisees: A Complete Repetoire, "Judaísmo Formativo: Estudos Religiosos, Históricos e Literários. Terceira Série: Torá, Fariseus e Rabinos (BJS 46; Chico: Scholars, 1983), 61-82 para um resumo conveniente. Neste ele segue Smith, "Judaísmo Palestino".**

influente e, portanto, menos relatado por Josefo durante o primeiro século, EC porque eles não tinham patrono real como Alexandra e não havia nenhuma autoridade judaica central, como Herodes, com quem entrar em conflito · Que os fariseus sobreviveram após o reinado de Herodes como uma força política é atestada pela presença de fariseus entre os líderes de Jerusalém no início da guerra com Roma e na delegação enviada de Jerusalém a Josefo na Galiléia. Sua presença nas tradições de Marcos que derivam de meados do primeiro século também sugere que eles ainda lutavam por influência junto ao povo, neste caso em competição com Jesus.

7

Paulo o Fariseu

Paulo é a única pessoa além de Josefo cuja afirmação de ser fariseu é preservada (Fp 3: 5) e ele é o único judeu da diáspora identificado como fariseu. Esta única passagem nas cartas de Paulo, onde a palavra fariseu é usada, pode mostrar algo do entendimento de Paulo sobre os fariseus apenas quando é interpretada no contexto das declarações biográficas e do mundo social de PauF. As informações das próprias cartas de PauF serão separadas da interpretação de Paulo apresentada em Atos porque a visão de Lucas de Paulo desde o final do primeiro século é fortemente influenciada por sua interpretação do Cristianismo e não está totalmente de acordo com as cartas de PauF. É digno de nota que Atos não identifica Paulo como fariseu, embora ele seja retratado como um judeu zeloso e ativo que acabou acreditando em Jesus.

Embora as cartas de PauF sejam geralmente mais confiáveis do que Atos, elas devem ser lidas criticamente porque Paulo sempre escreveu para fazer um ponto com seus ouvintes e nunca apresentou um relato completo de si mesmo de uma maneira relativamente objetiva. As principais questões a serem feitas aos textos paulinos dizem respeito ao que Paulo entendia ser um fariseu e que valor social ele associava ao fariseu. Também perguntaremos sobre o tipo de compromisso exigido para se tornar um fariseu e que efeito ou influência o farisaísmo teve na diáspora ·

O único texto a mencionar os fariseus, Fp 3: 2-4: 1, ataca os oponentes de PauF que enfatizam a circuncisão. Os estudiosos que pensam que Filipenses é um composto de várias unidades literárias pré-existentes identificam esta seção como uma dessas unidades.1 Paulo contrasta

7

] Helmut Koester, Introdução ao Novo Testamento (Filadélfia: Fortaleza, 1982)

aqueles que "mutilam a carne" (Fl 3: 3) com os cristãos que são os 咒 Arruda a circuncisão ”e que ^ não confia na carne” (3: 4). Paulo argumenta que, embora ele tenha todos os motivos para ter confiança na carne, isto é, em seu nascimento e herança judaica (3: 4-6), ele considera tudo isso como uma perda em comparação com Jesus (3: 7-11) . É nesta seção sobre sua herança judaica que Paulo menciona sua conexão com o farisaísmo.

Paulo recita sua genealogia judaica e realizações em Fl 3: 4-6 (apresentado aqui em uma tradução muito literal que refletirá o estilo conciso do grego).

> Se alguém parece confiar na carne, mais eu; com relação à circuncisão, um oitavo dia; 2 do povo / nação3 de Israel, da tribo de Benjamim; em relação à lei, fariseu, em relação ao zelo, perseguidor da igreja, em relação à justiça da lei, sendo irrepreensível.

Paulo interpreta sua vida anterior como sem valor em comparação com sua vida presente em Jesus. Sua descida física é tratada como perda; seu passado de vida como fariseu, perseguidor de cristãos e fiel adepto da lei foi substituído pelo desejo de ser encontrado tendo a justiça baseada na fé de Deus (3: 8-9).

A única alusão de Pauf a ter sido fariseu está relacionada à lei, ou seja, ao modo de vida judaico como uma interpretação da Torá. A afirmação concisa de PauF, “em relação à lei (kata), um fariseu * mais naturalmente significa viver uma vida judaica de acordo com a interpretação farisaica da lei. As duas características de seu modo de vida judaico que seguem sua afirmação de ser fariseu

2132-134 vê esta seção como a terceira carta contra os missionários judaizantes e gnosticizantes, escrita na forma de um testamento e usando história biográfica, admoestação ética, instrução escatológica, bênçãos e maldições. Veja seu artigo “The Purpose of the Polemic of a Pauline Fragment, ** NTS 8 (1961) 317-332. Autores recentes a favor da unidade são Luke Johnson, Os Escritos do Novo Testamento: Uma Interpretação (Philadelphia: Fortress, 1986) 338-339 e WJ Dalton, “The Integrity of Phil. ** Bib 60 (1979) 97-102.

2Esta estranha construção grega é traduzida linguisticamente como “circuncidado no oitavo dia”. A tradução literal traz paralelos gramaticais com as outras orações.

***[3]genos* refere-se à descendência física e aos grupos unidos pela descendência.** parecem derivar de seu farisaísmo. ▪ 1 ▪ Sua adesão ao modo farisaico de interpretar a lei o levou a atacar um grupo que representava um grande desafio ao modo de vida farisaico. Como alguns dos fariseus

haviam desafiado e conspirado contra Jesus (de acordo com os evangelhos), o fariseu Paulo atacou os seguidores de Jesus que ameaçavam a influência farisaica sobre os judeus e que cada vez mais ensinavam uma compreensão significativamente diferente da Torá e do modo judaico da vida.[114] Os fariseus e seguidores de Jesus entraram em conflito especialmente sobre a importância das leis de pureza, dízimos e outros "mecanismos de limite" para manter a integridade do povo de Deus. 2. Paulo guardou a lei como se esperava e alcançou a justiça da lei que era apropriada a ela. Paulo não está se referindo a uma doutrina altamente complexa de justiça pelas obras versus justiça pela graça, mas simplesmente dizendo que ele viveu uma vida boa de acordo com as regras. O ponto de PauF é que ele era humanamente aceitável de acordo com as normas judaicas comuns para um comportamento adequado para com Deus e seus companheiros judeus; ele havia correspondido às expectativas do código de comportamento da sociedade e não podia ser rejeitado como um fracasso descontente.

A descrição de PauF de sua vida como judeu farisaico refere-se ao passado. Ao seguir Jesus, Paulo rejeitou o sistema judaico de normas da comunidade e os substituiu pelo ensino e ressurreição de Jesus como base para um novo código de comportamento. Visto que a honra e integridade de Paulo estão sendo atacadas, ele se defende como um judeu conscienciosо que seguiu a interpretação farisaica da lei. A referência de PauF ao farisaísmo implica que ele é bem conhecido e aceito como um modo legítimo e estrito de viver a vida judaica.

Dois outros casos, nos quais Paulo se refere à sua herança judaica sem referência específica à lei e ao farisaísmo, ajudarão a preencher sua visão do judaísmo. Em 2 Coríntios 11: 21-33, ele se defende contra os oponentes, que afirmam ser maiores do que ele, por ^ tolamente "gabando-se de que ele também é hebreu, israelita, descendente de Abraão (11,22) e, claro, um servo do Cristo sofredor. Em Romanos 11: 1, ele refuta a noção de que Deus rejeitou Israel, apontando que ele é ttan israelita, um descendente de Abraão, um membro da tribo de Benjamin. Em ambas as passagens, Paulo aponta que ele é permanentemente judeu por nascimento e no segundo que Deus continua a amar os judeus porque Deus o amou. Essas

[114]**Veja os detalhes dessa perseguição abaixo.**

passagens contrastam com Filipenses, onde o valor da lei estava em questão.

A breve descrição de Paufs de seu modo de vida judaico como fariseu se encaixa parcialmente na visão dos fariseus encontrada em Josefo. Josefo e Paulo dizem que os fariseus tinham uma interpretação da lei, embora nenhum deles diga qual é, e ambos se referem aos fariseus como um grupo bem conhecido que, infelizmente, não precisa de identificação detalhada. Como Josefo, Paulo não nos fala sobre a organização interna dos fariseus. Tanto Paulo quanto Josefo dizem que já foram fariseus uma vez, mas nunca mais se referem a isso como parte de suas identidades judaicas · Talvez ambos habitualmente 屈 t de si mesmos como judeus contra o horizonte mais amplo do mundo greco-romano, onde as distinções judaicas internas, como pertencer aos fariseus, eram muito importantes.

Contexto Social de Paulo

Embora as cartas de Pauf não digam mais nada sobre os fariseus, algumas coisas a respeito deles podem ser deduzidas com alguma probabilidade da vida e atividades de Pauf. É provável que os fariseus e sua influência se estendessem à Palestina e áreas adjacentes na Síria e Cilícia. Em Josefo, os fariseus só aparecem em Jerusalém. A informação limitada nas cartas de PauF concorda com Atos ao sugerir que grande parte da vida de Paulo antes de se tornar um seguidor de Jesus aconteceu na Síria-Palestina e na vizinha Cilícia, que continha Tarso, sua casa de acordo com Atos. Ele perseguiu as igrejas na Judéia (Gal. 1: 22-23) e dá a entender que teve sua visão de Jesus em ou perto de Damasco, porque depois disso ele foi para a "Arábia" (Gal. 1:17), pelo que provavelmente ele significava o reino nabateu na grande Síria e transjordânia. (Somente Atos faz de Damasco o lugar de instrução e batismo de Paulo). Ele afirma que foi a Jerusalém apenas três anos após sua conversão (Gl 1:18) e nunca residiu lá como seguidor de Jesus.

Paulo nunca diz onde fez contato com o farisaísmo, em Tarso, Síria ou Jerusalém. Visto que ele nunca se referiu aos fariseus como seus oponentes nem como líderes da comunidade judaica em nenhuma das cartas dirigidas às comunidades na Ásia Menor e na Grécia, é muito provável que os fariseus não fossem encontrados nessas comunidades. Visto que Paulo vivia e trabalhava na grande

área síria como fariseu, é um pouco provável que o fariseu tivesse alguma influência ali e que alguns fariseus vivessem fora de Jerusalém e da Judéia. No entanto, as evidências de que o ensino e a influência farisaica se espalharam além das fronteiras palestinas são muito tênues.

As evidências a respeito do farisaísmo são tão escassas que não sabemos como Paulo conheceu o farisaísmo, por que foi atraído por ele e o que significava ser fariseu. O farisaísmo, conforme descrito por Josefo, o Novo Testamento e os escritos rabínicos, preocupava-se com as questões políticas e sociais dos judeus palestinos e com um certo estilo de vida judaica que incluía o dízimo e a preparação ritual de alimentos especialmente adequados à vida em vilas e cidades judaicas. Visto que Paulo usa a linguagem da pureza metaforicamente para descrever e manter os novos limites da comunidade cristã, é provável que ele estivesse familiarizado com as regras de pureza judaicas e talvez farisaicas.[115] Se for assim, Paulo estava criando conscientemente uma nova comunidade com uma nova compreensão da pureza, assim como os fariseus tinham para o judaísmo.

Na diáspora, não está claro o que poderia significar ser fariseu. Josefo e Paulo afirmavam ser fariseus e viviam conscientemente no mundo maior do Império Romano. Talvez eles tenham achado a visão farisaica de como viver o judaísmo uma resposta viável ao desafio intelectual e espiritual da visão de mundo helenística. Embora não saibamos os ensinamentos dos fariseus em qualquer detalhe (apesar de textos rabínicos posteriores e algumas alusões do Novo Testamento que implicam um estilo de vida semelhante a uma seita), eles provavelmente trouxeram práticas judaicas para a vida diária e criaram um modo de vida consciente respondeu às perguntas e crises sentidas por alguns judeus quando confrontados com o mundo greco-romano. Nenhum dos dois diz como alguém se tornou membro dos fariseus nem que tipo e intensidade de compromisso era necessário. Possivelmente nenhum dos dois ingressou em um grupo claramente definido,

Paulo não era palestino nem membro da classe governante. Embora Paulo não diga onde ele nasceu em suas cartas, Atos (21:39; 22: 3) diz que ele veio de Tarso, na Cilícia. Seu grego razoavelmente

[115]**Para as primeiras regras de pureza, veja o cap. 10. Para o uso da linguagem de pureza por Paulo, ver Jerome Neyrey, ttBody Language in 1 Corinthians: The Use of Anthropological Models for Understanding Raul and His Opponents, ** Semeia 35 (1986) 129-170.**

bom em suas cartas e sua vida e trabalho na diáspora tornam muito provável que ele fosse um judeu da diáspora. De acordo com seu próprio testemunho, trabalhou como artesão durante suas viagens missionárias (1 Ts 2: 9; 1 Cor 9: 6). O trabalho deve ter sido algum tipo de artesanato urbano e Atos diz que era fazer tendas, que era uma forma de trabalhar couro (1 e 3) · Assim, Paulo é diferente dos fariseus que aparecem em Josefo como servos ligados à classe governante em Jerusalém e como um grupo de interesse político palestino com objetivos que incluíam a renovação ou reforma da sociedade judaica de acordo com suas normas e sob sua influência e poder.

Como artesão, Paulo era, em princípio, membro das classes mais baixas. Os artesãos não eram uma classe média independente, mas uma classe subserviente que era limitada por sua capacidade de produzir apenas uma pequena quantidade de trabalho manualmente. Embora alguns artesãos tenham se tornado ricos ou poderosos por causa da qualidade de seu trabalho ou de sua capacidade de organizar outros artesãos em oficinas, a maioria era firmemente de classe baixa, como os camponeses. Hock dá um relato detalhado e dramático das horas de trabalho duro necessárias para trabalhar com couro na fabricação de tendas e argumenta que os artesãos alcançaram um status social muito baixo porque o trabalho manual foi rebaixado na antiguidade e porque seu trabalho se assemelhava ao de escravos.[116]Assim, quando Paulo se refere à sua vida difícil como um missionário cristão para se sustentar, ele não está se envolvendo em floreios retóricos. Durante a viagem, Paulo provavelmente fez seus primeiros contatos no bairro dos trabalhadores em couro * e pode até ter usado a oficina como um lugar para pregação e instrução missionária.[117] Embora as igrejas paulinas contivessem membros de todas as classes sociais, o público urbano dos PauF era principalmente as classes mais baixas, que formavam a maior parte da sociedade antiga.[118] O status de Paul como um artesão de classe baixa teria ajudado no contato com esses grupos.[119]

Paulo poderia ter alistado um patrono, como fez Josefo, e se juntar

[116]Ronald Hock, The Social Context of Paul's Ministry (Philadelphia: Fortress, 1980) 20-27, 31-37.

[117] Hock, Social Context, 37-42 e Meeks, Urban, 29.

[118] Ver Gerd Theissen, The Social Setting of Pauline Christianity: Essays on Corinth (Philadelphia: Fortress, 1982)

[119]Veja Meeks, Urban, para uma análise extensa do contexto urbano de Paulis como um pregador cristão.

às fileiras dos retentores educacionais e religiosos que serviam à classe governante e às necessidades de uma sociedade complexa. No caso de PauF, isso significaria apegar-se à casa de um rico convertido ao cristianismo e trabalhar na comunidade sob sua égide. Mas, na maior parte do tempo, Paulo recusou patrocínio e manteve sua independência sustentando-se.[120] Assim, em sua profissão e em seu ministério cristão, Paulo escolheu ser um membro das classes mais baixas, um artesão.

Embora as cartas de PaulM o apresentem como um artesão, alguns fatos sobre a vida de PauF sugerem que ele tinha ligações com as classes altas e era mais do que um artesão sem instrução e sem poder. O fato de ele ser um morador da cidade não significa que foi educado ou influente, embora a cidade não excluísse essa possibilidade como as áreas rurais geralmente faziam. Suas cartas, escritas em grego fundamentalmente bom, mas não muito letrado, testificam que Paulo recebeu educação básica em gramática. Sua familiaridade e interpretação da Bíblia mostram que ele recebeu uma sólida educação judaica.[121]É provável que ele falasse e lesse hebraico e / ou aramaico. Paul, como muitos artesãos na antiguidade, viajou; como artesão, ele poderia encontrar emprego em cidades e grandes vilas.[122]No relato de sua vida em Gálatas, ele diz que perseguiu a igreja de Deus. Atos localiza essa atividade em Jerusalém, Judéia, Palestina e sul da Síria, mas as próprias cartas de PauF deixam isso vago. Nem as cartas dizem por que Paulo havia deixado sua casa em primeiro lugar ou qual era sua relação com as autoridades judaicas em Jerusalém e onde existia antes de seguir Jesus. Porque ele construiu o relato conciso de sua vida em Gálatas 1-2 para defender sua independência e a verdade de seu evangelho, é incompleto e inclinado para o ponto que Paulo queria mostrar, que ele foi chamado por Jesus e que seu evangelho e seu ministério é independente de qualquer outro apóstolo, especialmente os de Jerusalém · Ao relatar suas primeiras relações com os seguidores de Jesus, Paulo admite que perseguiu e tentou destruir a igreja de Deus (Gl 1:13). Aqui (ver também 1:23), em Filipenses e em 1 Cor 15: 9, Paulo faz questão de admitir que perseguiu a igreja. Ele enfatiza sua atividade hostil no passado para mostrar a misericórdia de Deus para com ele e o poder de Jesus, revelação e chamado.

[120]Hock, Social Context, 50-59; Meeks, Urban, 27 e 202, n. 63

[você]A afirmação em Atos de que ele foi aluno de Gamaliel pode ser um exagero. Veja abaixo.

[122]Hock, Social Context, 9 para as localizações dos artesãos.

De sua vida no judaísmo, Paulo diz enigmaticamente: "Eu progredi no judaísmo entre o meu povo acima de muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das minhas tradições paternas" (Gl 1:14) · Paulo não diz como ou onde perseguiu os cristãos nem ele descreve como ele era avançado e zeloso além de seus companheiros em relação ao Judaísmo. Porque Paulo estava envolvido no judaísmo mais do que os cristãos comuns e perseguidos, é provável que ele estivesse envolvido com a liderança judaica, em Jerusalém ou ekewhere, e que ele tinha um conhecimento melhor do que o normal das tradições judaicas · Isso não significa que Paulo estava um rabino (um anacronismo tão cedo no primeiro século) ou que ele era um oficial da comunidade. Uma vez que as divisões entre as classes não eram seladas e especialmente porque havia muita mobilidade descendente, além de alguma mobilidade ascendente,

As cartas de Paulo não deixam clara sua posição social, talvez porque sua ênfase em Jesus, humildade e morte o tenham levado a menosprezar a posição social como um critério na comunidade cristã. Embora Paulo fosse um fariseu, não está claro quanta educação ele teve, como ou onde ele fez contato com os fariseus, qual foi o compromisso de grupo que ele assumiu como fariseu e qual papel ele teve na comunidade judaica quando perseguiu os primeiros seguidores de Jesus.

Atos

Em Atos, Lucas transforma Paulo em um fariseu judeu altamente educado, bem relacionado e ativo que pertencia à classe de retentores. De acordo com Atos, Paulo era cidadão romano (25:11) e, portanto, deve ter vindo de uma família que em algum tempo alcançou distinção no serviço do império e fazia parte das classes retentoras ou militares. Ele viajou para Jerusalém e foi educado por Gamaliel (22: 3) e teve acesso suficiente ao sumo sacerdote para pedir cartas de apresentação para a comunidade judaica em Damasco (9: 1-2; 22: 4-5; 26: (2) Ele se envolveu o suficiente com a liderança da comunidade para tomar iniciativas fortes em oposição ao novo movimento de Jesus. Ao fazer isso, ele atuou como um líder comunitário de baixo nível, dependente das classes governantes & Este retrato é muito improvável. Nem as cartas de PauP nem suas atividades sugerem que ele era um cidadão romano, que foi educado em Jerusalém ou que era um líder de comunidade judaica. Ele admite que perseguiu os cristãos, mas o tipo de perseguição descrito em Atos é improvável.

Em Atos, Lucas descreve Paulo engajado em perseguição violenta, mas esse tipo de perseguição é uma experiência do final do primeiro século para a comunidade cristã.[123]O zelo de Paulo pelas tradições judaicas o teria levado a usar a persuasão, bem como os procedimentos e sanções legais da comunidade judaica para conter a influência do novo grupo de seguidores de Jesus. Os cristãos deviam ser evitados e seus ensinos refutados; Os judeus (incluindo cristãos judeus) que continuassem a causar problemas seriam submetidos à disciplina comunitária e à expulsão. Esta visão é apoiada pelas cartas de Paufs segundo as quais as sinagogas judaicas da diáspora usaram os mesmos procedimentos com Paulo, disciplinando-o cinco vezes com chicotadas (2 Cor 11,24) e de outra forma opondo-se a ele (2 Cor 11,26) e expulsando-o .[124]

Para resumir, Paulo apenas uma vez se identifica como fariseu, e o faz em um contexto que indica que ele levava uma vida judaica de acordo com a interpretação farisaica. Os fariseus tinham seguidores na Palestina e provavelmente nos territórios vizinhos, incluindo Tarso, que ficava perto de Antioquia, no norte da Síria. As cartas de PauF indicam que ele conhecia bem a Bíblia e sabia escrever, mas não mostram se ele se educou na juventude ou depois de se tornar seguidor de Jesus. Quando Paulo perseguiu os primeiros seguidores de Jesus, ele provavelmente derivou sua influência e qualquer poder que ele tinha da classe governante judaica, seja em Jerusalém ou nas comunidades locais. Não está claro que tipo de influência e status ele possuía na comunidade judaica. Por ocupação ele era um artesão e, portanto, de classe baixa. Certamente, quando se tornou cristão, ele perdeu qualquer influência e status dentro do judaísmo, mas ganhou status e poder na comunidade cristã, uma posição que ele protegeu ferozmente, especialmente quando sua autoridade de ensino e comportamento cristão estavam em jogo.15 A única referência aos fariseus nas cartas de PauF não fornece nenhuma informação direta sobre os fariseus, exceto para indicar que os fariseus ensinavam um modo de vida judaico particular que era bem conhecido no judaísmo. Se o ensino farisaico buscava reformar e fortalecer a comunidade judaica influenciando outros judeus a viver de uma certa maneira, então Paulo, quando começou a seguir Jesus, entendeu que o novo modo de vida em Jesus era um modo alternativo de reformar o

[123]Veja o excelente estudo de Arland J. Hultgren, "As Perseguições Pré-Cristãs de Paulo à Igreja: Seu Propósito, Local e Natureza", JBL 95 (1976) 97-111, esp. 107-109.

[124]Consulte Hultgren, "Persecutions, T01 ▪ 103 and 108-109.

judaísmo e promovido vigorosamente. Paulo parece ter sido um membro das classes mais baixas, com alguns vínculos com as classes governantes. Sua associação com os fariseus pode ter sido esse elo. No entanto, não está claro se Paulo, como fariseu, obteve alguma educação particular ou posição na comunidade.

[5]Para um estudo sociológico do poder nas comunidades paulinas, ver Bengt Holmbeig, Paul and Power: The Structure of Authority in the Primitive Church as Reflected in the Pauline Epistles (Philadelphia: Fortress, 1980). Para as relações sociais na comunidade paulina e no mundo em geral, consulte Norman R. Petersen, Rediscovering Paul: Philemon and the Sociology of Paul's Narrative World (Philadelphia: Fortress, 1985).

8

Os fariseus, escribas e saduceus em Marcos e Mateus

INTRODUÇÃO

Os evangelhos não fornecem facilmente informações para a compreensão histórica dos fariseus, escribas e saduceus. Os evangelhos datam do último terço do primeiro século e, portanto, não dão testemunho de primeira mão do que aconteceu na vida de Jesus. Freqüentemente, projetam na vida de Jesus controvérsias posteriores entre as comunidades cristã e judaica e podem simplesmente refletir o mal-entendido de um autor posterior sobre as tradições à sua disposição e a sociedade palestina. Em todos os casos, os autores do evangelho teceram Jesus, oponentes, em uma narrativa dramática que é controlada por seus propósitos ao escrever a narrativa, e não pelo desejo de reproduzir fielmente os eventos da vida de Jesus.1 Assim, os fariseus, escribas e saduceus sofrem mutação para propósitos dramáticos e teológicos. Finalmente, todos os evangelhos atacam Jesus, oponentes,

Na análise dos evangelhos, atenção especial será dada às relações sociais que unem os aldeões em um pequeno mundo face a face, especialmente o sistema de honra, relações de patrono com o cliente, coalizões e facções. A apresentação literária de Marcos, os fatos históricos e os padrões sociais gerais irão para alguns

• **Ver Elizabeth Struthers Malbon, "Os Líderes Judeus no Evangelho de Marcos: Um Estudo Literário da Caracterização Markana, w**"∠ em breve, para um estudo completo do uso que Marcos faz da oposição de Jesus *.

extensão confirmam e aumentam um ao outro.

A teoria da prioridade de Marcos é assumida neste tratamento de Marcos e Mateus (e Lucas no próximo capítulo). Marcos e Mateus são tratados juntos porque Mateus segue Marcos bem de perto e o muda de maneiras que podem ser claramente explicadas por sua visão do Judaísmo e de Jesus. A imagem de Mateus dos fariseus, escribas e saduceus é menos distinta do que a de Marcos e é provável que Mateus tenha revisado Marcos para se adequar a seus propósitos literários e teológicos sem fornecer nenhuma informação nova em primeira mão. Tanto Lucas-Atos quanto João, a serem tratados no próximo capítulo, têm imagens significativamente diferentes dos fariseus e de outros líderes judeus, imagens que provavelmente não são baseadas em informações de primeira mão, mas que refletem seus entendimentos da sociedade do primeiro século e suas relações de Jesus com liderança judaica.

Os fariseus e escribas aparecem várias vezes em Marcos e Mateus. Em contraste, os saduceus aparecem apenas uma vez em Marcos e três vezes em Mateus. Freqüentemente, os fariseus, escribas e saduceus são aliados de outras partes da liderança judaica palestina, incluindo os principais sacerdotes, os herodianos e os anciãos · Marcos tem uma imagem coerente e consistente dos fariseus e outros grupos de liderança que se encaixam em seu entendimento de Jesus , trabalho e lugar na sociedade palestina. As tradições de Marcos provavelmente datam da Palestina de meados do século I e, portanto, dão um relato indireto das relações da comunidade primitiva com os líderes judeus e talvez alguma compreensão dos próprios conflitos de Jesus com a liderança.[125]Deve-se notar que o relato de Marcos sobre os fariseus difere significativamente daquele de Josefo e suas fontes. Algumas das contradições podem ser explicadas pelas diferentes perspectivas e interesses dos autores, mas os conflitos exigirão uma análise histórica ao final deste estudo. O mesmo é verdade para os relatos de outros evangelistas.

O Evangelho de Marcos

[125]R. Bultmann, The History of the Synoptic Tradition (New York: Harper, 1963) 52-54, argumentou que muitas histórias de controvérsia circularam originalmente com oponentes não identificados de Jesus, como o povo e seus líderes de aldeia, e que a tradição tendia a inserir fariseus, escribas, etc. Morton Smith, Jesus the Magician (Nova York: Harper, 1978), Apêndice A: * The Pharisees in the Gospels, ** pp. 153-157, esp. 157, argumenta que os fariseus são anacrônicos em todas as passagens. A questão de saber se os fariseus foram encontrados na Galiléia será retomada em detalhes no cap. 12

Os fariseus junto com os escribas são os principais oponentes de Jesus na Galiléia; os principais sacerdotes, escribas e anciãos são seus oponentes em Jerusalém no momento de sua morte; os saduceus aparecem apenas uma vez. As relações sociais que unem esses grupos e Jesus em coalizão e conflito serão o foco principal deste tratamento. Visto que a maioria dos comentaristas data Marcos perto da guerra com Roma (66-70), é improvável que Marcos esteja refletindo as mudanças na liderança judaica nas décadas após a guerra e é provável que ele esteja refletindo algo da situação de meados do primeiro século , seja através de seu próprio conhecimento ou dos dados de suas tradições.[126] Mesmo que Marcos esteja usando tradições anteriores, não é certo até que ponto essas tradições são baseadas em conhecimento preciso e sofisticado do Judaísmo. Visto que Marcos freqüentemente traduz termos hebraicos ou aramaicos e explica os costumes judaicos (por exemplo, 7: 3-5) e visto que ele rejeita a pureza ritual totalmente (7:19), é provável que seu público seja principalmente de origem gentia e não esteja familiarizado com o judaísmo.

Marcos menciona os fariseus um número limitado de vezes, menos frequentemente do que Mateus. Eles ocorrem sozinhos em cinco casos, e em todos eles estão em conflito com Jesus.[127] Os escribas e fariseus são mencionados juntos em duas ocasiões quando estão em conflito com Jesus (2:16; 7: 1, 5).[128]Os fariseus também estão ligados aos herodianos duas vezes (3: 6; 12:13) em questões mais políticas. Os escribas são mencionados sozinhos em sete ocasiões.[129] Eles estão ligados aos principais sacerdotes e anciãos cinco vezes7 e apenas aos principais sacerdotes mais quatro vezes.8 Finalmente, para completar o quadro, os principais sacerdotes são

[126]Martin Hengel, Studies in the Gospel of Mark (Filadélfia: Fortaleza, 1985) defendeu a apresentação de Marcos da tradição pré-70. No entanto, se Mark está em Roma, como diz Hengel, ou se ele está em outro lugar e não está familiarizado com o judaísmo palestino pré-70 como muitos defendem, então ele pode ser pessoalmente ignorante e dependente de suas tradições. Veja Michael Cook, Mark's Treatment of the Jewish Leaders (Leiden: Brill, 1978), que argumenta que Mark ignora a situação palestina e confunde erroneamente duas fontes sem entender que os fariseus e os escribas são o mesmo grupo.

[127]2:18; 2:24; 3: 2; 8:11, 15; 10: 2. Marcos 3: 2 diz que "eles" estavam vigiando Jesus na sinagoga para acusá-lo. O contexto tanto antes dessa história quanto no final, onde os fariseus conspiram com os herodianos contra Jesus, indica que os fariseus se referem, pelo menos no contexto de Marcos.

[128]A afirmação de Michael Cook (líderes judeus) de que essas instâncias são redacionais é gratuita. Uma variante textual em 9:11 também liga os fariseus aos escribas.

6Marque 1:22; 3:22; 9:11; 9:14; 12: 28,32; 12:35; 12:38.

mencionados sozinhos cinco vezes.9 Os principais sacerdotes, escribas e anciãos ocorrem juntos do capítulo 8 em diante, especialmente nos capítulos 11-15, onde eles estão preocupados com a morte de Jesus.

A classe social e o status dos fariseus, escribas e saduceus em Marcos e suas relações com a sociedade podem ser determinados por sua localização geográfica e pelas questões com que lidam.

Localização

FARISEUS

Marcos coloca os fariseus na Galiléia em todas as ocasiões, exceto quando os fariseus e herodianos são enviados a Jesus para prendê-lo em Jerusalém.11 Os fariseus encontram Jesus em Cafarnaum e em outras cidades rurais (3: 2, 6; 7: 1, 5) e em muitos lugares, freqüentemente indeterminados (2:18, 24; 8:11; 10: 2). Em contraste com Josefo, que mostra os fariseus como intimamente ligados à liderança em Jerusalém, Marcos os vê como ativos apenas na Galiléia. Não faltam alianças e conexões com outros grupos, pois conspiram com os herodianos (3: 6), unem-se aos escribas em conflito com Jesus e têm algum escriba entre eles (2:16). Eles até aparecem em Jerusalém uma vez, mas isso pode ser devido ao arranjo literário de Marcos.12 Isso não elimina o

78:31; 11:27; 14:43; 14:53; 15: 1.

810: 33; 11:18; 14: 1; 15:31.

[9]14:10; 15: 3, 10, 11, 31. Os principais sacerdotes e todo o sinédrio são mencionados em 14:55. Além disso, o sumo sacerdote e sua família são mencionados várias vezes na história da paixão.

,[0]Para uma breve revisão desses padrões nos evangelhos, ver AFJ Kl ^ n, "Scribes, Pharisees, Highpriests and Elders in the New Testament", NovTest 3 (1959) 259-267.

•• Os fariseus estão na Galiléia em 2: 16,2: 18, 2:24, 3: 2, 3: 6,7: 1 e 5,8: 11, 10: 2. Eles com os herodianos estão em Jerusalém apenas em 12:13. Eles são descritos em 7: 3 e 15 em um cenário galileu.

[2]Polegada. 12, pouco antes da prisão de Jesus, Jesus encontra uma série de seus oponentes: os fariseus e herodianos (12,13), os saduceus (12,18) e um escriba amigo (12,28). Elepossibilidade de os fariseus estarem ativos em Jerusalém, mas torna o testemunho de Markl incerto.

SCRIBES

Os escribas aparecem tanto na Galiléia quanto em Jerusalém, mas com mais freqüência em Jerusalém. Os comentários que Marcos faz sobre os escribas indicam que seu ensino e sua autoridade eram geralmente conhecidos do povo, de modo que eles podem ter atuado em ambos os lugares. Os escribas são encontrados na casa de Jesus em Cafarnaum onde ele está ensinando (2: 6) e em outra ocasião escribas de Jerusalém acusam ele no mesmo lugar (3:22) · Alguns escribas de Jerusalém junto com os fariseus desafiam Jesus em um lugar indeterminado (7: 1, 5) e os escribas dos fariseus também desafiaram Jesus uma vez em sua casa em Cafarnaum (2:16). Os escribas discutem com seus discípulos após a transfiguração em um lugar indeterminado (9:14). Além disso, os discípulos referem-se aos ensinamentos dos escribas em um contexto galileu (1:22; 9: 11) e o povo galileu contrastou o ensino autorizado de Jesus com o dos escribas (1.22), indicando que os ensinos dos escribas são bem conhecidos e bem aceitos na Galiléia. Em vários casos, os escribas vêm de Jerusalém (3:22 e 7: 1) ou são encontrados nas cidades maiores, como Cafarnaum (2: 6,16; 3:22). Mais tarde na narrativa, os escribas estão localizados em Jerusalém e freqüentemente associados aos sacerdotes e anciãos. Eles são mencionados com os principais sacerdotes e às vezes os mais velhos em duas das predições da paixão (8:31 e 10:33) e várias vezes na narrativa de Jerusalém.14 Como um grupo de liderança educado, os escribas parecem estar associados a grandes centros , Jerusalém ou cidades principais. indicando que os ensinamentos dos escribas são bem conhecidos e bem aceitos na Galiléia. Em vários casos, os escribas vêm de Jerusalém (3:22 e 7: 1) ou são encontrados nas cidades maiores, como Cafarnaum (2: 6,16; 3:22). Mais tarde na narrativa, os escribas estão localizados em Jerusalém e frequentemente associados aos sacerdotes e anciãos. Eles são mencionados com os principais sacerdotes e às vezes os mais velhos em duas das predições da paixão (8:31 e 10:33) e várias vezes na narrativa de Jerusalém.14 Como um grupo de liderança educado, os escribas parecem estar associados a grandes centros , Jerusalém ou cidades principais. indicando que os ensinamentos dos escribas são bem conhecidos e bem aceitos na Galiléia. Em vários casos, os escribas vêm de Jerusalém (3:22 e 7: 1) ou são encontrados nas cidades maiores, como Cafarnaum (2: 6,16; 3:22). Mais tarde na narrativa, os escribas estão localizados em Jerusalém e frequentemente associados aos sacerdotes e anciãos. Eles são

mencionados com os principais sacerdotes e às vezes os mais velhos em duas das predições da paixão (8:31 e 10:33) e várias vezes na narrativa de Jerusalém.14 Como um grupo de liderança educado, os escribas parecem estar associados a grandes centros , Jerusalém ou cidades principais. Mais tarde na narrativa, os escribas estão localizados em Jerusalém e frequentemente associados aos sacerdotes e anciãos. Eles são mencionados com os principais sacerdotes e às vezes os mais velhos em duas das predições da paixão (8:31 e 10:33) e várias vezes na narrativa de Jerusalém.14 Como um grupo de liderança educado, os escribas parecem estar associados a grandes centros , Jerusalém ou cidades principais. Mais tarde na narrativa, os escribas estão localizados em Jerusalém e frequentemente associados aos sacerdotes e anciãos. Eles são mencionados com os principais sacerdotes e às vezes os mais velhos em duas das predições da paixão (8:31 e 10:33) e várias vezes na narrativa de Jerusalém.14 Como um grupo de liderança educado, os escribas parecem estar associados a grandes centros , Jerusalém ou cidades principais.

então conclui com um ataque aos escribas (12: 35-40) e implicitamente às autoridades do Templo, os sacerdotes, quando diz que o Templo será destruído (13: 1-2). É provável que Marcos traga os fariseus (e possivelmente os herodianos) a esse contexto para criar uma lista completa de oponentes de Jesus * pouco antes da prisão e da crucificação.

[13]Cook, líderes judeus, argumenta que os fariseus na primeira parte de Marcos e os escribas na última parte são realmente o mesmo grupo chamado por nomes diferentes em fontes diferentes. Sua tese pressupõe a análise de Rivkin dos fariseus e depende de uma análise de fonte bastante arbitrária.

】 411：**1 e 27; 14: 1,43, 53; 15: 1,31.**

OUTROS LÍDERES

Para completar a pesquisa, os principais sacerdotes e anciãos são mencionados apenas em Jerusalém e em conexão com a morte de Jesus *. Os herodianos são mencionados com os fariseus em 3: 6 na Galiléia e novamente em 12:13 (onde eles, como os fariseus, podem ter sido reciitados na lista de Marcos dos inimigos de Jesus).[130] Os

[130]Os estudiosos há muito discutem sobre os herodianos. Um levantamento das posições é fornecido em HH Rowley, uThe Herodians in the Gospels, "JTS 41 (1940) 14-27 e em S. Sandmel, * Herodians, w BID 2: 594-95. Rowley provavelmente está correto ao dizer que eles são pessoas associadas à corte de Herodes, seja como oficiais, partidários ou homens de posição e influência aliados a ele. Isso se encaixa bem em nossa teoria de que os fariseus e herodianos também são uretainers "nas categorias de Lenski. WJ Bennett, * The Herodians of Mark's

saduceus são mencionados apenas uma vez, em Jerusalém, na controvérsia teológica com Jesus, como parte da lista de inimigos.

questões

FARISEUS

Mais informações sobre a natureza e posição social dos fariseus e escribas podem ser deduzidas das questões que eles discutem com Jesus. Os fariseus disputam com ele sobre o jejum (2:18), a observância do sábado (2:24 e 3: 2) e o divórcio (10: 2). Os escribas e fariseus disputam com ele sobre a purificação das mãos (7: 1) e os escribas dos fariseus questionam se ele comia com pecadores (2:16). Os fariseus também questionam a autoridade de Jesus, exigindo um sinal (8:11). Em conjunto com os herodianos, os fariseus tentam prender Jesus em uma questão política, a questão dos impostos romanos (12:13), e entram em uma conspiração com os herodianos contra Jesus.

Como os fariseus em Marcos têm relacionamentos com outros grupos da sociedade, faça uma aliança política com os herodianos contra Jesus (3: 6) e com os herodianos coloque Jesus à prova por instigação dos líderes de Jerusalém (12:13), eles agem como um grupo de interesse político bem relacionado, do qual os escribas dos fariseus (2:16) podem ser os representantes de Jerusalém. Visto que suas visões religiosas são parte integrante da maneira como os judeus viviam na Palestina, eles procuraram controlar ou influenciar, tanto quanto possível, os fatores políticos, legais e sociais que podem determinar as práticas sociais e os pontos de vista da comunidade.

Jacob Neusner argumentou que a polêmica do Novo Testamento contra a preocupação dos fariseus com a pureza ritual, os dízimos agrícolas e a observância do sábado reflete com precisão seu programa para o judaísmo no primeiro século.[131] Essas questões

Gospel," NovTest 17 (1975) 9-14 mostra como os herodianos funcionam literariamente nos Evangelhos e sugere que eles são uma criação Markan. Mas a influência filológica de Rowley, extraída de Lieberman e Jouon, mostra que os adeptos de Herodes, de alguma forma, são prováveis. Isso não nega sua função literária apontada por Bennett.

[131]*Da política à piedade*(Englewood Cliffs: Prentice-Hall 1973) cap. 4. Ele também mostrou que a disputa sobre limpar o interior ou o exterior do copo em Marcos 7 reflete uma genuína controvérsia do primeiro século sobre a pureza ritual em "'Limpe o Interior pela Primeira Vez" NTS 22 (1976) 486-95. Ver cap. 10 para uma discussão mais aprofundada do trabalho de

sugerem a Neusner que os fariseus são principalmente uma seita religiosa ou grupo de comunhão de mesa, e não uma força politicamente ativa.[132] Como vimos em nossa análise da sociedade judaica, no entanto, um grupo com práticas semelhantes a seitas não precisa ser excluído da vida política, uma vez que a religião está inserida na sociedade política · Jerome Neyrey analisou todos os comentários de Marcos sobre pureza usando Mary Douglas * antropológica estudos para mostrar que as regras de pureza em Mark funcionam como mecanismos de definição de limites para a comunidade.[133]Assim, os fariseus são os defensores de um certo tipo de comunidade e Jesus desafiou os fariseus, a visão da comunidade, atacando seus regulamentos de pureza relativos à lavagem e alimentação, bem como à prática do sábado · O efeito do ensino de Jesus * é alargar os limites da comunidade e afrouxar as normas para associação em sua comunidade. Jesus criou assim uma nova comunidade fora de seu controle e muito naturalmente provocou seu protesto e hostilidade.[134]

Jesus e os fariseus não discutiam sobre questões teológicas que eram de interesse de um número limitado de judeus, mas sim competiam pelo controle da comunidade. Os fariseus eram líderes reconhecidos na comunidade galiléia, de acordo com Marcos. Isso significa que eles tinham posição elevada na comunidade e influência, se não poder, com as pessoas e outros líderes da comunidade. Jesus, que era de uma família de artesãos de classe baixa, não tinha posição social, honra e influência para impor respeito como professor, como mostra seu retorno a Nazaré (6: 2-3). Aqueles que o conheceram o descartaram como carpinteiro local, sem qualquer reconhecimento de sabedoria ou poder da comunidade. Sua família é comum e sua nova pretensão de ensinar e ter uma posição especial na comunidade é rejeitada de imediato. honra e influência nas outras cidades da Galiléia por meio de seu próprio trabalho e de

Neusner.

·[7]Uma análise mais aprofundada da comunhão de mesa e de outros dados sobre que tipo de grupo os fariseus poderiam ter sido será apresentada no capítulo sobre fontes rabínicas.

·[8]Jerome Neyrey, "The Idea of Purity in Mark's Gospel," Semeia 35 (1986) 91-128.

·[9]Joanna Dewey, Debate Público Markan: Técnica Literária, Estrutura Concêntrica e Teologia em Marcos 2 "· 3. £ (SBLDS 48; Chico: Scholars, 1980) 120 * 121; 188-190, argumenta que curar e comer são duas questões que unem os primeiros capítulos de Marcos e se conectam à condenação final de Jesus. Ela, portanto, atribui a função desses temas à redação de Marcos. Essas conclusões literárias não abordam ou negam a natureza tradicional das controvérsias sobre pureza, nem sua probabilidade como questões do primeiro século entre os judeus e o movimento de Jesus.

seus seguidores (ver o restante de Marcos 6). Isso provocou o ataque dos fariseus e escribas sobre os regulamentos de pureza e controle da comunidade no cap. 7 · honra e influência nas outras cidades da Galiléia por meio de seu próprio trabalho e de seus seguidores (ver o restante de Marcos 6). Isso provocou o ataque dos fariseus e escribas sobre os regulamentos de pureza e controle da comunidade no cap. 7 ·

SCRIBES

As questões levantadas pelos escribas em Marcos giram em torno de Jesus, autoridade de ensino. Em dois casos, quando os escribas dos fariseus confrontam Jesus e quando os escribas que vieram de Jerusalém junto com os fariseus o questionam, as questões discutidas correspondem às levantadas pelos fariseus. Os escribas dos fariseus criticam Jesus porque ele come com coletores de impostos e pecadores (2:16) e os escribas de Jerusalém e os fariseus questionam Jesus porque seus discípulos não lavam ritualmente as mãos antes de comer (7: 1, 5). Tais questões de comunhão à mesa e pureza ritual são típicas das questões levantadas pelos fariseus

2 ° A competição por honra e posição comunitária na antiguidade exigia que qualquer pessoa que reivindicasse mais prestígio ou autoridade do que a reconhecida pela comunidade deveria competir por essa posição e derrotar qualquer um que o desafiasse.

[21]Falta de honra (atimos) é mencionado nos evangelhos apenas aqui e em Mt 13:57 e honra (tempo) é usado na versão joanina do ditado (Jo 4:44). Lc 13:33 tem outra versão deste ditado. Em Mt 27: 6,9, o tempo é usado em seu outro significado, preço.acima de. No restante da interação entre Jesus e os escribas, as questões centram-se mais em torno da autoridade de Jesus para seu ensino e atividade do que em torno de regras sectárias.

Em três lugares, a narrativa de Marcos revela que o povo e os discípulos de Jesus conhecem e reconhecem os ensinamentos dos escribas. Quando Jesus ensina pela primeira vez na sinagoga em Cafarnaum (1: 2128), o povo fica surpreso com o seu ensino, porque ele * os ria como quem tem autoridade, e não como os escribas (1:22). Os escribas são o ponto de referência para o ensino religioso judaico e Marcos sugere que eles são os professores comuns com os quais as pessoas estão familiarizadas. Jesus, que também ensina, é contrastado com eles, principalmente pela forma como ensina, mais do que pelo conteúdo do seu ensino. Marcos, que acabou de mostrar

que Jesus foi comissionado por Deus no Jordão, agora apresenta Jesus como exercendo essa autoridade da maneira como ensina. Mais tarde no Evangelho, os discípulos de Jesus citam o ensino dos escribas sobre a vinda de Elias (8: 11) e Jesus, que aceita o ensino, explica que já foi cumprido (9,12-13). Finalmente, Jesus cita o ensino dos escribas de que o Messias deve ser o filho de Davi (12,35) e refuta essa contenção pela interpretação bíblica, para deleite da multidão (12,36-37). Nestes três casos, o ensino dos escribas é bem conhecido e considerado a "norma" e o ponto de partida da discussão. Claro, Marcos mostra Jesus como superior aos escribas, mas mesmo sua comparação presume que os escribas são a norma. o ensino dos escribas é bem conhecido e considerado a "norma" e o ponto de partida da discussão. Claro, Marcos mostra Jesus como superior aos escribas, mas mesmo sua comparação presume que os escribas são a norma. o ensino dos escribas é bem conhecido e considerado a "norma" e o ponto de partida da discussão. Claro, Marcos mostra Jesus como superior aos escribas, mas mesmo sua comparação presume que os escribas são a norma.

Em três encontros com os escribas, a autoridade de Jesus ou de seus discípulos9 está em questão e em uma dessas ocasiões um escriba aceita a autoridade de ensino de Jesus. Na primeira da sequência de cinco histórias de controvérsia, os escribas estavam sentados com uma multidão na casa de Jesus em Cafarnaum e questionavam (em seus corações) Jesus * autoridade para perdoar o paralítico ^ pecados porque só Deus pode perdoar pecados (2: 6) . Após a transfiguração de Jesus, ele encontrou os escribas discutindo com seus discípulos porque não conseguiram curar um menino possesso (9:14) ▪ Embora o conteúdo do argumento não seja explicado, provavelmente diz respeito aos discípulos * alegarem autoridade e poder para fazer obras que estão além da capacidade humana e seu fracasso em realizar. Finalmente, em 12:28 um escriba, que tinha ouvido Jesus disputando com os saduceus, ficou impressionado com a sua resposta e por isso fez-lhe uma pergunta amigável para entrar em discussão com ele. O escriba e Jesus concordaram com o maior mandamento e Jesus disse que o escriba estava perto do reino de Deus (12: 28-34). Nos primeiros dois casos, os escribas não estão em conflito direto com os ensinos específicos de Jesus, mas com seu exercício de autoridade e poder. No último caso, o escriba fica impressionado com a habilidade e autoridade de ensino de Jesus e o questiona como um discípulo questionaria um mestre ou um professor a seu colega. Nos primeiros dois casos, os

escribas não estão em conflito direto com os ensinos específicos de Jesus, mas com seu exercício de autoridade e poder. No último caso, o escriba fica impressionado com a habilidade e autoridade de ensino de Jesus e o questiona como um discípulo questionaria um mestre ou um professor a seu colega. Nos primeiros dois casos, os escribas não estão em conflito direto com os ensinos específicos de Jesus, mas com seu exercício de autoridade e poder. No último caso, o escriba fica impressionado com a habilidade e autoridade de ensino de Jesus e o questiona como um discípulo questionaria um mestre ou um professor a seu colega.

Os escribas são descritos de forma polêmica quando Jesus os ataca enquanto estava em Jerusalém. Ao completar seu ensino e controvérsias, preparatório para seu discurso sobre o fim de Jerusalém e do mundo, Jesus adverte seus discípulos a tomarem cuidado com os escribas porque buscam proeminência social, são economicamente opressores e pretensiosos na oração (12: 38-40) · Diz-se que os escribas usam túnicas compridas, buscam reconhecimento no mercado e nos melhores lugares na sinagoga, devoram casas de viúvas * e recitam longas orações para fingir. Eles são considerados socialmente proeminentes e politicamente poderosos e condenados pelo mau uso de sua posição. Essa condenação dos escribas vem no clímax de Jesus, conflitos verbais com seus oponentes e pouco antes de ser preso e executado pelas autoridades judaicas e romanas. Os escribas,

O ataque aos escribas fala de seu outro papel no Evangelho de Marcos, o de líderes comunitários junto com os principais sacerdotes e anciãos. Esses três grupos são mencionados por Jesus como seus adversários que irão matá-lo na primeira das predições da paixão (8:31) e os principais sacerdotes e escribas são mencionados na terceira predição (10:33) · Enquanto Jesus está em Jerusalém (caps. 11-15) os escribas são associados aos principais sacerdotes e às vezes aos anciãos em sete passagens.22 Em todos os casos, eles fazem parte da estrutura de autoridade judaica que busca a morte de Jesus.

吗 1: 1 e 27; 14: 1,43, 53; 15: 1,31.

SADDUCEES

Os saduceus aparecem apenas uma vez em Marcos, como parte de

uma sequência de grupos em Jerusalém que fazem a Jesus a série final de perguntas antes da paixão (12: 18-27) · O ponto da controvérsia é a rejeição dos saduceus da ressurreição como um crença judaica legítima. Sua posição sobre a ressurreição é encontrada também em Josefo, é repetida nas passagens paralelas em Mateus e Lucas e mencionada em Atos. Na defesa da ressurreição, Jesus se coloca ao lado dos fariseus e dos escribas, como é reconhecido pelo simpático escriba que está impressionado com Jesus porque respondeu bem aos saduceus (12,28).

Mais importante para uma compreensão precisa dos saduceus é o que não aprendemos sobre eles. Embora estejam em Jerusalém, eles não são considerados membros da classe governante, nem é explicada a natureza de seu grupo ou seu papel social. Mark, ou a tradição que ele usou, presume que os saduceus são conhecidos do leitor. Pode ser que uma descrição como a dada por Josefo seja presumida. Em vista de um mal-entendido comum na erudição do Novo Testamento, deve ser enfatizado que nem Josefo nem o Novo Testamento afirmam que todos ou a maioria dos principais sacerdotes, anciãos e outros membros da classe governante eram saduceus, apenas que saduceus, embora poucos ou numerosos , foram retirados principalmente dessa classe.

A classe e o status dos grupos judaicos em Marcos

As relações e interesses dos grupos de liderança judaica são razoavelmente claros. Os chefes dos sacerdotes vão a Pilatos porque são claramente o grupo dominante em Jerusalém, especialmente no trato com os romanos e com as questões políticas e sociais mais amplas da comunidade judaica. Eles se opõem ao grande número de seguidores de Jesus * entre as pessoas e sua resultante perda de controle sobre a comunidade como um todo e também temem a desordem das atividades de um professor não autorizado · Suas preocupações são principalmente políticas e, nesses interesses, eles se unem aos mais velhos , provavelmente os líderes tradicionais da comunidade que eram membros seniores de famílias proeminentes, e pelos escribas, que eram, como já vimos, professores reconhecidos na comunidade. Pilatos vê os sacerdotes e escribas cWef como os de Jesus

Esta visão dos escribas, principais sacerdotes e anciãos é consistente com o que sabemos da sociedade antiga · Na sociedade

judaica sob os romanos, é altamente provável que os principais sacerdotes e cidadãos proeminentes funcionassem como a classe governante, com poderes restritos, mas responsáveis para a comunidade ao governo imperial. Os cidadãos proeminentes teriam sido chefes de famílias antigas e poderosas, líderes de grupos na comunidade e outros reconhecidos como líderes por causa de seu conhecimento ou função na comunidade.23 Em Marcos, os (alguns?) Escribas são vistos como líderes. Nessa qualidade, eles poderiam ter responsabilidades legislativas, judiciais e burocráticas. Esse papel se encaixa aos escribas que eram um grupo letrado educado na lei e nos costumes judaicos. Esses grupos normalmente funcionavam em uma variedade de funções, como conselheiros, altos funcionários, burocratas, juízes, professores e funcionários de baixo escalão. Os escribas eram, em princípio, membros da classe governante que ajudava e dependia da classe governante. No entanto, escribas de alto escalão funcionariam como membros da classe governante e poderiam até alcançar poder independente como membros desse grupo.

Os escribas e fariseus são descritos em Marcos como tendo muitos interesses em comum. Ambos confrontam Jesus a respeito de seu ensino e ambos se opõem ao desafio de Jesus à tradição. As questões levantadas por esses dois grupos refletem preocupações específicas ligeiramente diferentes. Os fariseus falam do sábado e das leis alimentares e os escribas discutem sobre a autoridade do ensino. Isso sugere que os escribas são oficialmente reconhecidos e professores autorizados na comunidade e os fariseus são um grupo com uma interpretação específica de certas leis e práticas. Tanto os escribas quanto os fariseus buscam influência e controle resultante entre

"Os líderes locais ativos nas disputas, mal-entendidos e levantes da aldeia sob o procurador Cumano e seu antecessor, Pilatos, têm várias designações em Josefo. Por exemplo, na Guerra 2.12.5-6 (237-243), Josefo se refere aos magistrados (arquontes) de Jerusalém, os notáveis (gnorimoi) da Galiléia, os eminentes (dunatoi, poderosos) samaritanos, os notáveis judeus, incluindo o sumo sacerdote, e o sumo sacerdote com pessoas da mais alta eminência (dunatotaton), notáveis e os mais ilustres (epifanestatons) dos samaritanos. Mais tarde, os notáveis dos fariseus estão entre os líderes em Jerusalém na Guerra 2.17.5-6 (422-429).as pessoas como especialistas religiosos e nesta busca competem com Jesus.

Marcos difere de Josefo ao colocar os fariseus e seus aliados, os escribas na Galiléia, como poderosas forças políticas e religiosas. Visto que Marcos escreveu um pouco antes ou depois da guerra

contra Roma, ele não está lendo anacronicamente os fariseus / rabinos posteriores de volta à vida de Jesus. Suas tradições refletem pelo menos meados do primeiro século e a experiência da comunidade cristã primitiva, se não a experiência de Jesus. A colocação dos fariseus na Galiléia por Marcos será avaliada historicamente no capítulo doze. Neste ponto, algumas observações sobre a Galiléia guiarão nossa consideração das outras fontes. Herodes Antipas e depois Agripa governaram a Galiléia como reis clientes do Império Romano · Os principais sacerdotes e outras autoridades de Jerusalém não tinham controle político direto ali. A própria Galiléia não era uma província uniforme, mas dividida em alta e baixa Galiléia por topografia e tradição.24 A Galiléia tinha várias cidades importantes que serviam como centros regionais de coleta de impostos e segurança, como Séforis e Tiberíades. Em vista da complexa estrutura social e política da Galiléia, Jesus e seus oponentes na Galiléia, os fariseus, escribas, herodianos, etc., devem ser vistos como parte da luta política mais ampla pelo controle durante o primeiro século. Os oponentes de Jesus não são autoridades religiosas independentes, mas membros da classe de manutenção, envolvidos na orientação e liderança da comunidade. Como tal, eles provavelmente tinham posição na comunidade e algum papel oficial na comunidade. Eles provavelmente funcionavam como patrocinadores não oficiais e corretores do povo e viam Jesus como uma ameaça ao seu poder e influência. Todos os atores de Marcos desempenharam um papel menor no drama nacional, especialmente na Galiléia, que ficava longe do centro do poder político judaico em Jerusalém e onde a influência de Jerusalém foi atenuada. A Galiléia não deve ser retratada como isolada de Jerusalém, porque tanto em Josefo quanto nos evangelhos, os oficiais descem para a Galiléia vindos de Jerusalém. No entanto, eles não têm poder direto e devem lutar pela influência sobre o povo e os líderes locais em cada caso.

No Evangelho de Marcos, como na história de Josefo do primeiro século,

"Veja o capítulo cinco, Josephus * relato de suas atividades lá, para tensões com Jerusalém e dentro da liderança galiléia.

os fariseus são um grupo de interesse religioso com objetivos políticos, mas não são um grupo dominante. Os fariseus de Marcos não são baseados em Jerusalém, ao contrário de Josefo, mas o padrão social dominante permanece · Os fariseus exercem influência sobre

o povo e competem com Jesus pelo controle. Eles fazem alianças políticas com os herodianos e são associados aos escribas, que têm algum controle político e estão presentes em Jerusalém. Mesmo que Marcos não saiba muito sobre os fariseus ou escribas históricos, como afirma o Sr. Cook, 25 ele reproduz o padrão social dominante da sociedade antiga e coloca os fariseus à margem da classe governante. Por serem um grupo de interesse político que está fora do poder, não são vistos como ativos em Jerusalém.

O Evangelho de Mateus

Mateus tende a inserir os fariseus em mais situações do que Marcos, embora não em tantas como Lucas. Ele também forma pares de líderes de maneira diferente de Marcos. Os fariseus e saduceus, um par historicamente oposto e, portanto, improvável de acordo com alguns estudiosos, são mencionados em dois contextos (3: 7; 16: 1, 6, 11, 12 [bis]). O par de escribas e fariseus, não encontrado precisamente nessa forma em Marcos, 26 aparece em um grande número de lugares (5:20; 12:38; 15: 1; 23: 2,13 [14], 15,23,25 , 27.290 Na última parte de Marcos, os principais sacerdotes e escribas são um par frequente (10:33; 11: 1 e 14: 1; 15:31), mas em Mateus os principais sacerdotes e escribas ocorrem apenas três vezes (2:11 ; 20:18; 21:15). Em Mateus, os principais sacerdotes, escribas e anciãos aparecem juntos apenas uma vez (16:21), em contraste com Marcos que os tem várias vezes, mas o chefe

□ ***Líderes judeus.***

[26]Veja Marcos 2:16 e 7: 1 para os dois únicos exemplos da conjunção de escribas e fariseus, mas em nenhum dos casos é usada a designação estereotipada de escribas e fariseus.

[27]A ordem dos escribas e fariseus é invertida apenas em 15: 1 porque o paralelo de Marcos (7: 1) os apresenta nessa ordem. sacerdotes e anciãos ocorrem com freqüência (21:23; 26: 3, 47; 27: 1, 3, 12, 20; 28:12). Finalmente, Mateus tem os escribas sozinhos em cinco passagens (7:29; & 19; 9: 3; 13:52; 17:10) e os saduceus em 3: 7 e cap. 16, bem como no paralelo de Marcos (Marcos 12; Mat. 22).

Essas características peculiares de Mateus, que geralmente são atribuídas, mas não exclusivamente, à redação de Marcos e outros materiais tradicionais, suscitam questões sobre as fontes e propósitos tradicionais de Mateus por escrito. Trabalhos recentes sobre o papel

dos líderes judeus em Mateus foram dominados por uma perspectiva redacional que enfatizou o uso dramático e teológico que Mateus deu a esses líderes e duvidou que Mateus ou as tradições que ele transmite fornecem qualquer conhecimento desses grupos.[135]Três explicações do procedimento de Mateus, que não são mutuamente exclusivas, foram propostas. Alguns argumentam que a visão de Mateus sobre os líderes judeus, especialmente a proeminência dada aos fariseus, reflete o confronto polêmico entre a comunidade mateana e a comunidade judaica pós-70, que foi dominada pelos fariseus que se tornaram rabinos.[136] Outros sugerem que a comunidade mateana se separou da comunidade judaica e que pelo menos algumas seções polêmicas e pontos de vista dos líderes judeus refletem as tradições anteriores (pré-70).[137] Finalmente, alguns vêem a caracterização de Matthews dos líderes judeus como um recurso literário e teológico para identificar a comunidade cristã em contraste com o judaísmo e explicar a rejeição de Jesus pelo judaísmo.[138] De acordo com esta última visão, na narrativa de Mateus, os líderes formam uma frente unida contra Jesus e não precisam ser precisamente distinguidos uns dos outros em si mesmos ou por função específica na comunidade.

Escribas

Visto que os escribas aparecem sozinhos em apenas cinco passagens de Mateus e três delas vêm de Marcos, seu papel pode ser facilmente estabelecido. Como em Marcos, os escribas são conhecidos por sua autoridade de ensino. Sua autoridade de ensino é contrastada com a de Jesus f7: 29) e seu ensino sobre Elias (17:10) é aludido como bem conhecido e aceito na sociedade palestina · Em outro caso, a questão é um julgamento sobre como interpretar e viver o A tradição judaica, um assunto que requer aprendizado. Quando Jesus disse ao paralítico que seus pecados estavam perdoados, os escribas disseram entre si (eipan en autois), e não para Jesus, que Jesus estava blasfemando (9: 3). Os escribas não aceitam Jesus como um igual e discutem com ele. Em vez disso, eles o tratam como um

[135]**Sjef van Tilborg, The Jewish Leaders in Matthew (Leiden: Brill, 1972) exemplifica essa visão.**

^ Veja WD Davies, The Setting of the Sermon on the Mount (Cambridge: Cambridge University, 1963) e R. Hummel, Auseinandersetzung zwischen Kirche undJudentum im Matthausevangelium (Munchen: Kaiser, 1963) para declarações clássicas desta posição.

[137]**Ver, por exemplo, DE Garland, The Intention of Matthew 23 (SupplNovTest 52; Leiden: BriU, 1979) para o cap. 23**

[3,]**Ver R. Walker, Die Heilsgeschichte im ersten Evangelium (Gdttingen: Vandenhoeck, 1967).**

subordinado, julgando-o e, ao mesmo tempo, ignorando-o.

É provável que ele esteja se referindo aos escribas cristãos de sua época. Em todos os casos, os escribas estão associados a

32 Ver Malina, New Testament World, cap. 2 em honra, especialmente 29-39. Ao confrontar os escribas e tornar púbico seu julgamento, Jesus abre um conflito com eles. Por superá-los publicamente em conflitos, Jesus ganha honra e reputação aos olhos do povo e rebaixa a posição social dos escribas *.

[33]Em Mateus, apenas os não-discípulos se dirigem a Jesus como mestre. No entanto, o escriba expressa um desejo simples de seguir Jesus sem qualificação, em contraste com outro discípulo em potencial (8:21) que deseja primeiro sepultar seu pai.aprendizagem ou discipulado e porque os escribas são aceitos como autoridades de ensino na sociedade judaica, eles também podem funcionar dessa forma na comunidade cristã se forem seguidores de Jesus.

Uma passagem adicional oferece uma visão sobre o papel dos escribas como professores legítimos na sociedade judaica e cristã. Em sua polêmica contra os escribas e fariseus no cap. 23 Mateus se refere ironicamente aos escribas que foram rejeitados na história judaica e talvez aos escribas cristãos rejeitados no presente (23:34): "Eu vos envio profetas, sábios e escribas, alguns dos quais matareis e crucificareis, e alguns você vai flagelar em suas sinagogas e perseguir de cidade em cidade · 畋 Este provérbio é de Q e o paralelo em Lucas tem profetas e apóstolos (11:49). Parece que os profetas são originais a este ditado e parte da polêmica de Q contra a retidão dos profetas no Judaísmo. Tanto Mateus quanto Lucas adaptaram o ditado para que se encaixasse nas circunstâncias cristãs no final do primeiro século. Mateus concebe os líderes e mestres do Cristianismo e do Judaísmo como profetas, sábios e escribas. Assim, para Mateus, o ofício de escriba continua sendo uma parte importante da comunidade, mesmo que ele ataque alguns escribas por sua oposição a Jesus.

Escribas e outros grupos

Em todas as outras passagens em que os escribas aparecem em Mateus, eles são associados a outros grupos, principalmente sacerdotes ou fariseus. Quando associados com os principais sacerdotes, os escribas mantêm seu papel como membros eruditos da comunidade, mas funcionam mais fortemente como líderes autorizados e porta-vozes do Judaísmo. Nesses contextos, eles são

menos políticos do que em Marcos. Várias vezes na narrativa da paixão, Mateus abandona os escribas inteiramente ou substitui os mais velhos.35 Os líderes judeus são

"Ver van Tilborg, Jewish Leaders, 128-141, esp. 140-141.

[35]D. Sênior, a narrativa da paixão de acordo com Matthew (Louvain: Leuven University, 1975) 24-25 diz que as mudanças feitas nos caps. 26-27 refletem o uso de agrupamentos padrão por Mateus. Aqui, investigamos a questão da natureza sociológica e da probabilidade histórica da visão de Mateus sobre a liderança judaica.frequentemente identificados como os principais sacerdotes e anciãos, um par preferido por Mateus (21:23; 26: 3, 47; 27: 1, 3, 12, 20). Em três dessas passagens, também encontradas em Marcos, o autor de Mateus abandona os escribas e deixa apenas os principais sacerdotes e anciãos. (21:23; 26:47; 27: 1); em uma passagem (21:45) Mateus se refere aos principais sacerdotes e fariseus, em vez de aos principais sacerdotes, escribas e anciãos.36 Em outra passagem, ele substitui os escribas por anciãos como associados dos principais sacerdotes (26: 3). (Para completar o quadro, em uma passagem ele usa os principais sacerdotes e anciãos [27: 3] e em duas outras ele adiciona os anciãos aos principais sacerdotes de Marcos [27: 12-20].) Mateus concebe as figuras centrais na liderança judaica como os principais sacerdotes e anciãos, uma visão que está de acordo com a visão de Lenski das classes dominantes delineada anteriormente. 37 O governante, neste caso Roma, é apoiado por uma classe governante normalmente composta pelos mais poderosos proprietários de terras, líderes comunitários e líderes religiosos. Os principais sacerdotes e anciãos judeus se encaixam perfeitamente nessa classe. A classe governante é apoiada pela classe governante, que tem influência e, às vezes, poder, mas não é tão importante quanto a classe governante. Os escribas, como funcionários religiosos eruditos, seriam membros da classe de manutenção. Os principais sacerdotes e anciãos têm um grande envolvimento político na busca pela morte de Jesus como um encrenqueiro e os escribas desempenham um papel político subsidiário, uma vez que estão mais preocupados com seu ensino. Os principais sacerdotes e anciãos judeus se encaixam perfeitamente nessa classe. A classe governante é apoiada pela classe governante, que tem influência e, às vezes, poder, mas não é tão importante

quanto a classe governante. Os escribas, como funcionários religiosos eruditos, seriam membros da classe de retentores. Os principais sacerdotes e anciãos têm um grande envolvimento político na busca pela morte de Jesus como um encrenqueiro e os escribas desempenham um papel político subsidiário, uma vez que estão mais preocupados com seu ensino. Os principais sacerdotes e anciãos judeus se encaixam perfeitamente nessa classe. A classe governante é apoiada pela classe governante, que tem influência e, às vezes, poder, mas não é tão importante quanto a classe governante. Os escribas, como funcionários religiosos eruditos, seriam membros da classe de retentores. Os principais sacerdotes e anciãos têm um grande envolvimento político na busca pela morte de Jesus como um encrenqueiro e os escribas desempenham um papel político subsidiário, uma vez que estão mais preocupados com seu ensino.

Em apenas alguns lugares os escribas estão associados aos aspectos mais políticos da liderança. Em duas das predições da paixão, Mateus segue Marcos ao nomear os inimigos de Jesus em Jerusalém como anciãos, principais sacerdotes e escribas (1 e 21) e principais sacerdotes e escribas (20:18) .38 Esses oponentes de Jesus ameaçam sua segurança física e Mateus segue o A tradição de Marcos em designar os escribas como oponentes. Os escribas aparecem duas vezes na narrativa da paixão como parte da liderança completa do Judaísmo. Quando

"Em 12:12 Marcos tem" eles ", com o antecedente mais próximo os principais sacerdotes, escribas e anciãos em 11:27.

[37]Deve-se notar que no cap. 21 os principais sacerdotes estão ligados aos escribas (v. 15), os anciãos (v. 23) e os fariseus (v. 45). Enquanto Jesus está em Jerusalém, os principais sacerdotes são a oposição constante e os outros grupos de líderes são aliados deles em momentos diferentes.

[38]A predição do meio menciona apenas "homens" tanto em Marcos quanto em Mateus (Mateus 17: 22-23; Marcos 9:31).

Jesus é levado perante Caifás, o sumo sacerdote, Caifás é acompanhado por escribas e anciãos (26:57), que são identificados como o conselho (sinédrio) (26:59). Quando Jesus está na cruz, ele é ridicularizado pelos principais sacerdotes, escribas e anciãos (27:41). Em ambos os casos, nos quais Mateus segue Marcos, os sacerdotes, escribas e anciãos simbolizam a liderança completa do Judaísmo condenando e rejeitando Jesus · Uma vez que Mateus apresenta os escribas, junto com os principais sacerdotes, como oficiais do Templo que desafiam Jesus (21:15) a respeito da adequação da

designação do povo dele como filho de Davi; implicitamente, eles atacam a legitimidade de Jesus como líder popular.[139] Jesus despertou o interesse da liderança religiosa erudita porque sua nova facção ameaça seu status e influência. Mateus é consistente na visão dos escribas que ele projeta na narrativa da infância, onde Herodes reuniu os principais sacerdotes e escribas para perguntar onde o Messias deveria nascer (2: 4) · Esta cena é sociologicamente correta, embora as histórias não sejam históricas. O governante os consulta porque são membros da classe de funcionários encarregados das tradições religiosas e estão disponíveis para aconselhá-lo. A narrativa assume que os escribas, bem como os principais sacerdotes, possuem conhecimento, autoridade e proeminência social ·

Em resumo, Mateus ^ o entendimento dos escribas, quando se refere a eles sem os fariseus, difere um pouco do de Marcos, mas não é muito diferente do que se esperaria · Os escribas estão associados ao aprendizado; como homens eruditos, eles têm uma posição elevada na comunidade e, em associação com os principais sacerdotes, são consultados por aqueles que estão no poder e exercem alguma autoridade e controle da comunidade · No entanto, ao contrário de Marcos, Mateus não os apresenta como uma força importante os eventos que levaram à morte de Jesus e, conseqüentemente, eles estão menos politicamente envolvidos do que os escribas em Marcos. Provavelmente porque Mateus conhece os escribas cristãos e tem uma visão fundamentalmente positiva do escribalismo. Somente quando os escribas se opõem especificamente a Jesus, eles são maus.

Os escribas estão associados a Jerusalém; eles aparecem sozinhos na Galiléia apenas na cura do paralítico (9: 1) e no caso do escriba que deseja seguir Jesus (8:19). (Eles aparecem com os fariseus várias vezes na Galiléia, como será visto a seguir.) Como em Marcos, seus ensinamentos são mencionados como se fossem conhecidos pelo povo (7:29; 17:10) e, portanto, presume-se que tiveram contato com as pessoas na Galiléia de alguma forma · Mateus tem algumas passagens em que os escribas são tratados positivamente (8:19; 13:52; 23:34) assim como Marcos (12:28), mas geralmente eles são oponentes. A ênfase de Mateus na interpretação dos escribas * da Bíblia e no ensino oficial da lei tem ligações óbvias com as práticas

[139] Jesus não é um líder legal ou socialmente estabelecido, mas um líder de reputação. Ver Malina, Christian Origins, 143-153.

dos escribas no Oriente Próximo (ver cap. 11).

Escribas e fariseus

Em várias passagens, Mateus elimina os escribas de Marcos quando são oponentes de Jesus e os substitui por fariseus.40 A categoria incomum de Marcos dos "escribas dos fariseus" (Marcos 2:16) é regularizada em fariseus (9:11). Isso é apropriado porque a ocasião, um desafio sobre Jesus comer com pecadores, se encaixa na agenda farisaica de comunhão à mesa e pureza ritual. Os "escribas de Marcos que desceram de Jerusalém * e disseram que Jesus fez suas obras por Beekebul (3:22) se tornaram fariseus nas duas versões da história de Mateus (9:34; 12:24) · O grupo que desafia Jesus no Templo antes de sua paixão e o desejo de prendê-lo (os principais sacerdotes, escribas e anciãos em Marcos 11:27 e 12:12) tornam-se os principais sacerdotes e anciãos em Mt 21:23 e os principais sacerdotes e fariseus em 21:45 ·

O escriba amigável de Marcos, que faz a pergunta sobre o maior dos mandamentos, é transformado em um advogado hostil que é fariseu e que apresenta a pergunta por instigação dos fariseus como um teste final (22: 34-40). O contraste com o simpático escriba de Marcos é notável porque Marcos tem o escriba no clímax de uma série de perguntas de várias facções judaicas, os fariseus, os saduceus e depois o escriba, e termina com uma nota positiva com o grande mandamento · Mateus enfatiza o conflito em seu A seção de Jerusalém elimina essa nota de harmonia e substitui o escriba amigável por um fariseu tipicamente hostil. Há uma exceção à tendência de Matthew

^ **Lucas insere os fariseus no material ainda mais do que Mateus.** para transformar escribas em fariseus · Mateus transforma os fariseus de Marcos que pedem um sinal do céu (Mc 8:11) em alguns dos escribas e fariseus (12:38).

Em resumo, geralmente os escribas são omitidos e os fariseus acrescentados às passagens onde há confronto com Jesus. Os fariseus são vistos por Mateus como oponentes mais ativos de Jesus do que os escribas. Embora os escribas permaneçam como oponentes, seu papel tanto como competidores contra Jesus quanto como líderes de

Jerusalém é restrito.

Os escribas e fariseus são unidos por Mateus em quatro ocasiões, em duas histórias de conflito e em duas polêmicas. Nestes quatro incidentes, os escribas e fariseus são um grupo definido que representa o Judaísmo por meio de sua liderança e nenhuma distinção clara é feita entre os dois grupos. Na primeira polêmica, o autor de Mateus faz Jesus resumir os requisitos para o reino de Deus no Sermão da Montanha com o ditado: "A menos que a tua justiça exceda a dos escribas e fariseus, nunca entrarás no reino dos céus (5:20) 3 Os escribas e fariseus são apresentados como os piedosos e zelosos representantes oficiais do Judaísmo, cuja prática e interpretação da Bíblia podem ser contrastadas com Jesus, interpretação de como os cristãos e especialmente os líderes cristãos devem levar a vida na segunda geração de Cristandade.[140] [141]No pano de fundo da polêmica de Mateus contra os escribas e fariseus estão as comunidades judaica e cristã nos dias de Mateus. Os primeiros seguidores de Jesus e dos fariseus e escribas são concebidos como grupos concorrentes, cada um com seus próprios ensinamentos, prática e identidade, uma situação semelhante à da comunidade de Mateus uma geração depois.

A segunda polêmica é a maior parte do cap. 23 em que Jesus critica os "escribas e fariseus, hipócritas * (23: 13,15, 16, 23, 25, 27, 29).[142]Ao contrário do tom do capítulo, os escribas e fariseus são apresentados com um ditado pré-mateano no qual são reconhecidos como detentores da lei bíblica que devem ser obedecidos (23: 2-3) ▪ Essa aprovação de os escribas e fariseus são contrários a muito do que Mateus ensina e então o autor age rapidamente para atacar sua falha em praticar o Judaísmo com sinceridade, orientar outros a viver o Judaísmo corretamente, interpretar a Bíblia corretamente e atender aos principais princípios da lei e do modo judaico da vida. Eles são usados como exemplos negativos de como um líder comunitário deve agir (23:47) e contrastados com os líderes cristãos que não deveriam usar títulos e deveriam ser caracterizados pela humildade (23: 8 ■ (2)44

[140] **Para uma apresentação completa dos argumentos para a natureza redacional de 5:20, ver John P. Meier, Lei e História no Evangelho de Mateus (AnBib 71; Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 1974) 108-119.**

"Meier, Law, 111-112. Observe que Mateus diferencia consistentemente a multidão ou as pessoas dos líderes. A multidão responde favoravelmente a Jesus e é tratada positivamente, mas os líderes são universalmente negativos em resposta a Jesus e na apresentação de Mateus.

"23:14 é rejeitado pela maioria dos críticos textuais. Está faltando em muitos manuscritos,

Mateus pares os fariseus e escribas sem levar em conta quaisquer diferenças em seus interesses e funções no capítulo 23, em contraste com Lucas que separa cuidadosamente as desgraças contra os fariseus e advogados para que sejam condenados por falhas apropriadas às suas respectivas atividades na sociedade (11 : 37-52) ▪ Ambos os grupos são acusados de serem hipócritas e uma série de exemplos de hipocrisia são reunidos a partir da tradição para comprovar o caso. Os escribas e fariseus são vistos como líderes corruptos que rejeitam a Deus e falham em liderar o povo de maneira adequada. Mateus forneceu uma lista tradicional de atitudes e atividades impróprias com as quais acusa tanto os oponentes de Jesus quanto os adversários de sua própria comunidade,

A competição entre Jesus e outros grupos judeus torna-se explícita nas duas histórias de conflito. Os escribas e fariseus se dirigem a Jesus como mestre e o desafiam por um sinal, presumivelmente para autenticar sua autoridade de ensino e mostrar a fonte de seu poder (12:38) .45 O desafio dos escribas e fariseus é precedido por uma passagem (tematicamente semelhante a 3: 7-

interrompe o arranjo tópico dos infortúnios e aumenta o número de infortúnios de sete para oito.

"Ver Garland, Mateus 23, 53-54.

[45]Mateus tem uma segunda versão desse desafio em 16: 1 em que os fariseus e saduceus desafiam Jesus. Marcos tem apenas os fariseus (8:11) e Lucas tem pessoas indeterminadas (11:16, 29). É provável que houvesse duas versões dessa história, uma em Marcos e outra em Q.

10, a polêmica de João Batista contra os fariseus e saduceus) em que Jesus os trata como uma raça de víboras e se refere a seus frutos & Em outra história de conflito, os fariseus e escribas entram em confronto com Jesus sobre as regras de pureza (15: 1). A história e a ordem dos oponentes (fariseus antes dos escribas, aqui apenas em Mateus) vêm de Marcos 7: 1. Marcos faz com que apenas os escribas venham de Jerusalém porque ele não associa os fariseus a Jerusalém; Até certo ponto, Mateus o faz, então tanto os fariseus quanto os escribas vêm de Jerusalém. Assim, Mateus vê os fariseus como representantes oficiais do judaísmo em uma extensão maior do que Marcos ▪ Nesta passagem, os fariseus e escribas defendem a tradição dos anciãos (dez paradosin ton presbuterori) e Jesus defende os mandamentos mais importantes de Deus.

Nas quatro passagens onde os escribas e fariseus são combinados, eles unem forças para se opor a Jesus (ou são retratados como um

único grupo de líderes judeus). A distinção entre seus interesses encontrada em Marcos, autoridade para os escribas e pureza, comida, regras do sábado para os fariseus, é obscurecida em alguns lugares. Mas passagens como 15:12, em que os escribas são descartados em uma discussão sobre pureza, mostram que o autor de Mateus conhece e mantém, embora imperfeitamente, a distinção entre os fariseus e os escribas, uma distinção que ficará mais clara nas passagens onde os fariseus são tratados sozinhos ou com outros grupos.

Fariseus e Saduceus

Em dois lugares, Mateus tem o que muitos consideram a improvável combinação de fariseus e saduceus se unindo para

^ **Veja van Tilborg, Jewish Leaders, 99-104.** oponha-se a Jesus.47 Os comentaristas citaram essas passagens como evidência de que Mateus agrupa todos os grupos judeus e não vê distinções. Mas é possível e até provável que os fariseus e saduceus, como grupos de interesse dentro do judaísmo, possam ter interesses comuns em como o judaísmo era vivido e possam se unir contra uma nova facção centrada em Jesus.

Na primeira instância, João Batista ataca os fariseus e saduceus que vêm a ele para o batismo com uma advertência padrão de julgamento e uma exortação para dar bons frutos (3: 7-10). Lucas faz João se dirigir ao povo e provavelmente está seguindo o texto de Q, mas, como Mateus favorece a multidão, ele inseriu os fariseus e saduceus como o objeto do ataque de João. Mateus presume que os fariseus e saduceus são grupos judeus bem conhecidos (assim como Josefo) e parte da liderança judaica que articula e promove uma visão da vida judaica em competição com Jesus e João. A presença deles para serem batizados não é levada a sério porque João os ataca imediatamente como uma raça de víboras (ver 23:33 onde os escribas e fariseus são tratados dessa forma).

Os fariseus e saduceus também são vistos como professores que competem com Jesus quando pedem um sinal a Jesus (16: 1-12). Jesus, construindo sobre o símbolo do pão na alimentação dos cinco mil (cap. 15), avisa seus discípulos sobre o fermento dos fariseus e saduceus que é interpretado como o ensino dos fariseus e saduceus. Em Marcos, o fermento é dos fariseus e de Herodes (8:15) e seu significado não é especificado. Em Lucas, é o fermento dos fariseus

(12: 1) que é hipocrisia. Mateus usa os dois grupos principais do judaísmo, os fariseus e os saduceus, como símbolos para professores errôneos que estão em conflito com Jesus.

Os fariseus

Mateus expande o papel dos fariseus como oponentes de Jesus, em comparação com Marcos · Os fariseus são a oposição mais constante a Jesus na Galiléia e estão preocupados com

"Marcos e Lucas têm os saduceus apenas uma vez em seus evangelhos, quando os saduceus questionam Jesus sobre a ressurreição (Marcos 12: 18-27; Lucas 20: 27-40).a mesma agenda dos fariseus de Marcos, observância do sábado, regras alimentares e pureza.48 Os fariseus em Mateus têm um papel mais amplo e são menos distintos dos escribas do que em Marcos · Eles desafiam a autoridade de Jesus como líder religioso e social atacando suas fontes (9: 32-34; 12: 22-30) e discuta com ele a respeito do divórcio (19: 3-9 na Judéia). Nos capítulos 21-22, depois que Jesus ataca os fariseus com uma série de parábolas que eles percebem como sendo dirigidas contra eles (21: 45-46), eles conspiram contra Jesus (22:15). Assim, eles são ativos na liderança de Jerusalém, em contraste com os fariseus de Marcos. A hostilidade dos fariseus envolve a crucificação, da qual eles não participam diretamente. Um advogado dos fariseus faz a última pergunta hostil (22: 34-35) e os fariseus se juntam aos principais sacerdotes para pedir uma guarda para o túmulo de Jesus * (27: 62-65). Os fariseus não são apenas parte da liderança local, cuja influência sobre o povo e poder sobre as normas sociais estão sendo desafiados e diminuídos por Jesus; eles também estão em contato direto com as forças mais poderosas da liderança de Jerusalém.

Uma revisão de algumas passagens revelará a visão particular de Mateus sobre os fariseus. Jesus discute com os fariseus (e os discípulos de João Batismo) sobre a importância das regras alimentares. Após a chamada de Levi, os fariseus desafiam os discípulos de Jesus porque Jesus come com pessoas impuras (9: 6-13) .49 A resposta de Jesus apela à justiça, entendida na nova forma apresentada em Mateus, como a base para comer com pecadores e ainda permanecendo aceitável, isto é, honrado.50 Jesus e os fariseus

estão em conflito sobre os limites da comunidade e os critérios de aceitação. O conflito faccional sobre os limites é evidente no próximo incidente em que os discípulos de João Batista desafiam Jesus porque seus discípulos não jejuam como eles e os fariseus jejuam (9: 14-17). Novamente,

^ 9: 6-13; 9: 14-17; 12: 1-14.

[49]Mateus regulariza o grupo único de Marcos, os escribas dos fariseus (Marcos 2:16; Mateus 9:11), em fariseus porque as preocupações com a pureza são normais para eles. Lucas 5:30 muda a frase estranha de Mark para os fariseus e seus escribas.

^ Leland J. White, "Grade e Grupo na Comunidade de Mateus: O Código de Justiça / Honra no Sermão da Montanha", Semeia 35 (1986) 61-90.

Judaísmo.[143] Os seguidores de Jesus são diferentes dos fariseus, dos seguidores de João Batista e da comunidade cristã posterior porque não jejuam.[144] Jesus e seus seguidores são mais parte da sociedade nesta história e o efeito da história é mudar as regras sociais para que o jejum seja contingente a Jesus, o árbitro de todas as regras.

Os fariseus de Mateus também estão preocupados com a fonte do poder de Jesus em duas versões da cura de um demônio mudo (9: 32-34 e 12: 22-30). Em Marcos 3:22, são os escribas que vêm de Jerusalém que desafiam a autoridade de Jesus, mas Mateus obscurece a distinção.[145]A acusação de que um rival está possuído é típica de disputas faccionais e lutas por influência e status social. Essas alegações são um tipo de acusação de bruxaria usada por grupos que estão tentando manter seus limites e identidades contra uma força social externa mais poderosa. Neste caso, o Judaísmo está lutando para se manter dentro do Império Romano ▪ Essa preocupação também está subjacente aos dois conflitos sobre a observância do sábado (colher grãos e curar o homem com a mão atrofiada) que são retomados de Marcos em 12: 1-14.

Embora Mateus elimine as conexões políticas dos fariseus com Herodes e os herodianos na Galiléia, ele os retrata como uma força

[143]Em Marcos, as pessoas perguntam a Jesus sobre o jejum (2:18) e em Lucas "eles" (5:33), presumivelmente os fariseus e seus escribas do incidente anterior (5:30), perguntam a ele.

[144]Um grupo de interesse religioso minoritário geralmente jejua para apelar a Deus pela reversão de seu status de oprimido e para buscar a identidade do grupo por meio de práticas piedosas que o separam dos outros. Ver Bruce Malina, Christian Origins, cap. 9 para um estudo de jejum, esp. p. 202. Mas para os discípulos, Jesus está com eles e lhes dá uma posição especial diante de Deus e uma forte identidade em Jesus.

[145]Em Lucas, algumas pessoas desafiam Jesus (11:15).

política secundária em Jerusalém. Quando os fariseus planejam como destruir Jesus (12,14), Mateus omite os herodianos de sua trama (cf. Marcos 3: 6) e mais tarde Mateus substitui Herodes pelos saduceus ao dizer sobre o fermento (Marcos 8:15; Mt . 16: 6). Mas, quando Jesus entrou na Judéia (cap. 19), os fariseus testaram Jesus explicitamente e assumiram uma postura mais agressiva em relação a ele, conspirando e fazendo alianças com outros. O primeiro teste diz respeito à legalidade do divórcio, outra questão típica dos fariseus, agenda. A hostilidade crescente dos principais sacerdotes e fariseus é enfrentada, nos caps. 21 e 22, com uma série de parábolas atacando-os por não crerem em Jesus. Em 21: 4546 os principais sacerdotes e fariseus percebem que a parábola da vinha é sobre eles. No final da série de parábolas que atacam os judeus por incredulidade nos caps. 21-22 Mateus conclui que "os fariseus foram e aconselharam-se sobre como enredá-lo na sua conversa" (22:15). Como resultado de sua trama, eles enviaram seus discípulos com os herodianos para perguntar a Jesus sobre o pagamento de tributo a César. A presença dos herodianos sinaliza um tipo diferente de conflito entre os fariseus e Jesus, menos faccional e mais político. Deve-se notar que no cap. 21 os principais sacerdotes estão ligados aos escribas (v. 15), os anciãos (v. 23) e os fariseus (v. 46). Enquanto Jesus está em Jerusalém, os principais sacerdotes são o centro constante da oposição política a Jesus e os outros grupos de líderes são aliados deles em momentos diferentes.

O acirramento da oposição política de Mateus em Jerusalém fica claro na pergunta sobre o maior mandamento · O escriba amigável de Marcos é transformado em um advogado hostil que é fariseu e que apresenta a questão por instigação dos fariseus como um teste final (22: 3440) O contraste com o escriba amigável de Marcos é notável porque Marcos tem o escriba no clímax de uma série de perguntas de várias facções judaicas, os fariseus, saduceus e depois o escriba, e termina com uma nota positiva com o grande mandamento. Mateus termina com uma nota de hostilidade e continua esse tom pelo resto do capítulo e a grande polêmica contra os escribas e fariseus no cap. 23 (tratado acima). Para Mateus, Jesus concluiu seus conflitos com os fariseus, seus principais oponentes (e com todos os outros também, uma vez que ninguém ousou fazer-lhe mais perguntas), declarando o ensinamento principal de seu programa, o mandamento do amor (22: 3440), e estabelecendo sua própria condição de messias. (22: 41-46). Jesus é descrito como vitorioso sobre seus oponentes na esfera da disputa faccional, desafio e resposta. Ele não pode ser superado por

conflitos verbais e seu status como professor e líder honrado que conhece a lei e a interpreta com autoridade é estabelecido. Ele só pode ser vencido pelo poder físico e político na esperança de que sua influência seja anulada. Ele não pode ser superado por conflitos verbais e seu status como professor e líder honrado que conhece a lei e a interpreta com autoridade é estabelecido. Ele só pode ser vencido pelo poder físico e político na esperança de que sua influência seja anulada. Ele não pode ser superado por conflitos verbais e seu status como professor e líder honrado que conhece a lei e a interpreta com autoridade é estabelecido. Ele só pode ser vencido pelo poder físico e político na esperança de que sua influência seja anulada.

As narrativas da paixão em Marcos e Mateus são semelhantes no sentido de que os fariseus não têm um papel nas acusações e procedimentos judiciais contra Jesus. Mateus difere de Marcos por ter os fariseus ativos em Jerusalém antes da prisão de Jesus (acima) e depois de sua morte, quando os principais sacerdotes e fariseus apelam a Pilatos por guardas na tumba de Jesus para que seus discípulos não roubem seu corpo e afirmem que ele ressuscitou (27: 62-65). Espera-se que os principais sacerdotes lidem com Pilatos, mas é anômalo que os fariseus os acompanhem em vez dos anciãos ou escribas. No entanto, o ponto em questão, a ressurreição, se encaixa perfeitamente na posição teológica dos fariseus e explica por que Mateus os usou nesta história. A posição dos chefes dos sacerdotes * sobre a ressurreição não é conhecida,[146] mas podemos presumir que eles estavam interessados em aquietar a multidão e colocar Jesus atrás deles. Os interesses políticos dos chefes dos sacerdotes * são claros quando eles (sem mencionar os fariseus) subornam os guardas para mudarem seu relato de como o túmulo ficou vazio (28: 11-15).

Classe e status de fariseus, escribas e saduceus em Mateus

Mateus coloca os fariseus na Galiléia e na Judéia, em contraste com Marcos, que os restringe quase exclusivamente à Galiléia. Em sua opinião, eles seguiram os passos de Jesus em todos os lugares.

[146] **Muitos presumem que os principais sacerdotes eram saduceus e não acreditavam na ressurreição, mas não temos evidências firmes que identificassem todos os principais sacerdotes como saduceus.**

Eles às vezes eram aliados de oficiais da Galiléia e de Jerusalém, mas na maioria das vezes eram aliados dos escribas. Para Mateus, tanto os escribas quanto os fariseus eram os grupos eruditos por excelência. As agendas específicas dos fariseus e dos escribas * não são tão nitidamente definidas e diferenciadas como são em Marcos, embora os mesmos tópicos gerais sejam cobertos, isto é, observância do sábado, leis alimentares, pureza ritual e autoridade de ensino de Jesus. Os escribas aparecem em Jerusalém com os principais sacerdotes, embora com menos frequência do que em Marcos. Na Galiléia, como em Marcos, eles são membros menos constantes e poderosos da liderança do judaísmo do que os fariseus.

Como em Marcos, tanto os escribas quanto os fariseus parecem ser membros da classe retentora que servia à classe governante da nação (ou seja, aqueles com riqueza e poder político direto) e se aliaram a eles e a outros grupos para promover seus próprios programas para o judaísmo. Na Galiléia, eles não eram o nível superior de liderança, mas influentes na liderança da aldeia local, de acordo com o relato de Mateus. Eles eram um nível médio de liderança entre a classe governante e o povo e às vezes agiam como intermediários para as pessoas com seus contatos mais elevados. Se eles próprios eram funcionários pagos não está claro, embora os fariseus pareçam ser assim e os escribas por seus próprios títulos provavelmente o fossem. Os saduceus quase não são mencionados. Mateus os colocou em aliança com os fariseus em algumas ocasiões.

É claro que para Mateus, assim como para Marcos e Josefo, os fariseus e saduceus eram grupos bem conhecidos no judaísmo do primeiro século. Cada um tinha certos ensinamentos pelos quais era conhecido e alguma influência e autoridade na comunidade. Mateus às vezes favorece os escribas porque deseja promover um certo tipo de aceitação da lei judaica entre os cristãos e apóia o ofício de escriba cristão. Mas, os escribas também são oponentes de Jesus e parte da aliança política contra ele. Os fariseus são os adversários diários de Jesus por excelência. Eles se opõem aos seus ensinamentos no sábado, pureza e outras questões e tentam destruir sua reputação e influência junto ao povo. Como em Marcos, os papéis exatos dos fariseus na sociedade não são claros, mas em Mateus eles são uma presença constante na Galiléia e são uma força menor em Jerusalém. Sabemos pouco sobre os saduceus por falta de evidências.

Muitos acusaram Mateus de não conhecer a sociedade judaica na época de Jesus e estar projetando a situação pós-Jamnia do judaísmo e do cristianismo na vida de Jesus. Esta posição é provavelmente

exagerada. As posições sociais e funções atribuídas aos escribas e fariseus, e também aos saduceus, principais sacerdotes e anciãos, são sociologicamente prováveis e se encaixam na sociedade judaica do primeiro século como a conhecemos de Josefo, outros livros do Novo Testamento e fontes rabínicas posteriores · As linhas que marcados os escribas e fariseus de outros grupos e uns dos outros tornaram-se um tanto confusos, mas os grupos não são simplesmente identificados uns com os outros.[147] É provável que Mateus estivesse trabalhando com tradições mais antigas e carecesse de uma apreciação viva da natureza exata e do papel social dos grupos judeus. Consequentemente, ele não é totalmente consistente em seu retrato da liderança judaica e oposição a Jesus. Mas, não parece que ele está lendo a situação do final do primeiro século na vida de Jesus em grande escala.[148] A oposição dos escribas e fariseus a Jesus é razoável e esperada, pois eles e o movimento de Jesus * eram forças de liderança tentando moldar a vida e a piedade judaicas e tentando defender a sociedade judaica das muitas pressões políticas e sociais não judias que a cercavam . Mateus ^ a colocação dos fariseus em Jerusalém e a ligação deles com os saduceus não é encontrada em Marcos. Não está claro se Mateus estava se baseando em conhecimento histórico confiável ou apenas atendendo aos requisitos dramáticos de sua narrativa. Josefo coloca os fariseus em Jerusalém, então sua presença não é improvável. Os conflitos entre fariseus e saduceus foram exagerados por alguns estudiosos a ponto de sua aliança ser considerada impossível · Mas ambos os grupos eram variedades do judaísmo e competiam pelo poder dentro do mesmo sistema, inimigos não mortais · Finalmente, os fariseus : presença e influência na Galiléia é derivada de Marcos e não encontrada em Josefo · Mas Josefo não estava interessado na vida da aldeia; ele notou que os fariseus eram muito populares e influentes entre o povo e Mateus ^ o esboço deles é consistente com isso. Um julgamento final sobre a probabilidade de fariseus na Galiléia será reservado para o capítulo doze.

[147]O Evangelho de João funde todos os oponentes nos fariseus muito mais completamente do que Mateus.

^ Diz-se geralmente que Mateus deriva de Antioquia na Síria ou do leste de Antioquia, mas a evidência disso é escassa. Se Mateus está em contato com fariseus depois de 70 DC ou tem tradições a respeito deles, seu evangelho pode derivar da Galiléia e refletir a (contínua?) Presença de fariseus após a destruição do Templo.

9

Os fariseus, escribas e saduceus em Lucas-Atos e João

Os fariseus, escribas e saduceus aparecem de forma muito diferente em Lucas-Atos e João da maneira como aparecem em Marcos e Mateus. Os fariseus são líderes independentes, essencialmente parte da classe governante na Galiléia e em João e Atos eles têm poder em Jerusalém também. Os escribas não aparecem em João e são indistintos dos fariseus em Lucas. Em nenhuma das obras aprendemos muito sobre os saduceus, além de sua rejeição à ressurreição.

Lucas

O Evangelho de Lucas é notável por adicionar os fariseus várias vezes ¸Muitos afirmam que o autor tem uma atitude menos hostil para com os fariseus, tanto no evangelho quanto especialmente em Atos.[149] [150] [151]A situação não é simples, porém, pois no evangelho Lucas insere fariseus hostis em várias situações, mas os remove de alguns lugares onde Marcos e Mateus os retratam como hostis? Se

149No evangelho, Lucas aumenta o número de menções aos fariseus da seguinte maneira: sozinho 7:36; 13:31; 14: 1; 16:14; 17:20; 18: 10-14; com os escribas 11:53; com advogados ou professores da lei 5:17; 7:30; 14: 3.

[150]Veja JA Ziesler, uLuke and the Pharisees, ** NTS 25 (1978-79) 146-157 para um estudo recente do problema.

[151]Jack T. Sanders, "The Pharisees in Luke-Acts, w in The Living Test: Essays in Honor

9

Luke é menos hostil ao

Os fariseus não serão nossa principal preocupação aqui. É claro que Lucas não é abertamente amigável com os fariseus e tem suas próprias queixas específicas e limitadas sobre eles.4

Uma breve pesquisa da visão de Lucas sobre os fariseus, escribas, advogados e saduceus precederá uma análise mais detalhada. Alguns aspectos dos fariseus em Lucas-Atos são únicos. Jesus janta três vezes com os fariseus.5 Os fariseus são líderes comunitários (14: 1), envolvidos com a riqueza (16:14) e politicamente ativos e informados (13:31). Embora Lucas siga Marcos ao localizar os fariseus na Galiléia e não em Jerusalém, eles são mais onipresentes e poderosos do que em Marcos ou Mateus. Junto com os escribas, eles são um grupo de liderança com poder e riqueza nas aldeias da Galiléia (cf. 5: 17-26,30-32; 6: 7-11; 11: 37-53; 14:13; 15: 2) Finalmente, os fariseus parecem simpáticos a Jesus e aos cristãos em várias ocasiões (Lc 13:31; Atos 5: 34-39; 23: 6-9). Atos trata bem os fariseus especialmente porque os fariseus aceitam a ressurreição (embora não aceitem Jesus) .6 Em segundo lugar, Jesus e seus seguidores, que foram apresentados como um grupo contra o judaísmo no Evangelho, agora são vistos (junto com o judaísmo) como uma pequena parte do mundo greco-romano maior e mais diverso. Finalmente, a visão positiva de alguns fariseus em relação ao cristianismo e uma referência aos fariseus cristãos (Atos 15: 5) se encaixam no tema de Lucas sobre a continuidade entre o judaísmo e a igreja.

A apresentação de Lucas dos fariseus e outros líderes judeus é parte de uma inversão literária teologicamente motivada da sociedade comum. Os líderes dos judeus, os ricos, os outros cidadãos estabelecidos e, às vezes, o próprio Israel são retratados como rejeitando Jesus e, portanto, rejeitando a Deus e, por fim, perdendo a salvação. Em contraste, os pobres, pecadores, rejeitados como cobradores de impostos e não judeus aceitam Jesus e a salvação de Deus e se tornam Israel. Esta nova comunidade é gradualmente delineada

de Ernest W. Saunders,**(eds.) D. Groh e R. Jewett (Lanham / NY / London: Univ, of America, 1985), pp. 141-188, esp. 149-154.**

[4]**Luke T. Johnson, The Literary Function cf Possessions in Luke-Acts (SBLDS 39; Chico: Scholars, 1977) 116-117 corretamente adverte que a amizade de Lucas para com os fariseus não deve ser presumida.**

$ 17: 36; 11:37; 14: 1.

[6]**Sanders, fariseus, "182-187, conclui que, porque os fariseus acham que Jesus, Lucas julga que eles não são e não podem ser cristãos verdadeiros.** e formado na narrativa e os

fariseus, escribas e outros líderes servem a este tema narrativo abrangente.[152]

Do ponto de vista sociológico, os fariseus funcionam como patrocinadores ricos e poderosos dos camponeses dentro da sociedade da aldeia e como intermediários para os camponeses em suas relações com o mundo exterior. A objeção de Lucas a eles é que não se importam com os pobres que dependem deles e têm direito a seu patrocínio, especialmente sua generosidade e relações recíprocas e justas. Lucas também reclama que os pobres, por serem julgados impuros e estranhos à ordem social, são privados de justiça. · O uso de regras de pureza pelos fariseus para manter a ordem social leva a relações injustas. Em resposta, Lucas define a verdadeira impureza como uma deficiência moral, não ritual, e assim abre as fronteiras de grupo do Cristianismo para os excluídos, gentios e pecadores.[153]

Porque os fariseus são o principal grupo de oposição de Lucas, os escribas são menos proeminentes · Eles ocorrem sozinhos em Lucas-Atos apenas em duas passagens do evangelho (20:39, 46). Caso contrário, eles são associados a outros líderes, a saber, os fariseus na Galiléia e os principais sacerdotes e anciãos em Jerusalém. Lucas também apresenta um novo grupo de oponentes, os advogados (nomikoi). Este grupo, freqüentemente identificado com os escribas, deve ser entendido como um grupo instruído e envolvido com a lei, não como assessores jurídicos e defensores no modo moderno. Finalmente, a designação "mestre da lei" é usada em duas ocasiões (Lc 5:17; At 5:34).

Os saduceus aparecem no evangelho uma vez, questionando Jesus sobre a ressurreição (cf. Marcos 12: 18-27). Em Atos, eles aparecem várias vezes como uma parte ligada aos sumos sacerdotes e, como no evangelho, são caracterizados por não crer na ressurreição (Atos 4: 1; 5:17; 23:64).

Esses materiais devem agora ser submetidos a uma análise literária, histórica e sociológica para descobrir a classe social e o status desses grupos, seus papéis e funções na sociedade e suas relações com outros grupos. Lucas-Atos nos mostra mais diretamente como Lucas e suas fontes imaginaram o tecido social da sociedade

[152] **Johnson, Possessions, 112-115; 140 e passim.**

[153] **Essa descrição dos fariseus em Lucas deve ao manuscrito não publicado de Halvor Moxnes, de Oslo, com o título "Os fariseus eram amantes do dinheiro: relações sociais e econômicas no Evangelho de Lucas".**

judaica no império; seu valor como fonte histórica é discutível ·

O Evangelho

Em comparação com Marcos, Lucas torna mais uniformemente os fariseus a oposição galiléia a Jesus e os desconecta da política. Na sequência inicial de histórias de conflito (Lc 5: 176: 11), Lucas insere os fariseus na história do paralítico (5: 17, 21). Além disso, Lucas deixa explícita a presença deles na história do homem com a mão atrofiada (6: 7). Em todas as outras disputas, os fariseus aparecem nas histórias assim como em Marcos. Lucas regulariza a oposição de Jesus e vê os fariseus como os principais oponentes de Jesus. No entanto, ele diferencia os fariseus e faz com que apenas alguns deles desafiem Jesus a respeito da colheita do grão (6: 2).

Significativamente, Lucas separa os fariseus dos herodianos. No final desta sequência de histórias de conflito (6:11), Lucas não acusa os fariseus e herodianos de tramar como destruir Jesus, como faz Marcos (3: 6). Ele se refere vagamente a "eles" (o antecedente mais próximo são os escribas e fariseus em 6: 7) e diz que eles estavam furiosos com Jesus e discutiram o que poderiam fazer a Jesus. Lucas também elimina os fariseus da outra passagem de Marcos onde eles e os herodianos aparecem juntos (12:13).[154]Embora Lucas certamente não veja os fariseus como amigos de Jesus, ele não os vê como politicamente hostis e aliados das mais altas autoridades. Os fariseus fazem causa comum com Jesus contra as autoridades em uma passagem posterior, encontrada apenas em Lucas, quando alertam Jesus para escapar porque Herodes o está procurando (13:31).[155]Outra passagem merece consideração e pode manifestar a mesma atitude. Como Jesus está sendo elogiado durante sua entrada em Jerusalém, Lucas faz com que os fariseus, em vez dos principais sacerdotes e escribas de Mateus, digam a Jesus para repreender seus discípulos (Lc 19: 39-40) · Observe que em Mateus (21: 15-16) o lugar da repreensão é no Templo depois que Jesus entrou na cidade e foi para

[154]Esta é a única passagem de Marcos em que os fariseus aparecem em Jerusalém. Em Lucas, eles estão apenas na entrada de Jesus * em Jerusalém (19:39), e não em Jerusalém de forma alguma.

, [fl]Este aviso não parece ser uma tentativa de se livrar de Jesus. Em vez disso, ele se encaixa no papel dos fariseus como intermediários entre o povo e o governo. Veja Sanders, -Pharisees, w 145-146.

o Templo. Não está claro se os fariseus estão preocupados com os perigos políticos da aclamação de Jesus ou escandalizados com o tipo de elogio que está sendo feito a ele. Embora o último seja mais provável, os fariseus não são apresentados como politicamente ligados aos líderes em Jerusalém. Sua intervenção é independente e desconectada de qualquer outro partido político.[156]A visão de Lucas sobre os fariseus que se opõem a Jesus é consistente no sentido de que sua atividade se limita à Galiléia e não está ligada aos mais altos círculos governantes de Jerusalém.

Jesus interage com os fariseus na Galiléia mais constantemente e mais intimamente do que nos outros Evangelhos. Lucas descreve os fariseus como os líderes locais que estão envolvidos em uma disputa com Jesus pela influência e controle da sociedade galiléia. Por exemplo, três vezes Jesus come com os fariseus (5:36; 11:37; 14: 1) e em cada caso os fariseus estão olhando para ele e um conflito irrompe. O fariseu que convida Jesus em 14: 1 é um líder farisaico local (tinos ton archontdn \ tdri \ pharisaion). Finalmente, quando os fariseus zombam do ensino de Jesus sobre o mordomo desonesto e as riquezas, Lucas faz a surpreendente afirmação de que eles eram "amantes do dinheiro" (16:14). Este ditado, encontrado apenas em Lucas, tem uma forte conotação teológica em contexto;[157]pressupõe que a posição social dos fariseus * inclui o acesso à riqueza, seja independentemente ou por dependência dos ricos. Assim, de acordo com Lucas, os fariseus na Galiléia são membros da classe governante e estão competindo por riquezas, bem como por influência e poder. Lucas usa riqueza, poder, etc. como símbolo da rejeição de Jesus pelos líderes da sociedade e como um catalisador para a formação de uma nova sociedade cristã.

Muito mais do que em Marcos e Mateus, os fariseus em Lucas têm uma posição social importante na Galiléia e suas relações com Jesus mostram que eles o consideravam e sua liderança sobre o povo como uma ameaça à sua posição e, portanto, o rejeitaram. A atitude de Lucas para com os fariseus é complexa e não pode ser simplesmente caracterizada como amigável ou hostil. O problema de Lucas com os fariseus é que eles não aceitam Jesus. Isso não significa que não haja contato ou que todas as relações sejam hostis, mas sua resistência à

[156] Johnson, Possessions, 112, argumenta que 19:39 40 completa o padrão de rejeição de Jesus pelos líderes judeus e aceitação dele pelo povo.

[2]Ver J. Fitzmyer, O Evangelho Segundo Lucas (AB 28 · 28a; Garden City: Doubleday, 1981, 1985) 1111-1113, e Johnson, Possessions, 141.

autoridade de Jesus está intimamente ligada à sua posição social, segundo Lucas.

A visão de Lucas sobre a posição social dos fariseus * é evidenciada em várias passagens onde os fariseus mantêm distância dos párias sociais · O contraste dos fariseus com os cobradores de impostos e pecadores é tipológico para Lucas e simbólico da rejeição paradoxal de Jesus pelo judaísmo e aceitação dele pelos gentios. Os fariseus são apresentados como os guardiões das fronteiras sociais normais contra Jesus, que busca mudar as fronteiras e reconstituir o povo de Deus. Depois que Jesus elogiou João Batista, Lucas comenta entre parênteses: "Quando ouviram isso, todo o povo e os publicanos justificaram a Deus, tendo sido batizados com o batismo de João; mas os fariseus e os advogados rejeitaram o propósito de Deus para si mesmos, não tendo sido batizados por ele ”(7: 29-30). Lucas ' O julgamento é fundamentado na história da mulher que ungiu os pés de Jesus quando ele comia na casa de um fariseu. A mulher era pecadora e os fariseus acham que Jesus deveria saber disso e não permitir que ela o tocasse (7: 36-39). Jesus responde à objeção deles discutindo o perdão dos pecados e também apontando que a mulher está cumprindo os atos de cortesia omitidos pelo anfitrião, Simão, o fariseu, lavando seus pés, beijando-o e ungindo sua cabeça com óleo (7: 4047) .13 As parábolas da ovelha perdida, moeda e filho pródigo são precedidas pela objeção dos fariseus e escribas de que Jesus come com coletores de impostos e pecadores (15: 1-2). Finalmente, a parábola do fariseu e do coletor de impostos (18: 9-14) é falada contra aqueles que "confiavam em si mesmos que eram justos e desprezavam os outros. w Dois temas percorrem esses incidentes. Primeiro, os fariseus (e presumivelmente a maioria das pessoas) que rejeitam aqueles geralmente considerados párias sociais, como pecadores e cobradores de impostos, são comparados com Jesus, que inicia uma nova comunidade que inclui os párias. Mais importante

[3] **Os fariseus são retratados denegrindo aqueles de posição social inferior, incluindo Jesus e pecadores.**

para nossa análise aqui, Lucas retrata os fariseus também se separando do povo e de Jesus. Lucas os vê como reivindicando outro status social mais elevado e os critica por isso. Os fariseus demarcaram limites nítidos e rígidos para a sociedade e excluíram os párias normais e também Jesus e, em alguns casos, as pessoas · Quando Jesus se recusa a aceitar seus limites, eles desafiam sua legitimidade e entram em uma disputa com ele pelo controle da

sociedade.

Lucas enfatiza a hostilidade e rivalidade entre os fariseus e Jesus em várias outras passagens não encontradas em Marcos e Mateus · Depois das desgraças contra os fariseus, Lucas resume sua hostilidade dizendo que os escribas e fariseus imploraram para provocar Jesus para pegá-lo em alguma coisa disse ele (11: 53-54). Imediatamente depois disso, Lucas identifica o fermento dos fariseus como hipocrisia (12: 1). Lucas também repete uma variante de uma história anterior de conflito de cura (Lc 6: 6-11; Mc 3: 1-6), desta vez situada na casa de um governante farisaico (14: 1-6). Em 17: 20-21, passagem única de Lucas, os fariseus perguntam a Jesus quando virá o reino de Deus e ele responde que já está entre / dentro deles. O significado exato dessa resposta enigmática é debatido, mas pelo menos indica que o reino está ao redor deles e eles estão perdendo-o.14

〒A passagem final a ser considerada no evangelho é um grande ataque aos fariseus e advogados, que inclui instruções sobre o ritual de lavagem das mãos antes do jantar e três ais contra cada grupo (11: 37-54). Parte do material é encontrado em Mateus, cap. 23, então Lucas provavelmente compôs este capítulo usando materiais derivados de Q. Em sua forma atual e em seu cenário narrativo, um jantar na casa de um fariseu, reflete o julgamento de Lucas sobre os fariseus. Os três infortúnios contra os fariseus e a discussão da lavagem ritual dizem respeito ao contraste entre a observância externa e a atitude interna e entre ordens importantes relacionadas com a justiça e ordens menores relacionadas com as observâncias rituais. Lucas não diz que as observâncias farisaicas são erradas em si mesmas, mas ele diz

"Johnson, Possessions, 110-11, argumenta que a questão dos fariseus * em 17:20 começa uma seção do evangelho (até 18: 4) em que os fariseus são atacados por sua incompreensão, especialmente sobre o lugar dos párias no reino . qualificar sua importância a tal ponto que os fariseus e seu modo de vida são vistos como uma má influência na sociedade.15 A agenda atribuída aos fariseus, pureza e dízimos (como em Marcos), difere daquela atribuída aos advogados e programas que Lucas é sensível à distinção entre fariseus e advogados, em contraste com Mateus, que coloca escribas e fariseus juntos em vários dos infortúnios.

A historicidade da apresentação dos fariseus por Lucas é questionável em muitos detalhes. Lucas os apresentou como Jesus,

oponentes da Galiléia por excelência e os inseriu em vários incidentes em que Marcos não os incluiu. Lucas os descreveu como líderes comunitários importantes, influentes e até poderosos na Galiléia. Limitando-os à Galiléia, ele seguiu a tradição que encontrou em Marcos, e talvez em outros lugares. Ao vê-los como uma força política ativa na sociedade judaica com influência e controle entre o povo, ele é consistente com Josefo. (Em Atos, os fariseus são ativos no Sinédrio em Jerusalém, assim como em Josefis.) Os fariseus costumam ser tratados como criaturas da composição literária e necessidades narrativas de Lucas, um tipo de oposição de Jesus. Embora funcionem como uma oposição estereotipada a Jesus, eles também se encaixam na sociedade judaica histórica e sociologicamente de algumas maneiras. No entanto, é duvidoso que os fariseus fossem os líderes comunitários nas aldeias agrícolas da Galiléia. Os líderes mais velhos das famílias tradicionalmente proeminentes, na maioria grandes proprietários de terras, teriam sido os líderes rurais. Embora seja possível que alguns fariseus tenham se aliado a eles, os fariseus não teriam o domínio numérico e político que Lucas lhes atribuiu.

SCRIBES

Os escribas são mencionados várias vezes em Lucas, mas não desempenham um papel distinto e independente. Sua posição social e papéis são confundidos quase totalmente com os dos fariseus e dos principais sacerdotes e anciãos. Os escribas aparecem sozinhos apenas duas vezes no evangelho de Lucas. Uma vez que eles aprovam a resposta que Jesus deu aos saduceus9, o desafio à sua crença no

[5]**Veja Fitzmyer, Lucas, 943-45, que interpreta esta passagem de forma mais positiva.**

ressurreição (20:39) e, portanto, são apresentados positivamente como um acordo sobre a questão da ressurreição (ver também Atos). Por outro lado, Lucas substitui Marcos (12: 37-40) a advertência de Jesus contra os escribas que buscam reconhecimento público e devoram as casas das viúvas. As acusações feitas contra eles são semelhantes às feitas contra os fariseus em outros lugares (16:14). Em todos os outros casos, os escribas aparecem com os fariseus (5:30; 6: 7; 11:53; 15: 2) ou com os principais sacerdotes, e às vezes com os anciãos (9:22; 19:47; 20: 1, 19, 46; 22: 2, 66). Em todas as passagens em que aparecem com os principais sacerdotes, Lucas segue Marcos.

Quando ligados aos fariseus, os escribas não têm uma identidade distinta para diferenciá-los dos fariseus, mas são vistos simplesmente como um grupo aliado oposto a Jesus.

Em resumo, os escribas não são um grupo muito distinto em Lucas. Eles são como os fariseus em sua crença na ressurreição e se unem aos fariseus várias vezes em oposição a Jesus. Lucas não tem uma ideia clara de seu papel ou função e eles são feitos um apêndice dos fariseus, que são o grupo dominante. Além disso, Lucas substitui de Marcos várias referências aos escribas como parte do grupo de liderança em Jerusalém, junto com os principais sacerdotes e às vezes os anciãos. Visto que o termo escriba designava uma habilidade e ocupação com vários papéis e status no mundo greco-romano, Lucas provavelmente não concebia os escribas como um grupo político e social distinto da maneira que Marcos o fazia. Assim, o autor tende a fundir os escribas com os fariseus ·

ADVOGADOS

Lucas também apresenta uma nova categoria de oponente a Jesus, o advogado (nomikos). Um advogado aparece sozinho uma vez, quando pergunta a Jesus sobre a vida eterna para testá-lo (10,25). Em Marcos, em um contexto diferente (12:28), o questionador é um escriba. O escriba de Marcos é mais amigável do que o advogado de Lucas, embora tanto o escriba em Marcos quanto o advogado em Lucas respondam corretamente e tenham sua resposta aprovada por Jesus.16 Em todos os outros casos, eles estão intimamente associados aos fariseus, de uma forma semelhante à

"Em contraste, em Mateus, a pergunta é feita por um fariseu hostil que é advogado.

escribas. Em 7:30, Lucas julga que tanto os fariseus quanto os advogados rejeitam o propósito de Deus para eles. Em 11,45 e 14,3 advogados estão presentes nas casas dos fariseus que convidaram Jesus para jantar e em 11,46-52 Jesus denuncia os advogados com três ais. O conteúdo das desgraças se encaixa nas atividades de advogados (e escribas) que são publicamente ativos e ocupam cargos oficiais. Eles são repreendidos por colocar fardos legais irracionais sobre os outros, entregando-se à exibição pública e protegendo sua própria autoridade em detrimento da de D'us.

Algumas evidências sugerem que Lucas usa advogado como

substituto do escriba.[158]Imediatamente após as desgraças contra os fariseus e advogados no cap. 11 ele faz com que os fariseus e escribas procurem enredar Jesus (11: 53-54). Em 10:25 ele muda o escriba de Marcos para advogado · Visto que Mateus tem um advogado que era fariseu na passagem paralela (22: 34-35), este usag ^ pode vir de Q. No entanto, Lucas não é consistente em seu uso desde ele retém os escribas em muitos casos e até os insere em lugares exclusivos para ele. Ele não insere um advogado simplesmente como um auxílio para seu público gentio porque o escriba (grammateus) é tão compreensível para seu público quanto um advogado. A pergunta apropriada diz respeito à compreensão que Lucas tem dos escribas e advogados e seu propósito em trazer os advogados para a narrativa. Certamente, Lucas não entende por advogado um legítimo defensor do sistema judiciário.[159] É provável que, no mundo do autor, os advogados, e não os escribas, funcionassem como especialistas autorizados em leis e costumes sociais e religiosos, funcionários e tutores das normas comunitárias. Como tal, eles se encaixam na narrativa melhor do que os escribas.[160]

As três desgraças contra os advogados fornecem a maior parte das informações a respeito de sua natureza como Lucas a vê.[161]A primeira acusação, de que eles sobrecarregam o povo, poderia ter sido feita também aos fariseus.21 Mas os advogados são tratados como autoridades que têm um poder especial para controlar o modo de viver do judaísmo do povo e uma obrigação especial concomitante de ajudar as pessoas. No próximo ai, eles são acusados de ter aprovado o assassinato dos profetas e, portanto, de serem responsáveis por isso da mesma forma que os líderes e juízes são. É claro que está implícito a rejeição de Jesus e a responsabilidade por sua morte. A desgraça final os acusa de recusa em entender e impedindo outros de fazê-lo. No contexto, este ditado refere-se à compreensão da Bíblia e especialmente de profecia. Assim como seus ancestrais rejeitaram e mataram os profetas, os advogados não entendem os escritos proféticos e rejeitam o mais recente na linha de profetas, Jesus.

Um último termo usado por Lucas é professor da lei (nomodidaskalos). Ele descreve um certo grau de aprendizagem, em

[158]Fitzmyer, Luke, às 7:30; Sanders, "Pharisees", 172.

[159]Sanders, "Pharisees", 169,172; P. Parker, "Lawyers," IDB, 3: 102.

·[9]Não está claro se Lucas concebe alguns dos advogados como fariseus. Fitzmyer, Luke, 947, interpreta os advogados no cap. 11 como sendo advogados entre os fariseus.

^ Sanders, "Pharisees", 173-174.

vez de um papel ou grupo social. Na história da primeira controvérsia (5:17), os fariseus e os mestres da lei estavam sentados ao redor de Jesus, mas mais tarde na história os escribas e fariseus desafiaram Jesus. Conseqüentemente, Lucas entendeu que os escribas eram "mestres da lei". No entanto, em Atos Gamaliel, o fariseu é considerado um "mestre da lei" (5:34) · Assim, Lucas entendeu este título como se referindo a qualquer erudito e professor aceito, e não para um subgrupo distinto dentro do Judaísmo.22

Atos

Novos aspectos dos fariseus, escribas e saduceus aparecem em Atos. Os fariseus aparecem duas vezes como membros do Sinédrio. Gamaliel, um fariseu e membro do Sinédrio, tinha sabedoria, respeito e influência suficientes para ser capaz de superar a raiva do Sinédrio e aconselhar cautela prudente ao lidar com os apóstolos (5: 33-40). Porque Gamaliel ajudou os apóstolos

[2,]**Veja Atos 15:10, onde Pedro se opõe a colocar o fardo da lei sobre os gentios.**

[22]**Esta palavra ocorre em outro lugar no Novo Testamento, 1 Tim 1: 7.** e porque ele estava aberto à possibilidade de que seu ensino pudesse vir de Deus, a atitude de Lucas em relação a ele foi positiva.23 Se a apresentação de Gamaliel em Atos é histórica, pode ser questionado porque, como uma figura literária, ele serve ao propósito de Lucas de mostrar a continuidade do Cristianismo com Judaísmo. Quando Paulo compareceu ao Sinédrio, declarou que era fariseu, filho de um fariseu. Sua alegação de ser membro farisaico interrompeu os procedimentos contra ele, provocando uma discussão sobre a ressurreição entre os fariseus e saduceus dentro do Sinédrio (Atos 23). De acordo com essa história, alguns dos escribas dos fariseus afirmaram que Paulo pode ter recebido sua mensagem de um espírito ou anjo, seres cuja existência foi negada pelos saduceus. Assim, Lucas, como Josefo, afirma que os fariseus e saduceus discordam em seu ensino sobre a ressurreição e a existência de anjos. Porque Paulo acredita na ressurreição e é um fariseu, ele entra em uma aliança muito temporária com os fariseus contra os saduceus em sua competição pelo poder no Sinédrio e presumivelmente no líib judeu.

Alguns cristãos de Jerusalém, assim como Paulo, são identificados como fariseus por Lucas, no encontro da comunidade de Jerusalém com Paulo 15 alguns crentes da escola (hairesis) dos fariseus * afirmavam que os crentes gentios deveriam ser circuncidados e instruídos a guardar a lei de Moisés (15: 5). Esse zelo pela lei de Moisés se encaixa na ideia de Lucas sobre os fariseus tanto no evangelho quanto em Atos e é consistente com sua imagem de Paulo quando Paulo mais tarde afirma que ele vivia o judaísmo de acordo com a escola mais rígida (hairesis), os fariseus (26: 5). O autor de Atos usa a mesma palavra que Josefo para descrever o grupo farisaico e os identifica pelo estilo de vida estrito que levam de acordo com sua interpretação da lei bíblica. De maneira semelhante a Josefo, Lucas apresenta os fariseus como uma força política no judaísmo, conhecida por seu programa de vida judaica. Atos também concorda com a própria caracterização de Paufs do farisaísmo em Fl 3:

[B]Lucas faz com que Paulo cite seu estudo com Gamaliel como uma parte importante e honrada de sua atividade como judeu em Atos 22: 3 e, assim, testemunha a importância e lugar de honra de Gamaliel no judaísmo.

Uma palavra deve ser dita sobre a historicidade do relato de Lucas sobre os fariseus. É provável que alguns fossem membros do Sinédrio e competissem pelo poder em Jerusalém. No entanto, a ideia de Lucas de que Paulo poderia ser um fariseu e um cristão e que havia cristãos que permaneceram fariseus é muito improvável, especialmente considerando todos os conflitos com as autoridades e ensinamentos judaicos relatados em Atos e aludidos nas cartas de PauF. Os fariseus eram um grupo de interesse político com um programa para viver o judaísmo e qualquer interpretação do cristianismo, por mais judia que fosse, estaria em conflito com eles. Ao tentar estabelecer a continuidade entre o Cristianismo e o Judaísmo, Lucas maximiza seus acordos no ensino e nos interesses comuns. Ele agrupa os judeus que eram estritos na observância da lei (fariseus) com os cristãos judeus que desejavam permanecer fiéis à lei mosaica. Lucas percebe corretamente muitas coisas sobre os fariseus, mas provavelmente enfatiza demais suas relações positivas com os primeiros seguidores de Jesus.

SCRIBES

Os escribas aparecem em várias passagens em Atos, mas não diferem dos escribas do evangelho. Os escribas são associados aos governantes, anciãos e sumo sacerdotes Anás e Caifás no exame de Pedro e João (4: 5). Eles funcionam em relação aos apóstolos como o fizeram em relação a Jesus; eles fazem parte da oposição oficial. Quando Paulo está diante do Sinédrio, alguns escribas são considerados do partido (meros) dos fariseus e apóiam Paulo por causa de sua crença na ressurreição (23: 9). Finalmente, os membros da Sinagoga dos Libertos incitaram o povo, os anciãos e os escribas contra Estêvão e o levaram perante o Sinédrio (6:12). Os escribas em Atos, como no evangelho, são líderes reconhecidos e eruditos da comunidade que são politicamente ativos na proteção da comunidade judaica.[162]

SADDUCEES

Os saduceus, mencionados apenas uma vez no evangelho (como em Marcos), aparecem três vezes em Atos. Em todos os casos, eles estão associados à mais alta liderança de Jerusalém. Pedro é preso no pórtico de Salomão dentro do recinto do Templo pelos sacerdotes, o capitão (estratego) do Templo e os saduceus (4: 1). Os apóstolos são presos pelo sumo sacerdote e todos os que estão com ele, esta é a escola (hairesis) dos saduceus * (5:17). Finalmente, em uma cena que já examinamos, os saduceus são uma parte (ou partido [meros [) do Sinédrio que não acreditam na ressurreição ou em anjos e espíritos. As crenças dos saduceus e sua associação com a classe governante se encaixam na descrição dos saduceus dada em Josefo, que também os chama de escola e partido.

Conclusão

A visão de Lucas sobre os fariseus, escribas e saduceus é difícil de avaliar historicamente. Sua visão da sociedade judaica é coerente em muitos aspectos e está de acordo com Josefo em alguns assuntos. Mas ele claramente estereotipou os oponentes de Jesus, especialmente os

[162]Em Atos 19:35, o escriba de Éfeso organiza a assembléia da cidade e preside. Ele é um oficial municipal, como um escrivão municipal ou secretário da assembleia. Veja cap. 11 para mais exemplos deste uso.

fariseus · Poucas informações são fornecidas sobre os escribas e saduceus para apresentar uma imagem arredondada. Os escribas são um grupo dependente dos fariseus ou dos líderes de Jerusalém, como é apropriado para funcionários eruditos dentro do sistema de liderança. Lucas concorda com Josefo que os saduceus estão intimamente ligados à liderança rica e poderosa e que eles não acreditam na ressurreição e nos anjos. Os fariseus em Atos são influentes em Jerusalém, assim como em Josefo. No evangelho, eles são influentes na Galiléia, assim como em Marcos.

Os fariseus em João

Os fariseus funcionam tanto como funcionários do governo quanto como doutores da lei que estão interessados no ensino de Jesus e contestam sua verdade; nem os saduceus nem os escribas são mencionados em João.25 A apresentação dos fariseus em João difere muito daquela nos evangelhos sinóticos, embora algumas características comuns permaneçam. Tanto na Galiléia quanto em Jerusalém, os fariseus são uma presença sinistra, "adversários sempre vigilantes e desconfiados de Jesus, que mantêm o povo sob vigilância e o influenciam com sua propaganda. ^ 6 Eles competem com Jesus pela influência do povo e tentam miná-lo ensino. Em todo o evangelho, os fariseus são aliados dos principais sacerdotes para tomar medidas oficiais contra Jesus, especialmente em suas viagens a Jerusalém. Além disso, os fariseus, sozinhos ou com outros funcionários, controlar a sinagoga e os processos judiciais para remover aqueles a quem se opõem. Esta imagem dos fariseus como um grupo oficialmente poderoso tem características significativas em comum com Josefo, apresentação deles durante o período Hasmoneu · De acordo com ambos os relatos, eles alcançaram o poder político real, embora derivado da classe governante a que serviam. Que eles não são as maiores autoridades fica claro no relato da condenação de Jesus à morte, durante a qual os fariseus sumiram de vista (assim como nos evangelhos sinóticos). Esta imagem dos fariseus como um grupo oficialmente poderoso tem características significativas em comum com Josefo, apresentação deles durante o período Hasmoneu · De acordo com ambos os relatos, eles alcançaram o poder político real, embora derivado da classe governante a que serviam. Que eles não são as maiores autoridades fica claro no relato da condenação de

Jesus à morte, durante a qual os fariseus sumiram de vista (assim como nos evangelhos sinóticos). Esta imagem dos fariseus como um grupo oficialmente poderoso tem características significativas em comum com Josefo, apresentação deles durante o período hasmoneu · De acordo com ambos os relatos, eles alcançaram o poder político real, embora derivado da classe governante à qual serviam. Que eles não são as maiores autoridades fica claro no relato da condenação de Jesus à morte, durante a qual os fariseus sumiram de vista (assim como nos evangelhos sinóticos).

Os fariseus são mencionados pela primeira vez em conexão com uma delegação enviada de Jerusalém ao Jordão para investigar João Batista (1: 19-28). Os judeus enviaram sacerdotes e levitas a João para perguntar quem ele era. Os judeus são, é claro, as "autoridades" genericamente entendidas, que se opõem a Jesus em todo o evangelho.27 Visto que este é o único lugar nos evangelhos onde os padres

"Os escribas aparecem em 8: 3 (a mulher pega em adultério), mas a passagem é uma perícope não joanina, ausente nos melhores manuscritos e caracterizada pela linguagem não joanina. Os fariseus em João desempenham os papéis dos escribas marcanos e Fariseus. Cf. CH Dodd, Historical Tradition in the Fourth Gospel (Cambridge: Cambridge University, 1963) 264.

[26]R. Schnackenburg, O Evangelho Segundo St. John (Nova York: Herder, 1968) 1: 293.

[27]A palavra judeu ocorre cerca de setenta vezes em João e tem vários significados. Veja Urban C. von Wahlde, "Os Termos para Autoridades Religiosas no Quarto Evangelho, Uma Chave para os Estratos Literários? / JBL 98 (1979) 233-34 para um resumo dos usos e bibliografia recente. Quando "judeus" se refere a oponentes de Jesus, sempre significa as autoridades, exceto em 6:41 e 52 onde significa o povo. Essas duas últimas passagens podem vir de um redator. Ver Urban C. von Wahlde, ttThe Johannine * Jew *: A Critical Survey, "NTS 28 (1982) 44-46. Raymond Brown, The Community cf the Belovede os levitas são identificados como oficiais que lidam com João ou Jesus, 28 Dodd argumenta que é provavelmente uma tradição anterior, pré-70, preservada em João.29 Depois que os sacerdotes e levitas se certificaram de que João não tinha pretensões perigosas de ser profético ou messiânico liderança, outros questionam João sobre o significado de seu batismo e sua legitimidade (1:24). O texto grego é contestado; os questionadores podem ser alguns fariseus ou algumas pessoas enviadas pelos fariseus e podem fazer parte da delegação anterior ou de uma delegação separada.30 É mais provável que alguns fariseus sejam membros da mesma delegação.31 Os fariseus no incidente estão localizados em Jerusalém, faça uma investigação oficial de João e esteja interessado em seu ensino preciso e na

autoridade para ele. Poucas vezes João localiza os fariseus em Jerusalém, contrariando a tradição sinótica e de acordo com a apresentação de Josefo. Além disso, os fariseus atuam como representantes oficiais da classe governante.

O papel de supervisão dos fariseus na sociedade é ainda mais atestado quando a viagem de Jesus da Judéia para a Galiléia (4: 1) é motivada por ouvir que os fariseus sabem que ele está fazendo mais discípulos do que João Batista. A implicação é que os fariseus desaprovarão Jesus e serão uma ameaça a ele de alguma forma tangível. A história de Nicodemos confirma essa imagem dos fariseus. Ele é um fariseu e um "governante *" (arconte) dos judeus, que vem a Jesus em Jerusalém durante a festa da Páscoa, se dirige a ele como Rabino e reconhece

***Discípulo*(Ramsey, NJ: Paulist, 1979) 4043, aponta que para o autor de João e sua comunidade, no final do primeiro século, após a separação da sinagoga, judeus se referem a todos os judeus. Eles são vistos como herdeiros das autoridades judaicas que se opuseram a Jesus em sua vida. Tanto os judeus da época de João quanto as autoridades judaicas da época de Jesus * são duramente atacados. R. Alan Culpepper, The Anatomy of the Fourth Gospel: A Study in Literary Design (Foundations and Facets; Philadelphia: Fortress, 1983) 126 sugere que, de um ponto de vista literário, John está usando "judeus" com múltiplos significados conectados. Embora isso seja verdade em um sentido amplo, vários significados baseados na redação não podem ser negligenciados.**

[28]Similarmente, em Josefo, Vida, 189-198 (38-39), sacerdotes e fariseus são enviados para remover Josefo de seu comando na Galiléia.

[29]Dodd, Tradição, 263-264.

^ ee Raymond Brown, O Evangelho Segundo John (Anchor Bible 29; Garden City: Doubleday, 1966) 1: 43-44.

[3l]Schnackenburg, John, 1: 292.

ele como um professor de Deus (3: 1-2).[163] [164] Em troca, Jesus caracteriza Nicodemos como um mestre de Israel (3:10) quando o repreende por sua ignorância inaceitável. Nicodemos se encaixa no perfil dos fariseus por ter um cargo oficial em Jerusalém, saber sobre

[163]Brown, John, 130, sugere que Nicodemos era especificamente um membro do Sinédrio, embora o termo Sinédrio não seja usado aqui e seja usado apenas uma vez em todo o evangelho (11:46).

[164]S. Pancaro, A Lei no Quarto Evangelho (Studia Neotestamentica 42; Leiden: Brill, 1975) 86, sugere que a descrição de Nicodemos aqui e em 7:50 e 19:39 é estereotipada e, como tal, nos dá mais conhecimento do autor 、 visão dos fariseus. Isso certamente é verdade para Nicodemos, bem como para todos os personagens joaninos, mas Culpepper está certo ao argumentar que Nicodemos é representativo e também sutilmente individual (Anatomy, 134-136).

Jesus, ter um interesse erudito em seu ensino (neste caso, positivo) e sentir a ameaça de desaprovação de seus companheiros fariseus.[M] Nicodemos, que representa para João um fariseu parcialmente "bom", aceita Jesus como colega professor e até mesmo seu superior, e assim o consulta e com ele entra em diálogo educativo.[165] Que a desaprovação dos fariseus, que Nicodemos teme por causa de sua aceitação de Jesus, é uma séria ameaça social fica claro em uma reunião posterior dos principais sacerdotes e fariseus em que Nicodemos fala em nome de Jesus (7:52) e no comentam que muitos líderes judeus (arquontes) acreditavam em Jesus, mas não abertamente porque os fariseus veriam que eles fossem expulsos da sinagoga (12,42).[166]

O poder dos fariseus e a ameaça política que eles apresentavam ficam claros quando Jesus foi à Festa dos Tabernáculos secretamente, em vez de abertamente, porque os judeus queriam matá-lo (7: 1,10). O tipo de influência que os fariseus tinham e procuravam preservar pode ser visto no que é dito de Jesus em Jerusalém. Quando Jesus ensinou no Templo, os judeus ficaram maravilhados porque ele era instruído[167]mas não tinha estudado. Não está claro que tipo de estudo ou legitimação foi necessário, mas as normas da comunidade para aprendizagem e autoridade de ensino são comuns. Muito provavelmente o que se quer dizer é uma familiaridade com a lei e os costumes reconhecidos pelo povo e seus pares, como os fariseus, em vez de um cargo legitimado pela lei.[168]Os resultados do ensino de Jesus * mostram o que os líderes judeus, incluindo os fariseus, estavam tentando prevenir. Como muitos creram em Jesus, alguns jerosolimitas tentaram matá-lo (7: 30-31) e outros começaram a debater (literalmente, murmurando) sobre ele. A disputa levou a um confronto com os fariseus, que mais uma vez são retratados como interessados nos ensinamentos de Jesus. Neste caso, eles com os chefes dos sacerdotes tomam ações políticas oficiais enviando subordinados[169] para prender Jesus (7:32) ・Quando os enviados para prender Jesus voltaram sem Jesus porque estavam intimidados por ele

[M]Em João, professor e rabino são usados apenas para Jesus. A única exceção a esse uso é a designação irônica de Jesus de Nicodemos como um mestre em Israel que não entende (3:10).

[166]Em 9:22 os judeus decidiram expulsar qualquer um que confesse Jesus. Os fariseus podem ser considerados autoridades judaicas, ou João pode ser apenas impreciso.

"Literalmente, ele" novas cartas. **

[168]Ver Malina, Christian Origins, 144-153.

^ *huperetai*são servos ou ministros. Eles foram interpretados como oficiais, policiais do templo, oficiais, etc.

(7: 44-46), os fariseus sugeriram que estavam sendo desencaminhados por Jesus (7:47).[170]

Os critérios para rejeitar Jesus como mestre são reveladores: nenhuma das autoridades (arquontes) ou fariseus acreditaram nele e as pessoas que acreditaram não conhecem a lei e por isso são malditas. Os fariseus manifestam seu interesse costumeiro no que Jesus ensina e faz e sua ênfase no aprendizado como critério de liderança. Observe também que os líderes (provavelmente os principais sacerdotes e outras autoridades políticas) se distinguem dos fariseus, embora (alguns?) Os fariseus estejam ligados aos principais sacerdotes no exercício do poder.

Normalmente, os fariseus não legitimam Jesus tratando-o como um igual,[171]Em vez disso, eles mantêm uma posição superior com base no reconhecimento social de seu aprendizado, sua influência com o povo e seu poder político em conjunto com os principais sacerdotes · Apenas uma vez os fariseus discutem Jesus diretamente, em contraste com os evangelhos sinóticos em que histórias conflitantes abundam. Um discurso desconectado no tesouro do Templo (8: 13-20) começa com a afirmação de Jesus de que ele é a luz do mundo e a objeção dos fariseus de que ele dá testemunho de si mesmo, de forma inválida de acordo com a lei. Isso leva a um breve discurso sobre a autoridade de Jesus e a interpretação correta da Lei com mais uma pergunta dos fariseus · O assunto é típico dos fariseus ·

A história da cura do cego (cap. 9) e a controvérsia que se segue revelam muito sobre os fariseus e muito provavelmente sobre a situação do autor do evangelho de João e sua comunidade.[172]Quando o cego que nasceu foi curado e voltou para sua vizinhança em Jerusalém, aqueles que o conheciam buscaram uma explicação para sua cura. O povo não desejava que a ordem da comunidade fosse interrompida e ansiava por um exercício de poder por parte de alguém

[170]A seqüência cronológica no cap. 7 está confuso. Eles parecem ser enviados quando Jesus está falando no meio da festa (7: 14,32) e voltam depois de Jesus ter falado no último dia da festa (7,37). A sequência dramática e o efeito de Jesus sobre os oficiais dentro da narrativa são claros e é o ponto principal do autor.

^ Malina, The New Testament World, cap. 2 em honra. A pessoa entra em desafios e competições por honra e comunidade estando apenas com seus iguais. Ignora-se os inferiores ou envia subordinados para lidar com eles.

[172]Veja J. Louis Martyn, História e Teologia no Quarto Evangelho (ed. Rev .; NashviDe: Abingdon, 1968) 24-62, que vê no cap. 9 um reflexo da situação da comunidade johannina no final do século I, quando foi expulsa da sinagoga pelos rabinos, sucessores dos fariseus.

que não conhecia. Incomodados com essa mudança na ordem física e social, eles levaram o homem aos guardiães da ordem e dos costumes da comunidade, os fariseus, para uma avaliação da situação. Os fariseus questionaram o homem e ao descobrir que Jesus havia misturado barro no sábado, o rejeitaram como um pecador que quebrou o descanso sabático (9: 13-17). Nessa narrativa, os fariseus são líderes preocupados com o ensino, a ordem e o exercício do poder na comunidade. Eles usam seu papel socialmente aceito como intérpretes acurados da tradição para condenar Jesus de acordo com as leis e costumes que dão à comunidade sua identidade e forma. O que é especialmente digno de nota é que as pessoas recorrem a eles como autoridades locais preocupadas com a ordem pública e as normas da comunidade.

O diálogo com os pais do cego revela que os judeus haviam decidido que quem confessasse Jesus ser o Cristo seria expulso da sinagoga (9:22). R. Brown,[173] [174]diz que os fariseus (13,15,16 e 40) são iguais aos judeus (18,22) nesta narrativa. Esta interpretação está em consonância com 12:42, que diz que muitas autoridades criam em Jesus secretamente, mas "por causa dos fariseus não o confessaram para não serem expulsos da sinagoga. * '13 Isso é aceitável se todos os líderes judeus o forem. sendo agrupado em um grupo de oposição ou se a associação próxima dos fariseus com outros líderes judeus for assumida. No entanto, é igualmente possível ler o texto como se referindo a uma segunda investigação por outros funcionários, chamados genericamente de judeus. Neste caso, os fariseus compartilham autoridade sobre a sinagoga com outros oficiais judeus, uma situação histórica mais provável antes e depois da destruição do Templo.

Quando Jesus falou ao cego pela última vez, ele ligou a cegueira e a visão à fé. Os fariseus, que estavam artificialmente ao alcance da audição, perguntaram se eles eram cegos e Jesus expandiu a metáfora dizendo-lhes que, uma vez que afirmavam ter visto, não eram cegos e inocentes, mas culpados. Em uma irônica reviravolta, os fariseus * afirmam ter conhecimento e a verdade se volta contra eles. Eles, como Nicodemos (3:10), são professores que não têm desculpa para a ignorância.

Como na história do cego, também na história de Lázaro, muitos creram em Jesus (11,45), mas alguns foram e relataram o que Jesus

***QJohn*, 373.**

[174]Veja 16: 2 também para expulsão da sinagoga.

havia feito aos fariseus. Em ambos os casos, os fariseus são os líderes da comunidade a quem as pessoas recorrem quando há perturbação do normal. Mas, como resultado dessa reclamação, a ação oficial mudou para um novo nível. Os principais sacerdotes e fariseus reuniram um conselho (sinédrio) 44 para discutir o que fazer a respeito de Jesus (11,46). A presença dos principais sacerdotes e a natureza oficial da reunião levam ao complô contra Jesus e sua eventual condenação. Em Marcos, os escribas e anciãos aparecem com os principais sacerdotes como a oposição oficial e política e em Mateus os anciãos ou os escribas juntam-se aos principais sacerdotes na oposição. Nem os escribas nem os anciãos ocorrem em João;

"Esta é a única ocorrência de sinedria no evangelho, embora o corpo pareça ser aludido em outro lugar, por exemplo, 7:45.

As preocupações articuladas pelo conselho são tipicamente políticas. Eles temiam que todo o povo acreditasse em Jesus e, assim, perturbasse a ordem civil, com a conseqüência de que os romanos destruiriam seu lugar e nação (11: 47-48).[175]Conseqüentemente, eles planejaram a partir daquele dia como matar Jesus (11:53) e procuraram encontrar Jesus para prendê-lo (11:57). Os principais sacerdotes também planejaram a morte de Lázaro (12:10) porque sua popularidade e presença fizeram com que as pessoas acreditassem em Jesus.

A oposição e preocupação dos fariseus foram manifestadas duas vezes durante a última viagem de Jesus a Jerusalém. Quando Jesus entrou triunfalmente em Jerusalém e foi testemunhado por aqueles que viram Lázaro ressuscitar dos mortos, os fariseus reclamaram que eles não podiam fazer nada porque o mundo (kosmos) tinha ido atrás de Jesus (12:19). Eles temiam perder seu status social na comunidade como líderes reconhecidos e sua influência sobre as crenças e o comportamento das pessoas e expressaram frustração por estarem perdendo a competição com Jesus.

[175]**Ver Richard Horsley, "High Priests and the Politics of Roman Palestine, w JSJ 16 (1985) 23-55 sobre o papel da elite que cooperou com os romanos e sobre seu interesse primordial em preservar o status quo. Os vínculos entre os funcionários provinciais romanos e a aristocracia nativa e a tendência da aristocracia de cooperar com os romanos em seu próprio benefício e, às vezes, em detrimento de seu próprio povo, são apresentados por Richard P. Sailer, Personal Patronage Under the Early Empire (Cambridge : Cambridge UP, 1982) 145-194 para o caso da África do Norte.**

Os fariseus apareceram pela última vez quando enviaram alguns oficiais subordinados com Judas para prender Jesus (1 e 3). A partir de então, os sumos sacerdotes Anás e Caifás, os principais sacerdotes e seus subordinados assumiram o controle e os fariseus não foram mencionados. Nessa narrativa da paixão joanina é semelhante àquela dos evangelhos sinóticos: os sacerdotes, e não os fariseus, desempenham um papel principal na condenação e execução de Jesus. Os fariseus não são a autoridade governante final, mas têm algum poder direto.

Os fariseus são concebidos como tendo poder direto ou influência decisiva em determinar quem é reconhecido como judeu em boa posição em muitos lugares no evangelho. Esta função fica clara no resumo que encerra a primeira metade do evangelho (12: 36-50). Muitos creram, inclusive líderes (arquontes), mas não o admitiram por medo dos fariseus que os expulsassem da sinagoga (12: 42-43). A designação de membro da sinagoga como decisivo por ser judeu parece mais característica da diáspora do que da Palestina · Na Palestina, especialmente antes dos 70, alguém era judeu por viver uma vida judaica em uma vila ou cidade judaica.46 Na diáspora, judeus teve que manter a identidade judaica por ser membro ativo de uma comunidade e organização judaica, ou seja, de uma sinagoga. A ênfase na sinagoga como decisiva para um '

Conclusões

No Evangelho de João, os fariseus, junto com os judeus e os principais sacerdotes, são os oponentes mais importantes de Jesus e têm um papel integral na trama do evangelho. Dramaticamente, eles promovem a ação da vida e morte de Jesus e retoricamente representam os oponentes da comunidade joanina na época do autor.48 Uma análise sociológica do retrato joanino dos fariseus pode nos ajudar a avaliar sua probabilidade histórica.

Em João, os fariseus desempenham um papel muito mais oficial do que nos evangelhos sinóticos · A ausência de escribas e anciãos, que são encontrados nos evangelhos sinóticos e certamente eram membros da liderança judaica no primeiro século, argumenta a favor de uma simplificação e visão não histórica da liderança judaica em João.49

"Veja o capítulo quatro.

[47]Dodd, Tradition, 409-410, aponta que as tradições cristãs sobre ser levado perante o

sinédrio (Marcos 13: 9; Mt. 10:17) e as sinagogas (Lucas 21:12) são comuns a todas as tradições, provavelmente no início e, portanto, talvez confiáveis descrições do que aconteceu aos seguidores de Jesus. Essas primeiras tradições podem originar-se da Palestina ou da Síria. O termo sinédrio pode se referir a algo tão pequeno como um conselho de aldeia local e uma sinagoga para a comunidade judaica local reunida.

^ Veja Culpepper, Anatomy, 129 e sua citação de Fortna.

[49]Culpepper, Anatomy, 129.

Muitos estudiosos argumentam que os fariseus assumiram a liderança do judaísmo após a destruição do Templo em 70 e que os fariseus na narrativa são símbolos da emergente liderança rabínica no final do primeiro século, um grupo com o qual a comunidade johannina teve sérios conflitos .50 Esta posição é simplificada demais. É duvidoso que os rabinos tenham dominado o judaísmo no final do primeiro século, especialmente na diáspora onde João foi finalmente editado. Além disso, os rabinos incluíram mais do que ex-fariseus em suas fileiras.51 A liderança judaica após a destruição do Templo provavelmente permaneceu com os anciãos e líderes comunitários tradicionais, incluindo alguns fariseus e escribas, e apenas gradualmente durante o segundo século e até mesmo no terceiro, os "rabinos" se tornaram a força dominante na comunidade.

Os fariseus, conforme apresentado em João, podem refletir parcialmente a situação palestina em meados do primeiro século. Os comentaristas estão corretos ao ver que João combina todos os oponentes de Jesus, exceto os principais sacerdotes, em uma categoria, os fariseus. Mas a reinterpretação da história de João não deve ser exagerada · Que os fariseus eram oponentes históricos de Jesus é bem atestado no Novo Testamento e Dodd mostrou que João freqüentemente preserva tradições antigas confiáveis.52 A visão geral de João precisa ser corrigida por Josefo porque os fariseus eram apenas um de uma série de grupos no judaísmo do primeiro século competindo por influência social e poder e, portanto, eram menos proeminentes do que a narrativa johannina levaria alguém a acreditar.53 Concedido esse ajuste de foco,

Os fariseus eram um grupo erudito que tinha influência sobre o povo porque eram aceitos por eles como guias no comportamento e na fé judaica. Como tal, eles eram líderes comunitários, talvez com algum poder direto na sinagoga e no conselho do governo em Jerusalém, e certamente com grande

^ Martyn, History, 72-75; 84-89 e passim.

勺 Veja os caps. 6 e 10.

[52]**Esta é a tese de seu estudo, Tradições.**

[53]**Martyn, History, 84-89 exagera quando afirma que João apresenta os fariseus como o poder por trás de todos os outros grupos judeus no evangelho.** influência em conjunto com os chefes dos sacerdotes e outros líderes da comunidade ("os judeus ◦ . Como Josefo, João enfatiza aqueles fariseus (provavelmente apenas um pequeno núcleo de liderança) que estavam em Jerusalém e participavam da liderança direta da nação. Em contraste com os evangelhos sinóticos, João enfatiza o papel de liderança dos fariseus * na comunidade. Eles vigiavam Jesus e como as pessoas reagiam a Jesus. Eram aqueles a quem as pessoas consultavam ou relatavam quando eram perturbadas ou confusas por Jesus. Eles discutiram sobre Jesus, ensinamentos e autoridade para ensinar, mas exceto em um caso, eles não desafiaram Jesus diretamente. Em vez disso, eles agiram como os líderes estabelecidos deveriam; eles mantiveram distância do recém-chegado e planejaram diminuir sua influência e preservar a sua. Quando eles tomaram medidas oficiais, foi com a cooperação dos principais sacerdotes e outras autoridades. Eles não eram os principais líderes políticos, pois os principais sacerdotes assumiram como os principais oponentes de Jesus na narrativa da paixão, assim como nos evangelhos sinóticos. Isso argumenta que tanto João quanto os sinópticos se basearam em tradições que concordavam que os fariseus não eram os principais fatores na crucificação.

Em resumo, a visão de João sobre os fariseus se ajusta a muito do que sabemos sobre as sociedades inseridas no Império Romano. A religião faz parte da estrutura política e social. Os líderes da sociedade são tradicionais, neste caso os principais sacerdotes, apoiados por servidores que desempenham várias funções na sociedade e competem por influência sobre aqueles que detêm o poder. John retrata os fariseus como o grupo mais influente e bem-sucedido; esta é provavelmente uma simplificação não histórica porque os fariseus eram apenas uma entre muitas forças políticas e religiosas no judaísmo do primeiro século. A visão de João sobre os fariseus provavelmente se encaixa na experiência de sua comunidade do judaísmo e dos fariseus em meados do primeiro século.

[M]**A experiência inicial da comunidade joanina foi na Palestina; a edição final do evangelho vem, provavelmente, da Ásia Menor. Ver Brown, The Community, 25-31.**

os fariseus eram uma força estabelecida na interpretação da lei e da vida judaicas, tinham grande influência sobre o povo e competiam contra Jesus e a comunidade cristã primitiva para manter sua posição.

10

Os fariseus e saduceus na literatura rabínica

A maioria dos estudos e tratamentos didáticos dos fariseus e saduceus cita as fontes rabínicas extensivamente porque eles fornecem muito mais informações do que Josefo e o Novo Testamento e porque são considerados menos tendenciosos do que Josefo e o Novo Testamento · Mas essas reconstruções do farisaísmo e do saduceus foram baseados em uma leitura acrítica de uma ampla gama de fontes judaicas posteriores, vagamente designadas como literatura rabínica. Essas coleções, desde a Mishná por volta de 200 dC até os Taimuds nos séculos V e VI e até as primeiras coleções midráshicas medievais, geralmente foram selecionadas para as poucas passagens que falavam de fariseus e saduceus, para as mais numerosas leis, ditos e histórias atribuído aos sábios que dataram de antes da destruição do Templo, e para passagens anônimas que parecem se referir à sociedade pré-destruição. Esses materiais, tirados do contexto, foram tratados como tradições historicamente precisas do primeiro século e agrupados em uma narrativa.1 Embora os estudos freqüentemente se refiram aos problemas de datação e sejam feitos esforços para discernir

[1]**Para uma revisão franca e polêmica da erudição dos fariseus, veja as Reflexões Bibliográficas em Jacob Neusner, The Rabbinic Traditions about the Pharisees before 70 (Leiden: Brill, 1971), Vol. 3, pp. 320-368. Reconstruções clássicas e influentes dos fariseus são encontradas em George Foot Moore, Judaísmo nos primeiros séculos da era cristã (Cambridge Harvard UP, 1927), vol 1, pp. 5M2; Jacob Lauterbach, Rabbinic Essays (Nova York: Ktav,**

1973); R. Travers Herford, The Pharisees (Nova York: Macmillan, 1924).

anteriores de tradições posteriores, eles geralmente tratam os textos dispersos como historicamente confiáveis, a menos que se prove o contrário.

Neste estudo, as fontes rabínicas serão lidas com o mesmo tipo de metodologia crítica usada em Josefo e no Novo Testamento · Os fariseus não serão considerados como os rabinos posteriores, nem os textos de documentos posteriores serão automaticamente aceitos como precisos do primeiro século fontes · Como cada uma das fontes rabínicas conta histórias de épocas anteriores para cumprir seus próprios propósitos religiosos, essas histórias não podem ser consideradas como história. Se forem, eles produzem uma retratação ilegítima e não histórica do judaísmo rabínico do segundo ao sétimo século no primeiro século. Tal reconstrução acrítica convida a leituras oficiais. Por exemplo, quando tal leitura foi associada a uma aceitação acrítica da avaliação negativa do Novo Testamento dos fariseus, a imagem tradicional e imprecisa dos fariseus "legalistas" emergiu. Os saduceus raramente são mencionados e sempre de forma pejorativa.

Visto que a leitura acrítica das fontes rabínicas produziu uma confusão de reconstruções arbitrárias dos fariseus e saduceus que ainda abundam até mesmo na melhor literatura, será feita referência às interpretações errôneas mais recentes de algumas dessas evidências e aos limites do que sabemos vai ficar estressado. Deve-se dar crédito ao trabalho de Jacob Neusner, que, em uma série de estudos sobre os fariseus, os primeiros sábios e a Mishná, lançou as bases para uma avaliação crítica da literatura rabínica e para a compreensão do desenvolvimento do judaísmo primitivo e do lugar dos fariseus nesse desenvolvimento.

Uma análise completa de todos os textos que tratam dos fariseus, dos primeiros sábios e das leis supostamente antigas da literatura rabínica é impossível aqui, porque os textos chegam às centenas e cada um deve ser analisado literariamente dentro de seu contexto e então avaliado historicamente pelos dados que fornece e os propósitos disso

2 As principais obras de Neusner, além dos fariseus mencionados acima, são O Desenvolvimento de uma Lenda: Estudos sobre as Tradições Sobre Yohanan ben Zakkai (SPB 16; Leiden: Brill, 1970) e Eliezer ben Hyrcanus: A Tradição e o Homem (SJLA; Leiden: Brill, 1973), 2 vols. Essas obras Neusner agora designa como o início da empresa crítica. Seus trabalhos posteriores analisam documentos rabínicos independentes tanto internamente quanto em relação a outras partes do cânone rabínico. Veja seus quarenta e três volumes, History of the Mishnaic Law (SJLA; Leiden: Brill, 1974-1985), cobrindo cinco das ordens e suas conclusões sintéticas em Judaism: The Evidence of the Mishnah (Chicago: University of Chicago, 1981).serve. Os materiais na literatura rabínica que podem ser úteis na

compreensão dos fariseus são de três tipos: ditos e histórias de ou sobre sábios anteriores aos 70, leis anônimas atribuídas ao período anterior aos 70, especialmente se parecem se adequar à sociedade pré-destruição, e textos que mencionam os fariseus e saduceus pelo nome. Em primeiro lugar, ditos e histórias sobre vários sábios que datam de antes de 70 EC, bem como as disputas entre as casas de Hillel e Shammai, não identificam explicitamente os sábios como fariseus, embora sejam tratados como os predecessores dos rabinos e como uma força poderosa na sociedade judaica. Uma vez que Gamaliel é identificado como fariseu em Atos 5:[176] Mas o farisaísmo é um fenômeno do período do segundo templo. O modo de vida posterior e as visões históricas dos rabinos estão muito provavelmente relacionados ao fenômeno do farisaísmo, mas não simplesmente uma extensão dele. Consequentemente, as histórias rabínicas do período do segundo Templo serão lidas aqui não como história, mas como a reconstrução posterior do movimento rabínico de sua história anterior.[177]

O segundo corpo de evidência são as leis anônimas atribuídas ao período anterior aos 70, especialmente aquelas que se aplicam à sociedade do segundo templo. A reconstrução usual do desenvolvimento da Mishná, o primeiro corpo escrito da lei rabínica, presume que as tradições foram gradualmente acumuladas desde a época de Esdras e começaram a tomar forma em coleções mishnáicas nos séculos I e II. Os debates entre as casas de Hillel e Shammai são vistos como típicos da discussão jurídica farisaica que continuou no período rabínico.[178] No entanto, a Mishná foi completamente editada e nenhum critério linguístico pode diferenciar de forma confiável as fontes anteriores · A análise de Neusner das tradições atestadas dos sábios anteriores aos 70 e da lógica do argumento na Mishná isolou um pequeno corpo de assuntos legais que são provavelmente anteriores às tradições desenvolvidas em Jâmnia após 70 EC porque o conteúdo dessas tradições é presumido por leis e disputas posteriores e, portanto, sua existência é presumida e indiretamente

[176]Veja a breve discussão e referência a Cohen, ttYavneh, w 36-41 no cap. 1

[177]Mesmo que essas histórias fossem consideradas historicamente precisas, são tão esparsas que impedem qualquer reconstrução histórica adequada do desenvolvimento do farisaísmo e de seus modos de vida, sem grandes vôos de imaginação para preencher as lacunas.

[178]Veja Jacob Neusner, From Mishnah to Scripture: The Problem of the Unattributed Dizer with Special Reference to the Division of Purities (BJS 67; Chico: Scholars, 1984) para um estudo deste problema.

atestada.[179] Embora não se possa provar historicamente que uma lei é o primeiro porque é logicamente anterior (o desenvolvimento histórico de culturas e religiões é muito variado para isso),[180] A análise de Neusner pode nos dar uma visão sobre o pensamento pré-70 nas escolas farisaicas · Mesmo essas tradições pré-70 não podem ser atribuídas com segurança aos fariseus, nem os estratos pré-70 da Mishná se encaixam nos fariseus, pois os conhecemos particularmente bem, então outros grupos não são excluídos como criadores das primeiras leis.[181]O judaísmo no primeiro século não consistia nas quatro filosofias listadas por Josefo (os fariseus, saduceus, essênios e revolucionários). Muito provavelmente a sociedade judaica estava repleta de grupos, coalizões, facções e grupos de interesse que variavam na prática, ponto de vista e estratégia nas principais questões sociais.

Um terceiro corpo relativamente pequeno de evidências sobre os fariseus e saduceus é encontrado nos textos que os mencionam pelo nome. Como a maioria desses textos data de além dos primeiros dois séculos, todos tratam os saduceus de maneira polêmica e alguns tratam os fariseus pejorativamente. Eles refletem uma reinterpretação posterior dos fariseus e devem ser usados com grande cautela. Será feito uso do trabalho cuidadoso de Ellis Rivkin nestes textos,[182]embora sua interpretação geral seja contestada porque ele lê textos de muitas vezes e fontes como um corpo de evidência · Seus textos de controle da Mishná e Tosefta, ou seja, aqueles textos que contrastam com os fariseus e saduceus, são apenas sete e são muito incompletos para definir os fariseus.10 Muitos dos textos posteriores não refletem nada sobre os fariseus do primeiro século porque o termo fariseu não é mais compreendido e foi aplicado a fenômenos sectários posteriores.

No primeiro século, os sábios EC serão tratados primeiro porque a literatura rabínica contém relativamente mais histórias e ditos a

[179]Veja um resumo recente de suas descobertas anteriores em The Mishnah Before 70 (BJS 51; Atlanta: Scholars, 1987)

[180]Sobre os problemas com esta abordagem, consulte Jonathan Smith, Map is Not Territory (Leiden: BriU, 1978) 25 &

[181]Neusner, Evidence, 70-71. Embora a Mishná certamente aceite alguns ensinamentos farisaicos, ela também lida extensivamente com questões sacerdotais e do templo, ordem civil e direitos de propriedade relativos aos proprietários de terras e fazendeiros das aldeias. Os rabinos pós-70 provavelmente incluíam sacerdotes, escribas e outros líderes judeus influentes junto com fariseus (Neusner, Evidence, 230-256).

^ Defining the Pharisees: The Tannaitic Sources, * HUCA 4041 (1969-70) 205-249; veja também A Hidden Revolution: The Pharisees * Search for the Kingdom Within (Nashville: Abingdon, 1978) esp. CH. 3, pp. 125-179.

respeito deles do que os sábios anteriores. (Os materiais relativamente esparsos relativos aos sábios durante o segundo e primeiro séculos, AEC, serão omitidos devido à falta de espaço e porque essas tradições são ainda mais historicamente difíceis de usar do que os materiais relativos ao primeiro século.) Final do primeiro século e segundo século as origens do patriarcado rabínico devem ser examinadas como um contexto para a compreensão da Mishná e da literatura rabínica posterior. Embora o espaço não permita uma revisão dos sábios do segundo século, a Mishná e o Tosefta, a fonte mais antiga e confiável de seus ensinamentos, serão revisados criticamente como uma fonte histórica · Finalmente,

Atenção será dada à situação social implicada pelos textos e por algumas de suas interpretações tradicionais. Em vez de evidências históricas confiáveis para o primeiro século, as fontes fornecem uma visão direta e confiável dos interesses e da agenda dos rabinos do segundo ao sexto século. As evidências nos textos, interpretadas pelos modelos sociológicos desenvolvidos nos capítulos anteriores e as informações oferecidas em Josefo e no Novo Testamento, podem fornecer um esboço historicamente provável de alguns aspectos dos fariseus e sua contribuição para o desenvolvimento do movimento rabínico.

[0]Jack Lightstone, "Saducees Versus Pharisees: The Tannaitic Sources, ** in Christianity, Judaism and Other Greco-Roman Cults: Studies for Morton Smith at 60, Ed. Jacob Neusner. (Leiden: Brill, 1975) Vol. 3, pp. 206 * 217. Veja a discussão abaixo.

Os Sábios do Primeiro Século EC

HILLEL E SHAMMAI

De todos os sábios pré-70, apenas Hillel tem um grande corpo de ditos e histórias atribuídos a ele」i Porque os rabinos talmúdicos conceberam Hillel como seu fundador e professor principal, eles consistentemente o retrataram como uma pessoa atraente, sábia e paciente e cercaram seus ensinamentos jurídicos com uma série de ditos sábios, histórias de sua origem e status, e relatos de sua discípulos.12 Hillel é até feito o ancestral de Gamaliel e Simeão seu filho e, portanto, um fundador da casa patriarcal, embora não haja

nenhuma evidência disso no Tratado Abot ou no Talmud Babilônico.13 As histórias sobre Hillel nas fontes rabínicas posteriores adequar-se aos interesses da casa patriarcal posterior, como sua ascensão ao poder, sua sabedoria, seu ensino moral e o domínio de suas posições em questões de direito. Ele é retratado como um líder de grande influência e poder em todas as áreas da vida,

O Hillel dessas fontes rabínicas não é simplesmente histórico

[H]Veja Neusner, Pharisees, II: 185-302 e 111: 255-272 para uma análise literária e histórica das tradições. Usando os cálculos de Neusner, que só podem ser aproximados por causa da natureza dos materiais, os sábios antes de Hillel juntos têm apenas 75 tradições em 173 pericopa, mas Hillel sozinho tem 33 tradições em 89 pericopa. Ver Jacob Neusner, "Três Imagens dos Fariseus: Uma Reprise," Judaísmo Formativo: Estudos Religiosos, Históricos e Literários. Quinta Série (BJS 91; Chico: Scholars, 1985) 65. Este artigo (pp. 51-77) é um resumo conciso da posição de Neusnefs.

[2]Neusner, Pharisees, 11: 294.

, [3]M. Abot 1: 16-18 com Gamaliel e Simeão são adicionados à corrente original da tradição que inclui os pares até Hillel e Shammai. Outra sequência de nomes é fornecida em b. Shabat 15a. Em nenhum dos casos Hillel está relacionado com a dinastia patriarcal, mas tal conclusão poderia ser deduzida posteriormente a partir da sequência. A busca de legitimidade por meio da descendência atinge seu ápice na reivindicação posterior da casa patriarcal de que Hilel era descendente de Davi (j. Taan. 4: 2). H. Strack, Introdução ao Talmud e Midrash (Nova York: Harper, 1965), 109, expressa o antigo consenso ao dizer que Gamaliel era "provavelmente o filho de Hillel. ** JN Epstein, Mevo fot le ~ Sifrut ha- Tannaim (Jerusalém: Magnes; Tel-Aviv: Dvir, 1957), 31 expressa o julgamento mais crítico que conhecemos de nenhuma relação entre Hillel e Gamaliel. Neusner, Fariseus, II 294-95 e 375-76, observa que nem os materiais de Hillel nem de Gamaliel reivindicam um relacionamento. Além disso, os materiais de Gamaliel não mostram nenhuma relação intrínseca com os materiais de Hillel nem com os da escola de Hillel.não mais do que o Jesus dos evangelhos. A única evidência de Hillel está em fontes rabínicas, e elas mostram com relativa certeza apenas que ele era um mestre farisaico dominante na virada da era, cuja influência foi sentida após sua morte. Quando ele foi adotado como o originador do patriarcado farisaico e mais tarde rabínico, ele foi transformado em uma figura maior do que a vida e até mesmo comparado a Moisés.[183]A maioria das histórias sobre Hillel vem de meados do século II em diante e atesta a autocompreensão dos rabinos, e não a história de Hillel. O que é mais provavelmente histórico entre os materiais Hillel são as regras relativas aos dízimos, pureza e agricultura, uma vez que esses assuntos foram discutidos pelos outros primeiros sábios e formam o estrato mais antigo da

[183]Sifre Deut # 357.

Mishná, como será mostrado abaixo.

Shammai, O oponente de HilleF, aparece quase inteiramente entre os materiais de Hillel[184] e agora não se separa deles. Os rabinos reivindicaram Hillel como seus próprios e não preservaram independentemente o material de Shammaite, nem apresentaram uma imagem justa dele e de seus ensinamentos.[185] Os professores aceitos na tradição têm suas decisões registradas em uma forma de legenda padrão, mas Shammai carece dessas regras e é retratado em histórias e ditos biográficos. A Mishná e o Tosefta mostram Shammai aceitando o domínio das posições hilelitas e, assim, cooptando-o para um de seus propósitos, convencendo todos os judeus a aceitar sua própria interpretação da vida judaica.[186] O Talmud palestino e o midrashim são menos hostis a Shammai do que o Talmude Babilônico, que o estereotipou totalmente. Alguns dos textos sugerem que os escritores rabínicos posteriores concebiam Shammai como tendo sido dominante durante sua vida. Isso explica o número de histórias em que eles atacam Shammai e também as histórias da eventual vitória de Hilel e da ascensão de seu partido.

AS CASAS DE HILLEL E SHAMMAI

Os materiais atribuídos às Casas de Hillel e Shammai superam em número todos os materiais atribuídos aos sábios anteriores aos 70, mesmo os de Hillel. Usando a contagem aproximada de Neusner, 219 tradições em 300 pericopae pertencem às casas de um total de 371 tradições pré-70 encontradas em 655 pericopae.[187] Os materiais das casas são altamente estilizados e refletem uma grande quantidade de redação que Neusner coloca em Jâmnia após a destruição do Templo.[188] Visto que as atribuições de materiais a rabinos específicos não podem ser presumidas como precisas, regras e disputas só podem ser datadas de forma confiável se forem assumidas ou mencionadas em materiais atribuídos a sábios em uma geração posterior. Por exemplo, se os sábios Jamnianos (70-130) ou Ushan (140-170) sabem de um ensinamento ou disputa, então ele existia naquela época e

[184]Neusner, Pharisees, II: 184-211, analisa todos os textos sobre Shammai e em II, 303-340 todos os textos que têm Hillel e Shammai opostos um ao outro.

[185]Neusner, Pharisees, 11: 196; a maioria das histórias é hostil, 11: 208.

i Fie Mishnah faz isso com muitas figuras, por exemplo, Akabya ben Mahalaleel. Ver Anthony J. Saldarini, "The Adoption of a Dissident: Akabya ben Mahalaleel in Rabbinic Tradition, w JJS 33 (1982) 547-556.

[187]Neusner, uThree Pictures, w 65. Esta contagem não inclui muitas pericopa encontradas nos Taimuds. Veja Neusner, Pharisees, 11: 5.

"Neusner, Pharisees, 111: 315.

provavelmente veio da geração anterior. As regras atribuídas às casas dizem respeito principalmente aos dízimos, pureza e observância do sábado e não a outras preocupações mais amplas características do final do segundo século. Assim, os sábios do segundo século parecem ter tido um grupo de disputas que veio do primeiro século e que preservaram como parte de seu ensino.

As disputas de casas não nos dão uma visão completa ou em primeira mão dos fariseus do primeiro século. A formulação dos materiais legais atribuídos às casas de Hillel e Shammai é tão estereotipada e concisa que são certamente construções literárias e nem o registro de debates animados de meados do primeiro século, nem a repetição verbalmente exata de ensinamentos daquele período. Em vez disso, a substância das questões e soluções aludidas e presumidas pela geração seguinte provavelmente derivou do período pré-70, mas foi reformulada de forma regular e administrável pelas gerações posteriores.

O INÍCIO DA CASA PATRIARCAL

Pouco mais se sabe sobre os sábios do primeiro século após Hillel. Várias autoridades são mencionadas, mas não muitas tradições são atribuídas a elas e são mal compreendidas. As principais figuras do primeiro século são Gamaliel I (o mais velho), Simeão seu filho e, após a destruição do Templo, Gamaliel II.20 Embora fontes posteriores vejam Gamaliel como filho de Hillel e, portanto, Hillel como fundador do patriarcal dinastia, não há evidências de que Gamaliel era parente de Hillel. A alegação de relacionamento com Hillel e do relacionamento de Hiller com a casa de Davi são alegações dinásticas típicas de estabelecer autoridade e legitimidade.

Gamaliel, o Velho, é representado por vinte e seis tradições em quarenta e uma pericopa, de acordo com a contagem de Nexisnefs. Seu filho Simeão tem apenas sete tradições em treze pericopa. Os corpora de ambos os patriarcas são marcados por histórias sobre eles e alusões a eles, em vez das decisões legais padrão atribuídas a sábios pós-70. A agenda de Gamaliel, o Velho é mais ampla do que a dos sábios anteriores e seu escopo é consistente com a posição e os deveres de um membro do Sinédrio, uma função atribuída a ele em Atos 5:34 · 41.2i Simeão é conhecido por Josefo, onde ele era ativo na liderança de Jerusalém durante a guerra.22 Parece provável que Gamaliel e seu filho eram membros de uma família proeminente que também eram fariseus · Uma vez que fontes rabínicas identificam

Gamaliel II, filho de Simeão, como um Shammaite, é provável que eles fossem não Hillelites,

APÓS A DESTRUIÇÃO DO TEMPLO

As histórias dos sábios após a destruição do Templo e ao longo do segundo século são muito mais numerosas do que aquelas relativas ao período de pré-destruição. Embora essas histórias tenham sido freqüentemente aceitas sem crítica como historicamente confiáveis e usadas para construir a história inicial do movimento rabínico,

20B. Shab. 15a tem um Simeão antes de Gamaliel, o Velho e o Tratado de Abot 1: 16-18 não tem uma sequência clara. Isso gerou muita especulação.

[2,]Veja Neusner, Pharisees, 11: 376.

"Veja a seção sobre Josephus * Guerra.

"O lugar de Hillel e Shammai nas cadeias da tradição foi sujeito a alguma edição. Pode ser que Shammai tenha sido dominante durante sua vida e que os Hillelitas só ganharam poder após a guerra. Essa é a leitura que Neusner dá a evidência. da mesma forma que Atos foi usado em gerações anteriores de estudos do Novo Testamento, estudos recentes mostraram que todas essas histórias refletem as eras em que foram formuladas e o contexto em que foram coletadas · Limitações de espaço impedem uma revisão dos sábios deste período e sua conexão com o farisaísmo. Os fenômenos observados com materiais anteriores continuam a limitar a confiabilidade desses materiais como dados históricos. Johanan ben Zakkai, Gamaliel II, Akiba e outros certamente exerceram uma influência decisiva no movimento rabínico incipiente, mas muitas das histórias sobre eles datam do período após a derrota de Bar Kosiba pelos romanos em 135 e refletem um interesse rabínico do final do século II nas origens de seu movimento.

Os documentos midráshicos e talmúdicos dão a impressão de que os sábios foram imediatamente reconhecidos como professores e líderes da comunidade judaica. No entanto, só bem no período talmúdico os rabinos têm o controle da comunidade e mesmo então eles ainda estavam lutando pelo controle da comunidade judaica e tentando convencer a maioria da população judaica a adotar seu modo de viver e compreender a vida judaica. É provável que as cidades e vilas mantiveram seus costumes e entendimentos tradicionais e variados da vida judaica após a destruição do Templo e apenas gradualmente adotaram a interpretação peculiar e poderosa das leis

bíblicas e exigências da aliança incorporadas na Mishná e em outras literaturas rabínicas. Judaísmo da Diáspora, cuja diversidade é atestada em inscrições, literatura e arqueologia,

O poder dos patriarcas judeus era provavelmente muito limitado. As guerras com Roma em 66-70 e 132-135 interromperam a vida judaica palestina e levaram ao domínio romano nos assuntos judaicos. Todos os líderes judeus, incluindo a liderança rabínica, sofreram durante a guerra de Bar Kosiba em meados do século II. Somente com Rabino Judah o Príncipe, por volta de 200, a literatura rabínica retrata um líder rico, influente e poderoso com recursos e pessoal para dominar, embora não controlar completamente, a comunidade palestina. A situação política durante o segundo século era extremamente complexa. Como foi notado no capítulo seis, a evidência de que Gamaliel II foi reconhecido como o líder do judaísmo pelos romanos é escassa e altamente ambígua, tornando esta afirmação freqüentemente repetida historicamente incerta. 24 Embora os romanos normalmente recrutassem líderes locais como seus procuradores, não há evidências conclusivas de que eles recrutaram Gamaliel em vez de outros líderes tradicionais da cidade depois da guerra. Mesmo se eles reconhecessem Gamaliel como o representante da comunidade judaica, ele e seus associados (rabinos) teriam apenas um controle limitado sobre como a vida judaica era vivida no início. Michael Goodman sugere que o poder do patriarca era inseguro nos séculos II e III, com seu poder dissipado após a guerra de Bar Kosiba, consolidado pelo Príncipe Judá e gradualmente expandido para a esfera secular no século III. Goodman conecta essa expansão de poder com a crescente importância dos intelectuais no segundo período sofista e a relativa negligência da Palestina pelas autoridades romanas.

FACÇÕES E COALIÇÕES DO PRIMEIRO SÉCULO

A natureza das “Casas” de Hillel e Shammai é uma questão controversa. Em hebraico, o termo "casa" tem uma ampla gama de significados que podem incluir uma família, grupo, associação ou lugar ▪ As casas de Hille) e Shammai, como o próprio farisaísmo, muitas vezes são entendidos como seitas religioxis ou escolas de pensamento dentro do farisaísmo . No entanto, dada a interpenetração da religião com a política e com o resto da sociedade, é duvidoso que a imagem das casas como sociedades sectárias de debate seja exata.26 Uma vez que os dois grupos se identificam pelo

^ Schwartz, "Josephus, T67 ▪ 168. Para um argumento cauteloso de que os romanos nomearam Gamaliel e seus sucessores como chefes da comunidade palestina, consulte David Goodblatt, "As Origens do Reconhecimento Romano do Patriarcado Palestino", [em hebraico] Estudos na História do Povo Judeu e os Land of Israel. Vol. 4 (Haifa: University of Haifa, 1978) 89-102. Goodblatt mostra que as histórias sobre Gamaliel fazem sentido se ele foi nomeado pelos romanos, mas o caso está longe de ser certo.

[25]M. Goodman, State and Society in Roman Galilee, AD 132-212 (Totowa, NJ: Rowman, 1983) 115-117.

"Rivkin, Revolution, 135. Goodman, State, 114-115, diz que Judá, o Príncipe em 200, era principalmente um intelectual religioso ganhando poder gradualmente. Ele usa a categoria" intelecto religioso com a conotação de separação da sociedade secular, um uso que é muito problemático à luz da estrutura da sociedade delineada no capítulo 3. No entanto, se Judá e seus predecessores são considerados continuamente interessados no controle da sociedade, mesmo quando lhes faltava qualquer poder, sua análise faz sentido. nome de um líder ou fundador, eles podem ser melhor entendidos como facções, ou seja, associações temporárias de pessoas díspares agrupadas em torno de um líder.[189] Mais tarde, após a morte dos líderes, essas facções podem ter se institucionalizado em grupos corporativos formais e fornecido parte da estrutura social do primeiro século.

As facções prosperam quando a autoridade central da sociedade é fraca, desorganizada ou não aceita por grande parte da população, exatamente nas condições sociológicas da Palestina do primeiro século. O judaísmo estava subordinado a Roma e muitos movimentos populares, violentos e não violentos, surgiram em resposta a esta situação, como atesta Josefo. Os sacerdotes e famílias importantes se esforçaram para manter a população quieta, mas no final das contas eles falharam com resultados catastróficos para a nação judaica. Em meio a esse redemoinho de atividades, muitos grupos criaram suas próprias maneiras de viver o judaísmo para preservar suas identidades como judeus. As facções que persistem por muito tempo e sobrevivem a seus líderes tornam-se um grupo formal com uma liderança organizada e autoperpetuada e uma identidade social definida. Os relatos das casas no final do primeiro século e no início do segundo século sugerem que elas eram este tipo de grupo e, como tal, uma das muitas organizações de judeus zelosos que forneceram um programa para defender e reformar o judaísmo em face da pressão romana e helenística. Hillel, Shammai, Judas o fundador da quarta filosofia, Jesus o pregador do reino de Deus, Simon bar Giora o pretendente messiânico e outros eram muito comuns no judaísmo do primeiro século e facilmente reuniam grupos modestos de seguidores entusiastas que se esforçavam para convencer outros judeus juntar-se

[189]Veja o capítulo quatro acima.

a eles na busca de influência e poder sobre a política social. Mais tarde, os primeiros líderes do movimento rabínico provavelmente fizeram o mesmo.

Esses textos rabínicos muito partidários e fragmentários requerem interpretação no contexto de toda a sociedade judaica. Os fariseus e seus líderes, como Hilel e Gamaliel, não tinham mais controle da sociedade judaica durante o primeiro século do que os patriarcas e sábios no segundo. Eles eram um dos vários grupos que competiam por poder e influência e lutavam para forjar uma identidade para o povo em face da pressão crescente de Roma e da necessidade de adaptar a vida judaica às novas circunstâncias. Observe que todos os sábios da pré-destruição estão ligados a Jerusalém, o centro da sociedade, poder e religião judaica. Aqueles sábios sobre os quais existem várias tradições são descritos como influentes na sociedade e em contato com o sumo sacerdote e outras autoridades.

Evidências muito limitadas em Josefo e no Novo Testamento sugerem que Gamaliel e Simeão, seu filho, eram líderes proeminentes dos fariseus com influência substancial nos altos conselhos do judaísmo em Jerusalém. (É digno de nota que Hillel não veio desta família proeminente e não é reconhecido como uma importante força social fora da literatura rabínica.) A ampla agenda de leis atribuídas a Gamaliel e o posterior surgimento desta família como os líderes do Judaísmo Palestino que eventualmente recebeu o reconhecimento romano torna provável que ele veio de uma família proeminente e foi um líder farisaico.

Internamente, os fariseus tinham sua própria visão de como a sociedade deveria ser, mas a literatura rabínica também indica que eles tinham muitas divergências dentro de seu movimento pequeno e diverso · Não está completamente claro como eles foram organizados, mas sua resistência na sociedade por mais de dois séculos e seu eventual surgimento como um poder na sociedade judaica durante o segundo e terceiro séculos argumenta a um programa coerente e política determinada. Teorias a respeito de sua organização interna serão consideradas após uma revisão da agenda jurídica do primeiro século refletida na Mishná.

A agenda jurídica do primeiro século

Como foi observado anteriormente neste capítulo, muitas reconstruções dos fariseus assumiram que partes da lei rabínica na Mishná, Tosefta e lalmuds tiveram sua origem já em Esdras e foram transmitidas pelos fariseus e outros aos rabinos · Além disso , as leis

relativas ao Templo e outras instituições de pré-destruição e muitas leis anônimas foram consideradas testemunhos autênticos do primeiro século e anteriores. Uma vez que a Mishná e todas as coleções rabínicas subsequentes foram integralmente compostas e editadas para comunicar as opiniões de seus autores, um apelo tão simples a tradições supostamente antigas não é aceitável em uma história crítica do farisaísmo.

Jacob Neusner argumentou que o material atribuído ao período pré-70 deve ser estabelecido por atestados (em que uma lei é presumida em um argumento por uma autoridade nomeada) ou pelo desenvolvimento lógico da lei mishnáica (em que um princípio fundamental ou conceito generativo é anterior a uma lei posterior).[190] A análise de Neusner afirma que os critérios literários não podem produzir resultados abrangentes e confiáveis porque a Mishná foi completamente editada e os critérios históricos não podem fornecer um contexto social porque as leis foram colocadas em uma síntese ideal atemporal da vida judaica que apela à imaginação e coração, mas ignora as complexidades sociais de seu tempo.[191]Embora seus resultados não possam ser completamente provados, eles são convincentemente argumentados e um ponto de partida necessário para reconstruir os fariseus do primeiro século. Os materiais isolados por seu método são provavelmente mais típicos do primeiro século e uma base mais segura para a reconstrução histórica e sociológica do que histórias talmúdicas isoladas e enigmáticos ditos proverbiais de Tractate Abot.

Quando a Mishná e o Tosefta são analisados usando os critérios de Neusner (a lógica do argumento da Mishná e as atribuições atestadas), de longe o maior conjunto de leis que pode ser atribuído

[190]Veja Fariseus, 111: 180-238 para as tradições em nomes de sábios e Evidência, 45-75, para a agenda legal mishnaica que é logicamente anterior a 70 EC

[C]Mais recentemente, David Weiss Halivni, Midrash, Mishnah e Gemara: The Jewish Predilection for Justified Law (Cambridge, MA: Harvard UP, 1986) 52-53, argumentou, com base em suas análises anteriores detalhadas de porções de Mishnah e Targum, que a Mishná foi "extraída de fontes anteriores". O livro de Weiss Halivnils teoriza que o midrash precedeu as formulações halakic e que as coleções do midrash e a Mishná, como as temos, são baseadas em fontes orais e escritas anteriores. O trabalho de Neusner argumenta que todas as fontes rabínicas foram editadas de forma tão completa que as fontes anteriores não podem ser isoladas e, além disso, a forma e o argumento da Mishná e das outras fontes são melhor explicados como um produto dos sábios posteriores, não como resquícios de gerações anteriores. A hipótese de Weiss Halivnils a respeito do desenvolvimento da lei é baseada em uma determinação altamente intuitiva e subjetiva de quais partes da literatura rabínica são anteriores e quais posteriores. O trabalho de Neusnerls, baseado em uma análise holística dos textos e em critérios históricos e literários comumente usados, é mais persuasivo, embora muitos problemas permaneçam sem solução e algumas interpretações sejam controversas.

de forma confiável ao início e meados do primeiro século diz respeito à pureza ritual, dízimos e outros leis alimentares e observância do sábado e do festival. Essas leis estabelecem uma agenda de santidade para a terra e o povo que foi uma resposta adequada para um povo impotente dominado pelos romanos porque essas leis dizem respeito às partes da vida doméstica que podem ser controladas por pessoas fora do poder em sua própria sociedade: comida, sexo e casamento. A comida e a reprodução dentro da casa, ao invés do culto público no Templo e o governo da sociedade, estão ao alcance de um povo subjugado. Não sabemos ao certo quem desenvolveu essas leis que datam de antes da destruição, mas a hipótese usual de que foram os fariseus que legaram essas leis à primeira geração de rabinos após a destruição do Templo é mais provável, com base na evidência do evangelho de interesse farisaico em pureza e comida e em Josefo * afirmam que os fariseus tinham sua própria interpretação de algumas leis judaicas. Ainda assim, devemos permanecer cautelosos porque não conhecemos diretamente os autores dessas leis.

Neusner frequentemente argumentou que a agenda legal dos fariseus, centrada em torno de leis alimentares e festivais, indica uma comunhão de mesa sectária que não fazia parte da luta política da Palestina do primeiro século.30 No entanto, Neusner também observou que essa identificação é hipotética porque o grupo que desenvolveu a agenda inicial da Mishná certamente não é conhecido por várias razões. Primeiro, a Mishná não indica que o grupo que formou suas primeiras leis foram os fariseus · Segundo, a ênfase na pureza sacerdotal poderia vir de um grupo de padres radicais ou de leigos que desejam agir

mjacob Neusner, uThe Fellowship (Haburah) m the Second Jewish Commonwealth, "HTR 53 (I960) 125-142; uTwo Pictures of the Pharisees: Philosophical Circle or Eating Club," Anglican Theological Review 64 (1982) 525-528; "Três fotos."como padres ou de uma combinação dos dois.[192] Esse grupo pode ser definido vagamente como uma seita de santidade,[193] mas no final Neusner diz cautelosamente que mesmo chamar os criadores das primeiras regras da Mishná de "seita" é muito específico para o conhecimento que temos.[194]Esse cuidado é apropriado, pois a reconstrução de um grupo

[192] **Neusner, Evidence, 50, 70-71.**
[193]**Neusner, Evidence, 50, 71.**
[194]**Neusner, Evidence, 71.**

a partir de uma literatura limitada, como os primeiros estágios da Mishná, é realmente perigosa. Nossa própria reconstrução dos fariseus usará categorias sociológicas mais amplas para dar maior precisão e probabilidade às hipóteses a respeito da natureza do grupo farisaico.

Neusner argumentou que a ausência de um corpo coerente de leis relacionadas à lei civil e ao sacrifício no Templo, embora um argumento do silêncio, sugere que os fariseus não estavam no controle do culto do Templo ou da força dominante na sociedade. As histórias talmúdicas que retratam os fariseus como governantes da sociedade são retrojeções posteriores do poder rabínico do terceiro ao sexto século aos fariseus do primeiro século. Como foi argumentado no capítulo sobre Josefo, os fariseus eram um dos vários grupos que competiam por poder e influência no primeiro século. Eles devem sua proeminência posterior não ao seu suposto grande poder, mas a dois desenvolvimentos históricos posteriores, os interesses cristãos neles como oponentes de Jesus e a adoção pelos rabinos deles como seus predecessores.

Em contraste com a caracterização de Neusner dos fariseus do primeiro século como uma seita apolítica, argumentamos em nossos capítulos anteriores sobre a sociologia da Palestina e de Josefo que uma distinção entre os fariseus como grupo político e como comunhão de mesa religiosa é inadequada. Como religião e política estão integralmente conectadas, ambas estão o tempo todo. A evidência reconhecidamente esparsa e indireta do primeiro século e as probabilidades sociológicas sugerem que os fariseus ainda desejavam influência e poder, mas alcançaram menos no primeiro século do que nos tempos hasmoneus e mesmo herodianos. Esta é uma situação provável, já que os romanos eram especialistas em desviar poder e influência para si próprios e seus procuradores (o sumo sacerdote e as famílias mais proeminentes) ▪

Como então a agenda "sectária" dos sábios pré-70 pode ser explicada sociologicamente? Primeiro, a ênfase no dízimo estrito, na observância da pureza ritual por não-sacerdotes e em uma certa observância do sábado e outros festivais provavelmente reflete os fariseus, as regras internas e o programa para um judaísmo renovado. A articulação desse programa grupal e o relato das disputas entre as várias facções são comuns na literatura de grupos sociais políticos e religiosos. Assim, o interesse em seu próprio programa e o silêncio sobre suas relações externas não indicam necessariamente separação da sociedade em geral. Em segundo lugar, as regras relativas à

alimentação, pureza e práticas de grupo são mecanismos típicos de construção de limites conforme analisados pelos antropólogos.

Em terceiro lugar,um relato completo das crenças, regras, costumes e compromissos dos fariseus * do primeiro século não surge da literatura rabínica. Sua própria literatura interna presumiria as crenças e práticas fundamentais do Judaísmo, a aceitação da Bíblia e outras características importantes do Judaísmo. Eles mais

"Veja as obras de Mary Douglas, especialmente Purity and Danger (Nova York: Pantheon, 1966) e Natural Symbols (London: Routledge, 1970). Os grupos étnicos no Império Romano eram grupos fortes, de baixa grade e, portanto, precisavam manter fronteiras fortes a fim de impedir que a sociedade e a cultura helenístico-romanas mais amplas os absorvessem.

[35]Bryan Wilson, Magic, mostrou que mesmo nos modernos países do terceiro mundo as seitas estão politicamente e socialmente envolvidas com muito mais frequência do que não. Veja a discussão das seitas no capítulo quatro.

^ Neusner, Evidence, 75. Em um trabalho recente, Neusner reconhece a ambigüidade do papel social dos fariseus9 referindo-se a eles como "um grupo de classificação indeterminada (culto político?)" ("Três Imagens, w 51).

provavelmente se concentrava naqueles pontos (freqüentemente menores) de lei e prática que os distinguiam de outros grupos judeus ou que estavam em disputa entre diferentes facções. Em quarto lugar, embora o modo preciso de viver o judaísmo seja distinto nessas leis, a tradição de usar as leis sacerdotais relativas à pureza, alimentação e casamento para separar, proteger e identificar o judaísmo remonta à tradição sacerdotal no exílio e aos regulamentos para o judaísmo. defendido por Esdras e Neemias no período de restauração. Os fariseus, ou quem quer que tenha desenvolvido as leis relativas à pureza e assuntos relacionados, pertenciam a uma tradição judaica longa e bem aceita e provavelmente eram um de vários grupos, como os essênios, adaptando a tradição judaica às novas circunstâncias.

Haburdt (associações) e o povo da terra

Associações ou associações, mencionadas em vários lugares na literatura rabínica, têm sido freqüentemente identificadas ou comparadas aos fariseus. Os associados no Tractate Demai que se dedicam a manter as regras de pureza ritual e dízimo são os mais conhecidos. Outras associações em Jerusalém parecem ser devotadas a boas obras de vários tipos, especialmente rituais fúnebres.[195] O que

[195]Este termo também aparece em alguns outros lugares, mas essas referências esparsas não

não está claro em todos esses casos é o que exatamente significa o termo "associar", como os textos diferem uns dos outros no uso do termo e se é mesmo um termo técnico. As palavras hebraicas haburah (associação, comunhão) e haberim (associados) são palavras comuns que simplesmente se referem aos companheiros, ou seja, os habitantes da cidade ou familiares sociais, sem nenhum significado técnico ou organização especial implícita · Assim, a tendência dos estudiosos de reunir todas as citações de haber e kiaburah e criar um único grupo histórico é equivocado.[196]

Os fariseus costumam ser identificados com os associados que aparecem no Mishnah Tractate Demai porque ambos os grupos são associados ao dízimo e à pureza ritual. Os associados prometeram uns aos outros dar o dízimo dos alimentos que comem e, de maneira confiável, observar certos tipos de pureza ritual. Uma breve revisão desses textos e suas interpretações variadas elucidará ainda mais os problemas enfrentados na compreensão dos fariseus.

As regras para os associados estão contidas em m. Demai 2: 2-3 e t. Demai 2: 2-3: 9, o último dos quais é um "ensaio extenso" e "um comentário sustentado e belamente construído" sobre a Mishná.[197] O associado deve receber a confiança de seus companheiros para dar o dízimo de sua comida de maneira adequada e mantê-la e tudo relacionado a ela ritualmente puro.

> Aquele que se compromete a ser confiável dizimando o que come, o que vende e o que compra e não aceita a hospitalidade de um am ha-aretz ... Aquele que se compromete a ser um haber não vende a um am ha- aretz produtos úmidos ou secos e não compra dele úmido e não aceita a hospitalidade de um am ha-aretz e não o recebe como seu hóspede enquanto ele está vestindo suas próprias roupas.[198]

Essa regra significa que os associados podem comprar e vender uns

serão consideradas aqui.

[196]Cohen, "History", 50 e Porton, "Diversity" 71, alertam que não sabemos realmente o que essas associações eram. Cohen observa que nossa falta de conhecimento da estrutura social judaica impede o entendimento.

[197]Richard Sarason, A History of the Mishnaic Law of Agriculture. Seção 3. Um Estudo do Tractate Demai. Parte 1 (Leiden: Brill, 1979) 72,75. Para comentários detalhados sobre essas passagens, consulte as pp. 65-107.

^ M. Demai 2: 2-3, tradução adaptada de Sarason. Existe uma grande controvérsia sobre se aquele que é confiável e aquele que é haber é a mesma pessoa ou se essas são duas categorias distintas.

aos outros com segurança e também comer juntos, sem medo de violar qualquer uma das leis que desejam cumprir. Em contraste, eles devem ter muito cuidado ao lidar com o povo da terra, os am ha-aretz, porque o povo da terra não guarda as leis sacerdotais especiais de pureza e não dá o dízimo adequada e integralmente. Seu alimento não foi devidamente santificado e não pode ser consumido por companheiros e deve ser dízimo se for adquirido. A passagem relacionada com associados em Tosefta (t. Demai 2: 2-3: 9) trata das regras para aceitar alguém como um associado, com estágios de iniciação (que não são claros e provocaram numerosas disputas entre os estudiosos),[199] com casos duvidosos de confiabilidade dentro da família e casos marginais nas relações com o am ha-aretz.

Alguns intérpretes tentaram colocar os associados de Demai em contextos históricos e papéis específicos · Os haberim (associados) foram entendidos como fariseus, como um grupo que incluía fariseus ou como um grupo aliado dos fariseus. Neusner afirmou anteriormente que todos os associados eram fariseus, mas que todos os fariseus não eram associados.42 Freyne permite associados que não eram fariseus, mas vê uma sobreposição entre fariseus e associados, com alguns pertencendo a ambos.43 Os estudiosos adotaram tais posições por causa de as semelhanças manifestas entre os fariseus, interesses na pureza e dízimo e aqueles dos associados. Como consequência, o fato de os associados9 evitarem o am ha-aretz levou a reconstruções dos fariseus que os retratam como politicamente não envolvidos e separados da sociedade em geral.

Outras teorias sobre as associações abundaram. A. Guttmann é movido pela presença dos associados em documentos tannaíticos para colocá-los no período pós-70 e os identifica como sucessores dos fariseus e incluindo alguns rabinos.44 Ele enfatiza a hostilidade dos associados aos am ha- aretz e sugere que isso levou a uma separação de líderes e pessoas superada apenas no período amoraico com o falecimento dos associados de cena. Uma interpretação notavelmente diferente de Demai vem de S. Spiro, que atribui aos associados o papel de coletores de impostos (dízimos) no período Hasmoneu.45 Spiro afirma que a Mishná, Tosefta e Taimuds tinham apenas uma vaga ideia do que os associados eram porque instituição já estava

[4]Neusner, "Fellowship", 129-135, entre outros, tenta reconciliar os textos em um padrão coerente. Este texto foi freqüentemente comparado com a Regra da Comunidade da comunidade de Qumran.

desatualizada em seu tempo. Os associados não eram

[42tt]**Fellowship ", 125. Claramente, o trabalho recente de Neusner modificou o método que ele usa neste artigo, mas o artigo é frequentemente citado e Neusner ainda favorece a interpretação dos fariseus como uma comunhão de mesa, embora por razões diferentes e com mais cautela.**

"Sean Freyne, Galiléia de Alexandre o Grande a Adriano 323 aC a 135 C, E (Wilmington: Glazier / Notre Dame: Notre Dame UP, 1980) 307-310 e 322.

"Guttmann, Rabbinic Judaism, 173-174.

[45]**Solomon J. Spiro, "Quem era o Haber? Uma Nova Abordagem para uma Instituição Antiga / SJ 11 (1980) 186-216, esp. 199, 202-203 e 211-216.**grupo semelhante a uma seita, mas uma instituição, um conselho de administradores, estabelecido para a coleta centralizada de dízimos. Mudanças durante o reinado de João Hyrcanus quebraram o antigo sistema de arrecadação de impostos e levaram à formação de uma nova instituição que coletava dízimos à força. Spiro reúne diversos textos e os harmoniza usando a hipótese de dízimo / arrecadação de impostos hasmoneus. No entanto, sua hipótese não é apoiada por nenhuma evidência direta e sua exegese dos textos rabínicos é forçada em muitos casos e improvável em outros.

Os problemas enfrentados pelo intérprete dessas passagens de Mishná e Tosefta são muitos. A estrutura da Mishná e do Tosefta aqui é altamente articulada e sofisticada e reflete as mãos dos editores finais · Não há como mostrar literariamente ou formar criticamente que este material data do primeiro século. Mesmo se provado ser do período do segundo Templo, os associados não são identificados como fariseus.46 Concedida a diversidade do Judaísmo do primeiro século, é melhor manter grupos, mesmo grupos sem nome como os associados, separados uns dos outros, em vez de tentando identificá-los com grupos conhecidos. Mesmo que os associados que mantiveram a pureza ritual e pagaram o dízimo fielmente fossem semelhantes aos fariseus, é sociologicamente provável que muitos desses grupos semelhantes existissem no primeiro século.

Outros textos rabínicos, mais notavelmente t. Megilia 4:15 refere-se a associações que estavam em Jerusalém. Esses textos foram recentemente interpretados por A. Oppenheimer e P. Peli como se referindo a grupos que realizavam boas obras e que funcionavam como sociedades funerárias greco-romanas.47 Embora os textos indiquem que esses grupos iam a festas, funerak, casamentos, etc. . e embora a presença de tais grupos de bem-estar social tenha uma certa probabilidade no mundo greco-romano, ambos os autores desenham

textos

^ Embora seja provável que os rabinos mishnáicos considerassem os associados fariseus, isso não significa que fossem.

的 A. Oppenheimer, * Haberot shehu birushalayyim, "em Jerusalém no Segundo Templo 斤 戒 M (Memorial Abraham Shalit), ed. A. Oppenheimer, et al (Jerusalém: Yad Izhak ben-Zvi, 1980) 178-190; Pinchas H. Peli , uThe Havurot That Were in Jerusalem, n HUCA 55 (1984) 55-74.de uma variedade de fontes, aceite-os acriticamente como históricos e teca-os em uma tapeçaria elaborada, mas insubstancial.

Todas as tentativas de contextualizar os associados na história, desde a modesta teoria de Neusner de que eles eram um grupo devotado à pureza ritual até a intrincada transposição de Spiro dos textos para outra era, sofrem de fraquezas fatais. Eles pegam vários textos fora do contexto e os tratam como relatos historicamente precisos. Em seguida, eles criam um contexto para esses relatos de modo que os associados se tornem figuras históricas com papéis sociais definidos. Eles também identificam os associados com outros grupos que sabidamente existiram. Toda essa reconstrução, incluindo reunir várias evidências de um ou outro período histórico, não é sustentada pela probabilidade histórica. Muitas das sugestões são possíveis, mas as centenas de possibilidades da história devem ser reduzidas ao que aconteceu ou pelo menos ao que era provável. No final, a natureza exata dessas associações permanece desconhecida para nós. A disposição dos autores mishnáicos e talmúdicos de falar de tais grupos defende sua aceitabilidade e presença na sociedade judaica e apóia a visão de que os fariseus eram um grupo típico entre muitos na sociedade judaica.

Os nomes fariseu e saduceu

Várias passagens na literatura rabínica mencionam os fariseus e saduceus, mas as características atribuídas a cada grupo não são consistentes em toda a literatura rabínica. É evidente que textos de diferentes épocas e lugares têm diferentes entendimentos sobre o que são os fariseus e saduceus.

FARISEUS

A designação fariseu é relativamente rara na literatura rabínica e os textos que usam esse termo, que derivam de vários séculos da literatura rabínica, usam-no em sentidos diferentes e às vezes

pejorativos. A etimologia dos fariseus é contestada.48 O nome parece vir do hebraico e

^ Para uma revisão das posições acadêmicas, consulte AI Baumgarten, "The Name of the Pharisees", JBL 102 (1983) 411-412

A raiz aramaica prs, que significa "separar" e interpretar? A interpretação etimológica mais comum dos fariseus é a dos fariseus *, embora separados de quem ou do que é disputado. Em um bom sentido, isso significaria pessoas que se separaram da sociedade judaica normal ou da sociedade gentílica a fim de observar a lei judaica (pureza, dízimo?) com mais rigor. Em um sentido negativo, significaria sectários ou hereges, ou seja, 9 pessoas que se separaram ilegitimamente da sociedade em geral por causa de crenças e práticas consideradas ilegítimas. [200] A literatura rabínica usa o termo em ambos os sentidos. Outro possível significado de seu nome é intérpretes *; este significado se encaixaria com as observações em Josefo e no Novo Testamento de que os fariseus tinham sua própria interpretação da lei judaica e eram considerados intérpretes precisos da lei.[201]Os dois sentidos da raiz podem implicar que os fariseus se separam da interpretação sacerdotal ou dominante da lei judaica. Nenhuma evidência ou argumento decisivo resolveu este problema.

Nenhum grupo judeu se refere a si mesmo como fariseu. Os autores da literatura rabínica se referiam a si próprios e a seus ancestrais como "sábios" (hakamini) e, após a destruição do Templo, usaram o título de babbi "para os sábios. Eles não têm nome para seu movimento, mas se autodenominam Israel porque se consideram para serem simplesmente judeus. É comum que os grupos tenham um nome interno próprio e sejam chamados por outro nome por estranhos. O nome usado por estranhos pode ser pejorativo, ou uma designação popular que cresceu por acaso, ou um nome descritivo mais facilmente compreensível para estranhos. O nome fariseus é um nome usado por estranhos, como Josefo (assumindo a posição de um historiador helenístico) e o Novo Testamento. O sábio normalmente não se identifica a si mesmo ou a seus predecessores como fariseus,

Mais adiante neste capítulo, os textos que mencionam fariseus e saduceus serão examinados. Aqui, uma breve nota será dada a alguns textos que se referem aos fariseus de maneira pejorativa ou neutra e

[200]Veja Guttmann, Rabbinic Judaism, 173.

^ Baumgarten, "Name," 411-428, usa a precisão da interpretação como a chave para compreender os fariseus.

claramente têm uma compreensão da palavra diferente da maioria dos textos normalmente citados.

Em m. Sotah, o tratado sobre a provação a ser suportada por uma suposta adúltera, uma das mishnayot contém o conselho de Ben Azzai de que um pai deve ensinar Torá à sua filha. Sua posição é imediatamente atacada pelo Rabino Eliezer, que diz que ensinar Torá a uma mulher é como ensinar sua lascívia, e então pelo Rabino Joshua, que usa um provérbio estereotipado que descreve as mulheres como lascivas e um segundo provérbio que ataca quatro categorias de pessoas, incluindo uma mulher ah (fariseu). Em ambos os ditos, a raiz da palavra fariseu, prs, é usada.

> Rabino Josué diz: Uma mulher deseja uma medida (gab) [de comida] com luxúria a nove medidas [de comida] com autocontrole (pe 伽r) · Ele costumava dizer: Um homem piedoso tolo, um homem astuto e perverso, uma mulher Fariseu ("isiah peruiah) e as feridas dos fariseus (peruitn), estão desgastando o mundo (M. Sotah 3: 4).

O primeiro provérbio é encontrado em b. Ketubot 62b e parece ser um ditado bem conhecido. Sugere que as mulheres desejam tanto a atividade sexual ilícita ou frívola que escolherão a pobreza para alcançá-la e, conseqüentemente, que carecem de autocontenção, uma palavra hebraica que também vem da raiz prs. No segundo provérbio, o tolo piedoso e a nova pessoa má são um típico par sapiencial contrastante. A natureza do segundo par é obscura, mas ambos são caracterizados pela raiz prs usada em um sentido pejorativo · O Talmude Palestino[202]interpreta a mulher perusah como alguém que cita um texto bíblico (por exemplo, Gênesis 30:16) de uma forma sexualmente sugestiva. Finkelstein sugere que o termo mulher "separada" se refere a uma esposa que trata as relações conjugais normais como imorais ou impuras.[203]As feridas dos fariseus ou dos separados podiam referir-se a quase tudo. O Talmud palestino dá dois exemplos em que táticas astutas são usadas para privar as pessoas necessitadas do que lhes é devido. No primeiro, Rabi Eleazar aconselha o herdeiro de um homem falecido como impedir que sua viúva consuma a propriedade, mas ela, por sua vez, acusa Eleazar de

[202]**J. Sotah 3: 4 (19a).**

[203]**Louis Finkelstein, The Pharisees (3 ed.; Philadelphia: Jewish Publication Society, 1962) 837, n. 52**

privá-la de seu sustento como viúva. A segunda diz respeito a um pobre discípulo de Rabi Judah, o Príncipe, que foi enganado e impedido de receber ajuda financeira. Nesse caso, o Rabino, de maneira igualmente astuta, cuida para que o aluno uma vez seja legalmente qualificado para receber contribuições de caridade.

As explicações no Talmud palestino não oferecem nenhuma evidência de que eles conheçam o significado original da Mishná · A raiz prs não é central para as interpretações talmúdicas da ^ mulher fariseu "e os" golpes dos fariseus "e os termos não são explicados. A Mishná não parece estar usando prs para significar fariseu e as mulheres e os fariseus neste provérbio não têm as mesmas características.Ambos são interpretados convencionalmente, a mulher como lasciva e os homens como eruditos sem integridade.

O Talmud Babilônico cita a lista bem conhecida de sete tipos de fariseus como um comentário sobre m. Sotah 3: 4.[204] A lista não elucida o significado dos dois usos de prs na Mishná, mas mostra que o fariseu tem vários significados, alguns deles oporativos. Claramente, os cinco primeiros nomes têm um significado pejorativo e na discussão subsequente no Talmud Babilônico os dois últimos, aqueles que têm motivos de amor e medo ao estudar a Torá, são rejeitados também em favor do estudo da Torá por si só.

> Existem sete tipos de fariseu, o fariseu símio, o fariseu nyqpy, o fariseu qwz ^ y, o 加為幼, fariseu, o fariseu (que diz) Deixe-me saber meu dever e eu o cumprirei, o fariseu por amor, o fariseu de medo.[205]

A falta de espaço e a obscuridade dos nomes impedem uma interpretação completa de cada um dos nomes. No contexto, tanto os lalmuds babilônios quanto os palestinos estão interessados nos motivos corretos para obedecer à Torá e rejeitar o comportamento hipócrita. Vários dos nomes são usados para se referir ao comportamento hipócrita ou obediência à lei por motivos imperfeitos.

[204]O Talmud palestino cita a lista duas vezes, mas em outros contextos. Veja a próxima nota.

[M]O Talmud explica os primeiros cinco tipos com base na etimologia. Ele está mais interessado na discussão dos méritos relativos do amor e do medo. A lista também aparece em j. Ber. 9: 5 (13b) e j. Sot. 5: 7 (20c) onde explicações idênticas, diferindo das babilônicas, são dadas. A lista aparece com variações e nenhuma explicação em Pais de acordo com Rabbi Nathan, Versão A, cap. 37 (Schechter, 109) e Versão B, cap. 45 (Schechter, 124). Inj. Ber. a lista de sete tipos de fariseus ocorre em uma discussão sobre o martírio de Akiba e os sete nomes parecem denotar sete motivos para o martírio e o ascetismo que o acompanha. Ver S. Fraade, MAscetical Aspects of Ancient Judaism, "em Jewish Spirituality From the Bible Through the Middle Ages, ed. A. Green (New York: Crossroad, 1986) 271.

O Talmud Babilônico termina esta seção com uma frase do Rei Yannai (Alexander Jannaeus), que adverte sua esposa contra aqueles "pintados" que fingem ser fariseus.

Visto que essas listas são encontradas pela primeira vez em fontes talmúdicas, provavelmente não fornecem informações precisas sobre o farisaísmo do primeiro século. Nos séculos V e VI, o Cristianismo alcançou uma posição de poder no império e, uma vez que tanto o Novo Testamento quanto os primeiros escritos cristãos continham ataques aos fariseus como hipócritas, essas listas podem ser uma resposta à polêmica cristã em que os autores talmúdicos desarmam os cristãos crítica ao concordar com seu ataque aos fariseus hipócritas e separar alguns fariseus e eles próprios daqueles que estão sendo atacados.

Tosefta Berakot (3:25), falando da oração das Dezoito Bênçãos, diz que se deve incluir os hereges (mirum) entre os separados 9 呢 "0 · De acordo com este texto, a décima segunda bênção, geralmente designada como a bênção contra os hereges com base em um texto de Geniza, era originalmente contra os ^ separatistas? De acordo com Lieberman, “separatistas” se referiam àqueles que se separaram da comunidade judaica em tempos de opressão e problemas.55 Assim, “fariseus” aqui é usado descritivamente para judeus que não são fiéis ao modo de vida judaico. Em outra passagem, "fariseus" é usado como um termo descritivo para outro grupo que os rabinos não aprovavam, aqueles que lamentavam a perda do templo por não comer carne ou beber vinho.56 Este grupo havia se separado da sociedade comum por ascetas práticas que os rabinos não aprovavam.

“Fariseu” é usado positivamente para quem observa as regras de pureza.

为 Saul Lieberman, Tosefta Ki-Fshutah. Ordem Zeraim, Parte I (Nova York: Seminário Teológico Judaico, 1955) 54.

*** T. Sotah 15: 11-12; b. BB 60b e em outros lugares. Ver também EE Urbach, Ascesis and Suffering in Talmudic and Midrashic Sources, ”[em hebraico] Yitzhak Baer Jubilee Volume (Jerusatem, 1960) 48-68.**

Mesmo um fariseu que tem doença venérea, que o torna impuro, não deve comer com um am ha-aretz que tem doença venérea, de acordo com a escola de Shammai, embora a escola de Hilel o permita.[206] Não está claro se o termo prws neste contexto se refere aos fariseus como um grupo organizado ou é descritivo de uma pessoa que diz dízimo e

[206]T. Shab. 1:15, b. Shab 13a.

mantém a pureza ritual com especial rigor e, portanto, "se separa" das pessoas comuns. A pureza dos fariseus ou os separados é referido como uma categoria bem conhecida em Toh. 4:12. O autor mishnáico parece estar citando um grau bem conhecido de limpeza próprio dos fariseus. Curiosamente, o autor não se identifica como fariseu, mas pode estar falando sobre o passado. [207] Em outro lugar, talvez implicitamente referido por M. Tohorot, a pureza dos fariseus é parte de um sorites em graus de pureza. Nessa lista, os fariseus estão acima do am ha-aretz, mas abaixo de três classes de sacerdotes.[208]

Esta breve pesquisa não cobre todos os textos que mencionam os fariseus / perustma. No entanto, mostra a grande variedade de uso associado à palavra, que também é usada para o grupo do primeiro século, os fariseus. Embora a palavra fosse usada como nome próprio para um grupo, ela reteve seu significado mais genérico de "separados", com suas muitas conotações.

SADDUCEES

O nome grego Saduceus e o hebraico §addu (pm (com formas variantes) não fornecem uma visão real do grupo. Duas explicações para o nome foram propostas. A explicação mais popular recentemente foi conectar o termo Saduceu aos Sadoquitas , a família do sumo sacerdote que remontava ao sumo sacerdote de Davi, Sadoque. Assim, os saduceus seriam (alguns?) os sacerdotes sadoquitas ou partidários dos sadoquitas. No entanto, as formas do nome existentes em grego, hebraico e O aramaico não dá suporte claro a essa hipótese. A outra hipótese é que o nome é descritivo e caracteriza esse grupo como o justo ”ou“ justo ”, seja como uma descrição positiva ou irônica. Nenhuma explicação foi definitivamente comprovada.60

Embora nenhuma literatura dos saduceus tenha sobrevivido e as fontes nos digam pouco, os saduceus eram um grupo judaico estabelecido e reconhecido no primeiro século porque foram descritos e aludidos tanto por Josefo quanto pelos escritores dos evangelhos. A pouca informação histórica disponível pode levar a uma interpretação mínima do que eles foram ou não foram e uma análise sociológica pode nos ajudar a visualizar seu lugar na sociedade judaica.

Os saduceus são mencionados um número moderado de vezes na

^ Na mishná anterior, ele fala de escribas.
^ M. Hagiga 2: 7.

literatura rabínica, mas as referências estão espalhadas por vários tipos de literatura de diferentes períodos. Assim, a confiabilidade histórica de todas essas passagens é suspeita.61 Nos textos da Mishná e Tbsefta, os mais antigos disponíveis, os saduceus e fariseus discordam sobre práticas ou ensinamentos. Visto que os autores rabínicos se viam como herdeiros dos fariseus, os saduceus sempre são vencidos na argumentação e geralmente retratados como subordinados aos fariseus.

Vários outros problemas impedem o estudo dos saduceus na literatura rabínica. Em vários lugares, os saduceus foram inseridos no texto no lugar dos "hereges" (rniritni) e "gentios" (goyini) originais, por intervenção ou medo de censores cristãos medievais.62 Em muitas versões paralelas de histórias e leis Os saduceus são encontrados em uma versão e os boetusianos em outra. (Veja abaixo os Boetusianos.) Os Boetusianos ocorrem especialmente em Tosefta (embora apareçam apenas uma vez na Mishná). Tanto os saduceus quanto os boetusianos eram provavelmente grupos do primeiro século, mas no século III, quando a Mishná e o Tosefta tomaram forma, os dois nomes foram confundidos um com o outro e, em certa medida, intercambiáveis.

^ Le Moyne, Sadduc ^ ens, 155-163.

[61] Veja LeMoyne, Sadduceens, 321-27 e passim para problemas críticos.

[62]Ver LeMoyne, Sadduceens, 97-99.

[63]Consulte Rivkin, "Definindo", por exemplo.

as obras não compreendiam as realidades do primeiro século e, portanto, lançavam dúvidas sobre a confiabilidade de todos os textos sobre os saduceus e boetusianos. Além disso, alguns textos paralelos têm oponentes diferentes para os saduceus, incluindo os fariseus, os sábios e um anônimo "eles". Essas variações indicam que os saduceus se tornaram estereotipados na literatura rabínica posterior como os "oponentes" do judaísmo rabínico, em vez de tratados como um grupo real do primeiro século com sua própria identidade e compreensão do judaísmo. No Talmude babilônico, os saduceus ocorrem com frequência em o papel dos oponentes, e em uma passagem midráshica, eles são acusados de desprezar a palavra do Senhor, presumivelmente porque se opunham ao entendimento rabínico do Judaísmo.64 Tais passagens claramente não são históricas,

A IDENTIDADE DOS BOETHUSIANS

Os boetusianos, que aparecem apenas na literatura rabínica e que geralmente são identificados com os saduceus, são um problema mais complicado do que os saduceus ou fariseus · Eles aparecem apenas a partir dos tempos herodianos e seu nome aparece apenas uma vez na Mishná, mas muitas vezes na Tosefta. O nome é grafado de várias maneiras na literatura e sua origem não é certa.65 Boetusianos aparecem ocasionalmente no Talmude Palestino; o Talmude Babilônico tem saduceus em vez de boetusianos. É claro que os saduceus e os boetusianos foram gradualmente compreendidos como o mesmo grupo, 66 mas no primeiro século esses grupos eram provavelmente separados, embora a origem e a natureza dos boetusianos estejam longe de certo.67 A família de Boethus

«Sifre Num. 112 (em 15:31).

[65]Le Moyne, Sadduceens, 332.

[C]Le Moyne, Sadduceens, 101-102. Os pais de acordo com o rabino Nathan, versão A, cap. 5 (a ser tratado abaixo), dá-lhes uma origem comum consistente com a visão posterior deles na literatura rabínica, mas a historicidade deste relato é duvidosa.

[67]Le Moyne revê várias teorias sobre a origem do nome dos boetusianos e argumenta que, por aparecerem na literatura rabínica na época de Herodes, eles provavelmente devem seu nome a um sacerdote judeu alexandrino chamado Boeto, cujo filho Simão foi feito sumo sacerdote por Herodes em 22 aC (Saduceus, 336-337). Veja Josefo, Ant. 15.9.3 (320).pode ser o mesmo condenado por Abba Saul68 e Boethus também pode ter sido o pai ou ancestral de Matias, uma pessoa ativa na época da Grande Guerra.69 Por causa dos laços estreitos entre Herodes, Boetusianos e Saduceus nas fontes, LeMoyne sugere que os boetusianos eram um subgrupo dos saduceus e podem ter sido idênticos aos herodianos. Esta hipótese é muito duvidosa.

A maioria das hipóteses pressupõe que os grupos associados (ou confundidos?) Uns com os outros nas fontes devem ser identificados, mas é muito melhor manter separados os grupos com nomes distintos, mesmo que saibamos pouco sobre eles. A preservação do nome, embora os boetusianos não tenham significado conhecido para os autores rabínicos, sugere que o nome era conhecido, mas que as gerações posteriores sabiam pouco sobre eles e gradualmente os assimilaram aos saduceus · Também é provável que os boetusianos fossem um grupo sacerdotal ou associado aos padres e outros líderes judeus. Como tal, eles teriam sido uma das muitas facções e grupos de interesse competindo por poder e influência em Jerusalém durante o período romano. Eles podem ter tido ensinos e interpretações especiais da vida judaica, mas nenhum foi preservado distinto

daqueles dos saduceus.

RIVKZS INTERPRETAÇÃO DOS FARISEUS

A análise de Ellis Rivkin de textos rabínicos que contrastam os fariseus e saduceus estabelece a base para sua tese de que os fariseus não são uma associação de seita preocupada com a pureza ritual, mas uma "classe acadêmica dedicada ao ensino da dupla lei ▪ ▪ ▪ e para a disseminação de sua crença em

吐 Homens 13:21. Veja também b. Pfes. 57a.

[C]Josefo, War 5.13.1 (527).

[70]LeMoyne, Sadduceens, 177-198, reúne uma série de textos relacionados com os boetusianos e a lei litúrgica. A evidência é fragmentária e a reconstrução muito hipotética. Uma consideração completa das evidências nos afastaria de nosso assunto principal aqui.

[7,]T. Rosh Hashanah 1:15; b. Rosh Hashanah 22b; j. Rosh Hashanah 57d.O mundo vindouro e a ressurreição dos mortos. ** 72 Para Rivkin, os fariseus *, a posição representava uma profunda internalização do judaísmo, prometendo vida individual além da morte e combatendo com eficácia a ameaça de dissolução da vida judaica no período greco-romano. Eles tiveram tanto sucesso que conseguiram obter enorme influência e poder na sociedade judaica. Rivkin então interpreta Josefo e o Novo Testamento de uma forma consistente com sua tese.

Rivkin forneceu a alternativa mais aceitável para a tese de Neusner, mas apesar de seu cuidado metodológico, ele interpretou textos rabínicos e, em última instância, o Novo Testamento e Josefo de forma acrítica. Visto que não há espaço para criticar seu tratamento do Novo Testamento e de Josefo em detalhes, alguns exemplos devem bastar.73 23: 2 diz que os fariseus se sentam no trono de Moisés e sua autoridade de ensino deve ser respeitada. Josefo diz que os fariseus eram muito influentes com o povo, como vimos no capítulo seis. Rivkin considera essas passagens e algumas outras como indicadores historicamente confiáveis do poder político e social dos fariseus * na sociedade. Mas Mt. 23 é uma polêmica contra os fariseus, que para Mateus são os maiores oponentes de Jesus. Além disso, Mateus contém muitas tradições antigas cuja proveniência e significado no período pré-70 são difíceis de determinar. Josefo não diz que os fariseus estavam no comando da sociedade permanentemente, mas que eles tiveram grande influência sob Alexandra e ocasionalmente em outras épocas. Mesmo sua

observação geral de que eles eram influentes nas pessoas não mostra que eles tinham uma influência dominante na sociedade judaica, mas apenas que eles eram um dos muitos grupos competidores na sociedade que tiveram sucesso variado em épocas diferentes.

O procedimento de Rivkin ao trabalhar com textos rabínicos é uma melhoria em relação aos ensaios impressionistas anteriores cheios de referências desconexas. Ele corretamente observa que a designação fariseu tem significados diferentes em alguns textos e é ambígua em outros. Seu procedimento é analisar primeiro os textos onde os fariseus são explicitamente contrastados com os saduceus e, portanto, são

"*IDBS*,657; veja Revolução Oculta, esp. CH. 3, pp. 125-179 e "Definindo."

[73]Veja a revisão crítica da interpretação de Rivkinls de Josephus por Shaye JD Cohen em JBL 99 (1980) 627-629.

certamente os mesmos fariseus encontrados em Josefo e no Novo Testamento. Com base nos textos fariseus-saduceus, ele elimina aqueles textos que mencionam os fariseus de uma forma inconsistente com os textos de controle · Finalmente, ele analisa textos ambíguos de uma forma congruente com os textos fariseus-saduceus.74

Embora esse método seja uma melhoria em relação às análises anteriores, ele falha devido a várias dificuldades. Primeiro, os textos agrupados por Rivkin vêm de fontes rabínicas que abrangem vários séculos. Sua análise considera cada texto fariseu-saduceu como historicamente confiável e não leva em consideração o tipo de coleção de onde vem, nem o local, nem a data · Não é feita nenhuma concessão para a possibilidade de que um autor talmúdico do século III ou IV possa ter escrito ou alterado uma história que se ajusta à sua ideia do que eram os fariseus e saduceus.75 Ele assume que, quando os fariseus e os saduceus são contrastados, as categorias têm o mesmo significado em todas as fontes, incluindo Josefo no primeiro século, a Mishná no segundo século e a Talmud babilônico três séculos depois e muitos quilômetros de distância. Ele ignora as mudanças de categoria em diferentes fontes e o efeito das visões rabínicas posteriores do primeiro século. Por exemplo, quando os boetusianos aparecem no Tosefta, ele os considera saduceus porque alguns dos ensinamentos atribuídos aos boetusianos no Tosefta são atribuídos aos saduceus em outras fontes · Por procedimentos semelhantes, ele identifica os sábios (hakamim) como fariseus em alguns textos onde eles se opõem aos saduceus.76 Os problemas com a identidade dos boetusianos foram tratados acima. A mudança na terminologia de

fariseus para sábios provavelmente reflete a identificação dos sábios rabínicos posteriores9 de si mesmos como fariseus, mas lança dúvidas sobre a confiabilidade histórica dos textos nos quais isso acontece. No entanto, a questão da confiabilidade dos textos como fontes do primeiro século permanece.

[74U]Definindo, w 207-208.

[75]Por exemplo, em t. Ageu 3: 5 ele assume que os fariseus tinham poder direto sobre o culto porque se diz que eles mergulharam a menorá na água para torná-la ritualmente limpa, contra a posição dos saduceus. Mas a passagem é um ataque altamente retórico que data quase um século e meio após a destruição do Templo e é uma história pouco confiável. Também assume que fariseus suficientes eram sacerdotes para que pudessem controlar o culto do Templo, uma visão muito tardia e improvável deles.

7 * Definindo, "209-217 e passim.

É mais provável que tais textos transmitam aos rabinos posteriores, visões do que eles entendiam que os fariseus e saduceus eram, em vez da realidade do primeiro século.

Os textos fariseu-saduceus mais antigos e confiáveis são os sete que vêm da Mishná e Tosefta.77 O estudo de Lightstone deste uniforme, mas pequeno corpo de textos supera a maior dificuldade no método de Rivkin, combinando fontes díspares (em data e tipo) em uma amálgama. No entanto, este corpus homogêneo de textos mostra apenas que os fariseus têm leis, especialmente leis de pureza, que diferem dos saduceus · Eles não mostram que os dois grupos tinham programas diferentes para o judaísmo, interpretações divergentes das Escrituras e certamente não uma disputa sobre a adesão à lei oral. Visto que as fontes rabínicas mais antigas não fornecem as informações normalmente atribuídas a eles, a visão usual dos fariseus derivada de fontes rabínicas depende de um amálgama acrítico de fontes díspares, tanto rabínicas quanto não rabínicas.

Os relatos da mishnaic dos fariseus os favorecem muito, uma vez que os editores da mishnaic adotaram os fariseus como seus antepassados. Em todos os casos, os fariseus concordam com a posição dominante na Mishná porque o propósito dos editores * não era simplesmente relatar as divergências entre os fariseus e saduceus, mas recontar histórias exemplares, precedentes legais ou polêmicas destinadas a ridicularizar ou difamar a posição assumida pelos saduceus em oposição ao ensino da Mishná. Assim, desses textos, nenhuma conclusão totalmente confiável sobre os ensinos exatos dos fariseus e saduceus pode ser tirada; mesmo que tudo fosse aceito como confiável, os textos não fornecem um quadro completo de suas agendas. Alguns dos textos em que aparecem fariseus e saduceus

serão analisados para mostrar os limites do nosso conhecimento nesta área.

Textos fariseu-saduceus

Na Mishná e no Tosefta, a maioria das disputas diz respeito à pureza e a maioria são controvérsias das quais vêm os saduceus

^ Lightstone, "Saducees versus Pharisees, * above. Para outros problemas com o método Rivkinls, veja o cap. 1o segundo melhor.78 Em m. Yadaim, os saduceus e fariseus, discordam sobre se a Escritura torna as mãos impuras, sobre que tipo de ossos torna uma pessoa impura e sobre a impureza de vários tipos de água. As queixas dos saduceus contra os fariseus e as réplicas dos fariseus e de Johanan ben Zakkai em m. Yadaim 4: 6-7 são retóricos e polêmicos.79 Outra disputa de pureza diz respeito a se as mulheres saduceus mantêm a limpeza menstrual adequada de acordo com o ensino dos sábios (m. Niddah 4: 2; t. Niddah 厶 议 彳).[80] As mulheres saduceus que não seguem o costume mishnáico são contrastadas com as mulheres israelitas e, portanto, são tratadas como menos que boas judias, como os samaritanos. Em uma opinião minoritária, o Rabino José sustentava que as mulheres saduceus eram consideradas limpas, a menos que seguissem explicitamente os costumes saduceus. A opinião do rabino José assume que os sábios mishnáicos dominaram a sociedade de tal forma que todos, mesmo os saduceus, agiriam de acordo com seu entendimento da lei. Essa suposição não é revelada pelo que sabemos do primeiro século.

Na disputa sobre se a imersão por si só deixará alguém limpo sem esperar pelo pôr do sol (m. Parah 3: 7; t. Parah 3: 8), o Templo é retratado como tendo um local de imersão para que a lei mishnáica possa ser seguida e o sacerdote quem está preparando a novilha vermelha pode ser imediatamente piuificado, ao contrário da decisão saduceu que afirmava que era preciso esperar até o pôr do sol para ser purificado.81 Este texto implica que os fariseus estavam no comando do Templo, uma reivindicação que não tem histórico Fundação. T. Hagiga 3:35 apresenta outro caso que implica controle farisaico no Templo, uma disputa sobre se a menorá no Templo deve ser imersa para ser

^ Para uma consideração longa e detalhada dos textos rabínicos, consulte LeMoyne, Sadduceens, 198-317, bem como Rivkin, "Definindo". LeMoyne trata todas as fontes rabínicas juntas. Aqui, devemos enfatizar as primeiras coleções, a Mishnah e Tosefta. Para um tratamento tradicional de vinte e três controvérsias entre os fariseus e saduceus na literatura rabínica, ver Finkelstein, The Pharisees, 637-761.

[79]Veja t. Yad. 1: 19/2: 9; 2:20; b. Bab. Bastão. 115b. O Talmud Babilônico tem Johanan ben Zakkai como o disputante em vez dos fariseus na última troca desta série.

^ Na Mishná, os saduceus se opõem aos sábios anônimos da Mishná; o Talmud aguça o conflito e identifica os sábios com os fariseus.

[8,]O Talmude Babilônico (b. Hag. 23a) aguça o conflito, como fez no caso anterior, dizendo que eles propositalmente tornaram um sacerdote impuro a fim de imergi-lo e purificá-lo e mostrar que os saduceus estavam errados. tornado ritualmente limpo. Este texto supõe que havia muitos sacerdotes farisaicos servindo ao lado dos saduceus e que os sacerdotes farisaicos estavam no controle. Embora alguns sacerdotes fossem fariseus e outros saduceus, a maioria dos sacerdotes não pertencia a nenhum dos dois grupos. A divisão de todos os sacerdotes em saduceus e fariseus no Tosefta é estilizada e não histórica.

A Mishná também contém duas disputas sobre a lei civil e uma sobre a lei do sábado que envolve os fariseus e saduceus (ou os sábios e saduceus). Os saduceus, em uma sequência de disputas a respeito da pureza, "clamam contra os fariseus, alegando que um senhor não é responsável por seus escravos, ações injuriosas (m. Yad. 3: 7). Os fariseus afirmam que os escravos, o exercício da intenção isenta o senhor de responsabilidade, uma posição que está de acordo com a ênfase mishnaica na intenção.[209]Na segunda disputa (m. Makkot 1: 6), os saduceus e sábios discordaram sobre quando uma testemunha perjurada em um caso capital poderia ser executada, uma disputa baseada na interpretação de frases bíblicas ao invés do tipo de comportamento ou seus efeitos. Finalmente, os saduceus mantinham suas próprias opiniões sobre o erub, que permitia movimento pela cidade durante o sábado.[210]As autoridades mishnáicas (eles não são chamados de fariseus) devem reivindicar o pátio antes que um saduceu o faça e preparar seu erub para deixá-los se mover em torno de um pátio comum. Neste texto, o saduceu é tratado como um judeu com costumes diferentes que não concordaria em marcar o pátio como espaço comum e, assim, restringir a capacidade dos sábios de tornar o pátio comum.

Na Mishná e no Tosefta, a maioria das disputas entre os saduceus

[209]Ver Howard Eilberg-Schwartz, The Human Will in Judaism: The Mishnah's Philosophy of Intention (BJS 103; Atlanta: Scholars, 1986).

83M. Erub. 6: 2.

e fariseus (e outros) diz respeito a interpretações das leis de pureza ritual.[211]Se os fariseus basearam muito de seu programa para a vida judaica em uma compreensão revisada das leis de pureza e uma aplicação delas a todo o Israel, como foi argumentado acima, então o conflito entre os saduceus e fariseus sobre esta questão é compreensível e provavelmente histórico em seu conteúdo geral. A aplicação das leis de pureza ao povo em geral era um novo modo de entender a vida, a lei e as Escrituras judaicas e é razoável e até inevitável que os saduceus ou outra pessoa se opusesse a eles. Os saduceus tinham seu próprio (provavelmente mais tradicional) entendimento do judaísmo e o promoveram contra a nova visão farisaica. Se muitos dos saduceus fossem sacerdotes ou partidários do sacerdócio tradicional, eles teriam outro motivo para se opor aos fariseus.

BABYLONIAN TALMUD

O Talmude Babilônico contém várias passagens com fariseus e saduceus em que os saduceus parecem ser originais e não substitutos de "hereges" ou "cristãos". Uma revisão de alguns deles mostrará como os mestres babilônios enfatizaram a oposição entre os saduceus e os fariseus · Quando uma família farisaica deseja montar um erub em um pátio público para que possa se mover no sábado, deve fazê-lo antes de outro Judeus com diferentes observâncias estabeleceram sua pertença. Se um gentio mora no pátio, não importa.[212]Na Mishná, Rabban Gamaliel conta uma história que implica que os saduceus são judeus com crenças diferentes, mas no Talmude Babilônico eles são tratados por uma opinião minoritária como equivalente a gentios em status. Os saduceus também são excluídos da fraternidade dos instruídos com autoridade em um aparte em b. Yoma 4a que diz explicitamente que os alunos dos sábios dos alunos de Moisés, que devem instruir o sumo sacerdote a respeito da conduta do Dia da Expiação, não devem ser saduceus.

O domínio dos fariseus sobre os saduceus é presumido e reforçado no Talmude Babilônico, como foi indicado acima. Em outro caso, a Mishná diz que a corte judaica em Jerusalém deve instruir o sumo

[M]A centralidade da pureza para os ensinamentos saduceus registrados é observada por LeMoyne, Sadduceens, 362 e por Gary Porton, "Seitas e Sectarismo Durante o Período do Segundo Templo", [artigo não publicado] p. 7.

[212]m.Erub. 6: 2; b. Erub. 68b.

sacerdote a respeito de seus deveres no Dia da Expiação (m. Yoma 1: 5). O Sifra 81a-b e b. Yoma 19b argumenta que os saduceus que eram sumos sacerdotes tinham que seguir as regras dos sábios sobre acender incenso, isto é, eles tinham permissão para acendê-lo somente depois de entrar no Santo dos Santos no Dia da Expiação. O Talmud continua contando a história de um sumo sacerdote que caiu morto depois de desobedecer a essa regra. Além disso, no Talmud os sábios da Mishná são designados fariseus e generaliza-se que os saduceus temiam os fariseus e, portanto, seguiam suas interpretações da lei. Essa visão posterior da Babilônia dificilmente é histórica para o primeiro século. A disputa entre os saduceus e os fariseus é levada a um extremo fictício em outro caso, quando o Talmud afirma que na preparação da novilha vermelha os fariseus propositalmente tornaram um sacerdote impuro a fim de imergi-lo e purificá-lo e mostrar que os saduceus estavam errados em exigindo que o sacerdote espere até depois do sxmdown para atingir a pureza ritual.

Conclusão

As histórias sobre os sábios do segundo templo e as referências limitadas aos fariseus e saduceus têm sido freqüentemente usadas como o corpo principal de evidências para reconstruir a história desses dois grupos. Esse uso histórico de histórias rabínicas é ilegítimo por uma série de razões e não produz um relato historicamente confiável das origens e da história dos fariseus e saduceus [C]. As histórias sobre o período de pré-destruição vêm de muitas coleções de literatura rabínica, incluindo a Mishná, Tosefta, Taimuds e muitas coleções midrashicas. Raramente essas passagens foram analisadas por fonte, no contexto, a fim de julgar o papel da história ou ensino na obra em que aparece e sua congruência ou não congruência com as tendências da obra mais ampla. Quando diferentes versões de tais ensinamentos e histórias foram comparadas, eles geralmente foram harmonizados a fim de produzir um relato coerente sem atenção à questão crítica da historicidade. As datas e contextos amplamente variados desses materiais impedem seriamente qualquer esforço para derivar deles um todo coerente.

[C] **b. Bruxa. 23a. Veja também b. Zeb. 21a.**

Mesmo que a probabilidade histórica de algumas declarações ou eventos possa ser estabelecida, ficamos com fragmentos incompletos que nos dizem pouco sobre a origem, desenvolvimento, status social,

ensinamentos e vida interior dos fariseus e menos ainda sobre os saduceus. O uso dos materiais relativos aos sábios pré-70 pressupõe, mas não prova, que eles eram fariseus, que se entendiam como fariseus e eram vistos dessa forma por outros. Não sabemos se é assim e, mesmo que soubéssemos, os textos que temos pouco nos diriam sobre essas figuras sombrias. Para escrever uma história dos fariseus e saduceus a partir de fontes rabínicas, os estudiosos foram forçados a criar toda uma estrutura histórica e social para interpretar esses textos.

Das tradições rabínicas podemos aprender um pouco sobre os fariseus, especialmente no primeiro século. Podemos deduzir com alguma probabilidade que Hilel foi um dos principais líderes de um dos grupos que constituíram o movimento rabínico após a destruição do Templo. Embora as histórias sobre ele o tornem maior do que a própria vida, sua influência, pelo menos em um grupo limitado, é inegável. Por causa da lendária elaboração a respeito de Hillel, poucos detalhes historicamente confiáveis podem ser conhecidos sobre ele. Também é altamente provável que os seguidores de Hillef formassem uma facção chamada ttHouse of HilleP e estivessem em conflito com outra facção que fazia aliança com Shammai. Se Neusner estiver correto ao dizer que o primeiro estrato de leis na Mishná dizia respeito à pureza ritual, dízimo e outras leis alimentares, então essas preocupações podem ter sido a base para o conflito.

Porque os saduceus são mencionados tão raramente na literatura rabínica, porque as histórias e disputas são hostis a eles e porque mesmo a ocorrência de seu nome é textualmente incerta em muitos casos, poucas conclusões historicamente confiáveis podem ser tiradas a respeito deles · Eles eram oponentes do Fariseus, mas provavelmente esse não era o cerne de sua identidade. Eles presumivelmente tinham uma visão bem articulada de como a vida judaica deveria ser vivida, mas as fontes rabínicas nos falam pouco sobre isso, exceto alguns detalhes em que suas opiniões diferiam dos fariseus · Até mesmo os relatos de Josefo eram esparsos e não forneciam uma imagem coerente. Uma avaliação sintética completa dos saduceus será tentada no capítulo final.

As fontes rabínicas podem ser de ajuda limitada na reconstrução da história dos fariseus e saduceus se forem interpretadas em conjunto com Josefo e o Novo Testamento, fontes que são mais próximas do tempo dos fariseus, mas que, como vimos acima, precisam interpretação cuidadosa próprios. Estudos críticos e não harmonizadores de histórias e ensinamentos atribuídos ao período

pré-70 certamente nos mostrarão mais sobre os séculos posteriores * visões do período inicial do que sobre o período inicial em si e podem até produzir alguns kemals históricos para nos esclarecer sobre o primeiro século e antes.

PartHI

INTERPRETAÇÃO E SÍNTESE

11

Os papéis sociais da sociedade judaica Scribesin

Os escribas aparecem como um grupo social organizado apenas nos evangelhos sinópticos, onde são associados tanto aos fariseus quanto aos sumos sacerdotes como oponentes de Jesus. Os escribas são mencionados em Josefo, mas não como um grupo social coerente e na literatura rabínica os escribas são concebidos como mestres pós-exílicos e pré-rabínicos de Israel, cuja autoridade e ensinamentos são às vezes invocados. Além disso, os escribas aparecem nos textos rabínicos em suas funções normais como copistas e professores. Os escribas são diferentes dos fariseus e saduceus porque apareceram em todo o mundo mediterrâneo e no Oriente Próximo ao longo de vários milênios, cumpriram muitas funções e tiveram papéis e status variados ao longo do tempo e em diferentes lugares. Um grande corpo de evidências fornece um contexto para a compreensão das referências dispersas aos escribas em Josefo e na literatura rabínica, bem como nos evangelhos. Um levantamento de algumas das evidências sobre os escribas na antiguidade fornecerá um contexto para a compreensão dos escribas nos evangelhos · Também fornecerá mais informações sobre como a sociedade era organizada e funcionava no período greco-romano.

A palavra hebraica para escriba, sofer, vem da raiz semítica spr que se referia originalmente a uma mensagem que foi enviada, isto é, uma mensagem escrita, e então foi usada para escrever e o escritor. A palavra grega para escriba, grammateus, vem da palavra gramma, que significa algo desenhado e, mais comumente, letras escritas. Em

várias combinações, esta raiz se refere

a todos os aspectos da escrita e da educação. A palavra “escriba” em hebraico, grego e outras línguas tinha uma ampla gama de significados que mudaram com o tempo e podem denotar vários papéis sociais. O equivalente idiomático mais próximo do inglês é o termo "secretária", que pode se referir a funções de um digitador a um assistente administrativo de alto nível e a um oficial corporativo ou organizacional altamente responsável e, finalmente, a um oficial de gabinete no mais alto nível de governo. Em ambos os semíticos e o uso grego, o escriba era comumente um oficial do governo de nível médio, por exemplo, um "secretário ^ encarregado do conselho municipal (Atos 19:35) · Em Atenas, cada um dos principais órgãos políticos tinha um escriba como um de seus oficiais. Em vista dos vários significados da palavra escriba, não devemos presumir que as referências a escribas no Novo Testamento e em outros lugares implicam a existência de um grupo unificado com uma identidade e um papel comuns. Escriba é um termo muito difuso para isso.

Escribas no Egito e na Mesopotâmia

Porque pouco se sabe sobre o papel dos escribas e o treinamento dos escribas em Israel, deve-se recorrer a fontes egípcias e mesopotâmicas que delineiam em alguns detalhes a posição social, papéis e educação dos escribas.1 No Egito e na Mesopotâmia a partir do terceiro milênio em diante , os escribas estavam situados na corte real e nos templos. Suas funções incluíam a administração e manutenção de registros de arrecadação de impostos, trabalho forçado, atividades militares, commodities e projetos de construção · Por exemplo, no Egito, eles supervisionaram a medição da terra após a enchente anual do Nilo, redigiram correspondência, contratos e tratados e, no mais alto nível, mantiveram os anais reais, leis coletadas, tradições sagradas preservadas e eram especialistas em astronomia, presságios e outros ritos e atividades religiosas. Os escribas ocupavam altos cargos como secretários reais encarregados da correspondência real e, como tal, funcionavam como conselheiros e altos funcionários. Quanto mais alto o lugar do escriba na sociedade, maior será sua influência e poder · Em todos os casos, o escriba derivou seu poder do rei ou membro da classe governante que o nomeou e, portanto, era um retentor. Também pode ser que escribas mais poderosos ocasionalmente se tenham estabelecido como

membros permanentes da classe governante [213] e há algumas evidências de que certas famílias eram escribas hereditárias.

No Egito, os meninos eram levados à corte ou templo e treinados para ler e escrever. Os óstracos práticos encontrados atrás de um templo testemunham uma escola ao ar livre e um texto sugere que o treinamento inicial levou quatro anos.[214]Após o treinamento em uma escola, um jovem foi aprendiz de um escriba; jovens escribas mais avançados às vezes eram aprendizes de altos funcionários como substitutos potenciais · O treinamento parece ter consistido em copiar, recitar e memorizar vários materiais tradicionais. Os alunos avançados tinham acesso a tratados gramaticais, listas de idiomas, catálogos de fenômenos naturais e, principalmente, tratados didáticos que os ensinavam a escrever, falar e se comportar de maneira correta. É provável que os escribas em altos cargos precisassem saber mais de um idioma. Os alunos foram exortados a aprender suas difíceis lições tanto com os castigos corporais quanto com a ameaça de serem transferidos para uma ocupação manual mais árdua e menos agradável.

Escribas em Israel

O escriba aparece pela primeira vez no Antigo Testamento como um oficial de reunião (Juí. 5:14) · ITie (chefe) escriba no tribunal de Jerusalém era um alto oficial de gabinete preocupado com finanças, política e administração (2 Reis 22; Jer. 36 : 10). Baruque, que registrou as palavras de Jeremias, era um escriba (Jr 36:32) e, como tal, uma pessoa altamente instruída e influente que se movia entre os principais círculos do governo. Um texto confuso (1 Cr. 2:55) sugere que havia famílias de escribas, talvez no período pós-exílico.[215] Em outras passagens de Crônicas, que também podem refletir a situação pós-exílica, Josafá disse ter enviado príncipes, levitas e sacerdotes às cidades de Judá para ensinar a lei ao povo (2 Cr. 17: 7-9) e Josias é disse ter instruído os "levitas que ensinaram todo o Israel" para liderar o povo na celebração do sacrifício pascal (2 Cr. 35: 3-6) · Embora

[213]Para ver a probabilidade de isso acontecer em um número limitado de casos, consulte o cap. 3

[214] Williams, "Treinamento", 216.

[215]Veja JM Myers, 1 Chronicles (Anchor Bible; Garden City: Doubleday, 1965) 12,16. A palavra soferim em uma lista de nomes de pessoas e lugares é estranha e pode ser um erro para os habitantes de Kiryat-sepher.

as evidências de schook nos tempos monárquicos sejam escassas, sua presença é muito provável , especialmente nas grandes cidades.[216] Há um consenso geral de que a literatura sapiencial reflete a atividade dos escribas e da escola, semelhante à encontrada no Egito e na Mesopotâmia.[217] A simples necessidade de administração em um reino centralizado exige a hipótese de escolas de escribas.

Há muito mais evidências da presença e atividades dos escribas no período pós-exílico. No entanto, as referências dispersas não indicam um grupo uniforme, mas um conjunto de funções e papéis sociais exercidos por pessoas em diversos estratos sociais e grupos.[218]O escriba mais conhecido da Bíblia é Esdras, um sacerdote e "escriba versado na Lei de Moisés (Esdras 7: 6) que pediu a Artaxerxes, o rei persa, permissão para liderar um grupo de judeus de volta a Jenisalem. O rei ordenou que vários oficiais dessem a Esdras os recursos de que ele precisava (7: 21-22) para o retorno e retomada da adoração e o rei encarregou Esdras de nomear magistrados e juízes que conhecessem a lei de Deus e do rei (7: 25- 26). Em Esdras 8-10, Esdras, o escriba funciona como o líder dos repatriados em conjunto com os principais sacerdotes, levitas e famílias. Embora Ezra seja de descendência de sumo sacerdote, ele não oficia o culto. Em vez disso, Esdras é retratado como sacerdote e escriba, ou seja, líder religioso, enquanto Neemias é o governador (Neemias 8-9). Como tal, ele exerceu o ofício de professor e sacerdote lendo a Lei para o povo, enquanto um grupo de levitas ajudava o povo a entender a lei e guiando o povo em oração e sacrifício (Esdras 8). Assim, ele exerceu o cargo de professor e sacerdote ▪

Uma série de problemas cercam a interpretação de Esdras-Neemias. Várias fontes foram reunidas em uma narrativa pelo editor

[216]Ver AndM LeMaire, Les Ecoles et Iaformation de Ia Bible dans Vancien Israel (Orbis Biblicus et Orientalis 39; Fribourg: Ed. Univ./Gottingen: Vandenhoeck, 1981). Veja 2 Sam. 12: 24-25; 2 Ki. 10: 1-6; 1 Chr. 27:32; 1 Ki. 12: 8.

[217]Brian Kovacs, Ts There a Class-Ethic in Proverbs? * Essays in Old Testament Ethics (Hyatt Festschrift), eds. JL Crenshaw e JT Willis (New York: Ktav, 1974) 171-189 observa que há uma ética de escriba implícita em Provérbios. Ver também AndM LeMaire, "Sagesse et Ecoles, * KT 34 (1984) 270-281. Os problemas de definir uma tradição de sabedoria e a fraqueza de postular instituições sociais para as quais não há evidência israelita direta são revisados e argumentados em RN Whybray, The Intellectual Tradition in the Old Testament (ZAW Beiheft 135; New York: de Gruyter, 1974); Gerald T. Sheppard, Wisdom as a Hermeneutical Construct (ZAW Beiheft 151; Berlin: de Gruyter, 1980) 1-11; James T. Crenshaw, Prolegomenon, * in Studies in Ancient Israelite Wisdom (Nova York: Ktav, 1976) 1-60, esp. 22.

[218]Veja as advertências de Gary Porton, "Diversity in Postbiblical Judaism, w Early Judaism and Its Modem Interpreters, editores Robert Kraft e George Nickelsburg (Atlanta: Scholars, 1986) 60.

de tal forma que a relação histórica das figuras Esdras e Neemias é incerta. As fontes de Neemias não mencionam Esdras e vice-versa, exceto por alguns versículos que provavelmente são redacionais e pretendem ligar as fontes em um relato coerente. Embora a versão final apresente suas atividades como sobrepostas, a cronologia de Esdras e Neemias é uma questão de disputa entre os estudiosos, com alguns colocando Esdras antes, outros com e outros depois de Neemias.[219] Em todas essas teorias, o cargo exato de Esdras é uma questão controversa ▪

Em um estudo muito influente, Hans H. Schaeder argumentou que o cargo de escriba era persa e que Esdras era um oficial persa nomeado pelo rei para governar a Judéia.[220]O uso de escriba como título para um alto funcionário é possível, mas difícil de provar em Esdras. K. Galling argumentou que escriba não é o título de um oficial persa, mas um cargo na comunidade judaica da diáspora.[221] A reconstrução de Galling depende de várias interpretações incertas de Ez. 7 e uma data do quarto século para Esdras (após Neemias).[222] [223] Algumas evidências arqueológicas recentes sugerem que Ahzai era governador quando Esdras chegou em 458 e isso leva Talmon a negar que Esdras era um oficial persa」2 é muito questionável, portanto, se Esdras foi governador. Ele era certamente uma autoridade reconhecida na comunidade judaica porque era descendente de sumo sacerdotes e também versado na lei. Ele teve acesso suficiente à corte persa para obter um favor do rei e posição comunitária suficiente para liderar um grupo a Jerusalém e se estabelecer lá. Os problemas contínuos com casamentos mistos e a oposição a Esdras indicam que ele era uma das várias forças influentes e poderosas na comunidade de Jerusalém, mas que seus pontos de vista não predominavam

[219] Para uma revisão de trabalhos recentes e um argumento em bases literárias e arqueológicas de que a cronologia bíblica está correta, veja S. Talmon, "Ezra and Nehemiah," IDBS (1976) 317-328.

[220] Ha ns H. Schaeder, Esra der Schreiber (Beitr ^g ?zur historischen Theologie 5; Tübingen: Mohr, 1930).

[221]K. Galling, ttBagoas and Ezra, "Studien zur Geschichte Israels im persischen Zeitalter (Ttfbingpn: Mohr, 1964) 149-184.

[222] Para uma crítica de Galling, consulte Ralph W. Klein, "Ezra and Nehemiah in Recent Studies," Magnolia Dei (Wright Festschrift) eds. Frank M. Cross et al. (Garden City: Doubleday, 1976). R. North argumentou que a função de Esdras na Bíblia era mais religiosa do que política (concedida a sobreposição dessas áreas). Esdras não tinha autoridade civil especial, mas o encorajamento do rei persa e a concessão de recursos. R. North, "Autoridade Civil em Esdras , "Studi in onore de E. Volterra (Milão, 1971) 377404. Que Esdras era um líder religioso é assumido por JM Myers, Ezra-Neemias (Anchor Bible; Garden City: Doubleday, 1965) LVII-LXII.

[223]Talmon, "Ezra", 325.

imediatamente.

Um outro escriba aparece em Esdras-Neemias, Zadoque, que foi nomeado com um sacerdote e levita para ser tesoureiro dos depósitos onde os dízimos eram trazidos (Neemias 12: 12-13). Este texto sugere que os escribas faziam parte da sociedade e de sua liderança em Jerusalém.

Na comunidade judaica pós-exílica, os papéis dos sacerdotes, levitas, escribas e outros líderes judeus se sobrepunham. Esdras era sacerdote, escriba e líder da comunidade e possivelmente um líder nomeado pelo governo (Esdras 7). Os levitas ensinavam (Ne. 8) e na visão do cronista, o que provavelmente reflete a situação pós-exílica, alguns levitas serviam como escribas.[224]O cronista também deu aos levitas responsabilidades principais no Templo e responsabilidades ainda mais amplas como oficiais e juízes no tempo de Salomão (1 Cr. 23: 4). A imagem dos levitas do cronista dificilmente é histórica, mas mostra que o que os levitas estavam fazendo ou o que aspiravam a fazer na sociedade judaica pós-exílica incluía atividades de escriba.14 O que deve ser enfatizado para nosso estudo é que a atividade de escriba é comumente associada com sacerdotes e levitas.

Estudos recentes de Deuteronômio enfatizam seu caráter escolástico e suas conexões com a tradição de sabedoria (e escriba).15 Visto que Deuteronômio foi provavelmente editado antes e durante o exílio, isso implica que existiram círculos de escribas de algum tipo.16 O Livro de Deuteronômio pode refletir esta realidade quando atribui um papel crescente como professores aos levitas, dando-lhes assim um dever tradicional para os sacerdotes e escribas e refletindo a sobreposição de funções.17

A formação da Bíblia

A atividade dos escribas deve ser postulada a fim de dar conta da própria existência da Bíblia e seus vários estágios de redação. A complexidade de distinguir sacerdotes, escribas, profetas e outros líderes comunitários que produziram e transmitiram os livros bíblicos, materiais jurídicos, tradições narrativas, oráculos e interpretações mantológicas foi ilustrada pelo estudo detalhado de M.

[3]**1 Chr. 24: 6; 2 Chr. 34:13. O cronista estava interessado em esclarecer e estabelecer os papéis dos levitas no culto. Ver Myers, 1 Chronicles, XXXIX. Em geral, o cronista, que escreveu no século IV, transferiu a situação de sua época de volta para a história de Israel.**

Fishbane da interpretação da Bíblia de suas próprias tradições.18 No estudo de Fishbane, os escribas são entendidos em sentido estrito como copistas e intérpretes assistemáticos da Bíblia. À medida que transmitiam as tradições, eles o faziam em uma tradição viva de interpretação e, portanto, fizeram comentários e interpretações em vários pontos do texto, alguns dos quais

[4]Para a interpretação das várias fontes sobre os levitas, ver R. De Vaux, Ancient Zsrae / (New York: McGraw, 1961) 391-394.

[5]M. Weinfeld, Deuteronomy and the Deuteronômico School (Oxford: Clarendon, 1972); C. Carmichael, The Laws of Deuteronomy (Ithaca: Cornell, 1974).

[6]Veja a revisão das evidências e pressuposições em Donn Morgan, Wisdom in the Old Testament Traditions (Atlanta: Knox, 1981) 94-106. Observe a advertência de Morgan (p. 102) sobre o quão pouco realmente sabemos sobre os círculos que produziram Deuteronômio.

[7]G. von Rad, Studies in Deuteronomy (Londres: SCM, 1953) 68; GE Wright, uThe Levites in Deuteronomy, ** VT 4 (1954) 325-330, esp. 329; LeMaire, Ecoles, 56 e n. 184

[8]Michael Fishbane, Biblical Interpretation in Ancient Israel (Oxford: Clarendon, 1985).

foram incorporados ao texto como o temos. Eles também se tornaram autoridades nos textos e suas interpretações e foram provavelmente padres ou intimamente ligados aos círculos sacerdotais.[225]A partir dos comentários dos escribas incorporados ao texto bíblico, não fica claro se os escribas também pertenciam aos círculos que produziram as tradições bíblicas, mas certamente eles tinham a responsabilidade pela transmissão da tradição. Visto que nenhum comentário independente foi produzido em Israel até o período Hasmoneu ou pouco antes dele, os escribas foram provavelmente autores, comentaristas e transmissores dos textos bíblicos.[226]

A interpretação bíblica interna das tradições sugere um processo de transmissão complexo que incluiu vários grupos na sociedade com escribas em cada grupo. Visto que as leis, narrativas e profecias bíblicas não chegaram até nós diretamente de juristas, profetas e outros praticantes da vida diária, uma classe acadêmica produziu os materiais bíblicos.[227]Como os líderes eram chamados a reconciliar as

[225]Fishbane, Interpretation, 78-84.

2 ° Fishbane, Interpretation, 84-88. Para a natureza "escriba" dos Manuscritos do Mar Morto, veja Malachi Martin, The Scribal Character of the Dead Sea Scrolls (Leiden: Brill, 1958), 2 vols.

[2]Os tópicos jurídicos cobertos pela Bíblia são muito incompletos para serem o código real

tradições sagradas uns com os outros e a lei com os costumes e as novas circunstâncias, eram necessários intérpretes instruídos. Os conflitos dentro da sociedade produziram interpretações concorrentes da lei e dos costumes, um fato ricamente ilustrado nas seitas e grupos dos tempos hasmoneus e herodianos. Sem perna 刃 materiais (narrativas, sermões, rituak, orações, hinos, profecias, história) também foram interpretados dentro da Bíblia,[228] assim como oráculos proféticos, sonhos e visões.[229]

Todo o material bíblico foi transmitido de maneira tão complexa que a atividade de intérpretes e comerciantes eruditos deve ser postulada para toda a história de Israel, desde o período monárquico. A diversidade de materiais e ambientes argumenta que nenhum grupo foi responsável por transmitir essas tradições, mas que muitos segmentos da sociedade israelita tinham suas tradições e escribas qualificados o suficiente para interpretá-las e transmiti-las. Portanto, os escribas ou pessoas com habilidades de escriba devem ter feito

usado pelos juízes e muitas vezes as punições ou outras circunstâncias são vagamente sugeridas. Assim, os códigos legais são exemplares e destinados a servir a um propósito religioso, educacional ou outro (Fishbane, Interpretation, 91-98). Isso sugere que os escribas, professores ou sacerdotes ou alguma combinação deles coletaram as leis bíblicas que eles entendiam como reveladas por Deus e essenciais para Israel. A sacralidade da lei e a tentativa deuteronômica de santificar o povo, um programa promovido por Esdras e Neemias, sugerem grupos sacerdotais e levíticos no exílio e no período do segundo templo (107-123). Observe que os sacerdotes não tinham monopólio sobre a autoridade de ensino, especialmente no exílio fora do Templo (265).

^ Fishbane, Interpretation, 281-440.

^ Fishbane, Interpretation, 443-524.

parte dos círculos sacerdotais, proféticos e de liderança em todos os momentos. Embora seja difícil provar a continuidade histórica, a natureza dos materiais bíblicos em seu ambiente cultural do Oriente Próximo torna muito provável a hipótese de tradições literárias e interpretativas contínuas e diversas.24 É certo que os escribas desempenharam um papel nesta tradição,

Período Greco-Romano

Ao esboçar as mudanças provocadas no judaísmo pela influência helenística, E. Bickerman postula a ascensão de uma classe de escribas independentes e não sacerdotais.25 Visto que os gregos dependiam de funcionários não sacerdotais e de indivíduos eruditos para servir em conselhos municipais e em escritórios locais , eles nomearam escribas eruditos para cargos governamentais, de acordo com Bickerman. Se isso ocorreu, provavelmente foram acrescentados escribas, e não substitutos para os sacerdotes e cidadãos importantes que sempre foram poderosos nas cidades do Oriente Próximo. Bickerman provavelmente está correto, entretanto, que a tradição grega de conselhos, oficiais, sofistas, filósofos e professores estimulou atividades de escribas mais especializadas na sociedade judaica.

ESCRITOS DO TEMPLO

Escribas do Templo são mencionados entre os líderes judeus na carta de Antíoco IIF a Ptolomeu, governador de

"Fishbane, Interpretation, 525-527.

^ Elias Bickerman, "Ch. 2. The Historical Foundations of Postbiblical Judaism, n Os judeus, ed. Louis Finkelstein (Nova York: Harper, 1949) Vol 1, pp. 99-101.

Coele-Syria.[230] Assim que Antíoco assumiu o controle da Palestina logo após 200 AEC, ele reorganizou suas novas propriedades. Sua carta a Ptolomeu afirmou a relativa independência de Jerusalém, disponibilizou recursos para o reparo e repovoamento da cidade e isentou certos funcionários judeus de impostos.

> E todos os membros da nação terão uma forma de governo de acordo com as leis de seu país, e o senado, os sacerdotes, os escribas do templo e os cantores do templo serão isentos do imposto de captação e do o imposto da coroa e o imposto sobre o sal que eles pagam.[231]

Podemos especular que os escribas estavam preocupados com as funções financeiras e organizacionais do Templo ou com o registro e ensino das tradições e leis sagradas, mas não podemos saber com certeza. Que os escribas são dependentes das receitas do Templo e subordinados aos sacerdotes que controlavam o Templo é certo e significativo para a compreensão dos escribas conforme aparecem nos evangelhos, pois lá também os escribas estão localizados principalmente em Jerusalém e aliados dos principais sacerdotes.

O PERÍODO DE HASMONEAN

Os escribas aparecem uma vez em 1 Macabeus, de alguma forma associados aos hassidianos. Durante a revolta dos Macabeus, um grupo de "piedosos" ou "hassidianos"(腕 血 加 丿 juntou-se aos macabeus em sua luta contra Antíoco IV: "Então se uniu a eles [Matatias e seus amigos] uma companhia de hassidianos, poderosos guerreiros de Israel, todos os que se ofereceram pela lei" (1 Mac. 2:42). Após a morte de Antíoco e a ascensão de Demétrio I:

> "um grupo de escribas apareceu em um corpo diante de Alcimus

[230] Josefo, Antiquities, 12.3.3 (138-144). A autenticidade desta carta foi defendida por E. Bickermann [sic], uLa charte sdeucid de Jerusalem, w Revue des Etudes Juives 100 (1935) 4-35; reimpresso em E. Bickerman, Studies in Jewish and Christian History (Pt. 2; Leiden: Brill, 1980) 44-85. Os argumentos meticulosos e detalhados de Bickerman foram geralmente aceitos, por exemplo, pelo tradutor de Josephus, Ralph Marcus (Loeb ed., 1943; Cambridge : Harvard Univ., 1976) Vol 7. App. D, pp. 751-761.

27Josephus, Ant. 12.3.3 (142).

> [o novo sumo sacerdote, nomeado pelo rei] e Báquides [governador do rei] para pedir termos justos. Os hassidianos foram os primeiros entre os filhos de Israel a buscar a paz deles , pois eles disseram: 4Um sacerdote da linhagem de Arão veio com o exército, e ele não nos fará mal, w (1 Mac. 7: 12-14).

Em contraste, os macabeus se recusaram a negociar com Alcimus porque ele era aliado dos selêucidas. O autor, que apoiava os Macabeus, deixa claro que os novos líderes governamentais eram traiçoeiros e que os Macabeus estavam certos em se recusar a fazer qualquer acordo. Ele prova seu ponto observando que Alcimus prendeu sessenta dos que fizeram as pazes e os matou em um dia (1 Mac. 7:16).

As duas frases que mencionam os escribas e hasidianos seguem uma à outra estranhamente e a relação entre os dois não é clara *. Goldstein sugere que cada grupo pietista tinha seus próprios escribas e mais de um dos escribas de um grupo está implícito nesta passagem.[232] Tcherikover identifica os pietistas como uma seita especial dentro da classe dos escribas, que era composta pelos eruditos na Torá, e Tcherikover pensa que desde o tempo de Esdras os escribas cresceram no poder como autoridades leigas, independentes dos sacerdotes e aliados de líderes urbanos que eram alienado dos padres.[233] No período dos Macabeus, eles se tornaram os líderes da resistência e os principais escribas.[234]O fato de que eles puderam vir para Aldmus como um grupo e que foram objeto de um plano de assassinato significa que eles tinham alguma influência ou poder e eram vistos como uma ameaça pelo governo. É provável que eles, como os macabeus, tivessem alguma influência sobre o povo e fossem vistos como um obstáculo à reafirmação do controle pelo governo e pelo sumo sacerdote nomeado pela realeza, uma luta narrada no restante do capítulo sete. Assim, os escribas faziam parte da direção política do Judaísmo, mas numa posição subordinada onde estavam abertos ao tipo de opressão que sofreram nas mãos de Alcimo. teve alguma influência sobre o povo e foi percebido como um obstáculo à reafirmação do controle pelo governo e pelo sumo sacerdote nomeado pela realeza, uma luta relatada no restante do

[232]**Jonathan Goldstein, 1 Maccabees (Garden City: Doubleday, 1976) 331-332.**

[233]**Victor Tcherikover, Civilização Helenística e os Judeus (Philadelphia: Jewish Publ. Soc., 1959) 124-126.**

^ Tcherikover, Civilization, 196-198.

capítulo sete. Assim, os escribas faziam parte da direção política do Judaísmo, mas numa posição subordinada onde estavam abertos ao tipo de opressão que sofreram nas mãos de Alcimo. teve alguma influência sobre o povo e foi percebido como um obstáculo à reafirmação do controle pelo governo e pelo sumo sacerdote nomeado pela realeza, uma luta relatada no restante do capítulo sete. Assim, os escribas faziam parte da direção política do Judaísmo, mas numa posição subordinada onde estavam abertos ao tipo de opressão que sofreram nas mãos de Alcimo.

A natureza e o status dos hassidianos também são muito incertos. Os hasidianos têm sido mais frequentemente tratados como uma seita bem definida ou grupo coeso que mais tarde gerou os fariseus, essênios, escribas e talvez outros grupos judaicos do segundo século,[235] mas nada nas palavras de 1 Macabeus sugere isso, a palavra que significa "companhia" é "sinagoga", uma palavra grega com uma ampla gama de significados. Sabemos apenas que esses judeus piedosos eram guerreiros vigorosos que se ofereceram para lutar. É muito mais provável que pietistas seja uma designação descritiva de um amplo espectro de judeus que resistiram ativamente à helenização e defenderam a piedade, isto é, seu modo de vida, contra o ataque de Antíoco ao invés do nome de um grupo bem definido.[236]

O autor de 1 Macabeus é tal defensor dos Macabeus que seus oponentes são retratados de forma polêmica e incompleta. Assim, não podemos compreender totalmente a situação política que levou alguns escribas e hasidianos a chegarem a um acordo com Alcimus ou porque é que ele matou alguns deles. Suspeita-se de fortes rivalidades e divergências sobre a direção que o Judaísmo deve tomar e uma luta pelo controle da população ▪ Claramente, os Macabeus não queriam perder o poder e a influência que haviam conquistado.

[235]Para a visão padrão, veja Martin Hengel, Judaism and Hellenism (Philadelphia: Fortress, 1974) 78-83; 174-247. Jonathan Goldstein segue a posição usual de tratá-los como um grupo semelhante a uma seita em I Macabeus, 5-6. Hasid e hasideans ocorrem na literatura rabínica. No último século, alguns estudiosos identificaram os piedosos com os essênios, uma posição amplamente refutada por Adolf Buehler, Tipos de devoção judaico-palestina de 70 aC a 70 dC: Os homens piedosos antigos (1922; repr. New York: Ktav, 1968) . Mais recentemente, S.Safrai, "Teaching of Pietists in Mishnaic Literature", 16 (1965) 15-33, traçou uma evolução do termo dos seguidores dos Macabeus a um grupo austero de sábios com sua própria Mishná nos dois primeiros séculos de nossa era para um uso mais geral do termo para um sábio líder e austero. Safrai ' O argumento é prejudicado por uma fusão acrítica de diversas fontes. O significado que ele propõe para "hasid" na literatura rabínica posterior se ajusta ao seu uso em todas as fontes.É um termo geral usado para um sábio exemplar para rigor e santidade.

[236]Philip Davies, "Hasidim in the Maccabean Period," JJS 28 (1977) 127-140, para uma apresentação muito eficaz das fraquezas da hipótese usual de uma seita hassidiana

Os hassidianos, que fizeram um curso diferente dos macabeus, são apresentados como um pequeno grupo ingênuo dizimado pelo governo, visão que deriva do autor de 1 Macabeus9 posição pró-Macabeus e antipietista. Em contraste, em 2 Macabeus, que é pró-pietista e anti-Hasmoneu,[237] O sumo sacerdote Alcimus, em um discurso ao rei selêucida, Demetrius I, identifica todos os seguidores de Judas Macabeu como hassidianos, isto é, como judeus piedosos que rejeitam o governo por razões tradicionais e religiosas (2 Macc. 14: 6). Tal generalização ampla se encaixa tanto no discurso de Alcimo, em que uma visão geral é apresentada ao rei, quanto na perspectiva do autor de 2 Macabeus, que vê os pietistas e seu heróico líder Judas como oponentes do helenismo. Todos os oponentes genuínos da helenização eram hassidianos e preservadores do judaísmo contra a opressão externa.

A história de Eleazar, um dos principais escribas (2 Macc. 6:18) que morre pela lei e como um exemplo para os judeus mais jovens, mostra que os escribas eram líderes proeminentes na sociedade palestina. O relato em 2 Macabeus enfatiza sua nobreza, virtude e responsabilidade comunitária. É digno de nota que a recontagem dessa história por um judeu da diáspora em 4 Macabeus identifica Eleazar como um sacerdote (5: 4) e enfatiza seu aprendizado. Estes textos e vários outros sugerem que o uso de escriba como título para os eruditos guardiães da lei era um uso palestino, não encontrado na diáspora.

Escribas na literatura judaica

A presença de escribas no período helenístico torna-se provável pela própria existência de uma riqueza de literatura judaica do período. A tradição Enoch, com seu interesse inicial em assuntos de calendário e astronômicos (1 Enoch 72-82), os livros de sabedoria e histórias (Qohelet, Daniel 1-6, Ben Sira) e a variedade de produtos literários deste período testemunham a intensa autoria atividade e apoio educacional para tal atividade. A atividade de escriba e as tendências separatistas nas tradições de Enoque foram intensificadas posteriormente nas tradições da comunidade de Qumran e nas de

[237] **2 Macabeus aceita Judas Macabeus como um líder heróico dos judeus piedosos que resistem aos selêucidas, mas deixa de fora seus sucessores hasmoneus e é claramente hostil ao governo judeu criado após a guerra.**

muitos outros grupos sem nome do período greco-romano. Durante o período helenístico, o judaísmo produziu uma vasta quantidade de literatura e esta atividade autoral defende um forte núcleo de judeus educados e um estabelecimento educacional, incluindo escribas,

BEN SIRA

A descrição mais famosa do escriba na literatura judaica é dada por Ben Sira no início do século II (3 & 24-39: 11). Ben Sira observa que somente quem tem lazer pode se tornar sábio (3 e 24) e contrasta a vida de escriba com a dificuldade física de outros empregos.[238] Ele atribui ao escriba ideal todas as áreas de conhecimento, alto cargo governamental e fama duradoura · A sabedoria do escriba está intimamente ligada e dependente de Deus porque sua principal fonte de conhecimento é a "lei do Altíssimo, * o estudo de o que o leva "a buscar a sabedoria dos antigos" e a se preocupar com as profecias. * Ele também "preservará o discurso de homens notáveis e penetrará nas sutilezas das parábolas; ele buscará os significados ocultos dos provérbios e ficará à vontade com as obscuridades das parábolas "(39: 1-3). Ben Sira concebeu o escriba como um especialista no que então se tornou as três partes da Bíblia Hebraica, a lei (Torá), os profetas e os escritos, especialmente os escritos que recebem ênfase especial nos versos 2 e 3.[239] O escriba não é simplesmente um erudito ou professor nos moldes modernos, mas um alto funcionário, conselheiro da classe governante, um embaixador internacional e viajante

> Ele servirá entre grandes homens e aparecerá perante governantes; ele viajará por terras de nações estrangeiras, pois testa o bem e o mal entre os homens. (39: 4) Eles [artesãos] não são procurados para o conselho do povo, nem alcançam destaque na assembleia pública · Não se sentam na cadeira do juiz, nem entendem a sentença do julgamento; eles não podem expor disciplina ou

[238]Ben Sira é muito mais generoso em sua descrição e elogios de outros empregos do que o modelo egípcio que ele estava seguindo, a Instrução de Khety, Filho de Duauf. Veja o ** Praise of the Learned Scribe "em James Pritchard, Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament (Princeton: Princeton UP, 1950) 431-434.

[239]Ben Sira usa uma perspectiva de sabedoria para compreender o resto da tradição bíblica e incorpora ao papel do homem sábio os papéis anteriores de profeta e recipiente da revelação divina.

julgamento, e não são encontrados usando provérbios. (38: 32-33)

A base para a liderança social dos escribas * não é o nascimento ou a riqueza, mas o conhecimento da disciplina (paideia, educação, cultura), julgamento e provérbios (parabolais, parábolas, semelhanças).

A associação do escriba e sua sabedoria com Deus e a religião judaica tradicional é fortemente enfatizada em w. 5-8. O escriba ora e se Deus o enche de espírito de entendimento, ele será sábio e "revelará instrução em seu ensino e se gloriará na lei da aliança do Senhor" ©). Finalmente, ele deixará um nome reconhecido por causa de sua sabedoria (9-10). Tanto no hino ao escriba como em outras partes de Ben Sira, o sábio (que pelo menos em parte é identificado com o escriba) é associado aos governantes e sacerdotes. [240] Os estudiosos têm discordado se Ben Sira é ele próprio um padre, especialmente em vista de sua glorificação de Simão o padre no cap. 50.37 O argumento não precisa ser resolvido para entender o ensinamento de Ben Sira sobre o escriba. Todos os grupos tinham escribas, incluindo os padres. Se Ben Sira não é um sacerdote, ele apóia o Templo, os sacerdotes e o governo judaico central em Jerusalém e vê a tradição e a sabedoria judaicas como derivadas do Yahwismo tradicional. É muito provável que ele estivesse associado à classe dirigente, seja como professor ou algum tipo de funcionário. Fosse ele rico ou pobre, sacerdote ou leigo, ele se identificava com a classe governante e via a sabedoria (que incluía a Bíblia) como a chave para a vida, o governo e a ordem do mundo.

Em Ben Sira, o entendimento do escriba foi ampliado de modo que é quase equivalente ao do sábio. Essa fusão de funções também será vista na Carta de Aristeas a seguir. O escriba é um homem sábio erudito nas escrituras e na sabedoria judaica tradicional, e o toque da sabedoria é grande e variado. O significado de todos os termos em 39: 1-3 não pode ser determinado exatamente e provavelmente pretende ser mais inclusivo do que preciso.38 Embora seja provável que Ben Sira não esteja propondo uma identificação total do homem sábio e do escriba, ele certamente vê pouca diferença em suas

[240]**Burton Mack, Wisdom and the Hebrew Epic (Chicago, Univ, of Chicago Press) 89-107, demonstra as ligações entre a descrição do escriba e as descrições posteriores dos governantes, profetas e sacerdotes de Israef em caps. 44-50. Ben Sira inclui um motivo encomiástico helenístico tanto no cap. 39 e chs. 44-50. Obviamente, embora não possa mencionar seu próprio nome, ele inclui a si mesmo e espera que seu livro faça sua sabedoria e sua fama serem lembradas.**

capacidades e características. Os escribas cumpriam certo papel social, subordinados à classe governante, e representavam o judeu erudito ideal.

Os interesses de escriba e as atividades autorais de Ben Sira podem derivar do fato de ele ser professor. Seu neto, que traduziu seu livro do hebraico para o grego, diz em seu prefácio que ele era professor. Anexado ao final de seu livro está um hino (51: 13-30) que menciona o que provavelmente é uma escola (aposta midrash). Uma vez que este hino é encontrado independentemente entre os Manuscritos do Mar Morto em uma versão próxima, mas diferente do grego.39, provavelmente era

[J7]**H. Stadelmann, Ben Siraals Schriftgelehrter (J \ ibmg £ ni Mohr, 1980) afirma que Ben Sira era muito provavelmente um padre. J. Marbdck, Weisheit im Wandel. (Bonn, Hanstein, 1971) e * Sir. 38,23-39,11: Der schriftgelehrte Weise: Ein Beitrag zu Gestalt und Werk Ben Siras, "La Sagesse de Vâncien Testament, ed. M. Gilbert (Gembloux: Duculot / Leuven: Univ. Leuv., 1979) 306, afirma que é um leigo.**

丸 Marbdck, "Weise," 311-314.

[39]**É um de um grupo de salmos de David em IIQPs, publicado em James A. Sanders, The Psalms Scroll of Qumran Cave 11, Discoveries in the Judaean Desert IV (Oxford: Clarendon, 1965) 79-85.** não é original de Ben Sira e, portanto, não é uma declaração dele de que foi professor.40 Quer o hino seja de Ben Sira ou não, se o hino data do século II e se o midrash de aposta for corretamente entendido como uma escola, é a primeira menção explícita de uma escola na literatura judaica palestina e reflete o cenário social histórico de Ben Sira ou uma compreensão muito precoce de seu papel.

A imagem de Ben Sira do escriba ideal foi provavelmente influenciada pelos ideais sociais e educacionais gregos. Desde que Ben Sira escreveu no início do segundo século, AEC, os estudiosos têm discutido sobre a atitude de Ben Sira em relação ao helenismo. Alguns o viram como oposto à sabedoria helenística, mas a maioria entendeu que ele promove a sabedoria judaica dentro de um contexto helenístico e sem hostilidade geral às idéias gregas · Ben Sira é influenciado pelas práticas e pensamentos gregos, mas permanece centrado na tradição judaica · Para Por exemplo, ele mostra a influência das idéias gregas ao dar seu nome como autor do livro (50:27), em vez de permanecer anônimo e atribuí-lo pseudonimamente a Salomão.41 Ele também menciona a escrita várias vezes e é o primeiro autor a dizer: no curso de seu trabalho, que ele escreve.42

Muito mais do que em obras anteriores, podemos vislumbrar a

compreensão de Ben Sira sobre o conhecimento, o papel e o ambiente que devem ser associados aos escribas. O escriba tem amplo conhecimento, como o sábio da literatura bíblica, e desempenha muitos papéis na vida política da nação, bem como na de professor e mestre-escola.

Zanders e J. Haspecker, Gottesfurcht hei Jesus Sirach (Roma: PBI, 1967) 90, n. 7 argumentam que o peom não é original de Ben Sira. Stadelmann, Ben Sira, 30 * 33 defende sua autenticidade, mas seus auxiliares são tensos. M. Hengel, Judaism and Hellenism, Philadelphia: Fortress, II, p. 89, n. 8 & sugere que 1 lQPs tem uma forma anterior da oração que Ben Sira reformulou. A versão Cairo Geniza Ms. B parece ser uma retroversão da versão siríaca. O grego é próximo à versão de Qumran e mais autêntico.

[4]Esta é provavelmente uma razão importante pela qual o livro não foi aceito no cânon hebraico.

4244: 5 [no texto hebraico de Massada]; 42: 7. O epílogo a Qohelet, por um editor helenístico posterior da obra, diz que há muita produção de livros, mas Ben Sira refere-se a escrever no corpo do texto.

ENOCH

Enoque é mencionado três vezes como escriba no Livro Etíope de Enoque (1 Enoque). Visto que 1 Enoque é um composto de materiais de Enoque desenvolvidos ao longo de dois ou três séculos, é necessário descrever separadamente as duas partes de Enoque de onde provêm as passagens. Na primeira seção de 1 Enoque (1-36), que data de antes da Revolta dos Macabeus, Enoque é duas vezes referido como um escriba da justiça (12:34; 15: 1) e enviado como um mensageiro aos Vigilantes, a grupo de anjos que pecaram contra Deus. Seu papel em condenar os maus Sentinelas e anunciar sua punição se sobrepõe ao papel de profeta. No início da última parte de 1 Enoque (92: 1), a Epístola de Enoque, que data da última parte do segundo século AEC, Enoque aparece como o escriba que escreveu esta parte do livro:

Embora Enoque não seja chamado de escriba na Bíblia, a figura de Enoque nos livros apocalípticos que compõem 1 Enoque é uma mistura complexa de elementos tradicionais. Ele é concebido como um ancião sábio que é o recipiente da revelação apocalíptica e como uma figura profética, uma vez que comunica o julgamento de Deus e o plano de Deus para o futuro. Como destinatário da revelação apocalíptica, ele é associado à sabedoria mântica e também à sabedoria tradicional, que em Enoque é transferida para um contexto apocalíptico-escatológico.44 Os versos iniciais da última parte de

Enoque mostram que ele é especialmente um professor de justiça e que o autor de Enoque no século II associou essa figura mítica a papéis que lhe são familiares: professor, vidente, comerciante e escritor. Evidentemente, todas ou algumas dessas funções

tradução de James VanderKam, Enoch e o crescimento de uma tradição apocalíptica (CBQMS 16; Washington; CBA, 1984) 173. As variantes do manuscrito afetam as traduções desta seção. E. Isaac em Pseudepigrapha do Velho Testamento vol. l, p. 73 traduz o único manuscrito que ele usa como "(Livro) cinco, que foi escrito por Enoque, o escritor de todos os sinais da sabedoria .. ▪ ▪ "A designação de Enoch como escriba também aparece nos fragmentos aramaicos editados por JT Milik, The Books of Enoch: Aramaic Fragments of Qumran Cave 4 (Oxford: Clarendon, 1976) 262, e por isso é original do texto e não um acréscimo pela tradição etíope.

^ VanderKam, Enoch, 171-172.

estavam associados a escribas na época do autor.

F. Dexinger sugere que o autor se identifica com Enoque e era, como Enoque na narrativa, um escriba que transmitia as tradições de Enoque ao escrever e ensinar sua geração como enfrentar as mudanças e desafios ao Judaísmo.[241] [242]J. Collins sugeriu que as tradições de Enoque são produtos de "escribas que ficaram angustiados com as invasões do helenismo e a consequente erosão dos costumes tradicionais e agravamento das divisões de classe. ^ Qualquer que seja a situação e o motivo precisos do autor da última seção de Enoque, ele entendia que tanto a si mesmo quanto a seu herói Enoque eram escribas preocupados com as tradições (escritas) e a vida do Judaísmo. Por causa da forma literária e talvez por causa da alienação do autor da liderança judaica, nenhuma menção é feita aos papéis públicos do escriba.

A CARTA DE ARISTÉAS

A Carta de Aristéias a Filócrates é uma composição judaica grega pseudônima, muito provavelmente de Alexandria na última parte do século II AEC.[243]Supõe-se que seja um relato de como o rei egípcio encomendou uma tradução grega da Bíblia Hebraica e das discussões que os setenta e dois tradutores tiveram com o rei a respeito da

[241] **F. Dexinger, Henochs Zehnwochenapokalypse und offene Probleme der Apocalyptikforschung (SPB 29; Leiden: Brill, 1977) 149-150.**

"John J. Collins, The Apocalyptic Imagination (New York: Crossroad, 1984) 63. Ver 58-59 também.

"George Nickelsburg, Jewish Literature Between the Bible and the Mishnah (Philadelphia: Fortress, 1981) 165-169.

realeza. O objetivo da narrativa é afirmar o valor da sabedoria judaica e sua importância para os gentios. Também afirma a excelência dos líderes sábios encontrados entre os judeus e, portanto, busca estabelecer respeito e aceitação pelo judaísmo no mundo helenístico. A maior parte do livro é ocupada com o sábio discurso entre o rei e os tradutores. A lendária história da produção da tradução, pela qual Aristeas é mais conhecido, é uma parte secundária da narrativa.

eles também são qualificados para embaixadas. Enquanto estavam no Egito em uma embaixada, eles discutiram a realeza com o rei, uma preocupação típica tanto da literatura sapiencial quanto da filosofia grega. Todas essas características são próprias da aristocracia e por serem "amadas 冈 por Eleazar, o sumo sacerdote, eles não eram servos subordinados, mas iguais a ele em algum sentido.

A descrição desse grupo também se ajusta ao ideal de sabedoria do escriba vinculado aos níveis mais elevados da corte do governante e tem muito em comum com o escriba, conforme descrito em Ben Sira. Os tradutores e o escriba são homens sábios que conhecem toda a tradição, podem atuar em situações internacionais e têm o talento para serem líderes, juízes e acadêmicos. Na era helenística, o ideal internacional do sábio perdurou no Oriente Próximo e em Israel, tanto na Palestina quanto na diáspora. Israel continuou a ajustar sua ideia de homem sábio para atender às mudanças das circunstâncias e ao desenvolvimento da tradição judaica. O uso do termo escriba em Ben Sira e sua ausência em Aristeas podem refletir o uso palestino e da diáspora. A comunidade judaica alexandrina era liderada por pessoas instruídas, ricas e bem-nascidas que são o modelo para os tradutores.

^ Aristeas # 120-127. Ver texto e tradução em Aristeas to Philocrates, ed. Moses Hadas (reimpressão New York: Ktav, 1973).

[49]Uma forma do verbo agapad é usada.

SEGUNDO BARUCH

2 Baruch é um apocalipse escrito após a destruição do Templo em 70 EC. A narrativa se passa na época da destruição do primeiro Templo, mas o verdadeiro interesse do autor é o rescaldo da guerra com Roma ▪ Baruch, o escriba, do Livro de Jeremias, torna-se o líder da comunidade, tanto realizando as tarefas tradicionais de escriba de escrever para os exilados quanto recebendo revelação apocalíptica e cumprindo um papel de liderança profética para a comunidade. Em 2 Baruque, em contraste com o livro bíblico de Jeremias, a autoridade de Baruque excede a de Jeremias (2: 1; 9: 1-10: 4) e a comunidade

olha para ele em busca de orientação e conhecimento da vontade de Deus em um tempo de crise. Quando Baruch diz ao povo que logo partirá, eles temem que seu último vínculo com Deus seja quebrado e que ninguém esteja disponível para interpretar a Torá para eles (46: 3). Parece que o autor e sua comunidade entendem que a liderança genuína é profética e escriba, envolvendo tanto a interpretação da Bíblia quanto o contato visionário com Deus.50 Tal compreensão do ofício de escriba se encaixa bem em um grupo apocalíptico porque a literatura apocalíptica tem fortes ligações com o tradição de sabedoria, tanto tradicional quanto mântica · Por exemplo, Daniel, um vidente apocalíptico arquetípico, é um homem sábio e oficial na Babilônia.

Escribas em Josefo

Josefo usa o escriba da maneira greco-romana usual para funcionários em todos os níveis, da aldeia à corte real.51 Ele não usa o termo para um grupo social organizado, nem para grupos especialmente devotados à lei, como os fariseus . Na primeira metade das Antiguidades, quando Josefo está resumindo a Bíblia, ele mantém escribas onde aparecem como funcionários reais ou como indivíduos (por exemplo, Baruch, Ezra). Josefo manifesta sua própria

吐 .Sayler, as promessas falharam? A Literary Analysis of 2 Baruch (SBLDS 72: Chica Scholars, 1984) 115-117.

[51]Para o toque? de significados e papéis associados com a palavra grega escriba (grammateus), ver F. Poland, ttTechnitai, w Paulys IVissowa, 2 Ser, Vol 5 A, col. 2534.

compreensão do papel e status social dos escribas quando ele adiciona escribas ao relato bíblico ou se refere a eles no período greco-romano.

Em seu acréscimo de escribas ao relato bíblico, Josefo entende que os escribas são funcionários de nível médio que servem ao rei. Por exemplo, quando os israelitas derrotaram os filisteus na batalha em 1 Sam. 14: 31-35, eles começaram a matar animais e comê-los sem observar as leis para o abate de animais. O hebraico diz que alguém ("eles ◦ disse a Saul sobre isso; Josefo diz que os escribas lhe contaram.52 Os escribas são funcionários da comunidade com acesso ao rei e responsabilidade de supervisionar a observância da lei. De acordo com 1 Chr. 23: 1-6, pouco antes de sua morte, Davi organizou os levitas de acordo com as tarefas, com seis mil designados para

serem oficiais (soterini) e juízes. Josefo traduz os oficiais como escribas, indicando assim que os entende como funcionários do governo de nível médio e baixo.53 Os escribas também são mantenedores de registros do governo. Quando David fez um censo das pessoas em 2 Sam. 24: 1 ele enviou Joabe e os comandantes do exército para fazer o censo. Josefo entendia que o censo era considerado um escriba, não uma atividade militar, portanto, em seu relato, Joabe leva os chefes das tribos e os escribas com ele. 54 Na história de Ester, os escribas são acrescentados duas vezes à história de Josefo como guardiões de registros. Quando o rei não consegue dormir, ele recebe crônicas reais trazidas a ele por seus servos; em Josefo, os escribas trazem esses registros do rei.55 Em outra passagem, a lista hebraica de funcionários do governo que ajudam os judeus inclui príncipes, sátrapas, governadores e, literalmente, "executores do trabalho do rei · 巧6 Josefo traduz a vaga expressão hebraica como escribas, usando escriba como título para um funcionário do governo.

Em dois lugares, Josefo se refere aos escribas do Templo. Na primeira passagem (Esd. 7:24), quando o rei persa permite que Esdras retorne a Jerusalém, ele isenta de "tributo, costume ou pedágio" os seguintes grupos: sacerdotes, levitas, cantores, porteiros, templo

^ *Ant.* **6.6.4 (120).**

[53]***Formiga.*7,14,7 (364). Josefo segue a LXX.**

^ *Ant.* **7.13.1 (3)9).**

55Esther6: l; Formiga. 11.6.10 (248.250).

^ Ester 9: 3. Esta frase é geralmente traduzida como funcionários reais ou mordomos do rei. Formiga. 11.6.13 (287). Josefo segue a LXX.servos e outros servos da casa de Deus. Os dois últimos termos são repetitioxis e vagos. No aramaico da passagem, os servos do templo são netinayya, uma palavra tirada do hebraico de Esdras e provavelmente significando uma dada ao Templo. Este grupo pode ter sido um tipo específico de funcionário do Templo no período pós-exílico. A categoria final é uma expressão perifrástica que parece incluir todas as outras associadas ao Templo. 1 Esdras, uma reescrita grega de Esdras-Neemias do segundo século AEC que foi usada por Josefo, traduz os dois termos como servos do templo (hierodoulos) e funcionários do templo (pragmatikos) .51 O segundo termo é ainda mais geral na 1 tradução de Esdras do que no original aramaico. Josefo substitui 1 categoria obscura de Esdras, pragmatikos, com uscribos do Templo · 段 Josefo esclareceu o texto

inserindo um grupo de oficiais do Templo que ele conhecia quando estava em Jerusalém.[244] [245] [246] Embora suas tarefas exatas não sejam especificadas, é possível ensinar, manter registros, preservar as tradições sagradas e regulamentar pontos da lei e dos costumes ▪

Alguns escribas tinham status baixo e outros status muito alto durante o período herodiano. Em uma das batalhas dinásticas entre os descendentes de Herodes, seus filhos Aristobolxis e Alexandre ameaçaram reduzir a família de Salomé à servidão. Especificamente, eles ameaçaram que as mães da família teceriam no tear com escravas e os irmãos seriam escribas da aldeia.[247] Josefo observa que a ameaça contra os irmãos era uma referência sarcástica à educação cuidadosa que haviam recebido. A passagem implica que o escriba da aldeia era uma ocupação de status muito baixo. O escriba era provavelmente uma pessoa que sabia ler e escrever e conhecia as formalidades sociais e legais bem o suficiente para escrever cartas, contratos e petições. Esse especialista de nível inferior também pode ter sido um oficial de aldeia representando o governo em pequenos assuntos locais.

Na outra extremidade do espectro estava Diofanto, um escriba de Herodes, que supostamente falsificou uma carta e que acabou sendo executado. [248] Para ter sido capaz de conspirar e executar uma falsificação, ele deve ter sido um oficial de alto escalão próximo a Herodes. Aristeu, um distinto sacerdote de Emaús, era o escriba (secretário) do conselho (grammateus tes boules), foi morto com quinze outros homens eminentes durante a seig ^ em Jerusalém.[249] O conselho era o órgão governante nas cidades gregas e o secretário era o administrador do conselho e um importante funcionário municipal. [250] É claro que Aristeu foi escolhido para execução porque era um alto oficial em Jerusalém.

Josefo menciona escribas em vários lugares porque eles são comuns e aceitos em seu mundo. As funções, o status social e o poder dos escribas variam de altos funcionários a humildes funcionários da aldeia. A alfabetização era crucial para seu lugar e função na

[244]1 Esd. 8:22. Um pragmatikos pode ser um consultor jurídico ou advogado, bem como muitas outras coisas.

^ *Ant.* 1151 (128).

^ Veja os escribas do Templo na carta de Antíoco IIFs, tratada acima.

^ *Guerra*1J24.3 (479). O grego é komon grammateis.

248War 1263 (529) e Ant. 16.10.4 (319).

^ *ar 5.13A* (532).

[M]Veja Atos 19:35, onde o escriba / escrivão da cidade chama a assembléia para ordem em uma crise.

sociedade, mas seu status exato dependia do governante ou da classe governante. Josefo não apresenta os escribas como um grupo específico e distinto com seus próprios ensinamentos, como os fariseus, saduceus e essênios. Em vez disso, os escribas eram um tipo de ator social bem conhecido e aceito, que podia desempenhar vários papéis e receber diferentes status sociais.

PROFESSORES DE DIREITO EM JOSEPHUS

Visto que os escribas são freqüentemente vistos como professores da lei ou como especialistas em sua interpretação tanto por estudiosos modernos quanto por fontes antigas, como o Novo Testamento e a literatura rabínica, e uma vez que Josefo não usa a categoria escriba para os versados na lei, um um breve tratamento daqueles versados na lei em Josefo está em ordem. Josefo freqüentemente se refere ao aprendizado da lei, especialmente quando retrata os judeus como um grupo culto e erudito, com sua própria sabedoria. Seu retrato dos ensinamentos dos fariseus, saduceus, essênios e revolucionários como filosofias já foi revisado no capítulo seis. Ele chama os dois professores, Judas e Matias, que orientaram seus jovens alunos zelosos a derrubar os símbolos romanos por meio de outro bom termo grego para uma pessoa erudita, sophistai.

> Eles dão crédito pela sabedoria apenas àqueles que têm um conhecimento exato das leis (nomima) e que são capazes de interpretar o significado das Sagradas Escrituras (hierdn grammatdn). Conseqüentemente, embora muitos tenham empreendido laboriosamente esse treinamento, apenas dois ou três tiveram sucesso e imediatamente colheram os frutos de seu trabalho.65

Essa descrição é um ideal e um exagero. Josefo, que se congratula por ter concluído as Antiguidades, está chamando a atenção dos leitores para seu próprio aprendizado e certamente se conta entre os dois ou três que conseguiram dominar a tradição judaica, mas ao se dirigir ao seu público greco-romano Josefo sim não usa nenhum termo técnico para o judeu erudito e não designa a pessoa erudita como escriba.

O uso da palavra escriba por Josefo pode refletir seu significado no mundo greco-romano, onde não tinha a conotação judaica palestina de alguém instruído na lei, mas simplesmente se referia a

um oficial ou, mais literalmente, a um estudante de gramática grega. Escrevendo em hebraico na Palestina, Ben Sira chama alguém erudito na lei de escriba (sofer), um termo que seu neto traduz fielmente para o grego grammateus. Mas no prefácio grego da tradução, o neto, escrevendo em Alexandria na última parte do século II, refere-se tanto a seu público quanto a seu avô como versados na lei, sem qualquer recurso a termos técnicos. Da mesma forma, a Carta de Aristeas, que provavelmente também vem de Alexandria, descreve a aprendizagem dos setenta e dois tradutores, mas não os chama de escribas nem lhes dá qualquer título. 4 macabeus,

[M]Ver uma discussão sobre este assunto por G. Maier, uDie judischen Lehrer bei Josephus, ** Josephus-Studien (Festschrift O. Michel), eds. O. Betz, et al. (Gdttingen: Vandenhoeck, 1974) 260-270. War 1.332 (648).

^ *Ant.* 20.12.1 (264).

o escriba Eleazar em um sacerdote erudito · Ben Sira, 2 Macabeus e os evangelhos sinóticos podem refletir uma compreensão palestina do escriba como alguém erudito na lei judaica.66

Escribas no Novo Testamento como líderes judeus

Mais do que em qualquer outra fonte, os escribas são vistos como um grupo unificado no Novo Testamento, mas essa visão pode não ser historicamente precisa. Os escritores do evangelho sinótico veem os escribas como um grupo unificado em oposição a Jesus, mas falam muito pouco sobre eles. Faremos uma breve revisão das conclusões alcançadas nos capítulos oito e nove e as relacionaremos com o material de nossas outras fontes.

Em Marcos, os escribas estão associados a Jerusalém e aos principais sacerdotes como parte do governo do Judaísmo · Embora suas funções não sejam especificadas, sua estreita associação com os principais sacerdotes significa que eles atuaram como altos funcionários e conselheiros e que alguns chegaram a ser membros do governo aula. Os escribas marcanos dependiam dos sacerdotes e obtinham seu sustento do Templo · Mesmo quando os escribas apareceram na Galiléia, foram identificados algumas vezes como vindos de Jerusalém. Seus ensinamentos são mencionados de uma maneira improvisada, o que sugere que eles foram reconhecidos como professores autorizados da lei e dos costumes judaicos. Os

escribas são, portanto, membros típicos da classe retentora e parte da estrutura normal da sociedade em um império agrário, conforme descrito no capítulo três. Mark os apresenta como um unificado, grupo político porque, para ele, sua característica saliente e unificadora é a oposição a Jesus. Na verdade, os escribas provavelmente representam uma infinidade de funcionários da comunidade judaica (muitos deles escribas) que se opuseram à reivindicação de autoridade de Jesus e ao número crescente de seguidores.

Para Mateus, tanto os escribas quanto os fariseus tinham muitos interesses em comum e eram os grupos eruditos por excelência no judaísmo · Os escribas estavam ligados tanto à vida da aldeia quanto aos líderes em Jerusalém e parte da liderança intermediária do judaísmo · Mateus enfatiza os escribas porque reconhece a

"Ver Stadelmann, Ben Sira, 257, n. 1 e 25 epapel dos escribas cristãos na nova comunidade cristã.[251] Sua disputa não é com o papel dos escribas como guias eruditos da comunidade e guardiães da tradição, mas com a oposição dos escribas judeus * a Jesus. É muito provável que a visão de Mateus dos escribas como líderes comunitários nas aldeias da Galiléia reflita mais a situação de sua igreja do que as condições na Palestina antes da guerra.

Em Lucas-Atos, os escribas não são um grupo muito distinto, mas são como os fariseus em sua crença na ressurreição. Os escribas são apêndices dos fariseus para a maior parte do evangelho e, no momento da morte de Jesus, os escribas são associados aos principais sacerdotes em Jerusalém, como estão nos outros dois evangelhos sinóticos. Em Atos, os escribas continuam a aparecer como líderes eruditos em Jerusalém, ativos na proteção do Judaísmo. Lucas também insere uma nova categoria de líder, o advogado. O advogado substitui o escriba em uma instância e os advogados são semelhantes aos escribas e fariseus. Lucas não adiciona nenhuma nova evidência para a Palestina do primeiro século. Sua compreensão dos escribas ou é vaga (ele os confunde com os fariseus) ou guiada pelas funções gerais dos escribas no mundo greco-romano.

Os escribas apresentados nos evangelhos sinópticos são mais bem

[251]**Os escribas cristãos parecem estar implícitos em 13:52 e 23:34. Os escribas são oponentes quando se unem aos fariseus. Ver R. Hummel, Die Auseinandersetzung zwischen Kirche tmd Judentum im Matthausevangelium (Munich: Kaiser, 1963) 17-18; van Tilborg, Leaders, 128-147; Heng ^ l, Studies in Mark, 74-81, esp. 78-81.**

compreendidos como burocratas e também como especialistas na vida judaica. Eles poderiam ter sido funcionários de baixo escalão e juízes em Jerusalém e nas cidades e vilas do país · Marcos, o mais confiável dos evangelhos, que pode refletir as condições na Palestina pouco antes ou depois da guerra e muito provavelmente tem tradições do meados do primeiro século, localiza escribas principalmente em Jerusalém ou diz que são de Jerusalém. Apenas duas vezes (2: 6; 9:14) ele simplesmente os coloca na Galiléia. Sua presença ali é provável prima facie tanto como escribas de aldeia que redigem contratos e outros documentos quanto como funcionários públicos de baixo escalão.[252]No entanto, tais funcionários não teriam feito uma classe social coerente ou organização oposta a Jesus, como os evangelhos os entendem. Os evangelhos testificam de forma mais confiável aos escribas ligados ao governo de Jerusalém, onde seu papel parece ser o de associados dos sacerdotes tanto em processos judiciais, como na aplicação dos costumes e leis judaicas e nos negócios em andamento no Sinédrio.69 As tradições do evangelho sobre os escribas podem refletir a oposição de muitos funcionários locais espalhados às primeiras comunidades cristãs antes e depois da guerra, e talvez também a Jesus.

Escriba é usado uma vez nas cartas de PauF, nas quais ele contrasta a sabedoria do mundo com a tolice da cruz e afirma que a cruz é a verdadeira sabedoria. No curso de seu ataque, ele cita a escritura e então pergunta retoricamente "Onde está o sábio (sophos), onde está o escriba (grammateus), onde está o debatedor (suzetete ^ i desta época? W (l Cor. 1 : 20) .Paulo parece estar se referindo a termos bem conhecidos para líderes intelectuais educados no mundo greco-romano, dos quais o escriba é um.

Escribas na literatura rabínica

A literatura rabínica posterior, a Mishná, os Taimuds e várias coleções midráshicas referem-se esporadicamente aos escribas (sofertm em hebraico), os primeiros professores autorizados a quem várias decisões e interpretações legítimas são atribuídas. As reconstruções históricas modernas do desenvolvimento da lei judaica

"Sean Freyne, Galiléia de Alexandre, o Grande a Adriano, de 323 aC a 135 dC (Wilmington: Glazier; Notre Dame: Notre Dame UP, 1980), cap. & Teoriza que a classe de escribas de Jerusalém tentou sem sucesso divulgar sua interpretação da vida judaica para a Galiléia antes da guerra e, em seguida, se envolveu em uma luta longa e bem-sucedida após a guerra (cf.

geralmente identificaram os escribas como os estudiosos judeus que tiveram grande influência no judaísmo desde a época de Esdras até a época dos pares no segundo século. Os escribas

esp. p. 328). As evidências para isso são escassas e a probabilidade sociológica e econômica pequena. Os escribas em Jerusalém eram apoiados pelos principais sacerdotes e parte de seu governo. A Galiléia estava sob o controle de Herodes Antipas; se algum escriba estava ativo lá, ele era seu e provavelmente tinha uma agenda diferente de Jerusalém. As atividades dos escribas eram intensamente políticas e não devem ser imaginadas como atividades de conferencistas ou professores populares no mundo moderno. Para escribas como levitas e funcionários judiciais subordinados, bem como professores e autoridades espirituais, consulte DR Schwartz, "'Scribes and Pharisees, Hypocrites: Who were the Scribes? * Zion 50 (1985) 121-132.

[C]J. Neusner, Evidence, 11 & pensa que os escribas no primeiro século eram juízes e administradores, subordinados à autoridade suprema dos romanos. Depois de 70 escribas, fariseus e sacerdotes formaram o núcleo de professores que se tornaram rabinos. Os interesses do escriba, sacerdotal e farisaico da Mishná * refletem as diversas origens dos rabinos.também são frequentemente identificados como membros da Grande Assembleia, o (lendário) corpo governante do Judaísmo durante este período.[253]Os estudiosos divergem quanto ao fato de serem sacerdotes ou não e quando sua influência cessou, bem como quanto ao alcance de seus ensinamentos. Alguns atribuem certos ensinos anônimos da Mishná a eles, mas não existe um método claro para isolar essas tradições · Lauterbach afirma que eles comentaram midrashically sobre as Escrituras e que a forma Mishná é posterior, mas esta visão foi contestada.[254] Todas essas interpretações dos escribas os trataram como um corpo coeso com uma agenda bem definida e poder independente, mas a evidência para esta posição é muito fraca.[255]

[253]Veja Guttmann, Judaism, 7-9 para um resumo da reconstrução usual. J. ZLauterbach, Rabbinic Essays (repr. New York: Ktav, 1973) 27-29 e 163-194 foi influente no desenvolvimento da visão comum, assim como Epstein, Mebo'oi, 503-05, que fala da escribas em conexão com o desenvolvimento do midrash no período pré-rabínico. Ver também Y. Gilat, ttSoferim, w Encyclopedia Judaica (Jerusalém: Keter, 1974) 15: 79-81; também A.Demsky e Ed., ttScribe, w 14: 1041-1044 sobre o escriba bíblico e o copista da Torá.

[7]·Veja Lauterbach na nota anterior para a prioridade do midrash. Ele segue vários historiadores judeus anteriores. A antiguidade tanto da lei simples quanto do costume e da lei escriturística interpretada é afirmada por EE Urbach, ttThe Derasha como uma Base da Halakha e o Problema dos Soferim, w [em hebraico] TarbizZ? (1957-58) 166-182 e David Weiss Halivni, Midrash, Mishnah e Gemara (Cambridge: Harvard, 1986) 19-37.

^ Urbach, ttDerasha, "chega mais perto da verdade ao observar que os escribas eram um grupo subordinado aos sacerdotes e anciãos que se engajavam nas práticas escribas e nos tipos de interpretação comuns no mundo grego. No entanto, ele retrojeta o período rabínico no primeiro e segundo séculos aC e torna os escribas educadores universais do povo.

Que os escribas não eram um grupo organizado com seu próprio ensino pode ser visto nas decisões explicitamente atribuídas aos escribas na literatura rabínica. Regras que são designadas como "palavras dos escribas" (diwg soferini) estão espalhadas nas fontes e não formam um corpo coerente de ensino. Na Mishná, os escribas são usados como a fonte de ensinamentos que são considerados antigos ou para decisões que não são totalmente aceitas ou têm menos autoridade do que as Escrituras. Por exemplo, as restrições relativas a comer o fruto de árvores novas se aplicam fora da terra de Israel, bem como dentro de uma questão de halaka, ou seja, a lei bíblica que é geralmente aceito como tal no ensino rabínico.[256] Por outro lado, as restrições relativas ao cultivo de diversas safras juntos também se aplicam fora da terra de Israel, mas apenas pela autoridade das "palavras dos escribas, que podem significar uma suposta promulgação antiga ou simples ensino rabínico.[257] Em vista do fato de que outras passagens que se referem às palavras dos escribas parecem implicar que as tradições derivam de autoridades mais antigas e confiáveis, esta passagem também provavelmente invoca sua autoridade, que é menor do que a Escritura, mas maior do que qualquer professor rabínico recente.

O desejo dos rabinos de circunscrever a autoridade dos ensinamentos dos escribas é mais claro no m. Yadaim. Quando a transmissão da impureza pelas mãos está sendo debatida por R · Josué e os sábios, R · Josué tenta argumentar por analogia com as leis relativas à transmissão da impureza às mãos do rolo da Torá. Essa regra, que é desconhecida na Bíblia, é atacada como base insuficiente para um argumento legítimo.

> Você não pode julgar (interpretar) as palavras da Torá pelas palavras dos escribas, nem as palavras dos escribas pelas palavras ou Torá, nem as palavras dos escribas pelas palavras dos escribas, (m. Yadaim 3: 2)

Os sábios desejam distinguir nitidamente a autoridade das leis nas Escrituras dos ensinos dos escribas e circunscrever nitidamente a autoridade dos últimos.

73m. Orla 3: 9.

[257]Para o último, consulte Alan Avery-Peck, Mishnah * s Division of Agriculture: A History and Theology of Seder Zeraim (BJS 79; Atlanta: Scholars, 1985) 336, que opta pelo significado de ensino rabínico. Avery-Peck coloca essa lei no último estrato Ushan da Mishná e observa que ela não tem relação com os problemas anteriores que se desdobram no tratado.

Embora a Mishná circunscreva a autoridade dos ensinamentos dos escribas, ela não a condena ou anula. Em m. Sinédrio, cap. 11 a Mishná lida com aqueles que merecem a pena de estrangulamento e especialmente aqueles que enganaram a comunidade. M. Sanhedrin 11: 3 decreta que aqueles que negam que se deve observar alguma parte das palavras dos escribas devem ser tratados com maior rigor do que aqueles que negam que se deve observar algum ponto da lei bíblica. A negação da lei das Escrituras provavelmente merece uma punição menos severa porque é obviamente autorizada e, portanto, quem quer que a negue será sumariamente rejeitado e não representará nenhum perigo para a comunidade e a autoridade das Escrituras. Mas,

Muitas das passagens da Mishná que mencionam as palavras dos escribas estão relacionadas com a pureza. Certas regras que se referem a instrumentos suscetíveis à impureza e que parecem desafiar os princípios gerais da impureza são atribuídas aos escribas pelo Rabino Joshua, que comenta: "Uma coisa nova os escribas inovaram e eu não tenho nada a responder" (m. Kelim 13: 7). Josué parece querer dizer que ele não pode responder àqueles que objetam a esses ensinamentos dos escribas, mas ao mesmo tempo sua atribuição desses ensinamentos a respeito de casos estranhos aos escribas é um esforço para fundamentá-los na autoridade inicial. Assuntos secundários também são atribuídos aos escribas em m. Yebamoth 2: 3-4 onde certos casamentos entre parentes próximos foram proibidos por uma ordenança (mitzwah) e outros graus secundários de união,[258]

As palavras ou ensinamentos dos escribas podem funcionar como uma categoria geral para classificar diferentes tipos de regras. Em m. Parah 11: 5-6 referência é feita a uma classe de pessoa impura, aqueles que requerem imersão de acordo com "as palavras dos escribas. W Em 11: 6 esta categoria de pessoa é combinada com outra, aqueles que requerem imersão de acordo com" as palavras da Torá. ” Claramente, os autores da Mishná distinguiram leis de autoridade diferente de acordo com sua origem nas Escrituras ou no ensino inicial. A categoria de leis derivada das palavras dos escribas também aparece no m. Tohorot 4: 7 que lista uma série de casos de impureza que estão em dúvida por causa da incerteza sobre se ocorreram no domínio público ou privado · Esses casos duvidosos, que os sábios (hakamim) declararam limpos,

[258]**Comentários adicionais sobre esses ensinamentos dos escribas estão contidos no m. Yeb. 9: 3.**

The authority of the scribes is less obvious and well established than that of the Bible, as can be seen in the preceding mishnaic passages. The references to the scribes in the Tosefta are similar to those in Mishnah where they are used as a source for certain teachings. Later talmudic literature also mentions the scribes from time to time, sometimes in a way congruent with the passages cited above and sometimes with other meanings. Scribe, in the talmudic lexicon, can refer to a copyist who produced Torah scrolls,[259] [260] to a literate person who writes letters and documents, and to a teacher and interpreter of scripture.77 In addition, the teachings of the scribes can function as they do in the Mishnah, as an ancient source of authority for Jewish traditions.

The figure of the scribe in rabbinic literature is consistent with scribes in other literature. However, the historical role assigned the soferim in passing on part of the legal tradition and the implication that they were a cohesive "rabbinic-like" group fits the later rabbinic view of its own origins rather than the known historical facts.

The Roman Community

Some of the diaspora literature reviewed earlier suggested that scribe was not used for the Jew learned in the law. One other body of evidence from the diaspora needs to be assessed · The Greek title scribe (grammateus) appears over twenty times in the inscriptions from the Jewish community in Rome.[261] The Roman community had at least eleven separate congregations from the first century B.C.E. to the fourth C.E. Scribe or secretary of the congregation is the second most common title, after archon ("leader," “president 冷严 The limited evidence of the inscriptions shows that the scribe was not the leader of the congregation, but a subordinate official, probably the keeper of records and writer of marriage contracts and similar documents. Misspellings in an inscription by a scribe suggests that the average scribe was not greatly learned.80 Since there probably would not have been enough work as a maker of scrolls and contracts to keep a scribe busy full time, the role of community scribe would have been

[259]O tratado pós-Mishnaic ^ Soferim "é dirigido a tais copistas.

"Halivni, Midrash, 18-19; Epstein, Mebobt, 503, nn. 17,18.

^ Veja HJ Leon, Os Judeus de Roma (Filadélfia: Sociedade de Publicação Judaica, 1960) cap. E

"Leon, judeus, 183.

a part time occupation often filled by a person with a minimal training · The slim evidence gathered by Leon fits the Greco-Roman pattern, which was alive in some Jewish communities of the Roman Empire. The scribe was a literate person who might not be greatly educated and who fulfilled limited but essential functions in the community.

Resumo

Visto que a evidência para escribas no Judaísmo é esparsa e dispersa, o papel do escriba no Oriente Próximo tem sido usado para fornecer um contexto cultural para a compreensão das referências aos escribas no Novo Testamento e na literatura judaica. O título do escriba cobre muitos papéis na sociedade e pode ser usado para indivíduos em várias classes sociais e contextos · Na sociedade judaica, os escribas trabalham para o rei e para o Templo. Esses escribas podem ter sido retirados dos sacerdotes e levitas, bem como do povo · Os escribas que ocupavam altos cargos provavelmente eram oriundos da aristocracia ou, pelo menos, de famílias importantes.81 Escribas eram encontrados na burocracia em grande número, nas aldeias e também entre grupos como os fariseus · Os escribas tiveram um efeito na preservação da profecia, a escrita da sabedoria e o Pentateuco e círculos sobrepostos que tinham orientações sacerdotais, apocalípticas e de sabedoria. No período talmúdico, os papéis do sábio e do escriba (no sentido amplo) foram assimilados ao título de rabino (embora os escribas como técnicos especializados também fossem reconhecidos).

Scribes do not seem to have formed a unified class or organization, though groups of scribes might be characterized as belonging to a given class and status and at times scribes may have had organizations of which we have no evidence. In

^Leon, Jews, 184-85 and Inscr. 102 (p. 278).

[81] LeMoyne, Sadduc^ens, 352-354, says that the Sadducees probably had their own scribes.

De modo geral, as evidências que temos apóiam a ideia de que a maioria dos escribas dependia da classe governante rica tanto para treinamento quanto para emprego. A competência técnica exigida até mesmo de um copista exige um período de liberdade do trabalho e a ajuda de um professor, os quais só podem ser fornecidos por um

indivíduo ou instituição rica. O governo e os ricos proprietários de terras precisavam de indivíduos alfabetizados para manter registros, coletar impostos, servir como funcionários e juízes e se envolver em correspondência e, portanto, precisavam treinar continuamente um pequeno número de pessoas como escribas. Sociologicamente, a maioria deles teria sido retentora, isto é, pessoas que haviam deixado o campesinato, mas não tinham um lugar e poder independentes na sociedade.

O tipo de escriba socialmente inferior seria o escriba da aldeia, que era pouco mais do que um copista que sabia como redigir cartas e documentos legais. O escriba da aldeia também pode ter sido um administrador de nível inferior, reportando-se às autoridades, mantendo registros e mantendo a comunicação entre o governo e o povo. Esse escriba pode ter instruído alguns jovens na escrita e na leitura, mas muito provavelmente não era um professor erudito ou um guardião altamente educado das tradições culturais.

A maioria dos escribas, incluindo aqueles retratados nos evangelhos, eram funcionários de nível médio. Eles eram os agentes do governo central e provavelmente serviram em vários cargos burocráticos · A posição deles deu-lhes algum poder e influência, mas eles eram subordinados e dependentes dos sacerdotes e famílias importantes em Jerusalém e Herodes Antipas na Galiléia durante o tempo de Jesus . Reconstruções de escribas como uma classe independente que desafiou os padres pelo poder e conduziu os judeus em novas direções sociais e religiosas não dão atenção às fontes econômicas e políticas do poder desse grupo hipotético. Certamente os mais instruídos e talentosos entre os escribas tiveram influência e alguns alcançaram o poder na sociedade judaica, mas a base econômica do governo eram os impostos e os impostos eram coletados pelos sumos sacerdotes hasmoneus no Templo e depois por Herodes e os romanos, bem como pelas autoridades do Templo. É a esses líderes sociais que os escribas teriam sido vinculados.

O mais alto nível de escriba pode ter vindo ou ingressado na classe governante. Altos funcionários e conselheiros governamentais, aqueles no centro do governo, teriam alcançado grande influência e algum poder. Eles também teriam sido responsáveis por manter registros centrais, por escrever correspondência internacional e pela educação de sucessores talentosos. Tal treinamento, experiência e atividade no topo do governo teriam sido prerrogativa de relativamente poucos escribas. Muitos deles provavelmente provinham de padres ou famílias importantes e, embora possuíssem

habilidades de escribas, não eram chamados por esse nome, mas pela categoria mais prestigiosa de sacerdote, notável, etc.

Os escribas associados à classe governante central provavelmente teriam sido bem educados em direito, tradições culturais, história e todos os aspectos da religião. É esse escriba, aprendido em todos os aspectos do judaísmo, que Ben Sira retrata no capítulo trinta e nove. O escriba de Ben Sira e seus sucessores foram aqueles que editaram e moldaram as tradições bíblicas e também, como Ben Sira, produziram obras originais para si próprios, para seus patronos, ou para o Templo e autoridades governamentais, a fim de implementar programas sociais, proteger a cultura ou adaptar a tradição às novas circunstâncias · Ocasionalmente, eles também produziram trabalhos de protesto para neutralizar as tendências e perigos sociais.

Não podemos saber a partir dos textos se quaisquer afirmações rabínicas sobre os ensinamentos dos escribas podem ser atribuídas com segurança aos escribas em qualquer período · Nem aprendemos com a Mishná nada sobre que tipo de grupo esses escribas podem ter sido, nem quais seus papéis sociais influência e poder podem ter sido. Como foi apontado no início do capítulo, reconstruções do papel dos escribas geralmente presumiam que eles eram um fenômeno laico ao lado da instituição sacerdotal que gradualmente alcançou poder sobre a sociedade judaica durante o período helenístico. No entanto, nenhuma evidência para tal desenvolvimento está disponível e as probabilidades sociológicas argumentam que os escribas teriam sido dependentes daqueles no poder. Os escribas não parecem ser um grupo social coerente com um conjunto de membroshp, mas sim uma classe de indivíduos alfabetizados provenientes de muitas partes da sociedade que desempenhavam muitos papéis sociais e estavam ligados a todas as partes da sociedade, desde a aldeia ao palácio e ao templo. A reconstrução histórica moderna dos escribas como professores e líderes eruditos no período pós-exílico, com base em muitas passagens da literatura rabínica e algumas passagens do Novo Testamento, é provavelmente correta para alguns escribas em alguns momentos. Em todos os casos, entretanto, os escribas devem ser contextualizados entre outros grupos sociais e seu poder e influência integrados em todo o quadro da sociedade judaica. Eles não devem ser tratados como um grupo autônomo com seu próprio poder e agenda contínua. Os escribas tinham experiências e lealdades variadas e eram indivíduos desempenhando um papel social em diferentes contextos, em vez de uma força política e religiosa unificada.

12

O Lugar da Sociedade Judaica Fariseu

Os dados sobre os fariseus são tão esparsos e difíceis de avaliar que qualquer reconstrução histórica deve permanecer incompleta e desconfortavelmente hipotética. Muitas tentativas harmonizaram fontes muito diferentes e contraditórias e outras deram grande importância a textos isolados e pequenos detalhes; os resultados foram muito especulativos. O contexto histórico dos fariseus no Império Romano e a estrutura sociológica desse tipo de sociedade fornecerão limites e orientação para essa reconstrução. Embora uma variedade infinita de arranjos sociais concretos seja possível, muitos deles categorias e teorias sociológicas únicas fornecerão uma estrutura para a compreensão do que os fariseus podem ter sido. Este capítulo de resumo irá rever os resultados dos capítulos anteriores, abordar os problemas levantados lá, e levar em consideração alguma outra evidência relevante. Ênfase especial será dada ao tipo de grupo dos fariseus e sua localização geográfica.

The position of the Pharisees in Hasmonean and Herodian society must be kept firmly in perspective, despite the emphasis on them in rabbinic literature and the New Testament. They were one small group among many, some of which had names and endured and others of which were just nameless, temporary coalitions, factions and movements. Josephus bears witness to the complex social organization and strife during the Greco- Roman period, as do the New Testament and rabbinic traditions to a lesser extent. In both the pre-exilic and post-exilic periods Judaism changed constantly and significantly in response to the

empires surrounding and often controlling it. In the Hasmonean and Herodian periods the Pharisees were one, but only one, well known group, characterized by a distinctive way of living Judaism and constant social involvement.

Essa luta política e faccional era normal no período greco-romano pode ser vista na literatura de Qumran. Visto que não temos literatura diretamente dos fariseus e como os estudiosos afirmam que a literatura de Qumran alude aos fariseus, uma breve revisão de certos textos de Qumran ampliará nossa compreensão dos fariseus e seu ambiente. A literatura de Qumran está repleta de polêmicas e invectivas que testemunham as lutas sociais, políticas e religiosas entre os grupos judeus durante o período Hasmoneu. O sacerdote perverso, o homem de mentiras, o homem de escárnio, o gaguejador de mentiras, o leão da ira e os buscadores de coisas suaves são apenas alguns dos adversários condenados por uma variedade de crimes pela literatura de Qumran. Embora as alusões aos oponentes da comunidade de Qumran, contidas nos pesharim para Habacuque, Nahum,

Pesher Nahum refers to two Greek kings, Antiochus and Demetrius, who have been convincingly identified with Antiochus IV Epiphanes (175-164 B.C.E.) and Demetrius III Eukairos (95-88 B.C.E.), and refers to the lion of wrath who crucified his opponents, that is, Alexander Jannaeus.2 Though the allusions are symbolic and the punishments of the adversaries couched in Biblical and eschatological terms, the impression of social and political conflict inside and outside the Jewish community fits the account of the period written by Josephus. Pesher Nahum also speaks of two groups of opponents, metaphorically designated Ephraim and Manasseh, as well as another group, the “seekers after smooth things. 勺 The “seekers after smooth things” have been identified with the Pharisees and “EphrainT and “ManasselT with the Pharisees and Sadducees.

According to Pesher Nahum, Ephraim was crucified by Alexander Jannaeus, an act which the Qumran community probably

approved.[262] [263] [264] The identification of the "seekers after smooth things ɾʃ and "EphrainT with the Pharisees is common in the literature, but hardly certain.[265] The eight hundred opponents crucified by Jannaeus are not called Pharisees by Josephus (see ch. 5) and the opponents of Jannaeus in Josephus and the pesharim need not be identified with one of the three schools of thought listed by Josephus.[266]A designação metafórica "buscadores de coisas suaves" sugere que a comunidade de Qumran achou seus oponentes muito acomodados às mudanças na sociedade judaica, seja porque eles distorceram o significado da lei (Is. 30:10) ou se aliaram muito com os não-judeus autoridades e práticas. O uso de vários epítetos ligados a "mentira" e "falsidade" sugere que a comunidade discordou de seus oponentes em muitos pontos de interpretação e prática. Como o grupo de Qumran havia deixado Jerusalém, os usuários depois de coisas suaves * provavelmente foram ainda está lá e ativo nas lutas políticas palestinas de uma forma que a comunidade de Qumran não aprovou · A polêmica de Qumran contra seus oponentes testemunha a diversidade e os conflitos na sociedade judaica, mas não que seus oponentes fossem fariseus.

This brief review of the Qumran literature's allusions to its opponents is consistent with Josephus* depiction of the Hasmonean period. As the Hasmonean family struggled to establish and legitimate its rule in Palestine, it faced opposition from other groups desiring power, such as priestly families it had displaced in Jerusalem, traditional social elements which did not recognize its authority and surrounding peoples ready to take advantage of

[262]*Ddrse fulaqot. Halaqdt*significa coisas suaves, lisonja e falsidade em hebraico. É. 30:10 contrasta a verdadeira profecia com as coisas suaves e ilusões desejadas pelos rebeldes israelitas que não ouvirão a Torá do Senhor. Daniel 11:32 diz que Antíoco Epifânio seduzirá com lisonjas (fialaqdt) aqueles que agem perversamente contra a aliança. A expressão de Qumran pode se referir àqueles que buscam modos de interpretar e viver o judaísmo mais de acordo com o mundo helenístico ou apenas em contradição com as interpretações da lei de Qumran.

MQpNah 34i.7. Ver Y. Yadin, "Pesher Nahum (4QpNahum) Reconsidered," Israel Exploration Joumal2 \ (1971) 1-12, que reinterpreta o texto com base no Pergaminho do Templo. Sua interpretação é afirmada por Joseph Fitzmyer, "Crucifixion in Ancient Palestine, Qumran Literature and the New Testament, ** CBQ 40 (1978) 493-513.

MQpNah 34L2, 7; ii. 2,4; iii. 3,6-7; 4QpIsa c 23.ii.10; 1QH 2: 15,32; CD 1:18.

[265]Dimat, * Qumran, w 511-512; Horgan, Pesharim, 161. Frank M. Cross, The Ancient Library of Qumran (Garden City: Doubleday, 1961) 123, n. 25 é mais cauteloso.

[266]Manassés está ligado aos saduceus porque Pesher Nahum (3-4.iii.9) diz que "rios" (Naum 3: 8) se refere aos * gi [e] t de Manassés, os honrados da [cidade, who suppojrt M [anasseh] (tradução de Horgan). Mas os grandes e honrados membros da comunidade não eram necessariamente saduceus.

weakness. The Hasmoneans constantly strove to build support for their rule through alliances, coalitions, war and persuasion.[267] The changing political fortunes of the Pharisees, as well as Essenes and Sadducees, depicted in Josephus and Qumran literature fit this historical process very well.

Group Types

Na Parte Dois, os fariseus foram comparados a vários tipos de grupos antigos e modernos. Ao revisar sistematicamente todas as evidências, várias características gerais de todos os grupos devem ser mantidas em mente. Primeiro, grupos como os fariseus, que existiram por dois séculos, mudam com o tempo, às vezes significativamente. Suas atividades sociais, eficácia e relações internas variam muito de acordo com as circunstâncias políticas, culturais, econômicas e sociais. Em segundo lugar, os grupos freqüentemente têm várias funções e papéis ao mesmo tempo e, portanto, podem ser legitimamente colocados em várias categorias. Por exemplo, os sindicatos modernos são grupos de defesa econômica, grupos de interesse político e associações de companheirismo social simultaneamente. Uma associação profissional pode ser um grupo de pesquisa científica, um lobby e um grupo de companheirismo. Terceiro, os indivíduos pertencem a muitos grupos e devem distribuir seu compromisso, tempo, energia, atividade, papéis e funções entre eles. Conseqüentemente, os limites dos grupos e a identificação das pessoas com os grupos costumam ser menos definitivos e significativos para a vida do que parecem ser quando listados formalmente. As pessoas intensificam ou diminuem seus envolvimentos com grupos, ao mesmo tempo em que permanecem membros em boa situação.9 O quão ativamente uma pessoa participa como membro de um grupo depende da teia de compromissos, relações sociais e circunstâncias que fornecem o contexto para as decisões ▪

Os fariseus provavelmente cumpriram muitos papéis de grupo na sociedade judaica. A discussão dos fariseus como um grupo se concentrará em suas atividades e funções comunitárias na sociedade,

[267]**Por exemplo, 1 Macabeus é propaganda pró-Hasmoneu e 2 Macabeus é anti-Hasmoneu.**

em vez de em uma lista estática de características do grupo.

GRUPO DE INTERESSES POLÍTICOS

Os fariseus na narrativa de Josefo funcionavam como um grupo de interesse político que tinha seus próprios objetivos para a sociedade e constantemente se engajava em atividades políticas para alcançá-los, embora nem sempre tivesse sucesso (ver cfis. 5-6) · Eles geralmente não tinham poder direto como um grupo e não eram membros como um todo da classe governante & Eles eram uma associação letrada, corporativa e voluntária que constantemente buscava influência com a classe governante. Como tal, eles pertenciam à classe de retentores, um grupo de pessoas acima dos camponeses e outras classes mais baixas, mas dependentes da classe governante e do governante para seu lugar na sociedade · Eles foram encontrados em Jerusalém e provavelmente desempenhavam funções administrativas ou burocráticas na sociedade em certas vezes.

REVIVAL OR REFORM

The Pharisees, association probably functioned as a social movement organization seeking to change society.10 The social,

^ome theorists subordinate groups to networks. Group membership is a mode of categorizing one's very complex and overlapping social relationships which are better understood as a network. See L. Holy, "Groups," in The Social Science Encyclopedia, 346.

[10]Henri Taifel, Differentiation between Social Groups: Studies in the Social Psychology of Intergroup Relations (London/New York: Academic, 1978) 28<46 · See A situação política e econômica dos judeus palestinos passou por uma série de convulsões no período greco-romano, que exigiu adaptação dos costumes judaicos e uma reinterpretação da identidade judaica moldada pela tradição bíblica. Além disso, os hasmoneus e a classe governante transformaram Israel em um pequeno reino helenístico militarmente ativo e assumiram o controle dos recursos políticos e econômicos para controlar a sociedade · Os fariseus provavelmente buscaram um novo compromisso comunitário com um estilo de vida judaico estrito baseado sobre a adesão ao convênio. Se o fizessem, eles buscavam capitalizar o sentimento popular para rededicação ou reforma do judaísmo · Esse sentimento popular pode produzir um

movimento social que busca a reforma, mas duradouro,

REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS

A posição dos fariseus na sociedade era parte de uma rede complexa de relacionamentos e dependia muito das circunstâncias, de patrocinadores fortes e clientes leais e do cultivo de influência e alianças na sociedade. As descrições de Josefo * dos fariseus afirmam que eles cultivavam relações harmoniosas com todos, tinham grande respeito por suas tradições e anciãos e, conseqüentemente, tinham muitos seguidores por seu estilo de vida atraente, 11 mas não fornecem razões para esse comportamento. Possivelmente os fariseus, muitos dos quais não tinham laços hereditários com posições de poder, enfatizavam as relações sociais internas e externas para construir seu próprio grupo e ganhar o favor e a influência de outros.12 Seu status social não era estável como o de hereditários ou líderes tradicionais (padres, anciãos de aldeia, etc.

also John D. McCarthy and Mayer N. Zald, "Resource Mobilization and Social Movements: A Partial Theory," American Journal of Sociology 82 (1977) 1212-1219, esp. 1217-1219.

••See ch. 6.

[2]That their struggle for power and influence was a group struggle is shown by the absence of names of Pharisaic leaders in most cases. aqueles que estão no poder.13 Essa visão dos fariseus é revelada pelos evangelhos, segundo os quais os fariseus eram líderes reconhecidos e competiam com Jesus e seus seguidores e outros pela influência entre o povo. As crenças e comportamento dos fariseus como judeus eram diferentes o suficiente daqueles de Jesus e dos primeiros cristãos, bem como de outros grupos judaicos, para provocar disputas e competição faccional e conflito. Sua aparição nos evangelhos indica que eles eram estabelecidos e influentes na sociedade judaica e eram vistos com bons olhos por pelo menos parte da população.

Infelizmente, a falta de informações sobre os fariseus impede uma análise detalhada de todas as relações sociais que os ligavam a todos os outros grupos e classes da sociedade.14 Visto que as relações pessoais eram tão importantes quanto as categorias hereditárias e de classe em grande escala, os fariseus, status e a influência provavelmente dependia muito de sua rede de apoiadores e aliados. Essas redes mudavam constantemente e precisavam ser mantidas

com grande esforço e habilidade. A rede de relacionamentos que unia as pessoas nas aldeias e cidades incluía parentesco, amizade, patrocínio e dívidas de honra. As pessoas tinham dezenas de relacionamentos pessoais e corporativos que definiam seu lugar na sociedade e seu próprio autoconceito e identidade. Eles pertenciam simultaneamente a uma classe importante da sociedade, um grupo de parentesco e um grupo territorial (isso geralmente inclui a religião), para subgrupos dentro de sua classe e talvez para associações voluntárias. Além disso, suas atividades podem tê-los tornado parte de coalizões e facções na luta por poder ou renda. Os fariseus, escribas e seguidores de Jesus pertenciam a grupos que permeiam as principais classes da sociedade · As interações entre as pessoas em todos esses relacionamentos geralmente envolvem vários papéis ao mesmo tempo, com muitas obrigações mútuas」: The Pharisees were not a simple group with a limited,

^Instability is typical of status based on achieved, rather than legally or socially ascribed, prestige. One's status is always at risk from newcomers or from declining achievement. Even hereditary or traditionally ascribed status could be lost and had to be buttressed by achieved status. See ch. 4 and also C. Wolf, "Status," in Social Science Encyclopedia, 825-826.

'[4]See ch. 4 for the significant elements of networks.

'[5]Diflering social commitments probably contributed to the conflicts in the early Christian communities recounted in Acts 6 and the Pauline letters. Though faith in Jesus concrete goal but a long lasting, well connected, voluntary, corporate organization which sought to influence Jewish society and entered into many mutual relationships to accomplish their aims.

SOCIAL ROLES

Uma questão importante não respondida pelas fontes diz respeito às atividades diárias dos fariseus e a fonte de seu sustento. A teoria mais antiga de que eles eram artesãos urbanos é muito improvável porque os artesãos eram pobres, sem educação e sem influência. A teoria mais comum de que os fariseus eram um movimento de escribas leigos, um grupo de estudiosos religiosos e intelectuais que substituíram os líderes tradicionais e ganharam grande autoridade sobre a comunidade é também muito improvável.16 Embora alguns fariseus fizessem parte da classe governante, a maioria dos fariseus eram funcionários subordinados, burocratas, juízes e educadores. Eles são mais bem compreendidos como servidores que eram servos

alfabetizados da classe governante e tinham um programa para a sociedade judaica e influência sobre o povo e seus patronos. Quando surgiu a oportunidade, eles buscaram o poder sobre a sociedade. Isso significa que sua organização não pode ser vista como uma comunidade monástica ou seita retirada que exige um comprometimento primário e total de cada membro. É mais provável que os fariseus estivessem unidos por certas crenças e práticas (a serem revisadas abaixo) e por esforços para influenciar a mudança social.

How much did being a Pharisee demand? Concretely, a person was not primarily a Pharisee. A member of the Pharisees retained his family and territorial allegiances, his roles in society and occupation, his friends and network of associates. In some way not revealed in the sources he committed himself to be a Pharisee and this commitment with its particular understanding of the Jewish covenant and Jewish life guided many of his **and his way of life was supposed to be primary and determinative, many other family and social demands and norms beset the members of the Christian communities.**

[6]See most recently, Rivkin, Hidden Revolution, 211-251. This theory, held by many, was popularized in the English speaking world by Jacob Lauterbach, "The Pharisees and Their Teachings,* HUCA 6 (1929) 69-139, reprinted in Rabbinic Essays, 87-162. See esp. 77ff/97ff.

endeavors and claimed a part of his time, energy and resources. The Pharisaic movement has some characteristics in common with Greek schools of thought and must have educated its members to some degree. This view of the Pharisees, admittedly hypothetical due to lack of evidence, is consistent with what the sources tell us of the Pharisees, including the information given by Saul the Pharisee. In addition, the fact that the Pharisees' life was complexly interwoven with Jewish society may explain why Josephus has much to say about the very different, alluring and exotic Essenes, and little to say about the more ordinary Pharisees ·

SECT

Several scholars have argued that political oppression under Herod and the Romans forced the Pharisees out of the political sphere and prompted them to b^x)me a sect-like table fellowship group.17 While such a change in Pharisaic activity is possible, it seems less likely both historically and sociologically. 干he choice between political or

sectarian activity is not necessary since an ancient group like the Pharisees would necessarily be involved in all aspects of social life, political and religious. Though Herod and the Romans did tighten control on the traditional Jewish leaders who survived the Hasmonean period, neither destroyed or reformed in a major way traditional leadership, but manipulated it for their purposes. Even if the Pharisees had reduced political influence and involvement, they were still active and interested in the whole of Jewish society.

Neusner has most often argued that the leg^l agenda of the Pharisees, centered around food laws and festivals, bespeaks a sectarian table fellowship which was not part of the political struggle of first century Palestine.18 However, Neusner has also

[7]See chs. 6 and 10, esp. Smith, "Palestinian Judaism^" followed by Neusner, From Politics to Piety, Lee Levine, *On the Political Involvement of the Pharisees under Herod and the Procurators," [in Hebrew] Cathedra 8 (1978), 12-28, esp. 18-20 and 24-26, offers further arguments that the Pharisees were predominantly non-political from the Herodian period on. All allow for political activity by some Pharisees.

[8]Jacob Neusner, *The Fellowship (Haburah) in the Second Jewish Commonwealth,M HTR 53 (i960) 125-142; Rabbinic TradUions, 3:304-306; From Politics to Piety, 81^96; noted that this identification is hypothetical because the group who developed the early agenda of the Mishnah is not certainly known for a number of reasons.19

O cuidado é apropriado, pois a reconstrução dos fariseus a partir das histórias dos sábios pré-destruição e dos primeiros estágios da tradição mishnaica é arriscada. Embora as tradições que se originam do início do primeiro século digam respeito principalmente à pureza ritual, dízimos agrícolas e observância do sábado, elas não provam que os fariseus naquele período eram introvertidos. Primeiro, visto que as tradições a serem preservadas na Mishná foram selecionadas pelos rabinos pós-destruição, sua seleção e escopo estreito podem refletir seus interesses em vez das tradições e interesses dos fariseus antes da destruição. Em segundo lugar, a ênfase nas relações intracomunitárias é consistente tanto com as descrições que Josefo dá dos fariseus quanto com sua influência política diminuída, mas não encerrada, após o período Hasmoneu. Terceiro, seitas ao longo da história têm estado política e socialmente envolvidas com a mudança na sociedade e protestam contra o status quo com a mesma frequência que foram retiradas da sociedade.20 A distinção clássica entre seita e culto deve ser mantida em que as seitas têm maior envolvimento

social (negativo) e cultos relações sociais muito mais tênues, tanto dentro do grupo quanto com a sociedade em geral. Quarto, a ênfase nas regras de pureza como mecanismos de criação de limites é típica de grupos minoritários que se esforçam para manter sua identidade e promover mudanças em uma sociedade forte. 20 A distinção clássica entre seita e culto deve ser mantida, na qual as seitas têm maior envolvimento social (negativo) e as seitas têm relações sociais muito mais tênues tanto dentro do grupo quanto com a sociedade em geral. Quarto, a ênfase nas regras de pureza como mecanismos de criação de limites é típica de grupos minoritários que se esforçam para manter sua identidade e promover mudanças em uma sociedade forte. 20 A distinção clássica entre seita e culto deve ser mantida, na qual as seitas têm maior envolvimento social (negativo) e as seitas têm relações sociais muito mais tênues tanto dentro do grupo quanto com a sociedade em geral. Quarto, a ênfase nas regras de pureza como mecanismos de criação de limites é típica de grupos minoritários que se esforçam para manter sua identidade e promover mudanças em uma sociedade forte.

If the Pharisees are a sect according to Wilson's categories, they best fit the reformist type which is a group which seeks gradual, divinely revealed alterations in the world.21 This type of sect engages in political and social activities similar to those of the Pharisees. Wilson characterizes reformist sects as ttobjectivistw because they seek change in the world, not just in individuals or in a person's relations with the world. A reformist sect differs from the three other objectivist types of sect, the revolutionist

"Two Pictures of the Pharisees: Philosophical Circle or Eating Club," AnThRev 64 (1982) 525-538; "Three Pictures."

·[9]See ch. 10; Neusner, Evidence, 50,70-71.

^See the discussion of Wilson's typology in ch. 4.

[2]·See the end of ch. 4 and Wilson, Magic, 23-26 and 38-49 for these categories. que espera a destruição da ordem social pelas forças divinas (grupos apocalípticos), o introversionista que se retira do mundo para uma comunidade purificada (a comunidade de Qumran) e o utópico que procura reconstruir o mundo de acordo com os princípios divinos sem revolução. No entanto, esses tipos não são hermeticamente isolados uns dos outros. Um grupo pode ter mais de uma resposta ao mundo ao mesmo tempo, ou seja, pode se sobrepor a duas ou três dessas categorias. Também pode mudar com o tempo e até mesmo deixar de

ser uma seita se as condições sociais mudarem · Consequentemente, se os fariseus são entendidos como uma seita, eles podem ter tendências introversionistas, manifestadas em seus regulamentos de pureza, sem perder seu envolvimento ou desejo de envolvimento na sociedade política. Essas tendências introversionistas podem ter sido mais pronunciadas no primeiro século EC do que nos dois anteriores. Eles também podem ter tido tendências revolucionárias conectadas às suas crenças apocalípticas, tendências também vistas em Qumran.

Visto que este estudo enfatizou as atividades políticas e sociais dos fariseus, que ganho pode ser obtido caracterizando-os como uma seita em vez de um grupo de interesse político? O problema diz respeito à classificação correta e ao uso idiomático de termos. Seita comumente conota um grupo religioso retraído e a política sugere pragmatismo, interesse próprio e compromisso ad hoc. Ambos os significados são inadequados para o primeiro século. As seitas na análise de Wilson envolvem mais do que atividade social para a mudança; são caracterizados por uma vida interior vigorosa e operam como comunidades autosselecionadas e operantes de forma intermitente.22 Embora as fontes nos digam pouco sobre a vida da comunidade interior dos fariseus *, elas indicam que tinham uma. No que diz respeito ao envolvimento político, alguns partidos e grupos políticos europeus,

Wilson, Magic, 32.

[23]Both Rivkin, Hidden Revolution and J. Bowker, Jesus and the Pharisees (Cambridge: Cambridge UP, 1973) make the intellectual and scholastic tradition the

SCHOOL

A natureza das escolas gregas e outras associações foi tratada no final do capítulo seis. Uma breve revisão dessa discussão ajudará a identificar os fariseus. As fontes presumem que os fariseus foram educados, mas não dizem como ou quanto. Josefo os apresenta como intérpretes supostamente precisos da tradição judaica, uma afirmação que implica que todos aprenderam suas próprias tradições e alguns eram altamente educados. Nos evangelhos, eles são adversários informados e sutis de Jesus, um papel que implica familiaridade com a tradição e os costumes. Mas os evangelhos podem refletir líderes judeus posteriores que se opuseram à comunidade cristã primitiva. As fontes rabínicas que retratam os fariseus como rabinos eruditos estão retrocedendo o judaísmo dos séculos II e III no primeiro século.

Os fariseus podem ser proveitosamente comparados às escolas filosóficas helenísticas ou escolas de pensamento, se a analogia for aplicada com cautela e vagamente. Eles tinham um programa de reforma para a vida judaica, uma interpretação particular da tradição judaica e uma visão definível e às vezes controversa sobre questões fundamentais cruciais para o judaísmo.25 Mas, os fariseus descritos por Josefo agiram como um grupo de interesse político e, portanto, foram além do atividades de muitas escolas gregas. A designação escola (de pensamento) é apropriada, desde que esta expresse**core of the Pharisaic movement. While this element is present and important, movements, sects and other social groups originate from a desire to act on conviction in a certain way. An intellectual tradition or a particular way of looking at the world develops in conjunction with social and political involvement To see the Pharisees mainly as scholars is to abstract them from society.**

"See Anthony J. Saldarini, "School," Harper's Bible Dictionary, ed. Paul J. Achtemeier (San Francisco: Harper, 1985) 912-913.

"If some Pharisaic literature had survived, it would give guidance in this area. It is possible that they did not write an extensive literature, either for theological, social or political reasons, But it is equally possible that their literature was destroyed or lost, just as the Essenes' was until the chance discovery of the Dead Sea Scrolls in 1947. sion is not understood to refer to an exclusively academic and theoretical association.

FACTIONS

os fariseus tinham sua própria visão de como a sociedade deveria ser, mas a literatura rabínica indica que eles tinham muitas divergências dentro de seu pequeno e diversificado movimento. Exatamente como eles foram organizados não está completamente claro, mas sua resistência na sociedade por mais de dois séculos e seu eventual surgimento como um poder na sociedade judaica durante o segundo e terceiro séculos argumenta a favor de um programa coerente e determinada política desenvolvida ao longo do tempo e muito provavelmente com muitas variações e disputas faccionais ao longo do caminho.

BELIEFS AND TEACHINGS

The accounts of the Pharisees' beliefs in Josephus and the gleanings available in rabbinic literature and the New Testament provide incomplete information which is difficult to interpret. According to Josephus, who wishes to relate the Jewish schools of

thought to Greek philosophy, they affirmed the influence of divine activity on human life, the joint effect of human freedom and fate, and reward and punishment in the afterlife. Josephus9 contrast of the positions of the three schools of thought probably derives from their eschatology and apocalyptic exp&ations.

Os saduceus retratavam os humanos como independentes e distantes de Deus tanto em vida como depois dela; os fariseus retratavam Deus e os humanos em um relacionamento íntimo, tanto nesta vida quanto na próxima. Os fariseus provavelmente ocupavam posições sobre escatologia, providência divina e responsabilidade humana que eram diferentes o suficiente dos ensinos e atitudes judaicas tradicionais para exigir algum compromisso positivo e defesa explícita. No entanto, temos muito pouca literatura do segundo templo para especificar as nuances do ensino farisaico em contraste com outros grupos.26

As leis e histórias rabínicas que podem ser datadas de forma confiável do primeiro século (ver cap. 10) mostram que os fariseus tinham um grande interesse no dízimo, pureza ritual e observância do sábado e não muito interesse em leis civis e regulamentos para o Adoração no templo. O Novo Testamento também mostra que os fariseus tinham interpretações únicas dessas questões e procuravam promover sua observância e defender sua validade contra o desafio de Jesus e seus primeiros seguidores. No período greco-romano, os fariseus, a comunidade de Qumran, padres e outros grupos vitalmente interessados na luta para viver a vida judaica no Império Romano tinham idéias diferentes sobre as leis agrícolas, sexuais e alimentares. Sérias diferenças na compreensão da aliança judaica e compromisso com Deus, pessoas e terras separavam esses grupos e facções dentro do judaísmo. Implícitos nesses programas para viver o judaísmo estavam profundos julgamentos sobre o significado do judaísmo e seu lugar no mundo maior, onde era politicamente subordinado.

The purity rules, which seem so arcane to modem westerners, regularized life and separated that which was normal and life giving from that which was abnormal or ambiguous and so a threat to normal life. Such a set of categories and rules excluded that which is foreign or strange; their usefulness against the attraction and influence of the Romans and Hellenistic culture is obvious.27 Purity and tithing rules separated the Pharisees,

[2ff]The explosion of study on Jewish ("intertestamentalj literature of the <second Temple period has shown that the teachings in Palestinian Judaism were multiple and diverse. In addition, apocrypha and pseudepigrapha previously assigned to the Pharisees and Sadducees are really indicative of the presence of other groups.

[27]See Mary Douglas, Purity and Symbols for purity rules as boundary setting mechanisms and for the necessity of such boundaries in groups which do not control society and must protect themselves from assimilation.

Sadducees and Essenes, all of whom affirmed the Biblical rules and had a distinctive interpretation of them in daily life, from one another and from the followers of Jesus as well as from numerous other messianic, apocalyptic, political and reformist groups.

Galilean Pharisees?

Os evangelhos sinópticos colocam os fariseus principalmente na Galiléia e quase nenhum em Jenisalem. Josefo e o Evangelho de João os associam à classe governante em Jerusalém. A literatura rabínica coloca os sábios da pré-destruição em Jerusalém e tem pouco a dizer sobre a Galiléia. A confiabilidade histórica da tradição galileana que deriva de Marcos e suas fontes é questionável · Bultmann argumentou que a maioria das histórias de disputa originalmente careciam dos fariseus como adversários e M. Smith tentou mostrar que todos eles careciam deles.[268]Bultmann está correto ao dizer que a tradição tende a adicionar os fariseus a muitas histórias e aos poucos os vê como os adversários por excelência de Jesus. No entanto, a alegação de que a igreja primitiva colocava os fariseus em todas as disputas na Galiléia ou movia as disputas com os fariseus de um local da Judéia para a Galiléia carece de força.

As tradições usadas em Marcos (escritas em meados dos anos 60 ou início dos anos 70) datam de pelo menos meados do primeiro século e foram editadas e ordenadas pelo autor de Marcos para servir aos seus próprios propósitos · Não sabemos onde estavam as tradições moldado anteriormente a Marcos, em Jerusalém, Galiléia ou Síria. Se eles foram formados em Jerusalém, as disputas podem refletir os primeiros conflitos da comunidade com os fariseus em Jerusalém. No entanto, mesmo se for esse o caso, é muito improvável que os primeiros seguidores de Jesus teriam colocado os fariseus na

[268]Bultmann, History, 52-54 e Smith, Magician, 153-157 citado no cap. & Smith pensa que as fontes originais tinham "escribas" em muitos casos e que os fariseus foram adicionados mais tarde para se adequar à experiência da comunidade cristã primitiva.

Galiléia se sua presença ali fosse manifestamente contrária à situação do primeiro século. Que os fariseus de Jerusalém foram transpostos para a Galiléia em Marcos ou em suas fontes torna-se menos provável pelo cuidado com que a narrativa da paixão, uma das primeiras tradições do evangelho, mantém os fariseus separados da classe governante em Jerusalém. Todas as tradições cristãs primitivas presumem e afirmam que Jesus era galileu e que trabalhou lá. As disputas com seus oponentes, incluindo os fariseus, estão profundamente enraizadas na tradição e refletem as lutas de sua vida. Concedido que as disputas foram refinadas e retrabalhadas para atender às necessidades posteriores da comunidade cristã e que os fariseus são frequentemente adicionados à narrativa de Mateus, Lucas e João, e talvez à narrativa de Marcos também, a presença dos fariseus em um Várias tradições cristãs pré-destruição sobre a Galiléia argumentam que a presença de fariseus não era improvável e que a oposição de Jesus pode ter incluído fariseus. Todas as tradições cristãs primitivas presumem e afirmam que Jesus era galileu e que trabalhou lá. As disputas com seus oponentes, incluindo os fariseus, estão profundamente enraizadas na tradição e refletem as lutas de sua vida. Admitido que as disputas foram refinadas e retrabalhadas para atender às necessidades posteriores da comunidade cristã e que os fariseus são frequentemente adicionados à narrativa de Mateus, Lucas e João, e talvez à narrativa de Marcos também, a presença dos fariseus em um Várias tradições cristãs pré-destruição sobre a Galiléia argumentam que a presença de fariseus não era improvável e que a oposição de Jesus pode ter incluído fariseus. Todas as tradições cristãs primitivas presumem e afirmam que Jesus era galileu e que trabalhou lá. As disputas com seus oponentes, incluindo os fariseus, estão profundamente enraizadas na tradição e refletem as lutas de sua vida. Concedido que as disputas foram refinadas e retrabalhadas para atender às necessidades posteriores da comunidade cristã e que os fariseus são frequentemente adicionados à narrativa de Mateus, Lucas e João, e talvez à narrativa de Marcos também, a presença dos fariseus em um Várias tradições cristãs pré-destruição sobre a Galiléia argumentam que a presença de fariseus não era improvável e que a oposição de Jesus pode ter incluído fariseus.[269]

[269]**Veja Freyne, Galilee, 320-323 para uma conclusão semelhante. Freyne apresenta uma série de argumentos para a presença farisaica na Galiléia no cap. 8**

The Pharisees do not appear as residents of Galilee in Josephus. Three Pharisees are sent to Galilee from Jerusalem as part of the delegation to remove Josephus as commander during the revolution.[270] However, Josephus concentrates on events and people at the center of Judaism in Jerusalem in his works and never gives a complete account of the officials and groups who made up Jewish society · If the Pharisees were a minor presence in Galilee, they might easily have gone unmentioned in the War and Antiquities and even in the Life which recounts Josephus' exploits in Galilee. Their absence in Josephus' accounts of Galilee does suggest that they were not one of the leading political, social or religious forces there.

A identificação de PauF como fariseu pelos filipenses no leste da Macedônia implica que os fariseus eram conhecidos e provavelmente ativos fora da Judéia e de Jerusalém. Suas cartas sugerem que sua esfera de atividade, incluindo a perseguição aos primeiros cristãos, era a Palestina e o sul da Síria. Ele era conhecido pela reputação dos seguidores judeus de Jesus como perseguidor. Paulo diz que após a revelação de Jesus a ele, ele não subiu a Jerusalém, mas à "Arábia", que se refere ao reino nabateu no deserto da Síria, e depois voltou para Damasco.[271]Depois de se tornar um seguidor de Jesus, Paulo parece ter estabelecido sua base no norte da Síria, em Antioquia. Antioquia não ficava longe do lugar de origem de PauF (de acordo com Atos), Tarso, na Cilícia, que ficava na passagem que levava ao interior da Ásia Menor. Paulo pode ter entrado em contato com o farisaísmo na Cilícia ou na Síria · A evidência é tênue, mas se o farisaísmo fosse conhecido e influente fora da Judéia, a esfera de influência mais provável seriam as comunidades judaicas nas áreas semíticas ao norte, incluindo a Galiléia, a área de Damasco ao nordeste, o resto do sul da Síria e a grande Síria além.

To affirm that the Pharisees were present in Galilee is not to affirm that they were in charge, or even a dominant force there. The Pharisees and Jesus were both minor social forces who had similar interests, sought to influence the people in similar ways and so were likely opponents. If the Pharisees were present in Galilee, they were not part of the governing class, nor were they part of the traditional leadership of Galilee. They were a recognized and established social

[M] ***Vida;*** **ver cap. 5**

[3] **Garota. 1: 16-17. Apenas Atos diz que ele estava a caminho de Damasco quando teve a visão de Jesus. A frase de Gálatas * e depois voltei a Damasco ** sugere que Paulo estava em Damasco quando teve sua revelação.**

group, but only one among many in Palestinian society. The Pharisees must be fitted into the social and political situation there which was complex and very different from that in Jerusalem. Thus a brief treatment of the political and social organization of Galilee will help to put both the Pharisees and their opponent Jesus in perspective.

GALILEE

A Galiléia é freqüentemente estereotipada como Galiléia dos gentios (Is. & 23 [hebr.]), Onde a influência judaica foi diminuída. Essas caracterizações geralmente se baseavam no equívoco de que o judaísmo normativo dominava a maior parte da Palestina e, portanto, a Galiléia era anormal. A Galiléia, como a Peréia, tinha uma grande população judaica ao lado de uma substancial população não judia e era governada por um rei judeu, Antipas, filho de Herodes, o Grande. Pesquisas arqueológicas recentes mostraram conclusivamente que a Galiléia tinha sua própria cultura material distinta com diferenças significativas entre a alta e a baixa Galiléia · Politicamente, Galiléia e Jerusalém tiveram governantes diferentes desde a morte de Herodes (4 aC) até a morte de Agripa I (44 dC) , quando os procuradores romanos assumiram o controle direto. Herodes Antipas, como seu pai before him, had his own officials to keep order and collect taxes. The struggle to control Galilee and the conflicts among the aristocratic factions and people form the backdrop of much of Josephus' War and Life. None of these Galilean leaders were under the power of the chief priests or leading families in Jerusalem, and as the attempt to remove Josephxis showed (ch. 5), they resisted Jerusalem's authority.

Galilee was divided into several administrative and taxation districts whose boundaries changed with political events. [272] Sepphoris and Tiberias (built by Antipas) were the two most influential cities and administrative centers in lower Galilee during the first century. [273] A variety of local officials watched over and administered the villages and towns · The presence and power of

[272] **Para os cinco distritos e conselhos (sinédria) criados por Gabinius em 57-55, ver Guerra 1.8.5 (170) e Ant. 14.5.4 (91). Para toparquias e distritos posteriores, veja o resumo em Schurer, Vermes, Millar, History ^ 2: 184-198.**

[273] **Ver Schurer, Vermes, Millar, History, 2: 172-182.**

such officials explain the appearance of the Herodians and other officials of Herod in the gospels, the political execution of John the Baptist and the threats to Jesxis in Galilee. All of these arrangements were standard in the Hellenistic world and show how peripheral both Pharisees and Jerusalem priests would be to the indigenous leadership.[274]

Galilee had a distinctive piety and other cultural variations in comparison with Judea and Jerusalem. Though the descriptions of Galilean piety have been based partly on uncritical methods and sometimes exaggerated,[275] o Templo e o sacerdócio certamente desempenharam um papel menor na Galiléia do que na Judéia. As fontes rabínicas, que geralmente exageram o controle e a influência dos sábios9 sobre a sociedade, têm poucas tradições sobre sua presença na Galiléia antes da guerra.[276] Freyne defendeu alguma influência farisaica na Galiléia antes das guerras, mas seus argumentos, baseados em algumas passagens de Josefo e em alguns textos rabínicos de valor duvidoso, são tênues.37 As recentes afirmações de Oppenheimer de que os fariseus tinham uma grande influência na Galiléia são baseados em um uso acrítico da literatura rabínica e foram habilmente refutados por Michael Goodman.38 Mesmo no segundo século, os rabinos não eram os administradores locais, mas subordinados aos líderes tradicionais da Galiléia.39 Por outro lado, Vermes estabelece uma dicotomia muito nítida entre a piedade farisaica e a piedade galiléia quando ele diz que os fariseus não podiam estar na Galiléia disputando com Jesus porque eram eruditos e Jesus era um homem santo popular.40

The evidence is too ambiguous to permit a certain conclusion concerning the Pharisees, presence in Galilee. If they were there, they were a minor and probably relatively new social force, struggling to influence people toward their way of life. This would explain why they were in constant conflict with Jesus and other

"Veja Freyne, Galiléia, cap. 3. Mc 6:21 e Lucas 8: 3,24: 10 mencionam oficiais da corte de Herodes Antipas. Os relatos de Josefo sobre a guerra na Galiléia mencionam numerosos grupos e ofícios galileus com poder e influência.

[275]Bfichler, Jewish-Palestinian Piety, cap. 2; Geza Vermes, Jesus the Jew (Londres: Collins, 1973), caps. 2-3.

Uma autoridade talmúdica, * Ulla, afirmou que Johanan ben Zakkai viveu na Galiléia dezoito anos e só foi chamado para decidir dois casos (j. Shab. 16: 8 [15d final]). Embora tal declaração isolada não possa ser verificada historicamente, ela e outras passagens mostram que as tradições rabínicas associavam os sábios à Palestina e à Judéia até depois da guerra de Bar Kosiba. Freyne, Galiléia, 315, considera a substância da história como histórica

proponents of traditional piety different from their own.

SOCIAL ROLES IN GALILEE

If some Pharisees lived in Galilee, what might their roles and activities have been? There is little reliable evidence for this in the gospels or rabbinic literature. The Pharisees have been pictured as religious professionals or a religious elite, but these categories fit modem social structure in which the religious establishment is separate from the political and commercial spheres of life. The

but says that Johanan went to Galilee as a representative of Jerusalem scribalism, not Pharisaism.

37Freyne, Gatilee, 309-323.

[38]A. Oppenheimer, The fAm Ha-Aretz. A Study in the Social History of the Jewish People in the Hellenistic-Roman Be 戒M(Leiden: Brill, 1977), reviewed by M. Goodman, JJS3\ (1980) 248-249. In his own study, State, 93-118, Goodman argues that the rabbis struggled from 132 on to establish their ways of living Judaism against Galilean customs. They succeeded only in the third and fourth centuries.

3«Goodman, State, 11 头 133. For an excellent review of the difficulties in establishing the social status of the rabbis (and Pharisees) see Cohen, "Historical Settings," 49-50. He points out that rabbinic literature testifies to tensions between local aristocrats and administrators and the insurgent rabbis.

吨 .Vermes, Jesus and the World of Judaism (Philadelphia: Fortress, 1983) 30-32.A pergunta apropriada, para a qual não há uma resposta definitiva, é: Para quem eles trabalharam? Onde eles conseguiram seu sustento? A imagem rabínica posterior de artesãos rabinos não se encaixa nesse período.41 Os fariseus só poderiam ter trabalhado para a classe governante, que controlava a riqueza da sociedade; especificamente no primeiro século, essa era a liderança do Templo, na medida em que era representada na Galiléia, no governo de Herodes Antipas * ou nos proprietários de terras. Os fariseus * enfatizam o dízimo e a piedade sacerdotal para os leigos podem ter sido atraentes para as autoridades de Jerusalém que desejavam cobrar dízimos de todos os judeus na Palestina e que poderiam ter encontrado resistência dos judeus na Galiléia, fora de seu controle político. Esse tipo de atividade continuaria seu papel, claramente visto em Josefo, como retentores das autoridades de Jerusalém. Se os fariseus na Galiléia fossem representantes da liderança de Jerusalém, isso explicaria seu pequeno número na Galiléia, sua falta de menção em outras fontes e sua ausência nos relatos da sociedade e liderança indígenas da Galiléia. Isso também explicaria sua hostilidade a Jesus e sua disposição de formar coalizões com os herodianos para se opor a ele.

É possível que os oficiais e lacaios de Herodes Antipas apoiassem e encorajassem os fariseus e que eles desempenhassem algumas funções no governo da Galiléia. Visto que os fariseus apoiavam uma

sociedade judaica ordenada e a observância da lei judaica, seus objetivos teriam sido harmoniosos com os de Antipas, que desejava manter seu reino predominantemente judeu em boa ordem. A ênfase dos fariseus no dízimo e nas práticas que promoviam a identidade judaica poderia ser usada para promover a lealdade a um rei judeu que manteve a Galiléia pacífica e forneceu uma proteção entre a Galiléia e o Império Romano.

Finally, the Pharisees could have been supported by the wealthy landowners who found the Pharisaic understanding of Judaism a support for Galilean society. But traditional leaders do not usually share power or form alliances unless there is a need.42 Since Galilee was relatively peaceful and prosperous

[4]**See ch. 3. Even in the talmudic period, it is clear that rabbis came from many economic classes and supported themselves in various ways.**

[42]**Luke portrays the Pharisees as wealthy, established patrons who are failing in their role as protectors of the people and exploiting them (see ch. 9) but his view of the Pharisees in Galilean society does not seem to be based on accurate, firsthand knowledge.** until 44 C.E., when the Roman procurators took direct control and relations with the government deteriorated, it is unlikely that the landowners would have allied themselves with the Pharisees as a protest against oppression · In the end, whether the Pharisees were present in Galilee and what their roles there might have been remain uncertain and obscure.

13

The Sadducees and Jewish Leadership

Though the Sadducees appeared, mostly along with the Pharisees, in Josephus, the New Testament and rabbinic literature, the sources give so little information about the Sadducees that great care and restraint is needed in characterizing them. Most treatments of the Sadducees and the first century assume that all the chief priests and other leaders of Judaism in Jerusalem were Sadducees.1 However, Josephus does not say that all Jewish leaders were Sadducees, but only that those who were Sadducees came from the governing class. It is likely that a very small number of the governing class were Sadducees.

Because Josephus describes the Sadducees along with the

〔LeMoyne, Sadduceens, 11-26, analisa a literatura anterior. O livro de LeMoyne cobre todos os aspectos dos saduceus, analisando os textos e fornecendo uma síntese razoável e cautelosa. Ele às vezes é muito pouco crítico em seu uso de fontes rabínicas. Além de entradas em obras de referência padrão, outra síntese com bibliografia pode ser encontrada em G. Baumbach, * Der sadduz ^ iische Konservativismus, " Uteratur und Religion des Friihjudentums, eds. J. Maier e J. Schreiner (Wurzburg: Echter, 1973) 201-213; também do mesmo autor uDas Sadduz ^ erverstandnis bei Josephus Flavius und im Neuen Testament, * Kairos 13 (1971) 17-37, onde ele afirma que os saduceus eram a maioria dos sacerdotes sadoquitas que permaneceram em Jerusalém e não foram para o Egito ou Qumran. Veja o estudo mais recente de E. Bammel, tfSadducdier und Sadokiden, w Ephemerides theologicae lovanienses 55 (1979) 107-115 que pensa que a designação Saduceu foi usada pela primeira vez por sacerdotes trazidos do Egito e da Babilônia por Herodes a fim de se opor à influência dos hasmoneus no sacerdócio. V.Eppstein, uWhen and How the Sadducees Were Excommunicated, w JBL 85 (1966) 213-224, usa fontes rabínicas acriticamente sem levar em conta a data. Levine, ^ Political Conflicts, * 74-79, argumenta muito especulativamente que os saduceus eram um grupo militar que chegou ao poder sob o comando de John Hyrcanus. Eles eram padres que também estavam envolvidos com a diplomacia. Agradecemos também a Gary Porton, da Universidade

de Illinois em Champaign-Urbana, por disponibilizar dois artigos não publicados sobre os saduceus.

Fariseus e essênios, a maioria dos comentaristas considera os saduceus, como os fariseus e essênios, um grupo semelhante a uma seita. No entanto, seitas e grupos semelhantes a seitas são, por definição, uma reação contra o estabelecimento ou a posição social da maioria. Se os saduceus pertenciam à classe governante, como diz Josefo, provavelmente não eram um grupo de protesto no sentido adequado, mas um pequeno grupo com ideias particulares sobre como algumas partes da vida judaica deveriam ser vividas e crenças específicas a seguir essas práticas ·

A tarefa de reconstruir os saduceus a partir das fontes é assustadora e em muitos aspectos impossível · Josefo menciona um saduceu individual; ele descreve os saduceus como um grupo apenas em contraste com os fariseus e essênios. Uma vez que Josefo modifica a história para se adequar a seus propósitos, suas descrições dos saduceus não podem ser tomadas pelo valor de face. Os evangelhos e Atos mencionam os saduceus apenas algumas vezes. Eles concordam com Josefo que os saduceus não acreditam na ressurreição, que devem ser contrastados com os fariseus e que estão ligados à liderança de Jerusalém. Além disso, eles nos dizem pouco.

The Sadducees are mentioned only a relatively few times in rabbinic literature and these references are scattered in various collections from different periods. Thus, the historical reliability of all these passages is suspect.2 When the Sadducees appear in the Mishnah and Tosefta, they are disputing with the Pharisees over some practice or teaching. Since the rabbinic authors saw themselves as heirs of the Pharisees, the Sadducees are always bested in argument.

JOSEPHUS

Josephus describes the Sadducees along with the Phmisees and Essenes on several occasions. Only once does he refer to an individual Sadducee, Ananus the high priest.3 Ananus fits the descriptions given elsewhere of the Sadducees, that they are

Wee LeMoyne, Sadduceens, 321-27 and passim for critical problems.

[3]*Formiga.* 20.9.1 (199-203). In two places Ananus' name is followed by the term Sadouki (War 2.17.10 (251); 2.21.7 (628). In each case he appears in a list of people who are

from the highest level of society and that they are stem in their administration of justice · The descriptions of the Sadducees are not objective and are very incomplete. In each case the Sadducees are described in conscious contrast to the Pharisees and Essenes and none of the descriptions is extensive because Josephus is more interested in the Essenes in the War and the Pharisees in the Antiquities than he is in the Sadducees ·

Josefo coloca os saduceus dentro da classe governante, uma compreensão deles que é consistente com tudo o mais que ele diz sobre eles. Os pontos de vista atribuídos a eles, a rejeição da nova crença na vida após a morte e os novos costumes desenvolvidos pelos fariseus, são característicos de qualquer classe dominante. Eles desejam manter o status quo e manter o foco na nação (e reino potencial) de Israel neste mundo, não no próximo. Suas visões da providência, conforme apresentadas por Josefo, podem refletir uma visão pós-exílica de Deus como muito transcendente e distante dos assuntos da nação judaica (que havia perdido seu rei e independência). Eles são vistos como desagradáveis e arrogantes porque têm e exercem poder e porque competem entre si pelo poder.

It must be emphasized again that Josephus does not say that all the priests or Jewish leaders were Sadducees, only that the Sadducees were drawn from that (presumably much larger) group. The Sadducees seem to have been an established, but minor, group in Judaism. As such they served Josephus* purpose of presenting Judaism as possessing respectable and old philosophies in the Hellenistic mold. Just how organized the Sadducees were is left unsaid in all the sources · Since they came from the dominant class and reflected the established ways of Judaism, probably one's commitment to and participation in the Sadducees coiild be of low intensity.

NEW TESTAMENT

The relatively few references to the Sadducees in the New Testament generally agree with the view of them found in

identified as the son of X. Thus, Sadouki means “son of Sadok” (a good high priestly name), not “Sadducee.”

Josephus. Because affirmation of Jesus' resurrection was central for Christians, the characteristic of the Sadducees which most strongly impressed them was the Sadducees' rejection of life after death. The single controversy with them in Mark (ch. 12, with paraDeis in Matthew and Luke) and the argument between the Pharisees and Sadducees provoked by Paul in the Sanhedrin (Acts 23) all depend on the denial of resurrection. Matthew links the Sadducees with the Pharisees in opposition to Jesus, a coalition which is possible on a temporary and limited basis. In Acts they are associated with the chief priests and temple authorities (4:1; 5:17) and the Sanhedrin (ch. 23) as opponents of the early foDowers of Jesus.

RABBINIC LITERATURE

Os saduceus aparecem principalmente como oponentes dos fariseus e sempre como adversários dos autores da literatura rabínica. Eles não são participantes legítimos nos numerosos debates que acontecem entre os sábios, mas um grupo externo a ser refutado e desprezado. Os taimuds às vezes chegam ao ponto de não aceitá-los como judeus legítimos. Na literatura rabínica, especialmente no Tosefta, os saduceus são identificados ou intimamente associados aos boetusianos, um grupo ainda menos conhecido do que os saduceus · Parece que os autores rabínicos tinham uma noção clara dos saduceus como oponentes que divergiam em alguns pontos essenciais de prática e crença, mas nenhum conhecimento preciso e consistente de quais eram essas diferenças.

In the earliest sources, the Mishnah and Tosefta, the Sadducees differ from the Pharisees and tannaitic authors especially concerning ritual purity and sabbath observance. The disagreements are typical mishnaic disputes and concern limited points of behavior and interpretation, some public and some private. An additional couple of cases concern civil law. No fundamental disagreements over hermeneutic principles for interpreting Scripture or the relationship of customary interpretation to the written canon appear, nor does a comprehensive picture of the Sadducean position emerge from these few disputes ·

The Mishnah and Tosefta refute the views of the Sadducees rather than present a fair picture of their positions. The later

sources, especially the Babylonian Talmud, paint the Sadducees in even more lurid colors and suggest in places that they were not really Jews, but heretics. Such is certainly not historically true, but the result of a later defense of rabbinic authority and its way of life. In general, little reliable historical information is preserved in or recoverable from the rabbinic sources.

Conclusão

Though the evidence concerning the Sadducees is sparse, both Josephus, the New Testament and rabbinic literature assume that the Sadducees were an established and well recognized group of first century Jews. They take them for granted and Josephus claims that they were respected (though with limited influence) within Jewish society and culture.

Some scholars have held that the Sadducees were the Hellenized, aristocratic leadership of Judaism, but the sources give no evidence that the Sadducees were Hellenized in any special way.[277] (All Jewish society, thought and literature had been affected by the Hellenistic empire and its Hellenized successor, the Roman empire to some extent.)[278] It is certain that the chief priests and leaders of the dominant families cooperated with the Romans and sought to keep the peace and the status quo, upon which their power and prosperity were built. The Romans, for their part, were noted for developing and patronizing provincial elites.[279] While the chief priests protected the Jewish way of life, they were neither reformers nor revolutionaries.[280] If the Sadducees were drawn mainly from the governing class and aristocrats in Jerusalem, as Josephus and his interpreters suggest,[281] then the Sadducees may have been a movement reacting against the assimilationist tendencies of some leaders. The balance between

[277]**LeMoyne, Sadduceens, 334-335; 350-352.**

[278]**Elias Bickerman, From Ezra to the Last of the Maccabees (NY: Schocken, 1962); Heng ^ l, Judaísmo e Helenismo.**

[279]**Nicolas Purcell, Ch. 23, "The Arts of Government, ** The Oxford History of the Classical World, eds J. Boardman et al (Oxford / New York: OUP, 1986) 569.**

7Horsley, "Sumos Sacerdotes".

^ LeMoyne, Sadduc ^ enst 342-344; 349-350.

accommodating a foreign power and protecting a cultural tradition is difficult if not impossible to maintain and it is likely that disagreements in the governing class would have spawned groups and movements with different understandings of Judaism. As Josephus pictures them, the Sadducees had a body of teaching and a way of life which was intensely Jewish but different from that of the Pharisees and Essenes.

Sabemos pouco sobre as características específicas dos saduceus. Os tratamentos padrão dos saduceus freqüentemente os diferenciam dos fariseus com base em sua insistência na interpretação literal das Escrituras e na rejeição da Torá oral. Nenhum dos critérios é explícito ou implícito nas fontes e ambos são enganosos. Quando alguém examina a interpretação bíblica antiga, tanto aquela que é designada literal quanto aquela que é mais elaborada, todas as interpretações estão longe do que os estudiosos contemporâneos consideram literais. Na verdade, todos os grupos para os quais temos evidências recorreram às palavras individuais, frases e idéias fundamentais da Bíblia a fim de justificar e também desenvolver seu modo de vida e todos os expandiram a fim de vincular suas idéias às Escrituras ·

A doutrina ou ensino explícito sobre a Torá oral em contraste com a Torá escrita não aparece até o terceiro século EC, embora a ideia esteja implícita anteriormente.[282]Mas a Torá oral tem valor limitado como categoria porque, de certo modo, todos os judeus tinham sua própria Torá oral. Ou seja, cada local e provavelmente cada subgrupo ou classe social tinha seus próprios costumes e regras específicas de como viver o judaísmo. Essas leis e costumes se desenvolveram ao longo de décadas e séculos e eram comuns a todos os grupos. Os fariseus e mais tarde os rabinos promoveram uma certa versão de tais regras com uma visão subjacente do modo de vida judaico. A caracterização de Josefo dos saduceus, de que eles não aceitam nenhuma observância fora das leis, serve para contrastá-los com os fariseus · Assim, significa simplesmente que eles observaram as leis bíblicas como as interpretaram e que rejeitaram a interpretação farisaica.

[282]Peter Schafer, "Das 'Dogma' von der mundlichen Torah", em Studien zur Geschichte und Theologie des rabbinischen Judentums (Leiden: Brill, 1978) 153-197.

teaching. In this the Sadducees (and Pharisees) were like all other Jewish groups, each of which had its own traditions, social and religious goals and laws. [283] That the Sadducees were more traditional and the Pharisees more innovative makes it appear that one interpreted Scripture and the other did not, that one accepted a new body of law and the other did not. In fact, post-exilic Judaism had already engaged in massive adaptation of traditional Jewish life to new circumstances and the Sadducees as part of that Judaism had a distinctive interpretation of many parts of Jewish life.

O testemunho de todas as fontes de que os saduceus não acreditavam na ressurreição, vida após a morte e julgamento se encaixa nas outras coisas que sabemos sobre eles e é historicamente confiável e convincente. A crença dos saduceus9 é a visão bíblica tradicional; idéias de ressurreição, imortalidade e vida após a morte entraram no judaísmo no segundo século AEC e só gradualmente dominaram o judaísmo nos quatro ou cinco séculos seguintes. [284]Se os saduceus eram predominantemente da classe governante, que tende a ser muito conservadora em uma sociedade tradicional, é provável que eles não aceitassem a nova inovação da ressurreição. Sua rejeição da vida após a morte e do julgamento também explica a classificação de Josefo (em termos gregos) como enfatizando o livre arbítrio e negando o destino. Embora, como judeus, eles certamente acreditassem na aliança de Deus e no cuidado com Israel, eles não acreditavam em sua intervenção apocalíptica na história mundial e, portanto, podiam ser apresentados como negando o destino e enfatizando o controle humano sobre a vida. Além disso, a rejeição da nova crença na vida após a morte e dos novos costumes desenvolvidos pelos fariseus é característica de qualquer classe dominante. Os saduceus provavelmente desejavam manter o status quo e manter o foco na nação (e reino potencial) de Israel neste mundo, não no próximo. Como foi observado acima, suas visões da providência, apresentadas por Josefo, podem refletir uma visão pós-exílica de Deus como muito transcendente e longe dos assuntos da nação judaica (que havia perdido seu rei e

[283]LeMoyne, Sadducees, 372-379.

[H]Ver George WE Nickelsburg, Resurrection, Immortality, and Eternal Ufe in Intertestamental Judaism (HThSt 26; Cambridge: HUP, 1972). Mishná Sanhedrin 10: 1, de cerca de 200 EC ainda tem uma restrição contra aqueles que negam a ressurreição dos mortos; comentários talmúdicos posteriores sobre essa passagem não falam daqueles que negam a ressurreição dos mortos, mas que negam que isso possa ser provado pelas Escrituras.

independência). Pouco sabemos mais sobre suas crenças e costumes. Eles provavelmente tinham um estilo e senso de todo diferente dos fariseus · Para o observador externo, as diferenças pareceriam menores, mas dentro da comunidade tais diferenças normalmente produzem conflitos ferozes sobre controle e influência, como aqueles refletidos nas fontes .

Os saduceus são freqüentemente caracterizados como uma seita por eruditos. Se eles fossem um grupo de protesto fortemente organizado contra o modo de vida judaico promovido pelo sumo sacerdote e pelos membros mais poderosos da sociedade judaica, então a designação seita se encaixaria. No entanto, não temos nenhuma prova direta de que foi assim, nem as fontes sugerem isso. Se eles meramente representavam um modo de viver o Judaísmo popular entre a classe governante, então eles estão em uma posição muito elevada para ser uma seita real, isto é, 9 um grupo que está em reação contra a força dominante na sociedade e que afirma ser o verdadeiro herdeiro de a tradição, assim como os essênios de Qumran · Nossa análise dos saduceus seria ajudada por algum conhecimento de sua organização interna, a intensidade e exclusividade do compromisso exigido e as regras que regem suas atividades, mas carecemos de todas essas informações.[285]

HISTORY

The history of the Sadducees is equally obscure · The Sadducees appear in Josephus during the Hasmonean period along with the Pharisees when John Hyrcanus switched his allegiance from the Pharisees to the Sadducees · The only rabbinic text which deals with the origins of the Sadducees is a paragraph in the Fathers According to Rabbi Nathan.[286] This passage, which is taken as historical by LeMoyne,[287] is most probably a later rabbinic explanation for the presence of Sadducees and Boethusians in rabbinic traditions and for the interchange of their names. Sadok and Boethus are said to have

[285]**LeMoyne, Sadduceens, 331.**

[286]**Abot de Rabbi Nathan, Versão A, cap. 5 e versão B, cap. 10. Para traduções e notas, veja J. Goldin, Os Pais de acordo com o Rabino Nathan (Yale Judaica Series 10; New Haven: Yale, 1955) 39 e Anthony J. Saldarini, Os Pais de acordo com o Rabino Nathan (Abot de Rabbi Nathan) Versão B (SJLA 11; Leiden: Brill, 1975) 85-86.**

[287]**LeMoyne, Sadduceens, 113-119.**

been disciples

de Antígono de Soko, a figura enigmática que aparece entre Simão, o Justo, o último dos homens da Grande Assembleia, e o primeiro dos pares de líderes identificados pelos rabinos como seus ancestrais intelectuais e líderes do farisaísmo.15 O apego de os fundadores dos saduceus e boetusianos de Antígono os priva de legitimidade e os estabelece como oponentes originais dos fariseus. Os saduceus e os essênios não eram derivados da Grande Assembleia, a fonte lendária de autoridade no início do período do segundo templo, nem eram derivados dos pares rabínicos que são mencionados várias vezes na literatura rabínica, mas sim eram discípulos do o mais obscuro dos membros da cadeia da tradição, Antígono, a quem é atribuído um ditado enigmático sobre a recompensa pela obediência a Deus.

> Antigonus of Soko took over from Simeon the Righteous. He used to say: Be not like slaves who serve their master for the sake of their allowance; be rather like slaves who serve their master with no thought of an allowance—and let the fear of heaven be upon you.16

The disciples of the disciples of Saddok and Boethus are said to have examined the saying of Antigonus and determined that it implied no afterlife.17 These disciples then withdrew and formed

»5Abot 1:3.

[6]See E. Bickerman, "The Maxim of Antigonus of Socho, HTR 44 (1951) 127-151 for the original meaning of the saying.**

[¯] Finkelstein, The Pharisees, 153-154 afirma que o ditado era originalmente uma negação da vida após a morte. A versão do ditado citada em Padres de acordo com o Rabino Nathan adiciona uma cláusula que transforma o ditado em uma afirmação de recompensa após a morte. Na versão A está escrito: "E que o temor do Céu esteja sobre você, para que sua recompensa seja dobrada na era por vir." A versão B diz: "E que o temor do céu esteja sobre ti, e receberás uma recompensa, tanto neste mundo como no mundo vindouro, como se tivesses feito (isto tu ^ y *

duas seitas. I * Esta versão de sua origem pressupõe que a crença na vida após a morte já estava estabelecida no judaísmo no segundo século AEC e que algumas gerações depois (por volta de 100 AEC, quando Josefo indica que os fariseus e os saduceus estavam em conflito) dois grupos de discípulos tornou-se heTética. Este é um relato altamente tendencioso da situação. É muito provável que a ruptura tenha se tornado brusca durante o reinado de João Hircano ou Alexandre Jannaeus e que eles discordaram quanto à vida após a morte, é certo. No entanto, os saduceus apenas continuaram com as crenças judaicas tradicionais e resistiram à inovação dos fariseus e outros.

A história dos saduceus é tão incerta quanto suas origens. As versões de sua história variam de acordo com se os estudiosos identificam os saduceus com o sumo sacerdote e líderes, como eles avaliam a confiabilidade das fontes rabínicas e de Josefo e se os consideram um partido político ou seita religiosa.19 A maioria das reconstruções vê o segundo templo sociedade em termos simples, com alguns grupos disputando o poder. Essa simplificação é baseada em uma leitura ingênua das fontes. Nem os sacerdotes nem a aristocracia desfrutaram de um domínio sereno durante o período greco-romano.

Não se pode falar dos padres como um grupo unificado, muito menos identificar os saduceus com eles. Quando a família Hasmoneu se tornou dominante em Jerusalém após a guerra contra Antíoco IV e quando Jônatas mais tarde se tornou sumo sacerdote e foi sucedido por Simão e seus descendentes, a classe sacerdotal ficou confusa. Mesmo antes da guerra, várias facções lutaram pelo controle e o sumo sacerdócio mudou de mãos. Na aquisição dos Hasmoneus, as famílias tradicionais do sumo sacerdote perderam poder e influência. Os hasmoneus não foram facilmente sugados para estabelecer seu poder; Josefo * relato deste período

^Withdrew" or ttseparatedw (prsJ is a technical word for sect-like organizations which break off from dominant groups. It is also the root from which the Pharisees* name is taken. Version A has withdrew from Torah," a more sharp judgment which probably reflects later editing by talmudic authors who saw the Sadducees as heretics. The word for sect in Version A is perafdt (literally, "breaches," as in breaches in a defense wall) and in Version B mispahot (families), perhaps reflecting the belief that these groups were composed of priestly "families."

[9]For a fairly critical and judicious review of the evidence, see LeMoyne, Sadduc^ens, 381-399.

shows a number of struggles and intrigues. 1 Maccabees, which is a pro-Hasmonean account of the war from about 100 B.C.E., tries to connect the Hasmoneans with the Sadokite line and Phineas (1 Macc. 2:54) in order to establish their legitimacy. In the Herodian period various priestly families had their members appointed hi 品 priest, with Herod choosing high priests who would enhance his power or at least not be a threat to it. After the death of Herod high priests changed to reflect the vagaries of Jewish politics and Roman policies ·

The aristocracy cannot be viewed as a static group during the Greco-Roman period either. Hasmonean struggles over succession, the Roman dominance of Jerusalem, political turmoil during and after Herod's reign and the long path to the great war against Rome all produced a myriad of political coalitions, alliances and disputes · The sources for this period give only a glimpse at the waxing and waning fortunes of numerous individuals and families among the Jewish elite as well as insurgent groups among the people and emerging leaders. Consequently, the social and political situation in the governing class, among whom we must number most of the Sadducees, was complex and changing. The situation was further influenced by the members of the priesthood and the retainer class, including the Pharisees, scribes and other officials.

Glossário de termos sociológicos

[Words in bold letters are defined in this glossary.]

Achieved Status: membership or Status based on the activities of the person and the effects produced on social relationships by those activities.

Artisan Ctass: Those skilled in the crafts necessary for society. Most were limited to the goods they could produce with th&r own labor and, like the peasants, lacked power and wealth.

Ascriptive Status: an assigned group membership or social Status, role, or place within that group based on birth or thrust on one by an outside force, such as a political entity or a culture.

Class System: a hierarch of Classes ranked in terms of some single criterion, such as politics, property, occupation, heredity.

Class: the place of a group or person in society based on economic criteria, according to Weber's classic definition. Class is often associated with power, as in Lenski's theory used in this book, and overlaps status and party. A wider and more common definition of class is a large body of persons who occupy a position in a social hierarchy by reason of their manifesting similarity of valued objective criteria, such as kinship, power, achievements, possessions, etc. See Status and Party.

Coalition: a temporary alliance of distinct parties for a limited purpose, in which the resources used by the coalition remain linked to its original members. A coalition is temporary and not the primary identity of the members.

The nature of the commitment and the wider goals of each member may vary considerably.

Commitment: One of Parsons* Generalized Symbolic Media of interaction. Generalized commitments, seen in cultural patterns and motivations, underlie the concrete relationships which bind the members of a society together and can be used to motivate people to action.

Conflict Theory: the sociological theory that society consists of conflicting forces and competing interests; the effort to understand all social activity as the result of conflicting needs, desires and goals. Conflict theory is often opposed to Functionalism which stresses organic unity among social roles and activities ordered to the well being of society as a whole.

Corporate Group: a discrete, multi-member aggregate having property, aims and duties which inhere in the group as such, and are distinct from those of its individual members. Each member has rights and duties with respect to the group. All members are bound together by virtue of their shared membership in the group and by their common obligation to protect its interests and fulfill its obligations.

Faction: a type of Coalition recruited personally according to structurally diverse principles by or on behalf of a person. Factions tend to be characterized by unstable membership, uncertain duration, personalistic leadership, a lack of formal organization, and a greater concern for power and spoils than ideology or policy.

Formal Group: an organization with procedures for mobilizing and coordinating the efforts of various, usually specialized, subgroups or individuals in the pursuit of joint objectives.

Functionalism: the sociological theory that all human action contributes to human living and specifically human society. The effort to understand the part that each type of action and each social group or role plays in producing and sustaining society as an organic unity.

Generalized Symbolic Media: Talcott Parsons* four generalized symbolic media of interaction are four types of "power** (in the general sense) used in social relations among individuals. They are Power (in the proper sense), Influence, money and Commitnient. See also Wealth.

Governing Class: A small class which served the ruler and had control of most of the power and wealth in ancient society.

Group: in its most general definition, any collectivity of humans. More specifically, any collectivity bound by principles of membership and a set of rights and duties. See Formal Group for most social groups.

Honor (and Shame): Honor and shame define one's public standing and one's personal self image which is dependent on that public standing. Honor and shame are the two poles of a social evaluation based on the type of personality considered ideal in a society. The evaluation is sanctioned by public opinion and also derives from the person's self-image and selfevaluation. Honor is especially the preoccupation of individuals in small scale, exclusive, face-to-face societies where standing and prestige are dependent on people, not on impersonal offices.

Influence: One of Parsons, Genmilized Symbolic Media of interaction. The influential person is considered to be a reliable source of information or judgment concerning that information and thus is able to have an impact on the judgment and action of others ·

Interest Group: one of the most common types of voluntary association, organized on the basis of distinctive concerns, needs, desires or goals shared by the members, with the goal of fostering those shared interests.

Involuntary Group: collectivities into which people are bom or wUch impose themselves upon people such as kin groups, political communities, social classes and castes.

Lower Classes: Peasants, Artisans, unclean and expendable classes who formed the bulk of society in antiquity and were characterized by a lack of Power and Wealth.

Movement social activity which is very diffuse and lacks almost all organization. See Social Movement and Social Movemmt Organization.

Network: a set of social relationships among individuals and groups of people, specifying the relationships as simple or multiplex (involving more than one role), one directional or mutual, evaluating them by importance and worth, frequency and duration of contact and describing them according to structural features such as its size, density, the degree of closeness of connection, clustering and intermediaries.

Non-Corporate Group: a collectivity, such as a Movement, Coalition, Faction, usually lacking fixed structure and held together by temporary and narrow common interests. It cannot by right claim the resources of the members and has a less clear identity than stable Corporate Groups.

Party: the place of a person or group in society based on political power. See Class and Status

Peasant Class: Those who produced food either on their own land or that of others. Production was usually limited to subsistence plus the excess required to pay taxes to the Upper Classes and thus peasants usually lacked Wealth and Power.

Political Interest Group: a collectivity which seeks to convert its interests into public law or g^in control over social behavior. This category includes modem pressure groups.

Power: One of Parsons* Generalized Symbolic Media of interaction; the generalized capacity to secure the performance of binding obligations by members of an organization when the obligations are legitimized with reference to their bearing on the collective goals and when there is enforcement by negative sanctions against recalcitrance.

Retainer Class: Those who served the neeeds of the ruler and Governing Class, including soldiers, bureaucratic government officials, educators, religious leaders. They shared the life of the governing class to some extent, but had no independent base of power or wealth (in contrast to the modem middle class) ·

Sect: a religiously based group which is either actively involved against society or withdrawn in reaction to it. Such groups are often political forces. In its classical Christian definition sect is contrasted with the dominant religious force, church.

Shame: see Honor.

Social Movement Organization: a complex, or formal, organization which identifies its goals with the preferences of a Social Movement or a counter movement and attempts to implement those goals. A social movement organization is, therefore, a Voluntary, Corporate Group similar to the Political Interest Group. See Movement and Social Movement ·

Social Movement: an effort by a large number of people to solve collectively a problem that they feel they have in common, such as promoting or resisting change in society. See Social Movement Organization.

Status: the place of a group or person in society based on one's legal standing and prestige · Emphasis may be placed on relational or on positional structural elements which determine status · See Class and Party.

Upper Classes: The ruling classes (according to Lenski), including the ruler, Governing Class, priests, merchants, and Retainers. This relatively small group controlled the excess production of the Peasants and other Lower Classes.

Voluntary Corporate Group: a collection of people with permanent existence, recruited on recognized principles, with common interest and rules (norms) fixing rights and duties of the members in relation to one another and to these interests.

Voluntary Group: a collectivity organized for the pursuit of one interest or of several interests in common. See Voluntary Corporate Group.

Wealth: physical resources which can be used to maintain life, achieve one's purposes and gain power over others · In antiquity wealth was usually tied to productive land and was dependent on the acquisition and maintenance of Power. In modem times, by contrast, wealth in the form of money is often the path to power.

Subject Index

action theory 30 Acts of the Apostles 13, 142, 184-187 agrarian empires 35-45 Alexander Jannaeus 89-90,93,278 Alexandra 89-94, 133 Ananus 103, 105, 299 anthropology 12-14 Antigonus of Soko 306-07 apocalyptic thought 14, 25& 261 Archelaus 107-08 Aristeas, Letter of 259-60 artisans 1, 12, 139-41, 143, 151 authority, teaching 152-53, 163, 165

66, 183*4, 190, 196, 268-72 Bagoas 100-01 Bannus 118-19 Baruch 243,261 Ben Sira 254-57 Boethus 306 Boethusians 226-27, 301, 305-06 bureaucracy 47-48 Christian Pharisees 185-86 Cilicia 137 class 3-4, 20-30, 36-4& 51-52, 154-55, 171-73; expendable c. 44, 179-80; governing c. 3,5,20,36-37,40-41, 4547, 84, 93-94, 97, 101-06, 114, 119-22, 139^1, 155-57, 172, 178, 191, 193-94, 197, 256, 260, 264, 266, 281, 284, 296, 299, 302-03, 308; lower c. 36»3& 139-41, 263, 281; middle c. 3,12,3& 46-47,139 coalitions 65, 94, 100, 120, 149, 167,

170, 172,209-11,308 commitment 31-32, 134, 139 community boundaries 13& 150 ▪ 51,

176, 179-80; control 142, 151, 154 conflict, social 92,136,163-66,178-81,

278 conflict theory 18,23 Damascus 137, 142, 292-93 Dead Sea Scrolls 278-80 deviance 70 dyadic relations 57-58 economy 36-39, 296-97 Enoch 258-59 Essenes 9 & 109, 112, 115-16, 124-25, 127 Ezra 244-46 factions65-66,94,98-101,167-6 & 209 ▪ 11,289 fate 109 ▪ 10,116, 121, 304 fourth philosophy 108, 124 free will 109-110,112-13,116,121,304 functionalism 17-20 Galilee 103-05,147-49,156-57,171-72, 175,

178, 266, 291-97 gospels 144*9& 266-68; approach to 14445 Greek associations 67-70, 285 groups 3-4, 6 ▪ 7, 1& 21, 59-75, 277; origin

of 59-62; types of62-74,280- 81; definitions 153-67; voluntary 59-61, 63-67, 94-95, 281; involuntary 63-64 *haburot* 216-20 *hairesis* 108-20, 123-27, 185 Herod 95-101,107-08,128-30,133,177 Herod Antipas 268, 293-94, 296 Herodians 147, 149, 156-57, 170, 177, 294 Hillel 204-07 honor (and shame) 27, 54-56, 151 Houses of Hillel and Shammai 206 immortality see life-after-death influence 31-34, 87-90,93-94, 97, 106, 114, 122, 132-34, 139, 143, 150-51, 155-57, 162, 172, 17& 18& 190, 196-97,204,210-11,229,252,27476, 283-84

James, brother of Jesus 105 Jerusalem 147^9,156-57,171-72,175, & 211,256,266,268,291,296
Jesus passim, esp. 144-198
John, gospel of 187-98; viewpoint 195-96
John of Gischala 103-05
John Hyrcanus 85-89, 93, 116, 130, 305
Josephus passim, esp. 79 ▪ 133; vida de 102-05, 117-19; ponto de vista 81-85, 90-93, 105-06, 111, 114-15, 119, 128-32, 173, 18 e 261-66, 292 Judas of Galilee / Gamala 108 law, Jewish 87,91, 104, 110- 114, 11621, 127, 130, 135-37, 149-50, 155, 163,165,172,183-85,192,199-237, 245, 253-4, 268-72, 303-04 advogados 176, 182-84 líderes aldeia 52, 151, 175 , 177-81, 266-67; baixo nível 188-9 e 274; Jerusalém 101-04,161-62,302-03; Judeu 131-32, 154-55, 188-95 vida após a morte 14, 109-110, 112-13, 121, 175, 182, 228-29, 299, 301, 304-07
Lucas, evangelho de 174-84, 296
Mateus, evangelho de 157-73; ponto de vista 15 e 164, 172-73
Marcos, evangelho de 145-57; passim 15773; 292-93
Mishná 201-02,212-16 movimentos, social 4, 66,95,281-82 Neemias 245 ^ 6 redes 53-54,282-84
Nicolaus de Damasco 83, 129-30 juramento de fidelidade 98-100 partido 20-23 patriarcado, relações patriarcado rabínico 204-09 56-59, 87 * 8 & 92, 120, 133, 140, 156, 176, 284
Paul 134-43, 185-86, 268.292-93 camponeses 36-37,43,46 ^ 7.120.176.281 pesharim 278-80
Fariseus passim, esp. 79-237, 277 ▪ 297; nome 220-25
Pheroras (e esposa) 99-101
Grupos de interesse político 64-65, 89-90, 93-94, 106, 120, 132, 149-50, 167, 211.214, 281.287-88
PoUion 96-98
poder 20, 34, 89-91, 93-94, 97, 106, 119, 122, 143, 150-51, 153, 155-57, 162, 172, 178, 188, 190, 204, 208, 210-11.229, 274-76.293-95 prestígio 23-27,29 padres 3-5, 101-04.244-46; alto / chefe p 147.149, 154-56.160-62.170-71, 191-93.250, 294.298-99, 302-03 pureza 13 e 149-50, 165-66, 168, 176, 212-20, 224-25, 232.270-71 , 290 Qumran 278-80 literatura rabínica 199-237, 301-02, 305-07; método em estudo de 199 ▪ 203,229-31 religião na antiguidade 5-6, 16-17 ressurreição ver vida após a morte revisores 4-5, 37-42, 464 e 87 «8 e 92
94, 99, 106, 114, 120, 139-42, 15557, 161-62, 172.197.252.256.264, 266, 281, 284.295-96 observância do sábado 212-20.233 Saddok, o fariseu 108 Saddok, o Saduceu 306 Sadducees passim, esp. 87> 8 e 105-23,
154,166-67, 176, 187,225-2 e 231 ▪ 34, 236-37, 298-308
Samaias 96-98 Sanhedrin 96-97, 184-87, 193-94, 301 escola 123-27, 129, 288-89
escribas passim, esp. 146 * 4 e 151 ▪ 53,
159-66,176, 181-83, 186,188,24176; termo 241-42,265-66; história de 242-66; Interpretação bíblica por 247-49; Temple s. 245-50; Christian s. 267 sect 5, 70-73, 123-27, 209, 214, 285-87 Shammai 204-07 Simon ben Gamaliel 103-05, 130 sociology passim; uso de 4,12-21,277;
teoria e categorias de 35-75 termos mais seguros 241-42; na literatura rabínica
268-72 status, social 4,6,21 ▪ 31,51 ▪ 52,153-55,
159, 162, 171-73, 180, 194, 183
estratificação 22-23,25-28 sinagoga 52-53, 192-195,272 Síria 137 ▪ 3 e 143, 291-92
comunhão de mesa 214-20 Tarso 137-39, 143.293 professores 176, 190, 193 dízimo 212-20 sociedade de aldeia 51-59, 144, 176.266-67 guerra com Roma 101-05
riqueza 23-31, 106 , 140, 172, 175, 17 e 208
tradição de sabedoria 254-61

Índice do Autor

Achtemeier, Paul 288
Alfdldy, Ge 於 28-29
Alon, Gedaliahu 99
Attridge, Harry 81, 109.118-19.130
Avery-Peck, Alan 270 Bammel, E. 270
Banton, Michael 64 Baroja, Julio C. 55
Baumbach, G. 105, 298
Baumgarten, A.1.99,105,127,22S21
BenneU, WJ 149
Betz, O. 265
Bickerman, Elias 59, 249-50, 302.306 Blau, Peter 63
Blenkinsopp, Joseph 85, 121 Boardman, J. 302
Boissevain, Jeremy 53-54,64-66,94
Bourdieu, Pierre 56
Bowker, J. 287
BUchler, Adolf 25, 294
Bultmann, Rudolf 145, 291 Campbell, JK 55
Carmichael, C. 247
Camey, Thomas 36-37,47-48
Chiat, Marilyn J. 53
Cohen, Shaye JD 7-9,82-83,86,105, 11 & 130-31,216,229, 295
Collins, John J. 259
Cook, Michael 146, 148, 157 Crenshaw, JC 244
Cross, Frank M. 246, 279 Culpepper, R. Alan 125, 189-90, 195 Dalton, WJ 135
Davies, PhiHp 253
Davies, WD 158
Davis, J. 13, 55
Davis, Moshe 68
Demsky, A. 269 DcVaux, Roland 247
Dewey, Joanna 150
Dexing ^ r, F. 259
Dimat, Devorah 278-79
Dodd, CH 188-89, 195-96 Dombrowski, Bruno W. 69
Douglas, Mary 150.215, 290 Durkheim, Emile 17
Eilberg-Schwartz, Howard 233 Eisenstadt, SN 6-7, 21-22, 35, 39-40, 47, 57,60-63
Eister, Alan W. 70
Ellenson, D. 10 Elliott, John H. 16
Eppstein, V. 298
Epstein, JN 204, 269
Feldman, Louis 7, 81,96 Finkelstein, Louis 43.222, 232, 306 Finley, Moses 27 ▪ 28, 36, 60, 67-68 Fischel, Henry 68
Fishbane, Michael 247-249 Fitzmyer, Joseph A. 178,181,183,279 Fraade, S. 223
Freyne, Sean 21 e 267, 293-95
Gager, John 10
GaUing, K. 24546
Gariand, DE 15 e 165
Gamsey, Peter 43
GeUer, MJ 86
Gellner, Ernst 13 Gilat, Y. 269
GUbert, M. 256 Goldin, Judá 305
Goldstein, Jonathan 251-52 Goodblatt, David 209
Goodman, Michael 209.295
Gould, Julius 27
Gouldner, Alvin W. 19, 31
Green, William S. 69
Groh, D. 175

Gutmann, Joseph 53
Guttmann, Alexander 96, 21 e 221, 269
Hadas, Moses 260 Hanson, John S. 10
Haspecker, Josef 257 Hellholm, David 15
Hekman, Susan 19 Hempel, Carl G. 19
Hengel, MaHin 59, 6 & 146, 252, 257, 267, 302
Herford, R. Travers 199 Hock, Ronald 13940 Hollander, Paul W. 53 Holmberg, Bengt 143 Holy, Ladislav 54, 63, 281
Horgan, Maurya 278-79 Horsley, Richard A. 10, 19, 44, 96, 100, 120 , 192, 302
Hultgren, Arland J. 142 Hummel, R. 158, 267 Isaac, E. 258
Jewett, R. 175
Johnson, B. 70
Johnson, Luke 135, 175-76, 178, 180 Joiion, P. 149
Kautsky, John H. 21,23-24,35-39,43,47
Kee, Howard C. 10 Kippenburg, Hans G. 10 Klein, Ralph W. 246
Klijn, A RE 147
Koester, Helmut 134-35
Kolb, William 27 Kovacs, Brian 244 Kraeling, Carl 242 Kraft, Robert A. 7, 244
Kuper, Adam e Jessica 54 Lande, Carl H. 57 ▪ 5 e 64-65,92 Laqueur, R. 82, 118, 128
Lauterbach, Jacob 199, 269, 284 Leinhardt, Samuel 53
LeMaire, And能 244, 247 LeMoyne, J. 105.123.226 **▪ 2 e 232-33, 273, 298-99, 302, 304-05, 307**
Lenski, Gerhard 4, 21-25, 31, 3545, 149
Leon, HJ 272-73
Levine, Lee I. 86, 8 e 93, 285, 298
Lieberman, Saul 149, 224 Lightstone, Jack 203, 231
Littlejohn, James 24 Luckmann, Thomas 15
Mack, Burton 255
Macmullen, Ramsey 2 e 36,67-68 Maier, G. 265
Malbon, Elizabeth Struthers 144 Malherbe, Abraham 68
Malina, Bruce 13, 16, 56, 159, 162, 169, 191
Malinowski, B. 17
Mannheim, Karl 15
Mantel, Hugo 69,97, 126
Marbock, Johann 256
Markus, Ralph 81.250
Marrou, Henri 123
Martin, Malaquias 247
Martyn, J. Louis 192, 196
Maryanski, Alexandra 19 McCarthy, John D. 66,95, 282 Meeks, Wayne 16, 29,70, 126, 140
Meier, John 164
Meyers, Eric M. 104
Meyers, JM 244, 246
Milik, JT 258
MiUar, Fergus 87,99.294
Moehring, Horst 82
Moore, George Foot 109, 199 Morgan, Donn 247
Moxnes, Halvor 176
Neusner, Jacob 9-10, 69, 12 e 131 ▪ 32, 150,199-202,2044) e 212 ▪ I & 220, 229, 268, 285-86
Neyrey, Jerome 13 e 150
Nickelsburg, George WE 7, 15, 244, 259, 304
North, Robert 246
Olivier, JPJ 242
Pancaro, S. 190
Parker, P. 183
Parsons, Talcott 17, 30-33, 117 PeU,
Pinchas H. 219
Peristiany, JG 55-56
Petersen, Norman R. 143
Pfuhl, E. 65, 70
Pitt-Rivers, Julian 55
Pleket, HW 43
Polônia, Franz 67 * 6 e 261
Porton, Gary G. 7, 216, 233, 244, 298
Pritchard, James 254
Purcell, Nicolas 302
Radcliffe- Brown, AR 17
Rajak, Tessa 84,92, 118-19
Rasp, H. 11 e 128, 130
Rivkin, Ellis 9-10,6 e 202-03,209,226, 228-34, 284, 287

Rohrbaugh, Richard 29-30,41 Roniger, Louis 57 Rowley, HH 149
Safrai, S. & 252
Ste. Croix, GEM de 28
Saldarini, Anthony J. 7,42, 205, 28 e 305
Sailer, Richard 57, 194
Sanders, EP 7
Sanders, Jack T. 175-77, 183
Sanders, James A. 256-57
Sandmel, Samuel 149
Sarason, Richard 217
Sayler, G. 261
Schaeder, HH 245
Schafer, Peter 303
Schiffer, Ira 69
Schmidt, Steffan W. 57
Schnackenburg, Rudolf 188 * 9 Schoedel, William 123 Schiirer, Emil 87,99, 294
Schutz, Alfred 15
Schwartz, Daniel R. 83, 86, 115, 130 31.209, 268
Schwartz, Hillel 71
Sênior, Donald 160
Sheppard, Gerald T. 244
Shils, E. 30
Simon, Marcel 123-24
Sjoberg, Gideon 25, 36,44,46
Smith, Jonathan 204
Smith, Morton 68,109,125, 12 e 145, 285, 291
Spiro, Solomon J. 218 Stadelmann, H. 256-57, 266 Steeman, Theodore M. 71 Stem, Menahem 83,92
Stone, Michael 81, 278
Stowers, Stanley 15-16, 19, 125 * 26 Strack, H. 204
Strange, James F. 104 Sweetser, DA 27
Taifel, Henri 63,95, 281 lalmon, S. 245-46
Tcherikover, Victor 251 Thackeray, H. St. J. 81 Theissen, Gerd 10, 140 loch, Hans 66
Tod, Marcus N. 67 Turner, John C. 63
Turner, Jonathan 18-19, 22, 25-27 Urbach, EE 43, 224, 269 VanderKam, James 258
van Tilborg, Sjef 15 e 160, 166, 267 Vermes, Geza & 87,99, 278, 294-95 von Rad, Gerhard 247 von Wahlde, Urban C. 188
Walker, R. 158
Waterbury, John 13
Weber, Max 17, 19-23, 2 e 31 Weinfeld, M. 247
Weiss Halivni, David 212, 269, 272
Welborn, LL 66
White, Leland J. 168 Whybray, RN 244
Wiebe, Donald 17 Wikgren, A. 81
Wilken, Roben 67, 123 Williams, Ronald J. 242-43 Willis, JT 244
Wilson, Bryan 71-72, 124.215.286-87 Wolf, C. 283
WueUner, Wilhelm 44 Yadin, Y. 279
Zald, Mayer N. 66,95, 282 Zeitlin, Solomon 96 Ziesler, JA 175

Índice de fontes antigas

BÍBLIA

Levítico 21: 1487

Jeremias 36:
Juízes
5: 14243

1 Samuel
14: 31-35262

2 Samuel 12: 24-
25244
24: 1262

1 Reis
12: 8244

2 reis
10: 6244
22243

10243
Neemias
8-9245
Nahum
3: 8279

Ester
&] 262
9: 3262

Daniel
1-6254
11: 32279

Esdras
7 245-46
7: 6 244
7: 21-22 244
7h24 262
8 245

12: 12-13246

1 crônicas
4 632 6 4

2 crônicas
17: 7-9 244
34:13 246
35: 3-6 244

APÓCRIFA E PSEUDEPIGRAPHA

Aristeas, Carta de
120-27260

2 Baruch
2: 1261
9: 1-10: 4 261 46:

1 Enoch
1-36 25
12: 3-4

15: 1258
72-82254
92: 1258
3261
1 Esdras
8: 22263

1 Macabeus
2: 42251
2: 54308

7: 12-14251
7: 16251

2 macabeus
6: 18253

4 macabeus
5: 4253-54

Sirach
11 254-57
28:24 254
3 e 24-39:
38: 32-33 255
39: 1-10 255
39: 1-3 256
50 256
50:27 257
51: 13-30 256

PERGAMINHOS DO MAR MORTO

4Qp Isa c 23.ii. 10279
4QpNah 34i.2,7 279
4QpNah 34iii.9279 HQPs 256-57

NOVO TESTAMENTO

Mateus
2: 4
2: 7-10
2:11
3: 7 157, 15 e
157, 164
158-59.163
158,162-63
158-59
168
42
163
168
168-69
163
195
157
61
165
157
165
160
168-69
12: 22-30 168-69
163
12h38
13:52 151, 158-59, 163,
14: 1
15
15: 1 157, 166
15:12
15:31
16
16: 1-12
16: 1 157, 165
16: 6
16:11
16:12
16:21 157, 161
17:10 158-159,
17: 22-23
20:18 157-161
21:15 157, 161-62, 170
21: 15-16
21:23 157-58, 161, 163,
21:45 161, 163,
21: 45-46
22:15 168, 170
22: 34-35 16 e 170,
22: 34-40
22: 41-46
22: 45-46
23
23: 2-3
23: 2
23: 4-7
23: 8-12
23:13
23:14
23:15
23:23
23:25
23:27
23:29
23:33
23:34
26: 3
26:47
26:57
26:59
26-27
27: 1
27: 3
27: 6
27: 9
27:12
27:20
183
163
170
168 170, 180, 229
157, 229
^ 78 464
161
161
161
161
161
161

27:42 162
27: 62-65 168, 171
28: 11-15 171
28:12 158

marca
1: 21-28 152
1:22 146
2: 1-3: 6 150
2: 6 152, 267
2: 13-17 42
02:16 146-47, 149, 151, 157, 163, 168
2:18 146-47, 149, 169
02:24 146.149
3: 2 14647.149
3: 6 146-47, 149, 169, 177
3:16 180
3:22 69, 146
6 151
6: 4 151
6h21 294
7 151-52
7: 1-5 14647.149, 151, 157
7: 1 166
7h19 146
E 11 14647.149, 152, 164
E 15 146-47, 149, 152, 167
8-16 147
9:11 146, 168
9: 12-13 152
9:14 146, 267
9:31 161
10: 2 14647.149
10:33 147, 153
11-15 146, 153
11h18 147 ^ 8.153
11h27 14748.153, 161, 163
12 301
12h12 161-163
12h13 14647.149, 177
12: 18-27 154.167,76
12h18 147
12h28 146-47, 152, 163
12: 28-34 153-54
12h32 146
12h35 146
12: 35-40 148,152-53
12: 37-40 182
12h38 146
13: 9 195
14: 1 147-48.153
14h10 147
14h43 147-48.153
14h53 14748.153
15: 1 147-48.153
15: 3 147
15:10 147
15:11 147
15:31 147
16: 6 169

Lucas
2: 41-51 118
5: 17-6: 11 177
5: 17-28 175
5:17 174,176-77, 184
5:21 177
5: 27-32 42
5: 30-32 175
5:30 168-69.182
5:33 169
5:34 184
5:36 178
6: 2 177
6: 6-11 180
6: 7-11 175
6: 7 177, 182
6h11 177
7: 29-30 179
7:30 174, 183
7: 36-39 179
7h36 174
7: 40-47 179
8: 3 294
9:22 182
9: 57-58 159
10h25 182-83
11h15 169
11: 37-53 165, 175, 180
11h37
11h45
11: 46-52
11:53 11: 53-54 5,1185182
12: 1)3
12h28
13:31
13:33
14: 1-6
14: 1-3
14: 1
14: 3
14h26
15: 1-2
15: 2
16h14
17: 20-21
17:20
17:36 18: 9-14
18: 10-14
19: 39-40
19:39
19:47
20: 27-40
20: 1
20:19
20:39
20:46
22: 2
22:66
24:10

João
1: 19-28
1:24
3: 1-2
3:10
4: 1
4:44
6h41
6:52
7: 1
7h10
7h14
7: 30-31
7h32
7h37
7: 44-46
7h45

7h47
7h50
7:52 8: 3
e 13 ▪ 20
9
9: 13-17

11:45
11:46 11: nn9 93 2
47-48
11h53
11:57
12:10
12:19 12:
36-50 12:
4243
12:42 16:
2 18: 3
19:39
21:12

Atos dos Apóstolos

4: 1176, 187, 301
4: 5 186
5: 5 175
5:17 176, 187, 301
5: 33-40 184
5: 34-39 175
5:34 176, 201
6:12 186
9: 1-2 142
15: 5 185
15:10 181
19:35 186, 264
21:39 139
22: 3 139, 142,

22: 4-5 142
23 185, 301
23: 6-9 175-76
23: 9 186
25:11 142
26: 5 185
26:12 142

Romanos

11: 1136

1 Corinthians

1-466
1:20 268

9: 6139
15: 9141

***2* Corinthians**

11: 21-33136
H: 24142
11: 26142

Gálatas

1-2 141
1: 13-14 141
1: 16-17 292
1:17 137
1:18 138
1: 22-23 137, 141

Filipenses

3: 2-4: 1134
3: 3135
3: 4-6135
3: 5134, 185
3: 8-9135

1 Tessalonicenses

2: 9139

1 Timóteo

1: 7184

JOSEPHUS

Antiguidades

3: 224-286 130
4: 196-301 130
6: 120 262
7: 364 262
7: 319 262
11: 128 263
11: 248 262
11: 250 262
11: 287 262
12-17 83
12: 13844 250
12: 142 250
13: 171-73115
13: 173111
13: 254-83 85
13: 288-98 86
13: 289 125
13: 297-98 116
13: 299-300 86
13: 301 87
13: 311 116
13: 320 89
13: 372 87, 89
13: 379-83 89, 278
13: 399
417 13: 404
13: 408-15 227
13: 417 13:
423-29 13:
430-32 13:
431 14:91
14: 163-84
14: 172 15:
3 15: 320

15: 368-71 99
15: 371 116
16: 319 264
17: 32-60 99
17:41 99
17: 42-45 100
17: 148-67 101
17: 346 116
18: 3 108
18: 9 108, 125
18: 11-25 107, 112
18h11 111
18h23 108
20: 199 80
199-203 105
20: 264 265

Vida
1-6 102
9-12 118
10 111
20-23 102
189-98 103, 189
190-94 201
195-96 105
196-98 103

Apion
2: 145-296 130

Guerra
Prefácio
1: 3, 6
1: 67-68 86, 89
1:70
1:78
1: 85-106
1: 96-98
1: 107
1: 113
1: 170
1: 479
1: 529 264
1: 532 264
1: 567-71 99
1: 648 265
1: 648-55 101
2: lff 107
2: 111-13 108
2: 118 108
2: 119-166 107ff
2: 169-74 84
2: 228-31 84
2: 233 104
2: 237-43 155
2: 239 104
2: 251 299
2: 409-417 101-02
2: 422-29 155
2: 628 299
3: 387-408 97
4: 151-325 105
5: 527 228

PHILO

Legatio ad Gaium
157101
317101

LITERATURA RABBÍNICA MISHNAH

Abot
1: 3 1: 16-18 306 204, 207
1: 9 42
2: 2 42
3: 5 42
4: 5 42

Demai
2: 2-3 217

Erabin
6: 2 233-34

Hagiga
2: 7 225

KeHm
13: 7 271

Makkot
1: 6 233

Niddah
4:22 232

Orlah
3: 9 269

Parah
3: 7 232
11: 5-6 271

Sinédrio
10: 1 304
11 270

Sotah
3: 4 222-23

Tohorot
4: 7 271
4:12 225

Yadaim
3: 2 270
3: 7 233
4: 6-7 232

Yebamot
2: 3-4 271
9: 3 271

TOSEFTA

Demai
2: 2-3: 9 **2:17**

Hagiga
3: 5 **230**
3:35 **232**

Megilla
4:15 **219**

Menahot
13h21 **228**

Niddah
5: 2-3 **232**

Parah
3: 8 **232**

Rosh HS
1:15 **228**

Shabat
1:15 **225**

Sotah
5: 11-12 **224**

PALESTINIAN TALMUD

Berakot
9: 5 (13b) 223

Rosh HS
2: 1 (57d) 228

Shabat
16: 8 (15d) 294

Sotah
3: 4 (19a) 222
5: 7 (20c) 223

Taanit
4: 2 (68a) 204

BABYLONIAN TALMUD

Baba Batra
60b **224**

Berakot
29a **86**

Erubin
68b **233**

Hagiga
23a **232, 235**

Ketubot
62b **222**

Meguilá
105a42

Pesahim
57a **228**

Qiddushin
66a **86**

Rosh HS
22b **228**

Shabat
13a
15a **225 204, 207**

Zebahim
21a135

Números Sifre
112227

Sifre Deuteronômio
357205

Abot de Rabbi Nathan

Versão A,
CH. 5305-07, **227**
37223

Versão B,
CH. 10 **305-07**
45 **223**

OUTRA LITERATURA

Instrução de Khety, filho de Duauf **Strabo**
25416.2.40

Sobre o autor

ANTHONY J. SALDARINI é Professor Associado do Departamento de Teologia do Boston College. Ele obteve seu Ph.D. do Departamento de Línguas e Literatura do Oriente Próximo da Universidade de Yale. Ele co-traduziu, junto com Daniel Harrington, SJ, Targum Jonathan dos Antigos Profetas (volume 10 da série The Aramaic Bible).

*** Para problemas de identificação e datação de sinagogas, consulte Marilyn J. Chiat, ttFirst-Century Synagogue Architecture: Methodological Problems, * Ancient Synagogues: The State of Research, ed. Joseph Gutmann (BJS 22; Chico: Scholars, 1981) 49-60. Na diáspora e nas cidades e vilas palestinas que eram dominadas por gentios, os judeus acharam essencial se organizar em uma comunidade formal a fim de manter sua identidade e levar avante seus assuntos e costumes comunais.**

[2]Ver Jeremy Boissevain, Friends of Friends: Networks, Manipulators and Coalitions (Oxford: Blackwell, 1974); Paul W. Hollander e Samuel Leinhardt (eds), Perspectives in Social Network Analysis (Nova York: Academic, 1979) e Samuel Leinhardt (ed.) Social Networks: A Developing Paradigm (New York: Academic, 1977).

[3]Boissevain, Friends, 454 &

*** Ver JPJ Olivier, "Schools and Wisdom Literature, * ** Journal of North West Semitic Languages 4 (1975) 49-60 para uma revisão de todas as evidências do Oriente Próximo, especialmente da Mesopotâmia. Ronald J. Williams," Scribal Training in Ancient Egito, "Journal of the American Oriental Society 92 (1972) 214-221 e" 'A People Come out of Egypt : An Egyptologist Looks at the Old Testament, ** Volume do Congresso, Edimburgo 1974 (Suppl VT 28; Leiden: Brill, 1975) 231-252, esp. 238-241, analisa as evidências egípcias. Para a Mesopotâmia, ver City Invincible, ed. Carl Kraeling (Chicago: Chicago University Press, 1958) 94-102 e a literatura aí citada.**

*** Para duas revisões recentes e judiciosas de bolsas de estudo, consulte Devorah Dimat, "Qumran Sectarian Literature," Jewish Writings of the Second Temple Period, ed. Michael Stone (Assen: van Gorcum; Philadelphia: Fortress, 1984) 483-550, esp. 508 * 513 e 542-547; Geza Vermes, The Dead Sea Scrolls: Qumran in Perspective (Cleveland: Collins-World, 1978) 150-154. Para os pesharim, ver Maurya Horgan, Pesharim: Qumran Interpretations cf Biblical Books (CBQMS & Washington: CathoUc BibHcal Assn, 1979) 158-191.**

[2]Veja cap. 5 em Josefo * Ant. 13.14.2 (379-383). Observe que os oponentes não são identificados como fariseus. Os fariseus mais tarde se vingaram daqueles que apoiaram as crucificações, então eles devem ter sido aliados na oposição a Alexandre Jannaeus.